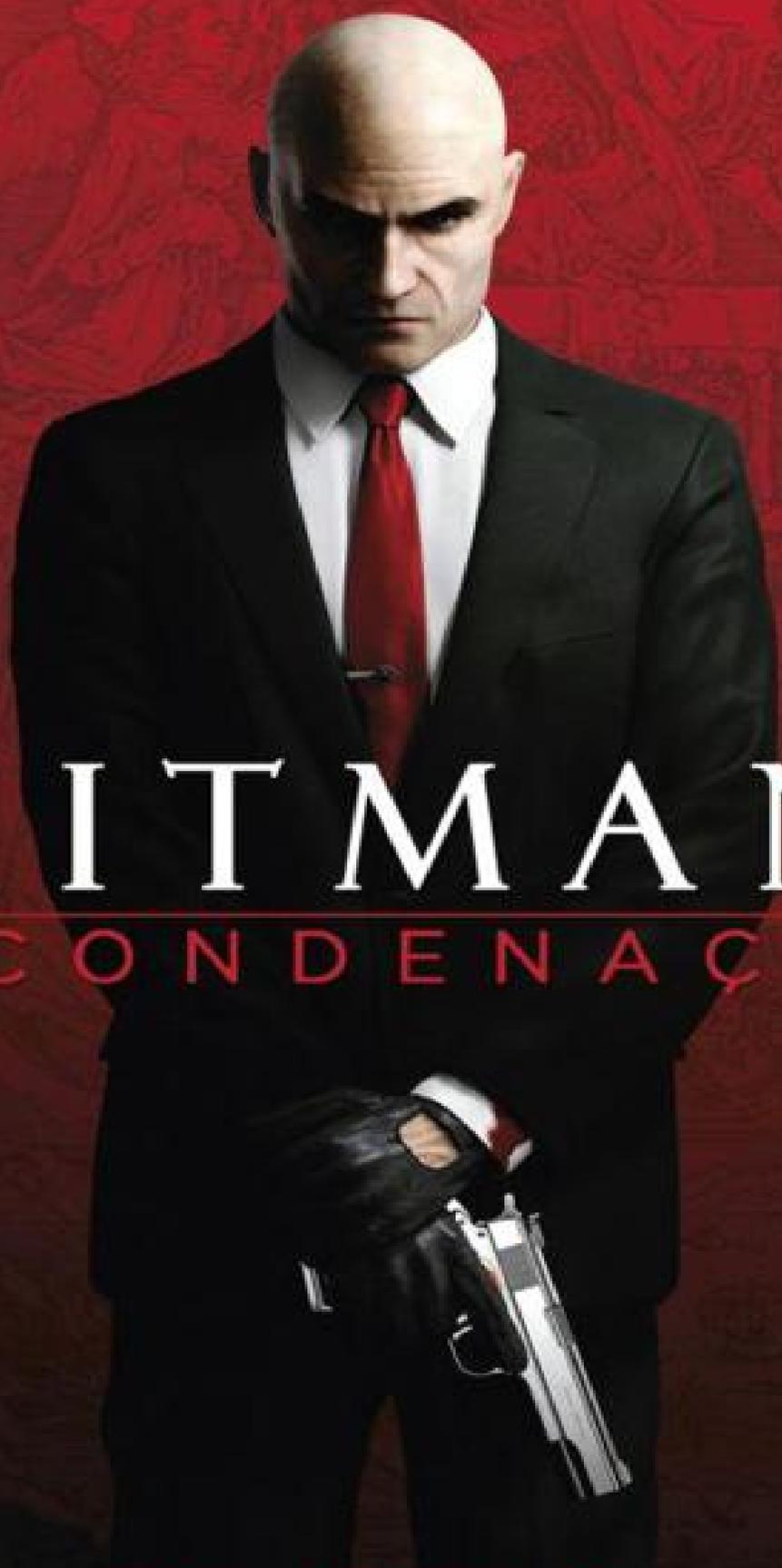


O PRELÚDIO OFICIAL DE HITMAN: ABSOLUTION



# HITMAN™

A CONDENAÇÃO

RAYMOND BENSON

leYa

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# Ficha Técnica

Copyright © 2012 IO INTERACTIVE A/S. HITMAN, HITMAN: ABSOLUTION, and the HITMAN logo, IO INTERACTIVE and the IO logo are trademarks of Io Interactive A/S. EIDOS and the EIDOS logo are trademarks of Square Enix, Ltd. SQUARE ENIX and the SQUARE ENIX logo are registered trademarks of Square Enix Holdings Co., Ltd.

Todos os direitos reservados.

Esta tradução é publicada por acordo com Del Rey, uma marca do grupo The Random House Publishing, uma divisão de Random House, Inc.

Tradução para a língua portuguesa © 2013 Textos Editores Ltda.

Título original: Hitman: Damnation

Diretor editorial: Pascoal Soto

Editora executiva: Tainã Bispo

Produção editorial: Fernanda Ohosaku, Renata Alves e Maitê Zickuhr

Diretor de produção gráfica: Marcos Rocha

Gerente de produção gráfica: Fábio Menezes

Preparação de texto: Carolina Costa

Revisão de texto: A Florista Editorial

Revisão técnica: Romulo Máthei

Tradução: Elton Mesquita

Adaptação de capa: Vivian Oliveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Benson, Raymond

Hitman: A condenação / Raymond Benson; tradução de Elton Mesquita.

– São Paulo : LeYa, 2013.

ISBN 9788580448672

Título original: Hitman : Damnation

1. Hitman (jogo). 2. Jogos de fantasia I. Título II. Mesquita, Elton.

13-0661. CDD: 813

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura fantástica norte-americana

2013

TEXTO EDITORES LTDA.

[Uma editora do Grupo LeYa]

Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86

01248-010 – Pacaembu – São Paulo – SP

[www.leya.com](http://www.leya.com)

*O autor agradece a Peter Miller e ao pessoal da PMA Literary & Film Management, Inc., e a todo mundo da Del Rey (especialmente o extraordinário editor Mike Braff), e também à Io Interactive, por toda a ajuda e orientações.*

# Prólogo

O importante era manter o Agente 47 vivo.

Isso era o que Diana Burnwood repetira para si mesma durante anos, mesmo que essa não fosse a diretriz primária da Agência, no que dizia respeito aos contatos dos agentes. A lei tácita dizia que os agentes em campo deviam ser ignorados e abandonados se houvesse o menor risco de a Agência ser comprometida. E, ainda, Diana sempre sentira um vínculo com o Agente 47 – tanto quanto fosse possível alguém se relacionar com o homem. Diana queria que ele tivesse sucesso nas missões, e fazia um grande esforço para vigiá-lo e protegê-lo. Era o trabalho dela.

Bom, *era*.

Diana planejava desaparecer depois que a missão atual fosse concluída. Ela não tinha escolha. Considerando o que ela tencionava fazer, a Agência não pararia até eliminá-la. A rota de fuga estava definida, e os planos de viagem já traçados. Ela desapareceria por um tempo e depois entraria em ação. Voltar ao laboratório em Chicago seria terrivelmente perigoso, mas era absolutamente essencial que ela interceptasse o “pacote” e o removesse da Agência.

O problema começou quando Benjamin Travis foi designado como seu superior. Diana imediatamente entrou em conflito com o sujeito. Embora não fosse o melhor chefe da Agência de Contratos Internacional, Travis mostrara-se um gerente mais que competente. Ele era durão, teimoso, inteligente e ambicioso. Não era de admirar que tivesse sido promovido para o cargo que ocupava atualmente. Diana não tinha ressentimentos em relação ao sujeito por isso.

O que ela não gostava em Travis é que ele era um babaca antiético e perigoso.

Quando Diana o confrontara sobre seu novo projeto secreto, observando que a operação custaria muitas vidas inocentes, Travis escarneceu e disse:

– Sério? Vindo de alguém que trabalha como contato de um assassino? Dá um tempo, Burnwood. Você mesma já causou danos colaterais às centenas. Não venha agora dar uma de Senhora Ética.

Normalmente ela teria deixado pra lá e seguido adiante. Dessa vez, no entanto, as implicações da missão de Travis eram mais que simplesmente perturbadoras. Em sua opinião, o sujeito estava ameaçando a integridade da Agência.

Diana já estava trabalhando com 47 na missão no Himalaia quando decidiu agir. No começo, quis esperar até a missão ser concluída, mas a situação tornara-se instável demais. Algo tinha de ser feito rapidamente, e ela decidira arriscar a vida pegando o pacote e fugindo. Mas primeiro tinha que sumir do mapa por algum tempo e planejar com cuidado a sua próxima ação.

Será que eles percebiam que ela os tinha traído? Muito provavelmente. Ela sabia que viriam atrás dela a qualquer momento. Diana deveria ter saído de Paris há muitas horas, mas sentia que devia prosseguir com a missão de 47 até o fim – ela devia isso a ele.

*Acabe o trabalho e fuja rápido.*

Ela abriu e ligou o laptop. O software de decifração já estava instalado; era impossível que alguém invadisse a sua rede. Enquanto se conectava ao satélite no Nepal, Diana verificava os pequenos monitores de vídeo novamente. As duas minicâmeras que ela instalara no corredor do hotel em frente à sua porta eram altamente sofisticadas e virtualmente indetectáveis. Cada uma apontava em uma direção oposta, de forma que ela pudesse ver qualquer um que aparecesse no corredor. Uma terceira câmera, instalada perto dos elevadores e escadas, a alertaria para qualquer recém-chegado no andar. Não era perfeito, mas ao menos os três monitores na mesa lhe avisariam com antecedência caso fosse atacada.

O receptor de comunicação se conectou com segurança ao sinal do satélite. A imagem de uma montanha nevada apareceu na tela: Kangchenjunga, uma das montanhas mais íngremes do Himalaia. Diana verificou seu relógio de pulso. Pouco mais de seis da manhã.

O que significava que seria quase uma hora lá. O horário padrão nepalês era peculiar, sendo defasado em quarenta e cinco minutos do Tempo Universal Coordenado. Se seus cálculos estivessem corretos, o Agente 47 já estaria posicionado e esperando por ela.

Ela deu um *zoom* na baliza piscando ao lado do pico. O localizador que o Agente 47 carregava era indetectável a olho nu, mas facilmente captável pelo satélite. *Bastante engenhoso, na verdade*, Diana pensou. A Agência tinha brinquedos legais, de fato.

Outra maravilha que o satélite proporcionava era a habilidade de analisar estruturas físicas, quer fossem artificiais ou naturais. Para tanto, o programa detectava onde a superfície rochosa da montanha terminava e as espessas camadas de neve começavam, de modo que ela pudesse identificar facilmente áreas suscetíveis a avalanches.

– Olá, 47 – disse ela, ajustando os fones de ouvido. – Está me ouvindo?

– Alto e claro – veio a resposta. Não havia inflexão de prazer ou afeto ao reconhecer o refinado sotaque britânico de Diana. Típico do assassino. Ele era um homem de poucas palavras e absolutamente nenhuma emoção.

– O alvo está posicionado? – perguntou ela.

– Você não os está vendo?

Ela moveu a câmera penhasco abaixo e viu o grupo de escalada chinês, a mais ou menos duzentos metros abaixo da posição do Agente 47.

– Afirmativo. Como foi a escalada?

– Fria.

– Os mosquetões e anéis de segurança funcionaram direito?

– Sim.

– Você já praticou bastante alpinismo, 47?

– Onde eu devo plantar o explosivo?

Ela sorriu. O Agente 47 sempre ia direto ao ponto.

– O computador está calculando isso enquanto falamos. Espere um pouco... pronto. Você está bem próximo. Dirija-se uns quarenta metros para leste. Você verá uma saliência que parece gelo, mas é

na verdade neve compactada. Vai servir bem, e está bem acima da cabeça do alvo.

– Entendo o que você quer dizer. Dê-me alguns minutos enquanto eu vou até lá.

Diana observou o pequeno vulto usar uma corda, picareta e mosquetões para se locomover lateralmente pela face do penhasco. Ela admirava como o Agente 47 parecia ser capaz de fazer qualquer coisa. Ele era um atleta soberbo, treinado para trabalhar em todos os elementos. Claro, ele era geneticamente modificado para ser uma espécie de super-homem. Diana frequentemente se perguntava o quão forte era realmente sua tolerância à dor e à fadiga. A subida devia ter sido terrivelmente difícil, especialmente sozinho. Por sorte, a altitude em que ele se encontrava não era tão alta que o helicóptero que ela preparara não o alcançasse. Se 47 estivesse trezentos metros mais alto, ele teria que descer Kangchenjunga do jeito difícil.

Então ela os viu.

Diana franziu o cenho e apertou os olhos. Ela rapidamente manuseou o mouse e ampliou a imagem para observar melhor.

Dois homens. Quase diretamente acima de 47.

– 47, estou vendo dois inimigos, cerca de sessenta metros a uma hora. Ela aproximou a câmera o máximo possível. – São chineses.

– Não estou surpreso – disse 47. – Imagino que o alvo mandou uma equipe de aferição na frente da expedição. Pra ter certeza de que o caminho era seguro. Eles não gostam muito de Nam Vo por estas bandas. Eles estão me vendo?

– Não sei dizer. Acho que não... Espere. Estão se movendo. Devem saber que você está aí.

– Quanto tempo até ficarem na zona de tiro?

– Bastante. Só plante o explosivo e caia fora daí. O helicóptero vai...

A movimentação em um dos monitores chamou sua atenção. Alguém saíra do elevador em seu andar. Não: *dois alguéms*. Eles pararam por um instante e a porta que dava para as escadas se abriu. Mais dois homens apareceram. Eles usavam terno e pareciam

executivos normais, até um deles largar uma bolsa grande no chão e abri-la.

– Diana? – perguntou 47. – Você está aí?

– Espere um segundo, 47 – respondeu ela.

Um dos homens pegou quatro coletes à prova de balas e os distribuiu para os outros.

*Não!*

A Agência a encontrara.

Não havia tempo a perder. Ela imediatamente desligou a conexão com o satélite, puxou o laptop da tomada e se levantou.

Os homens no monitor se armaram com fuzis de assalto – pareciam M16.

Diana rapidamente pegou seu laptop e a pequena bolsa de viagem, que já estava preparada. Correu para a saída de emergência e, abrindo-a, jogou o laptop janela afora. A máquina despencou seis andares e se espatifou no asfalto. Ela olhou para trás, na direção dos monitores sobre a mesa, e viu que os homens se aproximavam lentamente do quarto. Diana então arremessou a bolsa pela janela e a observou cair no pavimento. Não houve dano; não havia nada dentro além de roupas, dinheiro e passaportes.

Quando os homens chutaram a porta do quarto de hotel, Diana já estava descendo a escada de incêndio. A ruiva alta, vestindo um caro *tailleur* Versace, desceu com os pés descalços os degraus de metal em direção à rua. Gritos irromperam acima dela.

*Mais rápido!*

Ela desceu três degraus por vez. Ao chegar ao primeiro andar, um dos homens gritou:

– Lá está ela!

Diana agarrou-se ao corrimão e se arremessou agilmente sobre ele, despencando seis metros até o chão. Ela aterrissou, sentindo a dor do impacto nas solas dos pés, e continuou correndo.

Então começou o tiroteio.

Diana agarrou a bolsa, dobrou a esquina do hotel e correu em direção ao tráfego. Os motoristas pisaram nos freios e apertaram as buzinas. As balas assobiavam em seu ouvido, pontilhando o

pavimento atrás dela. Quando chegou do outro lado da rua Froissart, os homens a perseguiam escada de incêndio abaixo.

Diana se esgueirou até a entrada do metrô à esquina e praticamente voou pelos degraus, chegando à plataforma quando o trem se aproximava da estação. A sincronia não poderia ter sido melhor. Ela entrou no vagão, abrindo caminho entre os passageiros, encontrou um assento e desabou nele. As portas se fecharam, ela tinha fugido. Abrindo a bolsa, pegou os saltos Prada e os calçou. Ela agora era apenas outra parisiense elegante se locomovendo pela movimentada cidade. Estava certa de que a Agência não conseguiria rastrear seus movimentos quando chegasse ao seu destino. A rota era segura e hermética. A sorte talvez estivesse mesmo do seu lado.

Diana suspirou profundamente e então sentiu uma pontada de arrependimento. Ela não tinha a intenção de abandonar o Agente 47, mas não tivera escolha.

*Desculpe, velho amigo, pensou. Espero que um dia você entenda. Envie pensamentos positivos pra mim, caso seja capaz de algo assim.*

Adeus... e boa sorte.

# UM

## DOZE MESES DEPOIS

*Era sempre uma variação do mesmo sonho.*

*Dessa vez eu tinha o que, uns... treze anos? É. Treze. Reconheci os corredores do sanatório e passei por um retrato emoldurado do meu pai – um dos retratos, quer dizer – o Dr. Ort-Meyer. Vi meu reflexo no vidro, e era assim que eu me lembrava de mim naquela idade.*

*Mas onde estava todo mundo? O sanatório estava vazio. Meus passos ecoavam como se eu estivesse em uma caverna.*

*Pensei comigo mesmo que era melhor correr. Ele estava chegando, mas eu ainda não o tinha sentido. Geralmente eu o sentia chegando. Era uma sensação que eu não conseguia descrever, mas eu sabia que ele estava lá. Dobrando a esquina. Vindo me pegar.*

*Então corri.*

*E então ele apareceu atrás de mim, vindo do nada. Eu praticamente podia sentir o cheiro dele. Podia sentir a frieza. Sempre ficava frio quando ele estava por perto.*

*Ousei olhar sobre meu ombro enquanto corria. O vulto sombrio não tinha rosto, como sempre. Quase como se fosse apenas uma sombra, embora eu soubesse que não era o caso.*

*Ele era a Morte.*

*Não havia dúvida. A Morte vinha tentando me pegar nos meus sonhos havia bastante tempo.*

*Corri mais rápido. Eu estava quase certo de que conseguiria me manter à frente dele, mas a temperatura ao meu redor ficou ainda mais fria. Ele estava mais perto. Como conseguia se mover tão rápido? Estava ficando melhor na perseguição. Estava aprendendo.*

*Mas eu também estava aprendendo. Não estava?*

*Dobrei uma esquina e encarei um corredor interminável. Desaparecendo no nada, ao longe. Eu conseguiria chegar do outro lado antes que ele me pegasse?*

*Eu avancei e senti minhas pernas se esforçarem para me afastar da sombra que me seguia. Será que o ouvi me chamar? Como ele podia me chamar? Eu não tenho um nome. Ou tinha? Eu não lembro.*

*Tudo era sempre louco nos sonhos.*

*De repente, minhas pernas lutavam para se mover. Como se eu afundasse até a cintura em uma areia movediça invisível. Não importa o quanto tentasse, eu só conseguia avançar com o ritmo de uma lesma. Os músculos de minhas coxas e panturrilhas doíam pelo esforço.*

*O hálito gélido agora soprava em minha nuca. Ele estava bem atrás de mim, talvez perto o suficiente para esticar a mão e me tocar.*

*Não! Eu tinha que me afastar! Não podia deixar a Morte me tocar.*

*Senti sua mão, estendida e pronta para agarrar meu ombro. A única coisa que eu podia fazer era cair para frente, desabando como uma pilha de blocos de concreto. Mas eu não caí rápido o suficiente; era mais como se eu estivesse flutuando! Então eu senti a gélida e pungente pressão dos seus dedos.*

*Eu gritei ao cair no assoalho ladrilhado do corredor...*

*... e acordei.*

*A desorientação durou alguns segundos, como sempre.*

*A desagradável colmeia de abelhas em meu peito parecia prestes a explodir. Alguns chamariam a isto de ansiedade. Não sei como nomear no meu caso. Como quer que eu escolhesse chamá-lo, eu não gostava daquilo nem um pouco.*

*Imediatamente me sentei na cama. O quarto de hotel estava escuro. Não, havia luz lá fora. Eu tinha fechado as cortinas. O relógio digital na cabeceira marcava 17h43. Eu deveria acordar do cochilo da tarde às 18h. Isso vinha acontecendo bastante. Meu relógio interno estava todo alterado. Ao menos eu acordei cedo, e não tarde demais.*

*Eu tinha um trabalho a fazer.*

*Levantei e caminhei até a janela. Afastei as cortinas com cuidado e espiei a rua. O sol caribenho era quente e brilhante. Vi homens e mulheres em trajes de banho. A piscina do hotel estava cheia de convidados saltitando e salpicando água. Eu sabia que a praia também estaria lotada.*

*Como seria colocar sunga, ir para fora, juntar-se às outras pessoas e me divertir um pouco? Ocho Rios, Jamaica! Não é o desejo de todo ser humano deitar numa esteira e relaxar com uma piña colada nas mãos enquanto o Sol tosta a sua pele transformando cada célula em câncer? Frequentar casas noturnas e se ligar a alguém do sexo oposto? Desfrutar de um caso de fim de semana no paraíso?*

*Que ideia estúpida. Eu sabia que não era capaz disso.*

*Soltei as cortinas e o quarto mergulhou nas sombras novamente.*

*Notei que minha mão tremia. Isso sempre acontecia quando eu acordava. Depois de tantas horas sem comprimidos, eu começava a tremer. Nu, fui até o banheiro e acendi a luz. Peguei o frasco de plástico que eu guardava em uma cartucheira. Eu o tinha deixado no balcão depois de fazer o check-in no hotel. Dei um tapa no frasco para jogar um comprimido na palma da minha mão e o lancei na boca. Então abri a torneira, pus as mãos em concha e as preenchi com água suficiente para engolir de uma vez a medicação.*

*Meu reflexo no espelho me encarou. Eu certamente já não tinha treze anos. Eu não sabia quantos anos tinha, embora tenha sido "criado" em 1964. Esse era o inconveniente de ser um bebê criado em tubo de ensaio.*

*Tampeei o frasco de comprimidos outra vez. Não havia rótulo. Eu tinha obtido a oxicodona ilegalmente, então não havia informações de prescrição. Além disso, nenhum médico em sã consciência teria prescrito analgésicos tão fortes pelo tempo que eu os vinha tomando.*

*Suponho que algumas pessoas diriam que eu era viciado, mas, na verdade, eu podia parar quando quisesse. Eu só não queria. Eu estava bastante certo de que, devido à minha constituição, a oxicodona não me afetaria como a pessoas "normais". Eu comecei a tomar os comprimidos depois das lesões. Eu realmente precisava de analgésicos na época. Mas mesmo depois de ter me curado,*

*descobri que gostava dos efeitos do medicamento. As pílulas não me dopavam como faziam com as outras pessoas. Em vez disso, limpavam minha mente e me acalmavam.*

*Claro que, se eu não tomasse um comprimido depois de algumas horas, sentia uma dor de cabeça insuportável, ficava ansioso e inquieto e tinha pesadelos vívidos. Eu nunca senti ansiedade antes. Nunca. Agora eu sentia, se não tomasse os comprimidos. Isso significava que eu estava viciado? À minha maneira, talvez.*

*Voltei ao quarto. Eu tinha um barco a pegar. Tinha um alvo a eliminar. Tinha um trabalho a fazer. Hora de me vestir.*

*Eu sabia que não estava operando 100%. Não estava em minha melhor forma. Desde o acidente. Desde Diana... não era bom pensar nisso, mas às vezes eu não conseguia evitar.*

*A dificuldade estava em evitar a Agência. Eles vinham tentando me encontrar. As mensagens tinham vindo pelos canais usuais. Eu não respondi. Não tinha mais vontade de trabalhar com a ACI. Minha fase áurea tinha passado. Eu já não era mais o assassino que tinha sido. Eu sabia disso. Por isso eu trabalhava como freelancer agora. Por isso sobrevivia de missões fáceis, como a de hoje à noite.*

*Hector Corado. Escória medíocre que se especializou em tráfico de pessoas. E meu empregador, Roget, era tão desprezível quanto ele. Mas era um trabalho. Era dinheiro. Não tanto quanto eu ganhava na Agência, mas era o bastante. Eu não me importava com o dinheiro, na verdade. Enquanto eu tivesse meios para sobreviver dia a dia e me vestir do jeito que gostava, eu estaria feliz.*

*Feliz. Que ideia.*

*Se eu pudesse rir, teria rido.*

## DOIS

As festividades na praia do Hotel Ocho Rios de Sandals Grande eram palpáveis. Homens e mulheres em trajes de banho entravam e saíam correndo da água azul-esverdeada, outros jogavam vôlei na areia e o resto repousava em cadeiras com bebidas na mão enquanto o sol descia lentamente no horizonte. Era a hora mágica do dia na Jamaica, a hora crepuscular, quando o céu se pintava de vermelho-alaranjado antes de se tornar negro feito carvão e se salpicar com o brilho das estrelas.

O Agente 47 ignorou tudo isso enquanto seguia pelas docas para embarcar na pequena balsa que transportaria um seletivo grupo até o iate de Fernandez. Vestindo um terno negro feito com fibra de lã da mais alta qualidade, uma camisa branca de algodão, luvas de couro negras e uma gravata vermelho-carmim, 47 sabia que estava excepcionalmente elegante. O assassino sentia muito prazer em se vestir bem. Afinal, havia muito pouca coisa no mundo que ele apreciava. Com sua alta estatura, cabeça calva e lustrosa e uma enigmática tatuagem de código de barras na nuca, 47 era uma figura imponente. Sua aparência era apropriada para a ocasião, uma vez que a festa a bordo do iate de Fernandez era somente para convidados. Os ricos, famosos e infames da ilha deviam ser os convidados exclusivos. O empregador de 47, um homem que ele só conhecia por Roget, conseguira um convite para 47 sob o nome de "Michael Brant". Seu disfarce era simples: ele era um europeu de origem indeterminada que fizera fortuna com água. Esse era um assunto sobre o qual 47 não precisava ter domínio – água era água, e era facilmente engarrafada e vendida. Ele não teria problemas para enganar Emilio Fernandez, o bilionário playboy dono do iate. Fernandez, que fizera fortuna por meios duvidosos, normalmente

residia em Nassau, mas passava a maior parte do tempo em seu barco, viajando de ilha em ilha e dando festas extravagantes.

O Agente 47 não se importava com Fernandez ou a festa. Seu único interesse era Hector Corado. A inteligência assegurou que o criminoso estaria a bordo como convidado especial de Fernandez.

Por sorte, o empregador de 47 lhe dissera que os convidados seriam revistados e teriam de passar por um detector de metais nas docas antes de entrar na balsa. Assim, 47 deixou toda e qualquer arma para trás. Ele estava armado apenas com as roupas que vestia e um fino fio de fibra de carbono, que não apareceria no detector de metais nem em uma revista mais íntima. De certa forma, o fio de carbono era a marca registrada de 47.

Aproximadamente trinta pessoas aguardavam na linha de segurança na doca. Guardas fortes e armados com pistolas automáticas nos cintos conduziam homens e mulheres à balsa após a averiguação. Todos estavam muito bem-vestidos. Os homens eram elegantes e emanavam poder e riqueza; as mulheres eram bonitas e exibiam titularidade e sexualidade liberada. A balsa já tinha feito duas viagens até o iate levando convidados. Cerca de trezentas pessoas eram esperadas a bordo da enorme embarcação. Isso era útil para 47. Quanto mais abarrotada estivesse a festa, maiores as chances de seu trabalho passar despercebido. E, mais importante, a balsa voltaria à costa a cada meia hora para trazer à terra os foliões que tivessem alcançado o limite da resistência.

Enquanto a balsa navegava lentamente em direção ao iate, 47 não podia deixar de ficar impressionado. Ele calculou que o *Daphne* devia ter entre cem e cento e vinte metros de comprimento e cerca de cinco mil toneladas. Tinham lhe dito que o iate viajava a dezenove nós por hora, o que, considerando o tamanho do navio, era bem rápido. Construído e projetado pela Lürssen da Alemanha e equipado pela Blohm & Voss, o *Daphne* ostentava um amplo convés para festas, duas piscinas e cabines luxuosas, geralmente interditadas para quem não fosse um dos convidados especiais de Fernandez que pernoitassem ali. Também havia um heliporto, onde 47 pôde discernir a forma do Bell 206 pousado.

O helicóptero de Corado.

A festa já ia de vento em popa quando 47 pisou no convés do *Daphne*, que ficava perto da proa. Uma banda especializada em reggae e calipso tocava hits de Bob Marley e outras canções conhecidas enquanto casados e solteiros se espalhavam pela área designada como pista de dança. A bebida fluía livremente dos bares localizados em quiosques no convés. Os convidados também não hesitavam em consumir drogas à vista de todos. Havia cocaína e maconha por toda parte. Afinal, esta era uma festa particular, e não havia a probabilidade das leis serem aplicadas. Nada disso causava qualquer impacto em 47. Ele não tinha qualquer interesse em dança ou drogas ilícitas. Bebia ocasionalmente, mas nunca em excesso. O que chamou sua atenção foi a monumental variação gastronômica: akee refogado, frutos do mar, filés, legumes refogados e no vapor de todos os tipos e cores, saladas variadas, sopa de mariscos, frango picante jamaicano, cabra ao *curry*, banana-da-terra frita e muitas frutas tropicais. Para sobremesa, os convidados podiam experimentar delícias caribenhas como *guizada*, bolo de coco ralado, pudim de batata e banana empanada, assim como pratos mais tradicionais como bolos de chocolate e tortas de fruta. O Agente 47 não tinha jantado, então se permitiu misturar-se aos convidados, encher um prato e aproveitar da hospitalidade do anfitrião antes de cuidar dos negócios.

O assassino se dirigiu a um dos pontos onde os convidados podiam se sentar e comer. Dali ele podia examinar todo o convés. As informações de Roget estavam corretas. Fernandez empregara vários guardas – todos armados – e os posicionara em pontos-chave do navio. Era proibido aos convidados trazer armas a bordo, mas e os seus empregados? *No problema.*

Isso era bom. Tudo estava indo de acordo com o plano.

O Agente 47 observou a multidão e não viu Corado. Mas viu Emilio Fernandez, cercado por jovens e lindas mulheres, abrindo caminho entre os convidados e saudando rostos conhecidos com apertos de mão e sorrisos. O homem tinha cerca de quarenta anos e lembrava uma versão mais amigável de Al Pacino em *Scarface*; ele emanava

charme barato. Enquanto o bilionário se aproximava, 47 aguardava a deixa para “entrar em cena”.

– Olá, *señor* – disse Fernandez.

– Boa noite – 47 deu um sorriso. Ele sabia interpretar bem quando necessário. O que era desconfortável para 47 quando ele era *ele mesmo* tornava-se fácil em uma missão. De muitas maneiras, era como um jogo para ele. Ele conseguiria executar a farsa até o fim? Essa era a emoção.

– Emilio Fernandez. Acho que não nos conhecemos. – O homem estendeu a mão.

– Michael Brant. – 47 apertou a mão estendida. O aperto de mão do sujeito era um tanto pegajoso. Fernandez obviamente era alguém que chegara onde estava através de seu dinheiro, não por presença de espírito ou masculinidade. Ao contrário de Corado, aonde que quer que ele fosse.

– Ah, senhor Brant. Você trabalha com... – Fernandez estalou os dedos em seguida, tentando se lembrar do que ouvira a respeito de seu convidado.

– Água. Tenho uma companhia de água em Luxemburgo.

– Isso! Muito perspicaz de sua parte investir em água. Há quanto tempo você está no ramo?

– Minha família já era do ramo bem antes de eu nascer. Eu herdei os negócios.

– Entendo. Bom, família esperta! Nós todos precisamos de água, não é? Bem-vindo a bordo, senhor Brant.

– *Gracias*. Seu iate é fantástico.

– O *Daphne* é minha alegria e orgulho. – O homem viu alguém conhecido e acenou. – Preciso ir. Divirta-se, senhor Brant. Muitas mulheres a bordo do iate, eu vejo, estão mais do que dispostas a conhecer homens como você. – Ele piscou lascivamente e se afastou com seu harém. Uma das garotas, com corpo esguio de modelo e pele bronzeada, olhou para 47 sobre o ombro enquanto o grupo se afastava.

Um convite?

O Agente 47 não prestou atenção. Já saciado, era a hora da caça.

Ele circulou pelo convés e finalmente avistou Corado. O sujeito estava sentado com uma bela hispânica em uma mesa perto da entrada das anteparas que levavam às cabines e aos andares mais baixos do navio. Dois guarda-costas corpulentos o acompanhavam; ambos estavam em pé atrás de Corado, com os braços cruzados frente a seus peitos largos. Corado era um homem pequeno, provavelmente perto dos cinquenta anos. Possivelmente com complexo de Napoleão. Usava um bigode de morsa e cabelo negro com fios acinzentados penteado para trás. Um grosso charuto cubano dominava sua boca. Os três homens usavam ternos sob medida. O Agente 47 se perguntou se Fernandez lhes permitiu estar armados. Sem dúvida um escroque feito Corado não iria a lugar nenhum sem a proteção de armas de fogo.

Certo. Hora de colocar o plano em ação.

O Agente precisava de uma arma.

Ele se afastou da mesa de Corado e seguiu a estibordo em direção à popa, onde o heliporto estava localizado. Como esperado, um dos guardas de Fernandez bloqueou sua passagem no meio do caminho. O Agente 47 olhou para trás para se certificar de que ninguém o observava.

– Os convidados não têm permissão para ir até a popa, senhor – disse o homem.

O ruído da festa era quase ensurdecedor, mesmo àquela distância da banda e da agitação. O Agente 47 entregou-se ao papel de folião despreocupado.

– O que você falou?

O guarda repetiu mais alto:

– Convidados não têm permissão para ir até a popa.

– Ah, é que eu queria dar uma olhada naquele maravilhoso heliporto. Aquele é o helicóptero de Emilio? Eu sou uma espécie de entusiasta de helicóptero. Aquele é um Bell 206, não é? Eu achei que era de uso exclusivo do exército e do departamento de polícia.

– Desculpe senhor, você vai ter que voltar para o convés.

O Agente 47 enfiou a mão no bolso do terno e pegou o fio de carbono.

– Poxa, cara, você não pode me deixar dar uma olhada?

– Não senhor, me desculpe.

O assassino virou a cabeça na direção do heliporto.

– Então como é que *aquelas pessoas* podem?

O guarda se virou para ver do que o sujeito calvo estava falando. O Agente 47 rapidamente passou o fio de carbono pelo pescoço do homem e o apertou com ambas as mãos. Uma vez que o dispositivo tinha pequenas garras em cada ponta não foi necessária muita força para 47 estrangular o homem até a morte.

Levou menos de quinze segundos. O guarda desabou nos braços de 47. O assassino olhou a sua volta mais uma vez: tudo limpo. Devia jogar o homem no mar? Não, o corpo podia ser avistado a boiar ao longe. Havia uma porta que levava ao porão de carga bem a sua direita; 47 envolveu o peito truncado do cadáver e o arrastou lá para dentro.

O lugar era um depósito cheio de coletes salva-vidas. Com sorte, 47 pensou, eles não seriam necessários, e ninguém descobriria o guarda. Ele colocou o guarda em um canto e o cobriu com vários coletes, mas antes pegou a Glock 17 do sujeito. Não era uma arma de todo ruim. Ele imaginou que poderia ter se saído bem pior. Verificou o pente, meteu a arma na cinta sob o terno e, satisfeito, saiu dali.

O Agente 47 voltou à festa e pôs-se próximo ao bar mais perto da mesa de Corado. A maioria dos convidados tinha que entrar na fila para pegar bebidas, mas havia um garçom especialmente para atender Corado. Quando não estava servindo o criminoso, o garçom ficava no bar, de olho nas pernas longas e bronzeadas de uma loira alta dançando ali perto. Mas quando Corado acenava, o garçom corria até a mesa para pegar novos pedidos. Então voltava rápido até o bar e gritava as instruções para o ocupado barman.

O Agente pegou um guardanapo e uma caneta do bar e escreveu uma mensagem em espanhol que dizia:

*ACABO DE SABER QUE A POLÍCIA CHEGARÁ EM DEZ MINUTOS PRA PRENDER VOCÊ! POR FAVOR, SAIA O MAIS DISCRETAMENTE POSSÍVEL. EM MINUTOS VOCÊ CHEGA AO ESPAÇO AÉREO CUBANO E ELES NEM VÃO SABER QUE VOCÊ ESTEVE AQUI. SINTO MUITO, AMIGO. VEJO VOCÊ EM BREVE. EMILIO.*

Quando terminou, 47 colocou a caneta perto de uma bandeja redonda com drinques e manteve o guardanapo na mão. O barman colocou outro guardanapo e uma bebida na bandeja.

– Aí está o da moça – ele disse. O garçom o ignorou, com os olhos mais uma vez fixos nas pernas da loira. O barman rapidamente preparou um martini, o verteu, adicionou uma azeitona e pôs outro guardanapo e a taça na bandeja. – E o do cara – disse ele. Então o ocupado barman voltou a se concentrar em servir os outros convidados.

O Agente 47 rapidamente pegou o martini, colocou o guardanapo com a mensagem sobre o limpo e devolveu a taça à bandeja.

O garçom finalmente afastou o olhar da loira, pegou a bandeja sem notar o guardanapo trocado e se dirigiu apressadamente à mesa de Corado. O assassino observou o homem servir primeiro o drinque da moça, e depois colocar o martini de Corado – com o guardanapo de 47 – na mesa. Corado mal viu o garçom.

O Agente 47 se postou em uma posição diferente, ainda de olho em sua presa. O criminoso sorveu o drinque... e então viu a mensagem. Ele pegou o guardanapo, leu a mensagem e fez um gesto para um dos guarda-costas. O homem armado se inclinou, leu a nota e os dois se entreolharam. Corado franziu o cenho. Disse algo para sua namorada e se levantou. Ela fez uma expressão de protesto, mas ele a agarrou rudemente pelo braço e a levantou.

O Agente 47 caminhou rapidamente a estibordo em direção à popa. A música estava alta, como sempre, o que vinha a calhar. Ninguém ouviria o que ele estava prestes a fazer.

Ele chegou ao heliporto antes de Corado e seus acompanhantes. Ele se recostou na antepara do navio, a Glock empunhada. Não precisou esperar muito.

Corado, a garota e os dois guarda-costas surgiram a bombordo. Eles se moviam rápida e discretamente, mas Corado estava obviamente preocupado e a moça irritada. Um dos guarda-costas sentou-se na cadeira do copiloto. Corado teve que empurrar a garota, já que esta lutava contra ele. Ela o amaldiçoou em espanhol,

e então Corado se virou para desferir-lhe um tapa com força. Isso a silenciou.

O guarda-costas/piloto abriu a porta do helicóptero e começou a subir.

Agora.

O Agente 47 apareceu, apontou a Glock e atirou no guarda-costas através da porta aberta do helicóptero. Antes que a vítima pudesse perceber que tinha sido atingida, 47 girou o braço, mirou no segundo guarda-costas e apertou o gatilho. O homem estremeceu e desabou no convés. Ele levou precisamente 2,3 segundos para eliminar a proteção de Corado.

O assassino estava certo de que os subseqüentes tiros e gritos da garota não podiam ser ouvidos na outra ponta do navio.

Corado enfiou a mão sob o terno tateando para encontrar sua pistola. Pelo jeito ele não estava acostumado a defender a si mesmo – ele sempre teve gente por perto para fazer o trabalho.

O assassino o atingiu duas vezes – uma no peito, uma na cabeça.

Fácil.

Isso deixava a garota, que agora estava histérica. Ela começou a correr para bombordo, gritando a plenos pulmões assassino.

O Agente 47 ergueu a arma mais uma vez para eliminá-la da equação – mas sua mão tremeu, relutante. Mesmo assim, ele apertou o gatilho.

Um erro! Como aquilo pôde acontecer?

Àquela altura a garota já tinha desaparecido atrás da antepara, correndo a bombordo em direção à proa.

Ele disparou atrás dela.

Embora ela tivesse pernas longas e musculosas, 47 era mais alto, mais forte e tinha sido geneticamente modificado para ser um atleta excepcional em todos os sentidos. Ele a alcançou em seis segundos, e eles ainda nem tinham chegado à metade do navio.

O assassino a pegou pela cintura, mesmo com a Glock ainda em sua mão direita. Ela continuou a gritar e lutar.

Só havia uma coisa a fazer.

O Agente 47 ergueu a garota e a jogou sobre a balaustrada no mar.

Ele parou por um instante para olhar para a popa e a proa. Por sorte, o guarda postado a cerca de dez metros vigiava um ponto à frente e não testemunhou a ação.

O assassino jogou a Glock no mar e caminhou calmamente até o heliporto. Ele apanhou e empilhou os corpos, um a um, dentro do helicóptero. Os cadáveres desabaram no chão e não seriam descobertos imediatamente. Satisfeito, o agente deu a volta a estibordo e voltou à festa. Ele se fundiu suavemente a uma coreografia em andamento, vestiu a sua expressão mais feliz, entrou no ritmo da dança e se perdeu entre os foliões.

O trabalho fora um sucesso; no entanto, 47 estava irritado consigo mesmo. A mão trêmula quase lhe custara a missão. Seriam os analgésicos? Claro que sim. O agente sabia disso, e no entanto se recusava obstinadamente a reconhecer a mensagem que isto carregava. Em vez disso, ele meteu a mão no bolso do terno, pegou o frasco de plástico, jogou um comprimido na boca e o engoliu sem água.

Na meia hora seguinte, ele se acalmou e continuou a agir como um dos convidados privilegiados de uma festa exclusiva no Caribe. Não viu indicação de que seu trabalho tivesse sido descoberto. Ninguém tinha motivo para ir até a popa. Se Fernandez desse pela falta do amigo, imaginaria que o criminoso e sua namorada tivessem descido para uma das cabines.

Por fim, o assassino entrou na balsa com outros vinte convidados exaustos e bastante bêbados, e navegou de volta a Ocho Rios e à segurança.

Da forma como eram festas grandes e ruidosas, 47 decidiu que aquela até que não tinha sido tão ruim.

# TRÊS

Outro superiate, coincidentemente também construído pela Lürssen, flutuava devagar e a esmo pelas águas ocidentais da Espanha. Com cem metros de comprimento, o *Jean Danjou II* não era muito diferente de outras embarcações de luxo de propriedade de *socialites* espanholas ou francesas. Afinal, a Costa do Sol, especialmente o porto de Marbella, era um dos destinos de navegação mais exclusivos dos ricos e famosos. Portanto, havia embarcações de recreio multimilionárias às dúzias por ali. Muitas das quais navegavam do Estreito de Gibraltar ao Mediterrâneo, em direção ao oceano Atlântico e de volta à costa. O *Jean Danjou II* não era exceção. As autoridades policiais sabiam que, apesar de ancorado em Marbella, estava registrado em nome de uma empresa sediada na Suíça. O dono era alegadamente uma figura importante na OPEP. O que, é claro, era falso. A empresa suíça na verdade era só mais uma fachada para outra corporação sediada em Portugal. Esta, por sua vez, era outra engrenagem numa terceira camada de embuste, mas esta tinha conexões com um conglomerado de bancos das Ilhas Caimã. Em suma, ninguém tinha a menor ideia de quem era o dono do iate.

Mas se a Interpol ou outras agências internacionais tivessem a oportunidade de visitar o interior do *Jean Danjou II*, descobririam um viveiro de ex-militares, alguns dos maiores especialistas mundiais em TI e encriptação, e uma equipe média de gerenciamento de uma rede internacional secreta.

Como nunca permanecia no mesmo porto por muito tempo, o iate era a embarcação ideal para hospedar o córtex cerebral da Agência de Contratos Internacional. E, embora oficiais de primeiro escalão do governo, tais como o presidente dos Estados Unidos, os primeiros-ministros do Reino Unido e da Rússia ou o rei da Arábia Saudita

certamente estavam cientes da existência da Agência, e muito embora os círculos internos da elite de agências de inteligência tais como a CIA ou o MI6 tivessem motivações e meios para contatarem os líderes da Agência, essas entidades negavam a existência dessa imoral, mas às vezes útil, sociedade. Os serviços da ACI eram procurados tanto para o bem quanto para o mau. E, ainda assim, se os EUA, Reino Unido, Rússia ou qualquer outro país tentassem localizar a sede física da Agência ou encontrar algum de seus administradores, não conseguiriam. Era inconcebível que a ACI estivesse bem ali, à vista, navegando de porto em porto em mar aberto.

O *Jean Danjou II* era a morada ideal para um mal necessário.

A asiática de vinte e oito anos conhecida apenas como Jade verificou mais uma vez os diagramas em seu bloco de notas, olhou de volta para o monitor da estação de trabalho nomeado "Caribe" para checar qualquer mudança nos dados, fez alguns cálculos e então se levantou. O centro de comando fervilhava de atividades e distrações, mas a mulher não tinha problemas em manter o foco. Conferiu seu Rolex de aço e ouro branco e viu que era esperada na sala de conferências em cinco minutos. Tempo suficiente para mais uma revisão rápida para garantir que tudo estava funcionando perfeitamente.

O centro de comando, situado no fundo do *Jean Danjou II*, no terceiro convés, era do tamanho de um diamante de campo de beisebol. As paredes eram cobertas de mapas eletrônicos e grandes telas de monitores de computador de alta definição. Mais de uma dúzia de estações de trabalho, dedicadas ao monitoramento das atividades da agência em vários territórios ao redor do globo, ocupavam o andar. Cada uma monitorada por um analista ou gerenciador. Um incansável e dedicado corpo de funcionários ocupava-se das muitas operações simultâneas da agência. E era função de Jade supervisionar o centro de controle, assim como atuar como assistente pessoal de um dos principais diretores da ACI.

A conduta profissional de Jade, blazer de couro escuro, meias-calças padronizadas, óculos e os cabelos negros arranjados em um coque poderiam dar a impressão de que ela era uma secretária

executiva de uma empresa da *Global Fortune 500*<sup>1</sup>. Porém, se a observassem com cuidado, descobririam, além de sua óbvia beleza, suas muitas tatuagens – a maioria dragões – e sua alma severa e determinada por trás de olhos castanhos. Perceptivelmente era uma mulher admirável e perigosa.

Depois de revistar cada estação de trabalho e obter as atualizações de status de cada funcionário, ela checkou de novo o Rolex. Era hora da reunião com seu chefe. Informou Julius, seu subordinado imediato, aonde iria e então deixou o centro de comando sob sua responsabilidade.

Todo navio possui espaços estreitos e claustrofóbicos, mas o interior do *Jean Danjou II* parecia mais um edifício empresarial de alta tecnologia do que um iate de luxo. Cada gerente, responsável pelas várias funções que mantinham a Agência em atividade, tinha seu próprio escritório particular. Jade sabia que um dia teria um. Com uma promoção a gerente, ganharia mais responsabilidade. O que queria dizer mais dinheiro. Trabalhar para a Agência era o melhor emprego do mundo.

Ao subir para o segundo convés pela escadaria de mármore e aço, Jade acenou para um dos guardas armados que patrulhavam o navio continuamente. Gostava de passar aos guardas a impressão de que valorizava a proteção deles, quando, na verdade, Jade poderia lutar com três deles ao mesmo tempo, cortar suas gargantas com o estilete que trazia sempre consigo e depois ir calmamente cuidar de negócios.

Finalmente chegou à sala de conferências e entrou.

– Pontual como sempre, Jade. Meu Deus, você é invejavelmente eficiente! – disse o homem, sentado em uma longa mesa em frente ao monitor de um computador. Estava terminando o almoço, um sanduíche de salame, queijo, alface e pimenta. – Diga-me mais uma vez onde você recebeu seu treinamento de combate?

– Os ocidentais o chamam de Triângulo de Ouro – ela respondeu –, especificamente em Burma, mas passei um bom tempo no Laos.

– Coisa selvagem, hein?

– Sim, senhor.

Benjamin Travis permitiu-se observá-la de alto a baixo, algo que fazia diariamente, mas que não a incomodava. Todos os homens a bordo, e algumas mulheres, achavam-na sexy. Tinha suas vantagens.

– Sente-se – disse Travis. – O que você tem para mim?

Jade se sentou, colocando o notebook diante de si.

– Temos uma nova pista sobre o paradeiro do Agente 47.

– Há um ano que todo mês nós ouvimos a mesma coisa, Jade – comentou Travis, erguendo as sobrancelhas.

– Desta vez é diferente, senhor. Uma fonte confiável nos informa que o Agente 47 foi visto na Jamaica há dois dias. Na verdade, a fonte é uma das nossas.

Travis girou a cadeira, afastando-se do computador. Um homem em seus quarenta anos, usava sempre terno cinza, camisa branca e uma gravata da Agência. Estava provavelmente uns dez quilos acima do peso; sua barriga pendia sobre o cinto e ele tinha tendência a suar mais do que o normal. Com um espesso bigode avermelhado, óculos e escuta talvez lembrasse um agente da CIA aposentado e decadente. Na verdade, como Jade, Benjamin Travis não era alguém que poderia ser subestimado. Epítome de um “homem de negócios”, Travis era conhecido por seus colegas por não tolerar incompetência. Erros eram severamente punidos. Como qualquer diretor-chefe da Agência, ele era arguto, impiedoso e ambicioso. Chefiava equipes de assassinos que operavam no mundo inteiro. Passava tanto tempo na sala de controle quanto sua assistente pessoal, muitas vezes fazendo o trabalho dela.

Assim, não era surpresa que ele tivesse galgado rapidamente na hierarquia da Agência, tornando-se uma de suas figuras mais importantes.

– Jamaica? – ele repetiu.

– Sim, senhor.

– Quem diria. Em quanto tempo você consegue verificar isso?

– Encarreguei Julius disso. Dessa vez parece promissor, Benjamin. Nosso homem na Jamaica geralmente é confiável quanto a informações, apesar de duvidoso em questões financeiras.

Ele se limitou a assentir com a cabeça. Jade sabia que Travis nunca chegava a nenhuma conclusão antes que todos os is tivessem seus pingos e os tês, suas cruces.

– E o que mais?

– Isso é tudo, senhor. Nenhuma notícia ainda sobre Burnwood. Receio que esta pista já esteja fria.

Travis assentiu novamente:

– Faz sentido. Obrigado, Jade. Por favor, mantenha-me informado. Avise-me assim que tiver a confirmação sobre o 47.

– Sim, senhor.

Ela se levantou e se dirigiu para a porta.

– Espere.

Jade parou e se virou.

– Pois não?

– Por favor, diga ao capitão para apontar o navio em direção ao Caribe. Se o que você diz é verdade, quero estar perto o suficiente para interceptar o sujeito. – Ele deu de ombros e continuou: – E se a pista for outro beco sem saída, então paramos em Cuba ou nas Bahamas ou outro lugar. Estamos precisando de uma folga mesmo.

– Ok, senhor.

Jade fez uma nota em seu bloco, ajustou os óculos e deixou a sala.

Travis voltou-se para o monitor e retomou a leitura do último relatório de Chicago. Os resultados superaram as expectativas. Ele sabia que seu projeto favorito tinha potencial para ajudar a Agência a evoluir a uma força que o mundo inteiro teria que reconhecer. A ACI possuiria algo que poderia colocar os governos aos seus pés.

Isso significava poder. Um poder inimaginável.

Mais uns poucos meses e o projeto estaria concluído. À medida que o experimento avançava o potencial era ilimitado.

Travis já podia sentir o cheiro da promoção que receberia. Era perfeitamente possível que ele fosse designado presidente da Agência. O que poderia ter ocorrido antes se Diana Burnwood não o tivesse traído. A vadia ameaçara causar problemas ao projeto por causa de alguma espécie de consciência moral que ela desenvolvera

subitamente. Ela era um perigoso fio solto, e tinha que ser encontrada. Seu grande medo era que o Agente 47 conseguisse encontrá-la antes dele, e que os dois unissem forças *contra* a Agência. Travis não subestimava Diana e sabia que ela poderia arruinar seus planos.

Travis pegou de novo o dossiê do Agente 47 e o examinou mais uma vez. Ele sabia tudo sobre o assassino, apesar de nunca tê-lo encontrado. As façanhas do matador eram lendárias. Travis ansiava pelo dia em que apertaria as mãos de 47, cumprimentando-o pelo retorno à equipe. Se conseguissem encontrá-lo. Se ele voltasse voluntariamente.

Um caso interessante, o Agente 47. O maior assassino do mundo foi "criado" em um sanatório romeno como clone a partir dos DNAs do Dr. Otto Ort-Meyer e quatro outros homens. Nascido em cinco de setembro de 1964, ele foi etiquetado com a identidade 640509-040147 tatuada na nuca e educado junto a outros da "Série IV" de clones pelos funcionários do asilo. Como outros clones, 47 foi treinado desde jovem para matar com eficiência. Instruído no uso de armas de fogo e ferramentas militares, além de métodos mais clássicos de assassinato, o clone sabia operar quase todas as armas com destreza.

Depois de trinta anos de treinamento incessante, o Agente 47, segundo relatos, matou um segurança e fugiu do sanatório. Outros diziam que sua fuga fora facilitada, pondo em liberdade o maior assassino do mundo.

O resto, como dizem, era história. Ao menos as partes conhecidas.

Quanto à personalidade do assassino, pouco havia de documentado. Sabia-se que seu gosto era refinado em matéria de vestuário, alimentação e bebida, mas, fora isso, tinha pouco interesse em posses materiais. Tinha orgulho de seu arsenal: uma valise contendo duas AMT Hardballers semiautomáticas personalizadas. O matador não era muito de falar, mas quando falava era direto, informal e frio. Aparentemente não tinha interesse por sexo. E, embora o Agente 47 fosse extremamente confiável e perfeccionista no que fazia, ele não confiava em ninguém. Com a possível exceção de Diana Burnwood.

Travis cogitou se tal convicção permanecia sólida, dado o que tinha acontecido com 47 no Himalaia.

Então ele foi visto na Jamaica? Talvez fosse verdade. Saberia ele onde Diana estava escondida? Teriam feito contato? Afinal, o assassino e seu contato tinham uma relação única e especial. Se alguém pudesse chegar perto, pessoalmente, de 47, esse alguém era Diana.

Mas não se via ou ouvia falar da mulher já há um ano. Nem do Agente 47, aliás. Ele desertara depois de sua última missão juntos. No início a Agência pensou que o assassino estava morto, mas 47 involuntariamente deixou vestígios de que sobrevivera ao desastre no Nepal. A Agência passou meses o rastreando. Mas 47 era inteligente e esquivo. Ele não queria ser encontrado.

E essa era a razão pela qual Travis temia que ele e Diana tivessem se aliado. O que poderia ser uma combinação mortal, para *ele*.

Ele cerrou os punhos e bateu com força na mesa. Jade tinha que estar certa sobre a pista. Se a Agência conseguisse pôr as mãos no Agente 47 e o recrutar de volta, Travis teria uma chance de satisfazer sua ambição, concluir seu querido projeto e voltar o assassino contra a única pessoa no mundo em quem confiava.

<sup>1</sup> Global Fortune 500 é uma classificação das 500 maiores corporações em todo o mundo, conforme medido por sua receita. A lista é compilada e publicada anualmente pela revista *Fortune*.

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Fortune\\_Global\\_500](http://pt.wikipedia.org/wiki/Fortune_Global_500)

# QUATRO

Helen McAdams desligou o computador e guardou os recortes de jornais em uma das muitas pastas marcadas como “Publicidade na Mídia”. Seu chefe queria tudo o que fosse escrito a seu respeito documentado e arquivado. Outro assistente, George, lidava com aparições na televisão. Outro ainda navegava pela internet e salvava comentários – bons ou ruins – em blogs e fóruns. Charlie Wilkins, líder da Igreja da Vontade, era um homem que documentava sua vida diariamente. No futuro, ele gostava de dizer, alguém teria todo o material necessário para uma biografia completa e precisa.

O trabalho do dia tinha terminado. Helen recolheu seus pertences, desligou as luzes do escritório na mansão, saiu e fechou a porta. Ela tinha tempo suficiente para correr até seu apartamento e preparar o jantar antes de seguir para o centro de recrutamento para entrevistar novos membros da Igreja. Embora fosse paga por seu trabalho como um dos muitos assistentes do reverendo Wilkins, Helen se mantinha ocupada com outras missões voluntárias em Greenhill. Para ela, o recrutamento era o trabalho mais interessante, pois ali ela conhecia novas pessoas. Sempre havia a chance de um homem adequado aparecer e se juntar à Igreja da Vontade, alguém de quem ela poderia se tornar amiga – e talvez algo mais.

Era bom se manter ocupada. Helen jamais gostara do ócio – a “oficina do diabo” –, mas a necessidade de manter a mente ocupada era premente desde a internação no hospital. Era parte do processo de recuperação. Manter inúmeras tarefas também a impedia de remoer sua situação. Helen raramente admitia para si mesma que estava solitária, mas aquilo se tornara um elefante branco na sala. Depois que seus pais morreram em um trágico acidente de trânsito, e sua irmã sucumbira a um câncer de ovário, Helen às vezes temia estar completamente só no mundo. O que não era verdade, ela

tinha a Igreja e os amigos que conhecera lá. E Charlie, é claro. O reverendo Charlie Wilkins. Ele era a luz, a esperança e a inspiração que a mantinha seguindo em frente. Se ela não tivesse encontrado a Igreja da Vontade... Bom, ela não gostava de pensar em como teria terminado.

Antes de ir para casa, havia outra tarefa a cumprir. Helen passou pelos escritórios dos outros assistentes, seguindo pelo longo corredor até o santuário particular de Wilkins, onde ele trabalhava e orava. A porta do seu escritório estava fechada e trancada, mas ela tinha uma chave. Ela era a única dos seus assistentes a quem ele confiava a chave do escritório, isso a fazia se sentir especial. Como ele estava viajando a negócios, uma das tarefas de Helen era aguardar as muitas plantas que ele cultivava lá dentro. Ela ficava feliz por fazê-lo. Podia sentir a presença dele ali, e isso a fazia se sentir bem.

O desenho do escritório de Charlie Wilkins era uma cópia do Salão Oval da Casa Branca, mas o reverendo o tinha decorado de outra forma. Primeiro, a janela era uma placa de vidro recurvada com vista para o lago Áquia. A mansão tinha sido erigida na costa norte do lago, pois Wilkins adorava a vista da água. Ele dizia que o ajudava a meditar. A lua e as estrelas refletiam em sua superfície, e era por isso que ele sempre fazia questão de orar em seu escritório precisamente à meia-noite onde quer que estivesse nas instalações. Helen concordava que era um cenário pastoral belíssimo. O complexo da Igreja da Vontade não podia ter sido construído em um local mais belo na Virgínia. Por isso era chamado de Greenhill, a "colina verde".

Outra diferença do Salão Oval era a abundância de verde. Wilkins tinha um dedo verde, e acreditava que todas as plantas tinham almas. Havia mais de uma centena de vasos de plantas no escritório, e Helen passava um tempo aguardando as plantas certas. Elas tinham cronogramas diferentes – algumas tinham que ser regadas diariamente, outras apenas uma vez por semana ou menos.

Também havia inúmeros artefatos religiosos e obras de arte no local. Na verdade, estavam dispostas por toda a mansão. Uma sala idêntica, diretamente abaixo do escritório, no porão, supostamente

guardava centenas de tesouros do tipo, mas Helen nunca estivera lá. Era proibida para todos exceto pessoal seleta.

Wilkins acolhia todas as religiões do mundo. A Igreja da Vontade não reivindicava nenhuma em particular. Cristãos, muçulmanos, judeus, budistas, até mesmo cientólogos – todos eram bem-vindos na Igreja da Vontade. Habilmente, Wilkins pegara aspectos de cada fé e os combinara para criar a sua própria. E funcionou.

A Igreja da Vontade tinha filiais em toda a América. Tinha se espalhado feito incêndio em algumas poucas décadas. E com seu charme carismático, senso para negócios e boa aparência, Charlie Wilkins conquistara boa parte da população norte-americana. Alguns diziam que ele deveria se candidatar a presidente, mas Wilkins estava feliz em deixar que a senadora Dana Linder o fizesse. Afinal, ela era membro da Igreja. Wilkins fez sua parte como cabo eleitoral, e era um dos seus maiores contribuintes.

Helen estava convencida de que o país precisava da influência das doutrinas da Igreja da Vontade. A última década tinha sido difícil para a América. O elevado aumento do desemprego para vinte e três por cento, os inaceitáveis preços dos combustíveis, o fracasso de grande parte da infraestrutura do Estado e a insatisfação geral da população contribuíram para a pior depressão desde a maior delas, em 1930. Não era de admirar que vários grupos militantes tivessem surgido por toda a nação. Milícias armadas e mascaradas frequentemente conduziam ataques terroristas em propriedades federais e governamentais. Até agora, não tinha havido muitas vidas perdidas – só prédios e construções –, mas a situação estava piorando. A mídia geralmente se concentrava no Novo Modelo de Exército. Misterioso e mortal, o NME parecia ter os meios e a habilidade para atacar qualquer lugar a qualquer hora. Liderado pelo misterioso fora da lei conhecido como “Cromwell”, o NME era procurado pelo FBI e pela polícia em todos os estados, mas por outro lado, o grupo se beneficiava de uma certa mística de “Robin Hood” que os cidadãos comuns apoiavam. Helen tinha certeza de que o público americano protegia o NME, ajudando a esconder e transportar seus membros de um lugar pra outro.

Ao terminar de aguar as plantas, Helen deixou de lado os pensamentos sobre o estado do país. Eram 5h45. Ela precisava correr até seu apartamento para assistir ao programa de televisão de Wilkins. Ela fazia o possível para não perder um só programa. Helen trancou a porta do escritório, seguiu pelo longo corredor e entrou no salão principal da mansão. Ela deu boa-noite aos dois seguranças postados lá e saiu pela porta da frente.

A mansão era um pequeno palácio, separada do resto de Greenhill por uma cerca alta e eletrificada. Wilkins era tão famoso que precisava de proteção. Embora a maioria dos membros da Igreja fosse confiável e o venerasse, houve alguns incidentes em que pessoas desequilibradas tentaram invadir a mansão para prejudicar o reverendo. Por isso a cerca eletrificada, as equipes de segurança e outras precauções tinham sido adotadas. Havia ainda alguns outros prédios dentro da cerca – um celeiro, que funcionava como depósito e garagem para a limusine pessoal de Wilkins, e uma guarita.

O portão era automático. Para abri-lo era necessário um cartão, que era cedido a apenas alguns seletos membros da equipe. Helen passou o seu pela fenda magnética e o mecanismo clicou. Ela empurrou o portão e passou por ele. O portão trancou automaticamente atrás dela.

Então ela seguiu pelo caminho pavimentado até a rua principal de Greenhill, onde os membros da Igreja se reuniam para várias atividades. Havia um supermercado, uma instalação médica, um salão de recreação, uma academia de ginástica e outras comodidades encontradas em qualquer distrito de uma cidade americana normal. Três edifícios dispunham de mais de cem unidades residenciais para solteiros e famílias. Como Greenhill era o quartel-general principal da Igreja da Vontade, muitos membros viviam nesses apartamentos e trabalhavam para a organização. Wilkins tinha um jato particular e uma pista de pouso construída nas dependências. A atração principal era a bela igreja, um enorme santuário usado para as missas de domingo e outras reuniões. O lugar lembrava uma enorme catedral católica romana, e cada lado era recoberto de deslumbrantes vitrais coloridos. Quando Wilkins estava na cidade, ele geralmente pregava os sermões. Mesmo quem

não era membro da Igreja vinha de todo o país até o complexo para ouvi-lo. Ele era praticamente uma estrela do *rock*.

Greenhill era bastante isolada das outras comunidades na Virgínia. Localizada a leste da Interestadual 95, o complexo ficava ao sul de Coal Landing e a oeste de Arkendale. Ao redor do lado noroeste do lago ficavam outras aldeias, ruas e instalações recreativas. A marina de Willow Landing não ficava longe. Ainda assim, a área que Greenhill ocupava na costa norte do lago Áquia era reservada e tranquila. Nenhum membro era um prisioneiro, obviamente. Qualquer um podia ir e vir como desejasse. Os residentes frequentemente visitavam Stafford, Garrisonville e Garrisonville Estates, as cidades próximas mais significativas. E se alguém quisesse ir até uma cidade *grande*, como Washington D.C. e seus subúrbios adjacentes, estava a uma hora de carro.

Helen entrou em seu prédio, inspecionou sua caixa de correio no saguão – estava sempre vazia, mas ela verificava todo dia mesmo assim – e então subiu as escadas para o segundo andar. Sua quitinete era tão boa quanto as da cidade, e o aluguel era simbólico, já que ela trabalhava para a Igreja. Era confortável e aconchegante, decorado com bugigangas que ela colecionara ao longo dos anos, e iconografia da Igreja da Vontade. Seu item favorito era um pôster autografado e emoldurado de Charlie Wilkins, apontando para frente como o Tio Sam e fazendo sua pergunta padrão em um balão de diálogo: “E Sua Vontade?”. A Igreja colocava ênfase em se assumir o controle do próprio destino e encontrar e aplicar a força interior para enfrentar a vida diariamente. Wilkins acreditava que cada indivíduo deveria seguir a “Vontade” do homem comum, vinculada coletivamente como um desejo a ser governado apenas pelo “Ser Supremo”, e não por homens ou mulheres que faziam falsas promessas e levavam as pessoas à política partidária, à trilha da guerra e à catástrofe financeira. O Ser Supremo não era necessariamente “Deus”, mas poderia ser, se isso fosse no que o indivíduo desejasse acreditar. A Igreja da Vontade permitia a seus membros interpretar a religião da maneira que quisessem, contanto que certos credos fossem seguidos.

Ela despejou uma lata de sopa na panela para esquentar no fogão, depois foi ao banheiro para lavar o rosto e as mãos. Enquanto se secava, ela olhou para suas feições e repetiu o mantra que Wilkins inculcava nela.

*Eu sou bonita. Eu sou digna. Eu sou Helen McAdams e eu tenho a Vontade.*

A maioria dos homens a considerava atraente, ela pensou. Helen sentia seus olhares. E por que não? Ela tinha trinta e um anos, era magra e tinha um rosto agradável. Ela tivera encontros românticos com alguns membros da Igreja, mas nenhum nunca vingou. Sua timidez e insegurança desempenharam um grande papel em seu fracasso em estabelecer um relacionamento duradouro. Seu namorado da faculdade... bom, ela não gostava de remoer o que aconteceu na época. Desde então, a vida amorosa de Helen tinha se resumido a uma escala aleatória.

*Dizem que "solidão é só uma palavra",* ela pensou consigo mesma. Seis horas. Hora de ligar a TV.

Ela retornou à sala de estar, ligou o aparelho e voltou à cozinha para despejar a sopa quente em uma tigela. Pegou a garrafa aberta, mas arrolhada, de vinho branco da geladeira, serviu uma taça e levou o jantar para o sofá em frente à televisão.

O jornal estava terminando. A notícia principal dizia respeito ao ataque, naquela manhã, do Exército Novo ao prédio do Serviço de Receita Interna em Cincinnati, Ohio. Três bombas foram detonadas simultaneamente, destruindo um lado inteiro da estrutura. Por sorte, aconteceu antes do horário de pico, de forma que apenas umas quarenta pessoas tinham sido feridas. Duas fatalidades. Se as explosões tivessem ocorrido no horário de expediente, o número de mortes teria sido desastroso. De muitas formas, Helen simpatizava com a causa do NME, mas ela era contra a violência. O fato de muitas pessoas inocentes serem às vezes chamadas de "dano colateral", nas palavras de Cromwell, era deplorável. Ainda assim, o Exército Novo e outros grupos militantes dissidentes eram bem-sucedidos em despertar a indignação do país. Helen achava que, se havia um número suficiente de pessoas infelizes, o governo tinha de mudar para acomodá-los.

Finalmente, o show de Wilkins, apropriadamente intitulado *E Sua Vontade?*, começou, com sua trilha sonora contagiante. *E Sua Vontade?* era um dos programas de maior audiência da TV, e não passava na TV aberta ou a cabo. Charlie Wilkins tinha *sua própria* rede a cabo, que ele preenchia não só com seu programa, mas também com séries dramáticas, comédias, filmes, programas jornalísticos, até mesmo desenhos infantis, tudo patrocinado pela Igreja da Vontade. Milhões de telespectadores o assistiam. *E Sua Vontade?* era parte programa de entrevistas, parte show de variedades musicais, parte retórica política e parte recrutamento evangélico. O programa era gravado em um estúdio na mansão em Greenhill quando Wilkins estava lá (do contrário, reprises eram transmitidas). Ingressos eram mercadoria quente, e diziam que o programa atraía mais turistas que os monumentos de Lincoln e Washington, ou o Instituto Smithsonian.

Finalmente, o reverendo apareceu para dar as boas-vindas à audiência no estúdio e aos espectadores em seus lares.

Charlie Wilkins estava na casa dos sessenta; tinha uma magnífica cabeleira branca e olhos azuis cintilantes que derretiam os corações das donas de casa pelo país. Ele era terrivelmente bonito, o que tinha muito a ver com seu encanto. Quando ele erguia uma sobancelha e sorria – uma assinatura frequentemente satirizada por comediantes – seus olhos brilhavam e ele emanava boa vontade. Sobretudo seu charme e carisma conquistavam as pessoas. Ele era espirituoso, alegre e falava com voz de um anjo. O timbre suave de sua voz de barítono tinha o poder de hipnotizar seus ouvintes. Embora ele jamais tivesse dito tal coisa, se afirmasse que era o novo Messias, era provável que muita gente acreditasse nele. Mas ele tinha críticos. Os extremamente francos consideravam Wilkins apenas mais um líder louco liderando uma “seita”. Outros eram mais moderados. Embora desconsiderassem a “divindade” de Wilkins, admitiam que ele era uma figura inteligente e fascinante que tinha ganhado e merecido respeito. Mesmo os americanos que não sabiam o que pensar a respeito de Wilkins o achavam no mínimo interessante.

Depois do monólogo preliminar e das piadas, que não rivalizavam em nada com o que se ouvia nos shows de variedade noturnos. Wilkins anunciou:

– A convidada desta noite não é ninguém menos que a candidata à presidência, a senadora Dana Shipley Linder. Sei que todos estão cada vez mais ansiosos, então vamos passar a palavra rapidamente ao nosso patrocinador e em seguida voltaremos à atração principal! Voltamos já.

Como sempre, as próprias companhias de Wilkins forneciam os comerciais para a rede de TV. A franquia de restaurantes *fast-food* do reverendo, Charlie's, só perdia para o McDonald's enquanto refeições rápidas para pessoas com pressa. A comida era mais cara que outros lanches do tipo, mas o Charlie's se especializara em produtos orgânicos e saudáveis. O frango e o boi criados *in natura* vinham de fazendas da própria Igreja da Vontade, e nenhum produto químico ou artificial era adicionado à carne ou aos vegetais. Helen gostava muito da comida. Havia um Charlie's no centro cívico de Greenhill, onde ela comia várias vezes durante a semana. Todos nos EUA conheciam o logotipo do Charlie's – uma caricatura animada da cabeleira branca de Wilkins com o nome "Charlie's" escrito onde o rosto estaria.

O programa reiniciou e o reverendo apresentou Dana Linder. Como principal adversário de Mark Burdett, o presidente em exercício, a fama de Linder aumentara rapidamente após a criação de um novo partido para rivalizar com os democratas e republicanos. O Primeiro Partido da América começou como um movimento de base, mas logo se tornou um *tsunami* de proporções nacionais. Culpando democratas e republicanos por brigas partidárias excessivas e desnecessárias no Congresso, o Primeiro Partido da América prometia acabar com tudo isso. Seus candidatos já tinham conquistado muitas cadeiras na Câmara e no Senado nas eleições intercalares. Com apenas um mês para as eleições presidenciais, os especialistas previam uma reviravolta. Burdett perderia o segundo mandato e, pela primeira vez na história recente, um candidato não democrata e não republicano entraria na Casa Branca. Linder era a mulher que provavelmente cumpriria essa previsão.

Dana Shipley Linder tinha quase quarenta anos e servira como representante de Maryland. Era alta, tinha cabelos escuros e era atraente. Sem dúvida era inteligente e sabia o que se passava em seu país. Helen a admirava.

– Obrigado por vir ao programa, Dana.

– Charlie, você sabe que é só pedir. Eu faço tudo pelo meu pastor da infância – respondeu ela, radiante.

Wilkins riu e revirou os olhos.

– Alguns de vocês talvez não saibam, mas sim, é verdade, quando Dana e seu irmão, Darren, ficaram órfãos ainda crianças, eu era o pastor e amigo da família. Eu cuidei deles. Gosto de pensar que lhes dei a orientação que os ajudou a se tornarem adultos esplêndidos.

– Você certamente deu, Charlie – disse ela. – E você era tão jovem na época!

Ele balançou um dedo para ela.

– Ora, ora! Eu *ainda* sou jovem! E você também! O que me lembra, Dana. Feliz aniversário!

A plateia aplaudiu, e a candidata corou e dispensou a adulação.

– Charlie, isso foi há um mês. Você está atrasado.

– Mas eu não te vejo desde então. Ouvei dizer que vocês deram uma festa espetacular.

– Sim, nós demos. John, as crianças e eu fizemos uma festa em Towson. Que pena que você estava fora e não pôde ir.

– Pena mesmo. Você sabe que eu teria ido se pudesse. – Ele tomou as mãos dela e as segurou. – Bom, mas espero que tenha sido uma ocasião feliz.

– Foi sim. Claro, teria sido melhor se... se Darren estivesse lá.

Wilkins assentiu com um olhar complacente, enquanto a plateia aplaudia novamente. Muitos membros presentes assobiaram entusiasmadamente.

Helen achava que grande parte da popularidade de Linder era devida a seu irmão herói. Darren Shipley foi um fuzileiro que morreu no Iraque em uma importante missão para resgatar insurgentes de um prédio. Houve uma enorme explosão e Darren pereceu nas chamas. Um astuto repórter fez a cobertura da morte de Shipley, e o Primeiro Partido da América capitalizou a perda. O

público abraçou a história do belo fuzileiro bonito e sua deslumbrante irmã, ele um herói nacional que se sacrificara pelo país, ela uma política destinada a mudar os EUA.

Era uma boa política.

Wilkins continuou a entrevista.

– Em um mês, os americanos irão às urnas para eleger nosso próximo presidente. Imagino que você tenha uma agenda de campanha cheia.

Linder aquiesceu.

– Você sabe como é, Charlie. Quanto mais próximo da linha de chegada mais intenso. Mas sabe, Charlie, eu tenho que te agradecer por tudo isso.

– A mim?

– Foi você que sugeriu que eu me candidatasse a um cargo público quando eu era jovem. Sua influência me estimulou. E eu vou deixar você orgulhoso.

– Que coisa maravilhosa de ouvir, Dana. Há alguma coisa que você queira dizer ao público americano?

– Há, sim. – Ela olhou direto para a câmera. – Todos vocês aí, eu conheço e entendo sua frustração. O presidente Burdett já não sabe o que vem acontecendo em seu país. Sua política externa é um desastre. Ele na verdade tentou promover a paz com grupos terroristas e nações consideradas inimigas dos EUA em um esforço para influenciar os preços dos combustíveis. Não deu certo. Nossa economia e taxas de desemprego estão piores do que nunca. Temos grupos militantes causando danos a propriedades do governo. O presidente Burdett transformou a Guarda Nacional em uma tropa de assalto. Em um esforço de controlar os milicianos, a Guarda Nacional está machucando civis inocentes. Bom, eu estou farta, e eu sei que vocês também estão. Estou farta dos democratas, dos republicanos e de suas disputas incessantes. Eles nunca fazem nada. Há dois anos, o povo se pronunciou, e elegeu vários candidatos do Primeiro Partido da América. Eu acredito que isso vai acontecer de novo no dia da eleição. Se eu for eleita presidente, eu prometo trazer os EUA de volta para o povo, e não para as mãos do governo, que está esmagando vocês feito insetos.

Wilkins ergueu um dedo para chamar sua atenção.

– Sim, Charlie?

– Como você responde aos críticos que dizem que sua candidatura não passa de propaganda para a Igreja da Vontade? Todos sabem que você é membro, e que você acredita em nossos dogmas.

– Que bom que você perguntou isso, Charlie. Eu só quero dizer que mais e mais pessoas estão se voltando para esses dogmas, como você os chama, quer saibam disso ou não. Mas deixe-me esclarecer: o fato de eu seguir a Igreja da Vontade é pessoal. Os presidentes anteriores tiveram suas religiões. Eu tenho a minha. E, embora a Igreja me dê valores a seguir e praticar, não significa que eu levarei a Igreja à Casa Branca. Dito isso, eu me recuso a ser uma hipócrita. Muito do que a Igreja ensina pode ser aplicado ao governo de um país. A Igreja pede a seus membros que ajam de acordo com sua Vontade interna. Bem, eu estou pedindo que o país aja de acordo com *sua* Vontade interna também!

Aplausos. Assobios e urros.

Helen sorriu. Ela definitivamente tinha a mesma visão que Dana Linder. Não havia dúvida: aquela mulher ganhara o seu voto.

Antes dos comerciais, Wilkins disse:

– No interesse da igualdade, eu convidei o presidente Burdett para comparecer ao programa semana que vem, e ele aceitou.

A plateia recebeu a notícia com vaias e gracejos. Wilkins ergueu as mãos:

– Ora, ora. Vamos ser respeitosos, pessoal. O presidente tem tanto direito quanto Dana Linder de vir ao *E Sua Vontade?* e dizer o que pensa. Estou ansioso para recebê-lo.

Helen terminou a sopa, sorveu o último gole de seu vinho e levou a tigela e a taça até a cozinha. Ela limparia tudo depois. O centro de recrutamento abria às sete em ponto. Não se sabia quem poderia aparecer em Greenhill para se inscrever, especialmente depois do discurso empolgante de Linder.

Ela passou alguns minutos no banheiro, retocando a maquiagem e escovando os longos cabelos. Sim, ela *era* bonita. Não havia um motivo para que ela não atraísse um homem decente. Que importa

que ela tenha tido... problemas no passado? Era exatamente o que aquilo significava: *passado*.

Helen desligou a televisão, vestiu sua jaqueta e saiu do apartamento. A noite era uma criança.

Se nada interessante acontecesse aquela noite... bom, amanhã era outro dia.

# CINCO

*Roget pagou meus honorários. Com um bônus: ele me ofereceu uma carona em seu jato particular até o Rio de Janeiro. Imaginei que seria um bom lugar pra visitar e procurar trabalho, então eu aceitei. Também era conveniente, pois eu poderia levar minha maleta a bordo comigo. Ela continha as minhas pistolas. São AMT Hardballers, mas as chamo de Silverballers, por causa dos cabos perolados.*

*Era um jato tipo Lear de classe executiva, a cabine era pequena. O avião tinha capacidade para doze passageiros, mas eu era o único a bordo. Não havia comissária de bordo. Eu não vi o piloto, mas uma voz no interfone me avisou para apertar o cinto e tudo mais. Decolamos da Baía Montego à tarde e seguimos viagem.*

*O noticiário jamaicano só falava da morte de Corado. Emilio Fernandez foi conduzido a interrogatório. Os EUA mandaram um agente do FBI para interrogá-lo também. Corado era procurado em alguns países. Acho que salvei uma boa grana dos contribuintes, pois o sujeito nunca seria julgado. Corado era escória, e eu não tive problema algum em removê-lo do planeta. Eu não sabia exatamente qual era o problema entre Roget e Corado. Corado talvez estivesse se intrometendo no território de Roget. Roget também não parecia ser um sujeito muito honesto. Até onde eu sabia, ele trabalhava com tráfico humano.*

*Não que eu me importasse.*

*Enquanto o avião deixava o espaço aéreo caribenho, eu reclinei o assento e tentei relaxar. Esperava conseguir dormir um pouco durante o voo, mas senti uma pontada de ansiedade. Eu tinha tomado um comprimido mais cedo, mas me perguntava se teria que passar a tomar dois de uma vez. Dizem que se desenvolve tolerância*

*a essas coisas. Até agora isso não aconteceu comigo. Imagino que seja porque eu sou diferente.*

*Tínhamos decolado há dez minutos quando a turbulência nos atingiu. E bem forte. Olhei pela janela e vi que uma tempestade tinha surgido do nada. As nuvens eram escuras e ameaçadoras. Relâmpagos iluminavam todo o panorama, e o avião sacudia violentamente. Parecia que o jato tinha entrado em uma nuvem de plutônio. Eu esperava que o piloto fizesse um anúncio ou coisa assim, mas na cabine só havia um silêncio mortal.*

*Eu esperei no meu assento mais alguns minutos, mas geralmente eu podia reconhecer quando um avião estava tendo problemas. Estávamos perdendo altitude. Não havia nada além de oceano abaixo. Eu não estava gostando nem um pouco disso, então desafivelei o cinto e segui pelo corredor até a porta da cabine, que estava fechada. Eu bati e gritei: "Ei! O que está acontecendo aí?" Novo silêncio mortal. Bati outra vez.*

*Voltei para o meu assento para pegar uma das Silverballers. Abri a maleta, peguei a pistola, inseri um dos pentes de sete tiros, um ACP 45, e voltei para a porta. Um tiro bastou.*

*Imagine minha surpresa quando abri a porta. Não havia ninguém na cabine. Nem piloto, nem copiloto. Ninguém.*

*Eu tinha alguma experiência com aviões, então eu pulei no assento do piloto. Se eu conseguisse nivelar o avião e evitar que colidisse no mar, já ficaria feliz. Mas o manche não respondia. Estava emperrado. Foi então que notei a caixa-preta com as luzes vermelhas acesas. Estava anexada sob o painel. O avião estava sendo controlado remotamente.*

*A Silverballer disparou novamente. A caixa se estilhaçou e na mesma hora o avião sacudiu fortemente. Olhando pela janela, vi que um dos motores tinha morrido. Formidável. Voando só com um motor em meio a uma tempestade. O avião não respondia quando eu movia o manche.*

*Hora do plano B.*

*Levantei-me e procurei por um paraquedas na cabine. Se o avião ia cair, eu queria chegar antes à água e, com sorte, com uma aterrissagem suave. Mas claro que não havia um paraquedas à vista,*

*então voltei à cabine de passageiros. Vasculhei os compartimentos de bagagem. Todos vazios. Olhei embaixo dos assentos. Ao menos havia um colete salva-vidas. Eu o agarrei e envolvi o peito com ele. Eu sabia que precisava soprar os tubos para inflá-lo. Aquilo podia esperar.*

*Fiz até uma breve busca no banheiro. Nada.*

*Não tinha mais ideias.*

*O avião fez uma curva suave, mas ainda perdia altitude. Não havia nada a fazer a não ser me afivelar no meu assento. Eu tentei lembrar qual o melhor lugar para se ficar quando um avião cai. Mas o Lear era tão pequeno que eu achei que não faria qualquer diferença onde eu estava.*

*Eu ia morrer.*

*Estranhamente, eu não estava com medo. Eu estava preparado para aceitar meu destino. A minha vida inteira eu esperei que a Morte viesse me buscar. Do jeito que as coisas tinham sido no último ano, eu lhe daria as boas-vindas.*

*Fechei os olhos. Uma onda de paz invadiu meu corpo.*

*Mas então... aquela bola de fúria borbulhou em meu peito. Isso só podia significar uma coisa, então eu abri os olhos e olhei pela janela.*

*A chuva golpeava o vidro. Nas nuvens sombrias... um rosto. Não, não um rosto. Os contornos de um rosto. Um rosto familiar.*

*Morte. O mesmo vulto sem rosto e sombrio dos meus sonhos. Assistindo o avião cair.*

*Eu me preparei para o impacto. O avião suportaria o impacto contra a água? Afundaria ou flutuaria?*

*Eu ia morrer. A última vez que esse pensamento cruzou a minha mente, eu estava no Nepal. No Himalaia.*

*Um ano atrás...*

# SEIS

O Agente 47 bateu na sua escuta.

– Diana? Você está aí?

Se ele não estava enganado, a linha tinha sido cortada. Por que ela o abandonaria dessa forma? Dá algumas instruções vagas, diz que dois inimigos estão se aproximando de sua posição na montanha, e desaparece? Talvez fosse um problema técnico. Ela certamente voltaria a ficar online a qualquer momento.

Enquanto isso, 47 removeu o explosivo da mochila. Era um dispositivo que lembrava uma lanterna de 30cm, revestido com metal. No entanto, dentro dele havia um complexo transmissor que emitia poderosas ondas sônicas. Ouvidos humanos não conseguiam captá-las, mas elas enlouqueceriam qualquer cachorro a quilômetros de distância. Mais importante, as ondas sonoras perturbariam falhas geológicas dentro da rocha, gelo ou neve. Posicionado verticalmente na neve do monte Kangchenjunga, onde o assassino agora se agachava, o dispositivo podia causar uma avalanche em um minuto ou dois. O truque era plantá-lo na falha geológica precisa. Só o computador de Diana podia calcular o local certo.

Ele chegara ao monte repleto de neve que ela indicara, mas não tinha ideia de onde colocar o explosivo. A essa altura os dois guarda-costas chineses deviam estar mais perto. O quão rápido podiam se mover descendo a face da montanha? O Agente 47 não era perito em escaladas, mas conseguia avançar três metros a cada cinco minutos. Se eles fossem tão bons ou melhores, ainda demoraria um pouco para que o alcançassem.

O Agente ousou ficar de bruços sobre o penhasco a uma polegada da beira. Era uma boa distância, mas ele conseguiu ver Nam Vo e seu grupo seguindo viagem. Estavam na posição perfeita. Ele precisava plantar o explosivo naquele instante.

### *Onde estava Diana?*

O assassino rolou de lado para olhar para cima. O sol estava terrivelmente brilhante, mas os óculos de ampla visão bloqueavam os raios mais perigosos. Infelizmente, o sol estava quase que diretamente acima dele. O brilho impedia que ele visse os dois guardas que vinham em sua direção.

O Agente 47 voltou cuidadosamente para a face do penhasco para que eles não o vissem. Ele bateu outra vez na escuta. Ainda funcionava, pois ele podia ouvir a estática. Não, algo definitivamente tinha dado errado com Diana.

Era uma missão perigosa. O general chinês chamado Nam Vo viera ao Nepal para que ficasse próximo do Tibete. Nam Vo sentia prazer em espalhar uma pequena força de sádicos militares pela fronteira para aterrorizar as aldeias tibetanas. Eles estupravam mulheres, torturavam homens e deixavam crianças famintas. Se Nam Vo agia sob as ordens do governo chinês, ou se simplesmente era um facínora, não estava claro. Tudo o que 47 sabia era que uma "parte interessada" tinha contratado a Agência para assassinar o monstro. Talvez fosse um grupo de resistência tibetano. Talvez um ativista rico nos EUA ou na Inglaterra. Talvez fosse o próprio Dalai Lama. Improvável, mas 47 não se importava. Às vezes a Agência lhe dizia quem era o cliente, às vezes não. Mais frequentemente, o cliente permanecia anônimo.

Formular o plano para assassinar Nam Vo em Kangchenjunga era outra coisa perigosa. O alpinismo já era perigoso o bastante enquanto esporte. Acrescente armas mortais e um plano para matar pessoas, e a coisa virava loucura. O Agente 47 queria pensar em outra maneira de chegar até Vo, mas Diana insistira que o homem era inalcançável. Ela tinha descoberto que ele gostava de escalar, então ficou de olhos e ouvidos abertos e finalmente descobriu sobre a expedição de escalada ao "Kanch", como os nativos chamavam o pico.

Geralmente ela deixava o método e os meios nas mãos do Agente 47, mas dessa vez ela preparara o plano. O Agente 47 começaria a subir a montanha para ficar em posição de derrubar toneladas de neve e gelo no alvo. Fazer a morte de Nam Vo parecer um acidente

– melhor ainda, um desastre natural – era a chave do sucesso da missão. Corrupto ou não, o governo chinês não apreciaria o assassinato de um dos seus militares mais proeminentes. Eles buscariam vingança. E podiam visar o Tibete, ou até mesmo o Nepal. O Agente 47 não tinha tido nenhum problema com isso até agora.

*Onde estava Diana?*

Depois de instalar o explosivo, 47 devia se mover lateralmente pela face da montanha até uma protuberância de pedras designada. Ali, um helicóptero de Kathmandu apareceria, pairaria sobre ele e jogaria uma escada de corda. Eles partiriam antes que as autoridades tivessem tempo de investigar a avalanche.

Se o helicóptero deixou Kathmandu? Certamente não. Diana deveria dar sinal verde ao piloto depois que 47 tivesse plantado o explosivo e detonado a explosão sônica.

Talvez o satélite tenha falhado. Era isso. Diana não o abandonaria daquela maneira. Ela era a única pessoa no planeta em que ele quase confiava, e ele tinha um sério problema com confiança. Ele só confiava em uma pessoa – ele mesmo.

Seu relógio interno indicava que eram quase uma e quinze. Ele estava atrasado. Se não agisse logo, a missão teria de ser abortada. O Agente 47 jamais abortava missões. O conceito era um anátema para sua alma.

Mais uma vez, o assassino rastejou até a borda do penhasco. Nam Vo provavelmente estava cerca de quarenta metros abaixo, mas ainda dentro do alcance.

*Onde Diana tinha se metido?*

O som de tiros o assustou. Uma série de impactos poderosos perfurou a neve quinze centímetros acima de sua cabeça. 47 rolou para o lado, e dessa vez ele os viu. Um homem pendurado em uma corda em um ângulo tal que lhe dava uma visão plena do penhasco de gelo. Outro sujeito estava mirando nele. O homem pendurado carregava um rifle, provavelmente um QBZ-95. E 47 era um alvo fácil.

O assassino rastejou de volta à parede do penhasco, mas o guarda-costas chinês ainda o tinha em sua mira. Ele disparou outra

vez; balas pontilharam a face da rocha enquanto 47 se encolhia na pedra, achatando seu corpo tanto quanto podia. Não havia dúvidas: ele tinha que sair dali.

O barulho da arma com certeza alertaria Nam Vo e seu grupo. Eles procurariam abrigo e 47 perderia sua chance. Só havia uma coisa a fazer: plantar o explosivo às cegas e torcer pelo melhor.

E foi exatamente o que ele fez.

O Agente armou o dispositivo para que começasse a pulsar, e então o enfiou fundo na neve. A pequena baliza lembrava uma placa de metal. Quanto tempo levaria para que o penhasco desabasse? O assassino não queria ficar ali para descobrir.

Mais tiros.

Ele congelou e recuou. Sacou uma Silverballer de sua mochila, mirou no atirador suspenso e disparou.

Um acerto. Mas não um abate. O sol estava forte demais. Era como mirar em uma bola de fogo tentando acertar um ponto. Mesmo assim, 47 ouviu o homem gritar de dor. Mas o sujeito empunhou o QBZ-95 e começou a disparar de novo. O Agente 47 decidiu ir na direção oposta à que deveria escalar. Era a única maneira de evitar ser atingido. Ele não tinha ideia de como a nova rota seria ou para onde o levaria, mas ele tinha que se mover.

Então ele sentiu um tremor.

*Onde Diana tinha se metido?*

O penhasco ribombou sob suas pernas.

*Mexa-se! Mexa-se! Agora! Vai!*

Mas o atirador chinês bloqueou seu caminho com uma barreira de morte...

# SETE

... assim como o Learjet sacudiu fortemente, continuando o seu despencar em direção ao mar.

O Agente 47 saiu do transe em que se encontrava e voltou ao presente. Ele ainda estava preso ao assento na cabine do avião, totalmente impotente. Ele considerou abrir a escotilha de emergência e pular antes que a aeronave colidisse com a água. Será que ele sobreviveria? Possivelmente. Valia a pena tentar. Ele tinha o colete salva-vidas. Se a queda não o matasse, ele poderia inflar o colete na água. Melhor que ficar ali sentado com um cinto de segurança inútil atravessado no peito.

Ele desafivelou o cinto e se levantou. O assassino agarrava os encostos dos assentos conforme se dirigia até a porta, localizada logo atrás da cabine do piloto. O avião despencou brutalmente, derrubando 47. Ele se ergueu para continuar o que poderia ser seu último ato, mas então se lembrou da maleta. Se ele ia morrer, queria morrer com suas amadas ferramentas. O assassino refez o caminho, movendo-se desajeitadamente pela cabine enquanto o jato sacudia e se inclinava erráticamente. Ao chegar ao seu assento, 47 se inclinou e pegou a maleta estampada com sua insígnia, similar a uma flor-de-lis.

De volta à porta.

Ele não ousou olhar pela janela enquanto se movia. Quantos segundos ele ainda tinha? Um minuto ou dois? Menos?

Foi necessário um esforço quase sobre-humano para chegar à escotilha. As instruções para a abertura de emergência estavam impressas do lado de dentro. Não era nada complicado. Empurre esta alavanca, puxe aquela.

*Então vamos. O que você está esperando?*

Empurrar. Puxar.

A escotilha se separou da fuselagem e disparou no espaço. Uma forte rajada de ar úmido quase arrancou o agente 47 junto, mas ele se segurou a uma alça de segurança e manteve os pés contra a fuselagem.

Agora ele podia ver o abismo da morte lá embaixo. Trezentos metros? Menos? Era difícil saber ao certo com a tempestade golpeando a porta da aeronave.

Mas era óbvio que ele só tinha alguns segundos.

*Pule!*

Se ele pretendia pular, aquela era a hora.

*Pule!*

O Agente 47 se escorou na escotilha e foi atingido por uma rajada de vento e chuva. Por um momento, ele não pensou que estava caindo; só tinha a sensação de estar suspenso em um turbilhão. Ele percebeu de forma incongruente que ainda agarrava a maleta. O assassino achou ter visto o jato fazer uma curva em meio às trevas ao seu redor, mas não tinha certeza. Ele estava cego e surdo por causa do inferno caótico ao seu redor.

Sem nenhuma razão lógica, ele começou a contar consigo mesmo.

*Um... dois...*

Ele estava mesmo se movendo? O redemoinho frio e frenético estava fazendo-o girar vezes sem fim?

*Três... quatro...*

O barulho era insuportável. Era como estar em meio ao rugido de mil feras.

*Cinco... sei... set...*

Uma parede de *gelo* bateu contra seu corpo e a cacofonia cessou abruptamente. O poderoso vento cessou, e foi substituído por um envelope de líquido gélido.

Por um momento ele talvez tenha perdido a consciência. Não havia como saber.

*Relaxe. Não lute contra. Fique flexível.*

Anos de treinamento haviam condicionado o Agente 47 a se render completamente ao mar. Lutar contra ele seria desastroso. A única maneira de subir à superfície e obter o precioso oxigênio era se tornar uma partícula de lixo oceânico, inerte e sem peso.

E funcionou.

A cabeça calva do Agente 47 irrompeu na superfície e ele arquejou, puxando o fôlego. Foi só então que ele moveu os braços e as pernas, esforçando-se para nadar. O mar estava revolto e extremamente perigoso.

Incrivelmente, ele ainda segurava a maleta. Como se fosse uma extensão do seu braço.

*O colete salva-vidas!*

Ele quase o esquecera.

Com a mão livre, ele puxou o tubo e o enfiou na boca. Soprar era extremamente difícil. Era difícil o bastante respirar normalmente naquelas condições, mas ainda assim ele conseguiu. Levou uma eternidade, mas o colete lentamente se inflou e fez o assassino flutuar.

Completamente exausto, o Agente 47 permitiu que as ondas o carregassem para onde quisessem, cedendo a um cobertor de inconsciência sombria.

Vozes e ruídos entravam e saíam sorrateiramente de sua mente. Suas pálpebras se abriram hesitantemente, e luzes brilhantes e borradas perfuraram suas retinas como lanças. Ele sentiu vontade de tossir, mas o esforço só produziu um gorgolejar sufocante. Havia mãos sobre ele, empurrando e puxando...

Ele ouviu as palavras claramente:

– Ele está vivo!

E então ele afundou novamente em um casulo de vazio.

Quando ele abriu os olhos outra vez, sua visão estava menos borrada. As luzes brilhantes ainda estavam sobre ele, que percebeu que já não flutuava impotente no oceano. No entanto, a sensação de balanço, de ser jogado pelas ondas de um lado para o outro, ainda estava presente.

O Agente 47 jazia em uma cama. Estava vestindo um camisolão de hospital e coberto com lençóis e cobertores mornos. Uma agulha intravenosa estava enfiada nas costas de sua mão direita. O soro estava ao lado, em um suporte perto da cama. Virando a cabeça, ele viu uma enfermeira com as costas voltadas para ele.

Ele tossiu, mas soou como um coaxar ininteligível.

Ela se virou. Cabelo escuro, cerca de trinta anos.

– Ah, você acordou! Eu vou chamar o doutor.

*Onde eu estou?*

O assassino estudou o ambiente. Não era um quarto comum de hospital. Pequeno demais. As janelas eram redondas. Escotilhas.

Ele estava em um barco.

Não era surpresa que ainda sentisse o balanço do mar.

Um homem negro de jaleco branco entrou na cabine, seguido da enfermeira. Ele tinha uns cinquenta anos, usava óculos e tinha um rosto bondoso.

– Bom dia – disse ele, com sotaque britânico. – Meu nome é Dr. Chalmers. Como você está se sentindo?

O Agente não respondeu.

– Você passou por maus bocados. Teve sorte de estarmos por perto. Nós tiramos você da água. Você já estava quase se afogando.

O assassino continuou sem dizer nada.

– Não se preocupe. Você vai ficar bem. Você é bem forte.

Ele já sabia disso.

– Estamos administrando o soro por via intravenosa. Você está desidratado. É irônico, não? Desidratar no meio do oceano?

O assassino não respondeu.

O médico apontou para o estetoscópio que levava no pescoço.

– Posso verificar seus sinais vitais? – Sem esperar por resposta, o homem se inclinou para ouvir a respiração de 47. O assassino não protestou.

– Seus pulmões estão limpos. – O médico acenou para a enfermeira, que envolveu o pulso esquerdo de 47 com um tensiômetro para medir sua pressão. Ela o insuflou e o deixou se esvaziar.

– Onze por sete – disse ela.

– Muito bom – comentou o médico. – Aposto que você está com fome e com sede. A enfermeira Parkins vai lhe trazer um suco e algo pra comer. Descanse. Você passou por um momento difícil.

A enfermeira saiu rapidamente da cabine. O médico esperou que 47 dissesse alguma coisa; mas o paciente permaneceu calado e o

médico se virou para sair. Ele parou na curva escotilha, se voltou e respondeu à pergunta não feita.

– Tudo será explicado em breve.

E então saiu.

Foi só então que o Agente 47 notou a insígnia gravada no saco de gotejamento. Era triangular; um crânio e ossos cruzados encimados por uma coroa no centro da pirâmide, com a frase em latim *Merces Letifer* embaixo.

– Carga letal.

O emblema da ACI.

A Agência.

Depois de uma refeição composta de ovos mexidos, torrada e suco de laranja, o Agente 47 sentiu suas forças retornando. Ele queria sair da cama e descobrir o que estava acontecendo. Dado que estava em um navio, ele imaginou tratar-se do *Jean Danjou II*, o superiate da Agência. O que mais poderia ser?

A possibilidade de a ACI tê-lo encontrado o perturbava. Ele queria permanecer oculto. O assassino esperava que, se algum dia decidisse recontatar a Agência, teria de ser em seus termos.

Subitamente, ele voltou a sentir a desagradável e familiar sensação de ansiedade no peito. Quanto tempo fazia desde que ele tomara o último comprimido de oxicodona? Os sintomas de abstinência logo o atingiriam com força total. Onde estava sua mala? Suas roupas? Seus analgésicos?

Antes que ele pudesse tentar sair da cama, uma jovem asiática e atraente, vestindo um *tailleur* executivo e carregando um notebook, entrou na cabine.

– Bom dia, Agente 47 – disse ela, sem qualquer sotaque. – Meu nome é Jade. Eu sou assistente sênior da equipe de gerenciamento da ACI. A esta altura acho que você já sabe que somos nós.

O Agente 47 a encarou por vários segundos e então assentiu.

– Imagino que você tenha muitas perguntas. O senhor Travis logo estará aqui para conversar com você. Ele será seu novo contato.

O assassino falou pela primeira vez desde que tinha sido resgatado.

– Eu não trabalho mais para a Agência.

Jade aquiesceu.

– O senhor Travis vai conversar com você sobre isso. Enquanto isso, estou autorizada a informá-lo de que estamos a bordo do *Jean Danjou II*, e estávamos...

– Eu sei disso.

– ... estávamos navegando pelo Atlântico, bem próximo ao Caribe. Nós vínhamos procurando por você há meses. Seu último empregador, o homem que você conhece por Roget, nos alertou, por um preço, que seu avião estava deixando a Jamaica, e que você estava nele.

– Não havia piloto a bordo.

– Nós pedimos a Roget que ligasse o piloto automático para que pudéssemos pousar o avião com segurança na água. Infelizmente, houve uma tempestade e um motor falhou. Parece que você danificou a caixa de controle remoto, e não pudemos ajudá-lo. Por sorte, estávamos por perto quando o jato caiu, mas ainda assim demoramos várias horas para encontrar você. Você é um homem de muita sorte.

Estaria ela dizendo a verdade? O Agente 47 supunha que a história soava plausível. Ele também sabia que a Agência era capaz de engodos.

Um homem de meia idade de terno apareceu na entrada. Ele usava óculos, bigode, e estava um pouco acima do peso.

– Como está o paciente? – perguntou ele.

– O Dr. Chalmers diz que ele está muito bem – respondeu Jade. – Agente 47, este é Benjamin Travis.

O homem se aproximou da cama e estendeu a mão. O assassino a ignorou, Travis deu de ombros.

– Eu posso imaginar como você está se sentindo. Esconder-se da Agência por um ano e de repente se ver no nosso navio. Aposto que você está pensando que armaram pra você.

– Onde está Diana? – perguntou 47.

Travis e Jade trocaram olhares, então ele continuou.

– Eu vou chegar lá. Quero lhe assegurar de que o que Jade lhe disse é verdade. Sim, nós queríamos encontrá-lo. Sim, nós teríamos pagado bastante dinheiro para ter você de volta, e pagamos. Sim, Roget trabalhou para nós, de certa forma. Como informante e, às vezes, como contratante. Sinto muito que o voo não tenha saído como o planejado.

– Onde está Diana? – o assassino perguntou outra vez, com um pouco mais de insistência na voz.

– Muito bem. – Travis pegou uma cadeira e se sentou. Jade continuou de pé. – Diana Burnwood traiu a Agência. Ela causou um dano irreparável à organização ao comprometer um projeto secreto em que nossa alta administração estava trabalhando. E... abandonou você durante uma missão crucial. A missão no Himalaia não teria fracassado se ela não tivesse fugido. Ela o deixou em uma posição vulnerável. Suponho que você se lembre disso.

Ele lembrava. Os olhos do Agente 47 se estreitaram enquanto vasculhavam o rosto de Travis à procura de artifícios.

– O que aconteceu? – perguntou, finalmente.

– Eu não posso entrar em detalhes confidenciais, basta dizer que ela quis que você morresse. Diana achava que você era o único que poderia ser mandado atrás dela quando descobríssemos sua traição. E ela tinha razão. Assim que soubermos onde ela está se escondendo, nós *vamos* mandar você atrás dela. Afinal, você a conhece melhor do que ninguém.

– Eu não trabalho mais para a Agência.

– Eu esperava que pudéssemos discutir isso.

– Eu não trabalho mais para a Agência.

– Escute, 47. Pode fazer isso?

O assassino ficou quieto.

– Sabemos que você vem trabalhando como autônomo. Sabemos que você está recebendo muito menos do que você merece. Está abaixo de você, 47. Você era o bem mais valioso da Agência. Nós queremos você de volta. Estamos preparados para dobrar os seus honorários.

– Não me importo com o dinheiro.

– Nós sabemos que não. Nunca se importou. Mas você se importa com sua reputação. Você se importa com a qualidade do seu trabalho. E com aquilo que faz de melhor.

– Estou longe de estar cem por cento operacional.

– Nós achamos que está – disse Travis. – O fato de você ter sobrevivido à queda do avião e às horas que passou em alto-mar provam que está. Você sabia que ficou flutuando em águas terrivelmente perigosas por sete horas antes de resgatarmos você? Isso é extraordinário. Qualquer outro ser humano, mesmo um com a sua, digamos, estrutura genética *especial*, não teria suportado a provação. Mas você aguentou, 47. Nós todos ficamos atônitos e... humilhados.

Ele não respondeu.

– Olha, por que não descansa um pouco? Pense a respeito durante a noite. As últimas vinte e quatro horas foram bem difíceis para você. Mas, francamente, nós precisamos de você. Temos uma missão urgente que é perfeita para você. Não precisamos executar testes, mas você poderia provar para si mesmo que está, como você disse, cem por cento operacional. E você não quer dar o troco em Burnwood? Ela abandonou você, o deixou pra trás como um pedaço de carne jogado aos cães.

O assassino não sabia o que pensar sobre Diana. Estavam faltando fatos. Mas Travis estava certo. Se ela intencionalmente causara o fracasso da missão no Himalaia, então ela merecia toda a sua... *atenção*.

– Qual a missão? – perguntou ele.

Travis se levantou.

– Essa pode ser a missão mais difícil da sua carreira. Considere como um desafio. Mas por que você não descansa por hoje? Falaremos sobre isso amanhã. Isso pode esperar. – Ele apontou para dois botões na cama de 47. – Se você precisar de alguma coisa, use os botões. O vermelho chama a enfermeira. O azul é pra nós.

– Onde estão minhas coisas? Vocês recuperaram a minha maleta?

Travis sorriu.

– É incrível, 47. Mesmo inconsciente, sendo arremessado pelas ondas, você se agarrou à maleta feito um condenado. Nós estamos

com ela. – Ele acenou na direção de um armário do outro lado da cabine. – Está tudo ali. Suas roupas, tudo. Nós lavamos seu terno a seco. Está novo em folha dentro no armário. Nós abrimos a maleta para verificar suas armas, e elas estão bem. Vai ser preciso limpá-las, passar óleo, tudo o que for preciso para deixá-las em ótimas condições, mas miraculosamente todas as suas coisas vieram com você. Você é um em um milhão, 47. A Agência ficará muito grata, e fará valer a pena, se você decidir se unir a nós outra vez.

Dito isso, o homem assentiu na direção de Jade, e os dois saíram da cabine.

O Agente 47 esperou alguns minutos e então afastou os lençóis. Ele colocou as pernas para fora da cama e pisou no chão com os pés descalços. Agarrou o suporte do soro, que tinha rodas, e o arrastou pelo piso enquanto caminhava cambaleante até o armário. Ele o abriu e viu o terno negro pendurado e em ótimas condições. A maleta estava no fundo do armário. Ele a pegou e a levou até a cama. Ao abri-la, examinou as duas Silverballers, e então procurou a trava oculta que abria o compartimento oculto sob as armas. Seus vários passaportes, moedas de vários países e fios de carbono estavam lá.

Assim como os analgésicos.

O Agente abriu o frasco de comprimidos, pegou dois e os engoliu com o resto do suco.

Devolveu cuidadosamente tudo ao seu lugar, trancou a maleta no armário e voltou para a cama.

O sono chegou rapidamente. Mas o vulto da Morte, misericordiosamente, não apareceu.

# OITO

A noite seguiu tranquilamente e o Agente 47 dormiu como não o fazia em meses. O movimento suave do navio talvez tivesse ajudado. Na metade do segundo dia na embarcação, ele já se sentia revigorado. Travis mandou avisar que eles jantariam juntos e conversariam naquela noite – nesse ínterim, ele podia ficar à vontade a bordo do *Jean Danjou II*.

Embora fosse ferozmente independente, 47 deixou que a enfermeira Parkins o mimasse. Era gratificante ser servido. Parkins e o Dr. Chalmers logo notaram que o assassino era um homem de poucas palavras e desistiram de envolvê-lo em conversas. No entanto, eles o incentivaram a sair da cama, se vestir e dar uma volta.

O iate era imenso. O Agente 47 percorreu todo o convés, da popa à proa, e então explorou o interior do navio. Nenhum guarda o impediu de entrar nas áreas restritas. Ele passou algum tempo na cabine de comando, observando a variedade de operações e de pessoal. Ele supunha que Travis estava tentando transmitir confiança. O sujeito queria que 47 voltasse a se sentir parte da equipe.

A mulher conhecida como Jade parecia ser muito competente. Ela lidava com a cabine de comando com calma e eficiência admiráveis. Travis entrava e saía, dando ordens e ouvindo relatórios. Em determinado momento, reparou em 47 e perguntou como ele se sentia. Ele respondeu que estava bem, e Travis disse que estava ansioso pelo encontro mais tarde. Fora ele, os demais no navio ignoravam a presença do assassino. Ele tinha sido autorizado a permanecer atrás das diversas estações de trabalho e analisar os monitores de computadores, mapas e dados vindos de todas as

partes do mundo. A Agência estava atarefada. Aparentemente, o ramo de assassinatos não estava ameaçado pela recessão.

O jantar daquela noite foi servido na sala de jantar executiva do iate, projetada em um luxuoso estilo Luís XIV de decoração, como se o lugar fosse um restaurante francês requintado. Os garçons usavam uniformes formais, com luvas brancas. Travis, Jade e 47 eram os únicos comensais.

A comida era de excelente qualidade. Eles começaram com uma garrafa de Dom Pérignon – que o assassino tinha de admitir que era suave ao paladar. O Agente 47, que não tinha o hábito de beber muito, apreciava vinhos finos e champanhe. Era um homem de gostos caros, mas no último ano não tinha conseguido saborear as iguarias a que estava acostumado. Ele sabia bem que se tratava de um artifício para atraí-lo de volta à Agência, então ele decidiu que também tiraria proveito.

Uma garrafa de Château Pétrus, um dos melhores e mais caros vinhos do mundo, foi servida com o jantar, que consistia em uma seleção de filé mignon de Kobe, lagosta a termidor e uma variedade de legumes no vapor. Um pão chalá recém-cozido, uma receita ortodoxa de Jerusalém, foi servido incoerentemente com o restante da comida, mas revelou-se um acréscimo surpreendentemente apropriado.

O Agente 47 recusou um xerez seco após o jantar, mas aceitou de bom grado um *crème brûlée*.

Foi a sua melhor refeição em mais de um ano.

Travis tentou puxar conversa enquanto os três comiam, mas o assassino não se manifestou muito. Durante o silêncio constrangedor, 47 dedicou-se a imaginar o que Travis teria a dizer e como diria. O assassino nunca poderia confiar plenamente nele nem em sua charmosa assistente, mas ao menos 47 lhes daria o benefício da dúvida – por enquanto. A história que lhe haviam contado a respeito de Diana Burnwood ainda o perturbava. Teria ela sido capaz de traí-los, ele e a Agência? Ele não achava que seu antigo contato pudesse fazer algo assim. Além disso, ele sabia que qualquer matador a serviço da Agência seria desvinculado se algo de errado acontecesse durante uma missão. Será que Diana se

comprometera de alguma forma? Sua única alternativa talvez tenha sido deixá-lo.

A única coisa que 47 podia fazer era entrar no jogo. Se reingressar na Agência o levaria à Diana – se ainda estivesse viva – e às respostas que ele procurava, que fosse.

– Decidi aceitar a sua proposta – o assassino anunciou inesperadamente enquanto Travis acendia um charuto.

Travis ergueu a sobrancelha.

– Decidiu? – Travis trocou olhares com Jade e sorriu. – Bom, então tudo bem! Pensei que eu e Jade teríamos de dobrá-lo com promessas de carros esportivos italianos, mulheres e participação nos lucros da companhia!

– Não ligo para nada disso. Eu vivo pela excelência. Pelo que me parece, você está me fazendo um acordo justo para recuperar meu nome e a glória que ele costumava ter. O desafio é bem-vindo.

O Agente 47 acreditou se tratar de uma explicação razoável para um homem superficial como Travis. Havia um fundo de verdade nisso, mas o matador percebeu que o melhor seria dançar conforme a música.

Travis ofereceu um charuto a 47, que meneou a cabeça negativamente.

– O pessoal da alta gerência ficará bastante animado quando souber que seu valioso ativo está de volta a bordo. Obrigado, 47. Isso significa muito para nós.

Ele estendeu a mão, mas 47 não retribuiu o gesto. Desconcertado, Travis desistiu e fez sinal para que o homem alto e careca o seguisse até a outra sala.

– Vamos falar aqui. Jade, você poderia fazer anotações, por favor?

– Sim, senhor.

Os três se dirigiram a um ambiente não muito diferente das bibliotecas ou escritórios de mansões inglesas – tinha até uma lareira acesa. Não fosse por um balanço sutil, 47 sequer lembraria que estava em um navio.

Travis apontou para uma poltrona de couro.

– Sente-se.

Ele se sentou em um móvel idêntico em frente a 47, enquanto Jade, com um bloco de notas no colo, acomodou-se na extremidade de um sofá perpendicular a eles.

– Bom, então, vamos à missão – Travis começou. – Você está a par do que se passa com a política americana atualmente?

O Agente 47 deu de ombros.

– Eu não dou muita atenção a isso.

– A economia americana está em apuros. Ela enfrenta a maior depressão desde 1930, ainda que o governo não admita. O Presidente Burdett perdeu o apoio popular. O Congresso, constituído de democratas e republicanos, é ridicularizado por sua incompetência e insignificância. Nos últimos anos, um terceiro partido ascendeu ao poder. O Primeiro Partido da América é conservador, de extrema-direita e antiestatista. Nas últimas eleições para o Congresso, vários membros do Primeiro Partido da América foram eleitos. As eleições presidenciais acontecerão em um mês. Dana Shipley Linder, uma senadora filiada ao PPA, é apontada como favorita.

– Ok – disse 47.

Jade falou em seguida:

– Em meio a tudo isso, há revoltas de grupos terroristas militantes ocorrendo por todo país. O maior deles é o Novo Modelo de Exército, também conhecido como Exército Novo, liderado por um indivíduo...

– Um lunático, isso sim – interrompeu Travis.

– ...chamado Cromwell. Você deve lembrar que Oliver Cromwell, líder de uma insurreição contra a monarquia inglesa em 1640, deu o nome de Exército Novo às suas tropas. Supomos que tenha servido de inspiração para esse outro Cromwell.

– Eu ouvi falar desses grupos terroristas – comentou o agente.

– Eles destruíram uma série de propriedades federais. Eles estão incitando a violência e usando o povo americano para se rebelar contra o governo. E estão tendo êxito.

Travis retomou a palavra:

– Bem, você já ouviu falar de um homem chamado Charlie Wilkins?

– Ouvi.

– Celebridade rica e proeminente dos Estados Unidos. Proprietário de uma rede de *fast-food*, de uma rede de TV a cabo e apresentador de um programa de entrevistas muito popular. E, mais importante, ele é o líder de uma religião chamada Igreja da Vontade. Já ouviu a respeito?

– Um pouco.

– É bastante abrangente e um braço do movimento do Primeiro Partido da América. Dana Linder faz parte da Igreja da Vontade, e é bastante amiga de Charlie Wilkins. O governo dos Estados Unidos acredita que a Igreja da Vontade e o Exército Novo têm alguma relação. Talvez Wilkins os financie. Não se sabe.

– Wilkins não parece se encaixar no perfil de um militante – rebateu 47.

– Não, de fato – concordou Jade. – Ele é muito querido por boa parte da população americana, e os demais o veem como um inofensivo apresentador que conseguiu convencer milhares de pessoas a se juntar à sua religião.

– Ou o que quer que isso seja – falou Travis. – Trata-se de uma seita maluca, se você quer saber. Mas isso não diz respeito à missão. Ou talvez diga. Você vai ter que descobrir.

– Qual é a missão? – indagou 47, perdendo a paciência.

– Na verdade, a missão se divide em duas partes. A primeira parte está bem definida, envolve custos muito altos e algumas condições especiais. A segunda parte é um “talvez”, cuja execução depende dos desdobramentos da primeira etapa.

– Você poderia ser mais preciso?

Travis pigarreou.

– O primeiro alvo é Dana Linder.

O Agente 47 não esboçou reação visível. Ele já tinha recebido e concluído operações mais desafiadoras.

– A candidata à presidência.

– Exato.

– Quem é o cliente? – ele perguntou.

– Anônimo – Travis respondeu. – Não sabemos quem é, mas já depositou um adiantamento considerável. Dito isso, suspeitamos que o cliente seja da atual administração dos Estados Unidos. A CIA.

Talvez o próprio Presidente Burdett. Quem mais teria interesse em eliminar um adversário nas eleições? Faz sentido. O Primeiro Partido da América e a Igreja da Vontade estão de conluio, o governo americano certamente não quer vê-los comandar o povo em uma revolução que poderia mudar a cara do país. Washington compreensivamente deve considerá-los uma ameaça.

– E quanto às condições especiais?

– O cliente quer que o ataque a Linder ocorra durante a semana e em espaço público, com testemunhas. E, é claro, você não pode ser visto nem preso.

O Agente 47 torceu os lábios.

– Não é impossível. Quem é o segundo alvo?

– Charlie Wilkins – disse Travis –, mas você deve esperar até que o cliente dê carta branca. Com Linder morta, Wilkins pode surgir como candidato à presidência. Ou não. Depende disso. E em função da notoriedade da vítima e de sua proteção, o cliente acredita que a única maneira de chegar até ele seja pelos bastidores. Disfarçado.

– Dentro da Igreja da Vontade, você quer dizer?

– Isso mesmo.

O Agente franziu a testa.

– Parece... estranho.

– Deve parecer que o ataque partiu de alguém de dentro da Igreja – afirmou Jade –, isso é importante para o cliente. Como você sabe, as motivações dos clientes nem sempre são muito claras. Não cabe a nós questionar.

– Você terá que fazer o dever de casa em ambas as etapas. Você, melhor do que ninguém, sabe como lidar com isso. Jade e eu seremos seus contatos. A Agência estabeleceu uma nova rede global para a entrega e recolhimento dos equipamentos. E você tem seus próprios contatos em campo, mas podemos arranjar novos contatos, se quiser. Queremos que você dê as cartas, 47. Isso é parte do novo método. Você notará algumas diferenças na Agência. Mais flexível aos nossos contratados.

– Eu sempre “dei as cartas”, como você diz. Diana me dava total autonomia.

– Então nós queremos continuar essa política. – Travis inclinou-se para frente. – Queremos que você confie em nós, 47. Estamos formando uma nova parceria. A Agência está oferecendo a você uma segunda chance. Você se lembra do procedimento da ACI em relação a colaboradores que saem dos trilhos, como você?

– Eu deveria ser eliminado – respondeu 47, esboçando um sorriso.

– Exato. Mas não vai ser assim desta vez. Nós precisamos de você. Você nem imagina o quanto. *Mas...* – Travis recostou-se novamente.

– Se você sair dos trilhos de novo, não me responsabilizo pelo que a alta gerência vier a fazer.

O agente 47 encarou Travis de forma fria e penetrante, até que este desviou o olhar e acrescentou:

– Só para avisar.

Um silêncio tomou conta do ambiente. O matador sabia que deveria dizer alguma coisa, mas não o fez.

– Está bem – falou, enfim. – Amanhã eu parto para os Estados Unidos.

# NOVE

Park Slope, Brooklin. Um bairro de classe média alta da cidade de Nova York. Famílias. Escolas. Edifícios residenciais. Parques onde as pessoas passeiam com seus cães e veem os filhos brincando. A maioria descreveria o ambiente como idílico.

O Agente 47, que não tinha referências quanto ao que viria a ser uma vida familiar e “normal”, não via o ambiente como tranquilo. Para ele era só mais uma paisagem de moral conflituosa, felicidade fingida e potencial para violência. Desde a infância, o assassino sabia que o mundo não era um lugar amigável. Relações e valores eram estranhos para ele. Intelectualmente, ele entendia que não era comum, que era uma aberração da natureza e que seu ofício estava fora dos padrões aceitos socialmente. Apesar de sua aparência notável, o Agente 47 tinha a habilidade de se tornar um camaleão, misturando-se às massas e interpretando um papel. Se precisasse ser um típico homem de negócios americano por uma ou duas horas, ele seria. Se precisasse ser um açougueiro, padeiro ou garçom, assumiria as identidades com facilidade. Se precisasse demonstrar ternura ou compaixão, ou fingir que acreditava em Deus, ele também podia fazê-lo. Era tudo parte do seu ofício.

Isso não significava que ele precisava acreditar de verdade.

O matador posicionou-se na esquina da Terceira com Sétima Avenida para observar a casa do outro lado da rua, quando a mulher abriu a porta e saiu com seus dois filhos. Ele estimou que o garoto tivesse sete anos. A menina era mais nova, cinco anos, talvez. Estavam agasalhados para a manhã de outono e indo para a escola. Primeiro ano do ensino fundamental para o menino? A menina talvez estivesse no jardim de infância. Ele não tinha certeza. Ele nunca frequentara a escola nem tivera esse tipo de integração social.

A mulher, que parecia ser uma mãe e dona de casa comum e ter trinta e poucos anos, caminhava pelo quarteirão levando um filho em cada mão. Ele era paciente. Esperaria a mulher voltar. Não demoraria. Deixar as crianças na escola, beijá-las e prometer retornar para buscá-las mais tarde. Estimou que ela voltaria em dez ou quinze minutos.

O assassino entrou na cafeteria e pediu uma xícara de café preto. Não entendia por que os clientes tinham que fazer misturas extravagantes – um *latte* assim, um mocha assado, um cappuccino qualquer coisa – quando tudo o que queriam era só cafeína. Eles podiam entrar e sair da cafeteria bem mais rápido se pedissem apenas café. Mas os caprichos e desejos do cidadão médio não significavam nada para 47; se tentasse adaptar-se, só se sentiria estranho.

Vestindo sua roupa de costume, terno negro, camisa branca e gravata vermelha, ele se sentou para tomar o café, deixando a maleta no chão, ao seu alcance, e ficou observando o fluxo de pessoas na rua pela janela.

Sem dúvida alguma, seres humanos eram estranhos e peculiares.

E ele mais ainda.

A mulher voltou para casa exatamente doze minutos depois de sair. Ela vasculhou a bolsa, pegou as chaves, destrancou a porta e entrou. Ele sabia que o pai das crianças morava em Manhattan. Eram divorciados.

Ela estava sozinha.

O assassino terminou o café, jogou fora o copo e saiu da cafeteria carregando sua maleta.

O dia estava bonito e ameno.

Hora de trabalhar.

Tocou a campainha como se fosse um caixeiro viajante. Depois de alguns instantes, notou uma movimentação no olho mágico. Ela sabia que ele estava ali. Pôde perceber sua hesitação. Mas então ela abriu a porta.

– Puta merda. O Agente 47 em pessoa! – falou ela.

– Cherry.

– Meu Deus! Disseram que você estava morto.

– Ainda não.

Olhou-o de alto a baixo, como para se certificar de que ele não era um fantasma. Depois de um momento de silêncio, ela deu um passo para o lado e gesticulou para que ele entrasse. Ele entrou e ela fechou a porta atrás de si.

Cherry Jones era um dos muitos contatos que o Agente 47 conhecia pelo mundo. Ninguém suspeitava que essa mãe americana, divorciada, comum e modesta, era uma traficante de armas de alto nível, distribuidora de drogas e informante do FBI, tudo em um só pacote. Cherry parecia ser completamente inofensiva, mas 47 sabia que ela era perigosa e mortífera.

Ela o levou até a sala de estar.

– Aceita um café?

– Acabei de tomar um do outro lado da rua.

Ela assentiu, entrou na cozinha e serviu para si mesma uma xícara da cafeteira sobre o balcão. Quando retornou para a sala, segurava o café na mão esquerda e uma Smith & Wesson na direita.

– O que o traz aqui, 47?

– Livre-se disso, Cherry. Vim aqui a negócios.

– Pensei que você talvez tivesse vindo para cobrar aquela velha dívida.

– E eu pensei que talvez pudéssemos conversar sobre isso.

– Eu ia pagar. Mas a vida interferiu. Eu me divorciei. E tinha dois filhos para criar. Você sumiu. Como eu disse, achei que você estivesse morto.

– Livre-se da arma e vamos conversar.

Ele colocou a maleta no chão e exibiu as mãos vazias

– Eu não estou armado.

– Mentiroso. Você sempre está armado. Só não posso ver suas armas.

Ele deixou transparecer um leve sorriso.

– É justo.

Cherry pôs a arma sobre a mesa e se sentou. A Smith & Wesson estava bem a seu alcance e 47 sabia que ela podia pegá-la e descarregar um cartucho antes que a maioria das pessoas pudesse simplesmente começar a pensar em fazê-lo.

– O que você quer? – perguntou ela.

– Eu fiz um empréstimo de cem mil dólares pra você – ele disse, enquanto afastava um carrinho de bombeiro com o pé. Então se sentou no sofá e cruzou as pernas. – Estou disposto a perdoar o tal empréstimo, mas preciso de equipamento e algumas informações com urgência.

– Estou com o estoque de armas em baixa atualmente. Os negócios vão mal. Quanto às informações, depende do que você quer.

– Você tem arquivos secretos do FBI. Eu sei que aquele seu computador no porão está ligado à rede deles. É possível ter acesso a qualquer documento, arquivo, foto ou relatório com aquele computador. Não é verdade?

– Talvez.

– Vamos para o porão e eu digo o que estou procurando. Também quero dar uma olhada no que você tem no estoque. Há um item de que preciso.

– Qual?

– Vou saber quando o vir.

Cherry tomou mais um gole de café.

– Então você vai esquecer os cem mil? Por uma peça de equipamento e umas informações secretas do FBI?

– Sim.

– Isso é muito bondoso da sua parte, 47. Tudo bem, vamos lá.

Ela pegou o revólver e levantou:

– Espero que não se incomode se eu continuar segurando isso.

– Se faz você se sentir mais segura...

Ela virou a cabeça em direção a uma porta. Cherry a abriu, revelando uma escadaria. O Agente a seguiu, descendo a escada até chegarem a uma sala cheia de brinquedos, uma televisão de tela plana e uma esteira ergométrica. Cherry abriu outra porta e eles entraram em uma sala que, obviamente, era proibida aos seus filhos.

Estava repleta de armas sobre mesas e prateleiras. Rifles de assalto de alta tecnologia, revólveres, bazucas, granadas de todos os tipos e funções, facas, espadas e pequenas bombas.

– Aqui estamos, 47. “Brinquedos Letais S.A.” – disse ela, dando uma risada.

– Você tem uma vida agradável, Cherry.

– Dá para viver bem. Mas, como disse, os negócios estão em baixa. Muita concorrência.

O assassino caminhou entre as mesas examinando as peças. Parou em frente à mesa das granadas e bombas. Pegou uma delas e a examinou.

– Isso aqui funciona?

– Claro que funciona. Quer dizer, não vai matar ninguém, mas desempenha perfeitamente a função para a qual foi projetada.

Ele assentiu e colocou o objeto, do tamanho de uma pera, no bolso da jaqueta:

– Vou levar.

– Tudo bem.

Ele continuou procurando, parou na mesa de facas, avaliou algumas, devolveu-as e prosseguiu. Encontrou uma estante cheia de fogos de artifício chineses.

– Por que você tem isso aqui? – ele perguntou.

– A venda de fogos de artifício é proibida na cidade – Cherry explicou. – Na maioria dos estados, é preciso sair da cidade para comprá-los. Facilito a vida dos moradores de Nova York quando querem celebrar o 4 de julho ou o Ano Novo. Os fogos não são perigosos de verdade – disse ela, dando de ombros.

– Mas fazem bastante barulho, certo?

– Claro. Alguns fazem.

– Quero esses.

Ela escolheu alguns e passou para ele.

– Por conta da casa. E nem vou perguntar para que você precisa deles.

– Obrigado.

– E drogas, não quer? Tenho anfetaminas, metanfetaminas, cocaína, heroína, oxicodona e maconha. – Ela apontou para um armário onde dúzias de garrafas e latas estavam armazenadas. – Ah, desculpa, esqueci que você não curte nada disso.

Ele a observou durante uns instantes e então disse:

– Vamos ligar o computador.  
– Não quer mais nada?  
– Não.  
– Você é um cara estranho, 47. – Ela foi até a mesa, se sentou e ligou um Mac de última geração. O matador ficou em pé, atrás dela.  
– Então, o que quer saber?

– Tudo o que o FBI tiver a respeito de Cromwell e o Exército Novo. Também preciso dar uma olhada no material sobre Charlie Wilkins, para verificar se há alguma evidência de conexão entre os dois.

Cherry riu.

– Charlie Wilkins? Tá brincando, né?  
– Não.  
– Ele é um pastor. Qual o nome da religião dele, Igreja de alguma coisa...?

– A Igreja da Vontade.  
– Isso! As pessoas o adoram. Diabos, até eu assisto ao programa na TV de vez em quando. É um bom entretenimento. Melhor que os *reality shows* que tem por aí. Você está louco, 47. É como dizer que Gandhi era terrorista.

– Só me mostre os documentos, Cherry.

– Tá bom.

Ela pôs-se a trabalhar no teclado, invadiu a rede do FBI com uma senha e fez uma busca por “Novo Exército”. Mais de cem *links* apareceram.

– Nossa, 47, quer começar por onde?

Ele passou os olhos pelos tópicos e apontou.

– Clique nesse.

Era tudo o que o FBI sabia sobre Cromwell. Várias páginas de texto.

Cherry se levantou.

– Sente-se e divirta-se. Parece que isso vai te ocupar por uma ou duas horas. Vou voltar para a cozinha. Você está com fome? Quer alguma coisa pra comer?

– Não. Obrigado.

– Tente não ficar muito tempo em cada *link*. Eles monitoram essas coisas. Preciso que você termine até o meio-dia. Tenho que buscar a

Sally no jardim de infância.

– O que acontece se você não aparecer lá? – perguntou ele.

Ela o encarou intensamente.

– O que você quer dizer com isso?

– Nada. Isso pode levar um tempo.

– O meu ex-marido está na lista de contatos da escola. Mas ele teria que vir de Manhattan. Eu preferiria não fazer isso, 47; ele é um completo babaca. Gostava de descontar em mim quando ficava bêbado. Você não soube dos dois dentes que perdi há alguns anos numa dessas. Foi um divórcio horrível. Ele foi muito mesquinho e tinha um advogado melhor. Bill tem direitos de visitação, mas não sou obrigada a gostar disso. Nem as crianças gostam muito dele. E, francamente, não quero que Sally e Billy vejam você aqui. Ok?

Ela saiu, mas deixou a porta aberta.

Um bom assassino sempre fazia o dever de casa. Ele tinha como princípio estudar seus alvos, conhecê-los *pessoalmente*, mesmo que não se encontrasse com eles durante a operação. Ele já tinha investigado Dana Linder. Foi fácil. Até onde ele sabia, ela não tinha esqueletos no armário, exceto que era membro da Igreja da Vontade, e aquilo não significava muita coisa. Ela e o irmão gêmeo, Darren, perderam o pai em um acidente de caça em Maryland. Tinham doze anos então. O Agente 47 descobriu que a mãe deles estava associada a Charlie Wilkins há muito tempo. Ela e o marido eram membros da “igreja moderna” de Wilkins, precursora da Igreja da Vontade. Nos anos 1970, a Igreja de Wilkins era constituída de caravanas evangélicas. Após a morte do marido, a senhora Shipley passou a viajar com o cortejo de Wilkins carregando os gêmeos para todos os lados. Ela morreu de câncer quando os filhos ainda estavam no ensino médio. Wilkins os manteve na Igreja e os criou com a ajuda dos fiéis, arcando inclusive com os custos de boa parte da educação de Dana.

*Interessante*, pensou o assassino.

Ao examinar os vídeos com os discursos de campanha de Dana Linder, o matador sabia como realizaria sua missão. Uma execução pública era sempre complicada, mas não era nada que não estivesse ao seu alcance. Ele inclusive já tinha elaborado um plano. Mais

importantes para ele eram as informações sobre o segundo alvo, caso fosse confirmado. Wilkins era um alvo fascinante e 47 não tinha certeza se já tinha matado alguém tão famoso.

O matador estudou os arquivos e fotos. O FBI não tinha ideia de quem Cromwell realmente era, mas havia informações seguras de que ele recebera treinamento militar e tinha idade para ter servido no Iraque ou no Afeganistão. A cara que exibia na televisão não era a mesma com a qual nascera. Cirurgias plásticas mudaram significativamente sua fisionomia. Ele também tinha um braço protético, então era concebível que o sujeito tivesse participado de combates graves. Quem quer que tenha feito as cirurgias, fez um trabalho notável. Cromwell agora tinha traços severos e esculpido que lhe davam o aspecto de um deus romano. A pele estava um pouco reluzente – tinha sido enxertada, obviamente –, mas sua aparência era muito boa. Um pouco parecida com um boneco, no entanto.

O Exército Novo estava em operação há dois anos, e acreditava-se que já estivera sediado no noroeste do pacífico, provavelmente no Oregon ou em Washington. Consistia de um contingente variando entre cinquenta e cem homens, todos ex-soldados ou amadores, entusiastas do militarismo. O FBI e o Pentágono estavam investigando o possível comércio ilegal de armas entre o Exército Novo e a marinha e exército verdadeiros. Se o governo tornara-se corrupto nos últimos tempos, o mesmo acontecera com seus ramos militares.

Boa parte da população americana, apesar da atividade criminosa do EN, idolatrava Cromwell. Sempre que o FBI localizava um acampamento do EN, o grupo de alguma forma ficava sabendo do ataque iminente e abandonava o local às pressas. Acreditava-se que Cromwell e seus homens já não tinham mais uma base permanente de operações. Eles iam de cidade em cidade, trabalhando com milícias locais que lhes forneciam comida e abrigo.

E seus ataques estavam se deslocando para o leste através do país.

O Agente 47 examinou o resto do documento e passou para outro. Intitulado "O Exército Novo e a Igreja da Vontade", a pasta continha

diversos arquivos. Passou meia hora examinando cada um deles, mas nenhum era conclusivo. A única atividade suspeita em evidência indicava ligações de celulares feitas entre a matriz da Igreja da Vontade, situada na Virgínia, e possíveis acampamentos do EN. O FBI tentara grampear legalmente os telefones fixos do complexo de Wilkins, mas vários juízes indeferiram a requisição. O Agente 47 não entendeu por que o FBI não prosseguiu com as operações de grampo mesmo assim. Aparentemente Wilkins tinha mais poder e influência do que ele imaginara. Mas não havia provas definitivas de que o reverendo estava envolvido com o EN.

Um dos arquivos continha uma imagem de satélite referente ao mapa de Greenhill, o complexo da Igreja da Vontade, na Virgínia. As plantas revelavam a estrutura da mansão de Wilkins. O Agente 47 achou interessante que a casa do pastor fosse tão bem protegida. Uma janela à prova de balas com vista para um lago? Certamente Wilkins não temia um ataque anfíbio. Mesmo assim, o assassino achou que o arquivo poderia ter serventia no futuro, especialmente se ele tivesse que realizar uma operação secreta. Havia uma caixa com CDs virgens sobre a mesa. Pegou um, inseriu no drive do computador e copiou a planta do terreno no disco.

– Já terminou? – gritou Cherry do alto da escada.

Ele ejetou o disco e o pegou.

– Sim.

Ela desceu e examinou a tela.

– Pegou tudo o que queria?

– Espero que sim.

Ela tomou conta do mouse e do teclado e fechou o programa.

– Cherry, você está aí embaixo? – uma voz masculina chamou do topo da escada. Eles ouviram passos na escada.

– Merda! – ela sussurrou – O meu ex! A gente tem que...

Antes que ela ou 47 pudessem se mexer, um homem apareceu, de olhos arregalados e boca aberta. Era um pouco mais velho do que Cherry e usava um terno.

– O que está acontecendo aqui? Desde quando a gente tem *este* quarto extra na casa? – Então ele viu as armas e todo o resto. – Que

porra ...? – Ele se virou para 47: – Quem diabos é você? – e de volta para Cherry: – Você vai me dizer que *porra* tá acontecendo aqui?

– Bill, se acalme; essa é *minha* casa agora, e não é nada do que você está pensando – disse Cherry. Mas 47 notou que ela estava claramente perturbada. Ela também tinha deixado a Smith & Wesson no andar de cima. – E como diabos você conseguiu entrar aqui? O juiz disse que você não podia mais ter as chaves de casa.

– Isso, vamos chamar o juiz! – disse o homem, indo na direção da ex-mulher. – Você está com os *meus* filhos em uma maldita casa cheia de armas? Espera até o meu advogado ouvir isso. Você nunca mais vai ver esses fedelhos de novo.

Apesar da comoção, o Agente 47 teve presença de espírito para se posicionar diante da escada, bloqueando a passagem de Bill.

O ex-casal continuou a gritar um com o outro. Era óbvio que o homem não iria embora até ter conhecimento das atividades extracurriculares de Cherry. Pessoas demais seriam feridas e o assassino perderia um contato importante. E Cherry não dissera que o ex-marido costumava bater nela? Sim, as crianças sentiriam falta de um pai, mas não havia dúvidas de que ele estava andando em gelo fino agora.

Por cima dos ombros de Bill, 47 notou que Cherry fez um sinal discreto com a cabeça. Era a autorização de que precisava.

O Agente 47 falou:

– Bill.

– O quê? – disse o homem, voltando furioso para ele.

O assassino agarrou a cabeça dele com as mãos enluvadas, torcendo com violência para a direita. Com um estalo nauseante, a terceira vértebra cervical quebrou e um estilhaço atravessou a medula espinhal de Bill.

Bill caiu boquiaberto. Morreu antes de atingir o chão, seu corpo se estirou em uma posição estranha.

Um momento de silêncio.

– Obrigado, 47 – disse Cherry, expirando profundamente. – Se ele saísse daqui vivo eu estaria na merda.

– E o corpo? A polícia não vai suspeitar de você?

– Conheço uma equipe de limpeza ótima. Vão destruir todas as evidências. Ele nunca esteve aqui.

Ele olhou para o cadáver.

– Você me fez um grande favor, 47 – disse ela. – Eu queria fazer isso há muito tempo. Ele era um grande filho da puta.

– Não fiz isso para ajudar você – ele respondeu. – Fiz porque não tinha escolha. Ele sabia demais.

Cherry assentiu.

– Tem mais alguma coisa que você queira? Qualquer coisa?

O assassino pensou por um momento e então apontou para o armário de “remédios”. Ela soltou um risinho, foi até lá e destrancou o armário.

– Fique à vontade – disse ela.

Ele pegou vários frascos de oxicodona e os enfiou no bolso do terno.

Já de volta ao térreo, pediu para usar o banheiro enquanto Cherry ligava para a equipe de limpeza. Pegou um comprimido e o engoliu com água de sua mão em concha. Então simplesmente deixou a casa, sem se despedir, e tomou um táxi na Sétima Avenida.

Próxima parada, aeroporto.

# DEZ

*Eu tinha acabado de pousar no Aeroporto O'Hare. Chicago. A próxima parada de Dana Linder na campanha seria um comício no Pavilhão Jay Pritz, no Millennium Park. Bem em frente ao grande gramado. Amanhã.*

*Eu estaria lá.*

*Aluguei um carro e dirigi até Des Plaines, não muito longe do aeroporto. O depósito foi fácil de achar. Eu já tinha a chave; nem precisei fazer o check-in na recepção. Eu estacionei no depósito, subi as escadas até o segundo andar e abri a porta 210. Minha maleta e outros equipamentos, incluindo um rifle personalizado, uma M40A3 do Exército americano de coronha removível, estavam esperando por mim. A entrega funcionara perfeitamente.*

*Eu dirigi até a cidade e estacionei em uma das garagens no Laço de Chicago. O clima estava esfriando. Chicago é a cidade do vento, e a temperatura era mais baixa que em Nova York.*

*O Millennium Park estava sempre movimentado, não importava a hora do dia. Esperava-se alguns milhares de pessoas no comício de Linder, no dia seguinte. A polícia já havia colocado os cavaletes de madeira para bloquear a área para controlar a multidão. Voluntários colocavam faixas e sinais. O pavilhão fervilhava de gente.*

*Hora de trabalhar.*

*Planejar uma operação geralmente consistia de três coisas.*

*Primeiro: pesquisa. É necessário conhecer seu alvo. Eu estudei tudo o que pude sobre Linder. Eu sabia que ela era casada e tinha dois filhos adolescentes. Sabia que ela era inteligente e empregava pessoas ainda mais inteligentes ao seu redor. Ela estaria bem protegida.*

*Segundo: conhecer o local. Se possível visitar o local onde o atentado acontecerá antes. Era o que eu estava fazendo agora. Eu*

queria ter noção da luz durante o dia, da localização de vários obstáculos naturais e artificiais, e das possíveis rotas de fuga. Onde estavam os pontos perigosos? Qual era o local mais seguro para agir?

Terceiro: planejar o atentado. Eu precisava saber que arma usar e como usar. Idealmente, era sempre bom fazer um assassinato parecer acidental. Mas dessa vez o cliente queria uma execução pública. Por que, eu não sabia. E não me importava. Um trabalho era um trabalho. Se o cliente fosse mesmo o governo dos EUA, como a Agência suspeitava, então matar um político na frente das câmeras me parecia bem estranho. Qualquer um pensaria que eles querariam fazer a coisa debaixo dos panos; fazer com que parecesse um acidente. O cliente forneceu o rifle M40A3. Era uma bela arma. Eu a testaria ainda naquela noite. A munição parecia boa. As instruções diziam para abandonar o rifle no lugar do atentado. Talvez para implicar outra pessoa. Talvez estivessem tentando incriminar outro assassino, o que podia ser feito com a identificação do número de série. Por mim, tudo bem; eu já estaria longe antes que a polícia percebesse o que tinha acontecido.

Algumas vezes eu recebia pedidos especiais dos clientes. Por exemplo, eu tive que mostrar o retrato do cliente para o alvo antes de matá-lo. Para que ele soubesse quem tinha ordenado sua morte. Seu último pensamento. Fazia sentido. Era algum tipo de justiça para o cliente. Não há certo ou errado nesse trabalho, não importa quem o faça. Eu não podia me sentir mal por Dana Linder. Claro que sua família ficaria estarecida. Sua morte seria notícia internacional. Eu não sabia se ela era uma boa ou uma má pessoa. E não me importava. Eu suponho que, de alguma forma, era mais fácil pra mim quando eu sabia que o alvo era uma pessoa ruim, mas, no geral, isso não fazia muita diferença.

Eu só fazia o meu trabalho tão profissionalmente e com toda a perfeição que podia.

Durante a hora seguinte, eu caminhei pelo parque e encontrei o melhor lugar de onde atirar em Dana Linder. O rifle tinha alcance de noventa quilômetros. Era o bastante. A grande e recurvada ponte de aço prateada na parte sudeste do parque parecia promissora. Passei

*meia hora perfazendo a distância desde o ponto mais alto da ponte até o palanque. Então confirmei meus cálculos com um laser portátil do tamanho de uma caneta. Meus cálculos tinham uma margem de erro de pouco mais de dois metros. Era o suficiente. Os itens que eu peguei da casa de Cherry teriam um papel crucial na missão. Encontrei um contêiner apropriado para um deles no meio do extenso gramado em frente ao pavilhão. Examinei o céu, notando a formação de nuvens. Eu sou muito bom em prever o clima. De qualquer forma, ficaria de olho nas previsões meteorológicas. De fato, ventava muito próximo ao Lago Michigan, e por isso eu teria que ajustar minha mira. Havia mastros de bandeiras no lado oeste do parque. As flâmulas me dariam uma boa ideia da velocidade do vento antes do tiro. Perfeito.*

*Saber a minha rota de fuga em detalhes já tinha salvado minha pele várias vezes; essa geralmente era a chave para fazer o atentado parecer um passe de mágica. Assim, passei mais uma hora andando pelas ruas ao redor do parque. Embora estivesse esfriando, eu não me apressei em mapear mentalmente os melhores pontos para me esconder. Se um tiroteio irrompesse, eu precisava saber onde encontrar proteção adequada – para mim ou algum oponente. Eu sabia que podia contar com o fato de ser mais rápido e preciso que uma pessoa normal, mas nada é melhor que ser inteligente e planejar com antecedência.*

*Só havia mais uma coisa a fazer: eu precisava pegar alguns itens necessários. Isso incluía um disfarce.*

*Enquanto eu saía do parque, um ônibus de dois andares passou pela Avenida Michigan. Estava cheio de turistas, no andar de cima e no de baixo. Eles acenavam para as pessoas na rua. Por um segundo eu pude jurar ter visto o vulto sombrio sentado lá em cima. A Morte. Sem rosto e frio. Olhando diretamente pra mim.*

*Eu senti a pontada de ansiedade outra vez, e lembrei que já não tomava um analgésico há algum tempo. Eu estava alucinando? Era possível.*

*A sensação passou e o ônibus se foi.*

*Eu podia parar de tomar os comprimidos quando quisesse. Eu sabia que podia.*

*Eu só não queria. Não ainda.*

# ONZE

Segundo estimativa da polícia, cerca de nove mil pessoas compareceram ao comício de Dana Linder no Millennium Park de Chicago. Situado entre a Avenida Michigan e a Columbus Drive, ao norte do famoso Art Institute, o parque era a grande atração da cidade.

O Jay Pritzker Pavilion, projetado pelo arquiteto Frank Gehry, era o ponto focal. Linder realizaria seu discurso de campanha em seu palco. Com mais de trinta e cinco metros de altura, o pavilhão ostentava uma exótica sanca semelhante a uma flor desabrochando, formada por fitas de aço inoxidável escovado que emolduravam o arco do proscênio e se uniam a uma treliça de canos metálicos entrelaçados que se estendia sobre os quatro mil assentos fixos. O gramado em frente ao palco podia comportar mais de sete mil pessoas. Para o comício, dois telões foram instalados em ambos os lados do proscênio, para que o público tivesse um contato direto e pessoal com Dana Linder.

Outra criação de Gehry, a Ponte Pedonal BP, com cerca de duzentos e oitenta metros de extensão, alcançava a Columbus Drive, ligando o parque a Praça do Bicentenário Daley, situada a leste, às margens do lago Michigan. A longa e curvilínea ponte, adornada com painéis de aço inoxidável escovado, complementava o pavilhão tanto em visual quanto em funcionalidade, criando uma barreira acústica contra o barulho do trânsito logo abaixo. A estrutura era usada tanto por pedestres quanto por esportistas. Do alto, os pedestres tinham uma impressionante vista panorâmica do parque e de Chicago. A ponte estava lotada, é claro, não só por aqueles que a usavam para se exercitar, mas também pelos espectadores do comício.

Do extremo sul da ponte tinha-se uma ótima vista do palco do pavilhão, embora um pouco distante.

Mas era perto o suficiente.

Comícios políticos podiam ser eventos tranquilos, realizados sem maiores complicações. Mas também podiam ser barris de pólvora, detonados por uma inadvertida e inesperada centelha. Quando uma aglomeração de tais proporções ocorria na cidade, o melhor era garantir a presença maciça de policiais; por isso, os homens e mulheres de azul marcaram forte presença. A maioria deles encontrava-se no gramado e nos arredores do pavilhão, mas um oficial permaneceu no ponto mais alto da ponte, de olho na multidão ao sul. Outros três patrulheiros posicionaram-se na extremidade sul, onde a ponte desembocava no gramado. Estavam de costas para ela, voltados para a multidão.

A mulher que empurrava um carrinho de bebê no Praça Daley em direção a Ponte BP era alta e magra, mas não a ponto de atrair atenção indesejada. Ela usava um discreto terninho azul e cinza. Os cabelos acinzentados saíam sob um boné dos *Chicago Cubs* e óculos escuros disfarçavam suas feições se porventura tentassem olhá-la mais de perto. No mais, ela parecia uma avó passeando com o netinho em uma agradável manhã de outubro.

No ponto mais alto da tortuosa ponte, a mulher vislumbrou o parque e a grande massa espalhada pelo gramado. Todas as atenções estavam voltadas para o palco do pavilhão, onde as festividades tinham sido abertas com o show de uma banda adolescente local que tocava canções patrióticas como "Yankee Doodle Dandy"<sup>2</sup> e "Star and Stripes Forever"<sup>3</sup> como prelúdio à entrada da candidata à presidência.

Assim que a música terminou, a mulher se inclinou sobre o carrinho, sussurrou com voz infantil e pressionou uma mamadeira contra a trouxinha ali dentro. Ninguém reparou nela.

Um dos representantes do Primeiro Partido da América expoentes de Illinois subiu no palco e preparou a plateia. Ele discursou sobre valores patrióticos e sua importância para a manutenção da democracia. Depois apresentou os diversos objetivos do partido. Por

fim, anunciou uma transmissão via satélite de alguém que todos conheciam e adoravam.

Charlie Wilkins.

Ao terminar de dar mamadeira para o pacotinho de fofura dentro do carrinho, a mulher se levantou e focou sua atenção nos telões.

O público fez uma sonora saudação quando o rosto de Wilkins apareceu.

– Saudações a todos! – disse. – Lamento não poder estar pessoalmente com minha boa amiga Dana em Chicago. Mas quero que saibam que ela conta com o meu aval, com meu apoio e com meu amor! Conheço Dana desde que ela era uma criança. Ela e seu irmão, Darren, que Deus o tenha, eram paroquianos sob minha tutela e orientação em Maryland, nos tempos em que a Igreja da Vontade ainda era uma organização pequena. Já naquela época eu sabia, como eu sei hoje, que Dana tem a inteligência e o espírito de liderança necessários para trazer a antiga glória de volta a esta nação. Com a liderança de Dana Linder, eu lhes asseguro que os Estados Unidos voltarão ao topo. Mas chega, não vou mais me prolongar. Deixem-me apresentar a pessoa que vai liderar o povo americano rumo às metas e aos princípios do Primeiro Partido da América: a senadora Dana Linder!

A multidão irrompeu em uma ruidosa aclamação. Se havia alguma dúvida sobre o apoio à candidata, ela logo se dissipou. Os assobios e as vaias de um grupo de democratas e alguns republicanos que haviam se empoleirado em espaços separados no grande gramado acabaram sufocados e se mostraram ineficazes.

A transmissão de Wilkins sumiu dos telões tão logo Dana Linder subiu ao palco. Ela vestia um terno elegante de cores suaves. Seu rosto apareceu no telão e sorriu para o público. Foi preciso esperar quase um minuto para a plateia se acalmar e a deixar falar. Sua voz ecoou com exuberância pelo parque:

– Povo americano!

Mais saudações.

– Boa tarde, Chicago!

Ouviram-se gritos ainda mais intensos.

– Vocês são fãs de aposta, não é mesmo?

A multidão foi à loucura.

– Bom, e quanto a essa aposta: no próximo dia 4 de novembro, o povo vai colocar uma candidata do Primeiro Partido da América na Casa Branca!

Empolgação e mais gritos.

Linder continuou o discurso de conclamação cuidadosamente elaborado para despertar entusiasmo em seus ouvintes.

A mulher com o carrinho olhou a sua volta na ponte e confirmou que todas as atenções estavam voltadas para o palco.

Chegara o momento. Quando o tempo parecia congelar e todo pensamento, toda ação, pareciam se arrastar por uma eternidade, mas apenas alguns milésimos de segundo se passavam a cada movimento.

A mulher observou as bandeiras tremulando nos mastros e analisou a direção e a velocidade do vento. Perfeito.

O som da voz de Linder desapareceu. O som do *ar* se tornou um vácuo.

Conforme o plano perfeitamente arquitetado, a mulher pegou um celular de dentro do carrinho. Ela digitou um número rapidamente e jogou o aparelho de volta no carrinho. Um instante depois, um barulho surpreendente, explosões pipocaram em um latão de lixo no meio do parque. A multidão ao redor começou a gritar, reagindo com agitação e temor. O incidente desviou a atenção de todos, incluindo Linder.

A mulher na ponte posicionou a arma, com o cano apoiado sobre o carrinho, que serviu como tripé. Dobrou ligeiramente os joelhos e mirou. Mesmo usando óculos escuros, ela conseguiu focar em Linder através da mira telescópica da Schmidt & Bender.

O rosto de Linder apareceu na mira. Sua boca se abria e fechava, como se pronunciasse palavras silenciosas que a disciplina do atirador ignorava.

O dedo indicador da mulher tocou o gatilho – só precisava pressioná-lo um pouco mais. Ela fez uma pausa para respirar e, a seguir, instintiva e eficientemente, aplicou a força necessária.

O disparo ressoou sobre a ponte.

Sem conferir se o alvo fora atingido – ela sabia que sim –, tirou de seu bolso a bomba de fumaça obtida no arsenal de Cherry Jones. Ela puxou o pino e lançou o explosivo a alguns metros do carrinho de bebê. Com um estrondo, uma espessa cortina de fumaça de cor violeta tomou conta da Ponte BP. Os pedestres berraram.

O tempo retomou seu ritmo normal.

A visibilidade tornou-se nula. Então vieram as vozes da multidão próxima ao palco. Algo havia acontecido. Algo ruim.

Policiais apitando. Gritos. Caos total.

Demorou alguns minutos até que a fumaça baixasse. Nesse meio tempo, uma grande quantidade de curiosos se aglomerara ao pé da ponte, enquanto policiais uniformizados tentavam afastá-los. Todos gritavam ao mesmo tempo:

- Alguém atirou em Dana!
- O atirador estava em cima da ponte!
- Era uma mulher!
- Para onde ela foi?
- O que aconteceu?

Empunhando uma arma, um oficial se aproximou cautelosamente do carrinho, que continuava onde a mulher o tinha abandonado. Ele espiou e não encontrou criança nenhuma – apenas um rifle M40A3, uma peruca grisalha, um boné de beisebol e um terno feminino azul e cinza que tinha sido literalmente arrancado do corpo.

O Agente 47, agora careca e vestindo seu terno preto – revelado com a retirada do disfarce feminino –, juntou-se à agitação e ao clamor da multidão. Ele era mais um em meio à massa, misturando-se com destreza ao caos que o cercava.

Enquanto a polícia juntava as forças para tirar a multidão da ponte, 47 deslizou mais para o sul, em direção ao gramado. As pessoas se esforçavam para ver o palco e ter informações sobre o ocorrido. O assassino moveu-se vagorosamente entre elas, fingindo ser mais um dos partidários preocupados. Os telões no palco encontravam-se apagados, e alguns cabos eleitorais e policiais estavam agrupados ao redor do corpo estirado de Dana Linder.

O Agente 47 levou cerca de vinte minutos para chegar no lado sul do gramado. Ele espiou o latão de lixo que a polícia agora

inspecionava. Os fogos de artifício que conseguira com Cherry foram acionados com um detonador ligado a um celular e tinham dado conta do recado, desviando suficientemente as atenções. Satisfeito consigo mesmo, 47 seguiu até o AT&T Plaza, que abrigava o famoso Portão das Nuvens, uma escultura em aço inoxidável normalmente chamada por seu apelido: "o feijão". Ao verificar seu reflexo na superfície prateada e arrumar a gravata, o Agente 47 viu o tumulto refletido e distorcido do parque logo atrás dele como em uma casa dos espelhos.

Então passou pelo McCormick Tribune Plaza e pela pista de patinação, que ainda não estava aberta para o inverno, rumo à calçada da Avenida Michigan. Dali, ele foi para o Art Institute, onde passou cerca de duas horas admirando mostras mundialmente renomadas e matando o tempo, como se ignorasse o horror presenciado no parque naquele mesmo dia.

Mais tarde, no noticiário da noite, ele se informaria.

[2](#) *Yankee Doodle Dandy* (no Brasil, *A canção da vitória*) é um filme estadunidense de 1942, do gênero drama musical biográfico e patriótico, dirigido por Michael Curtiz. Romanceia a biografia de George M. Cohan, um dos pioneiros da Broadway, considerado o pai da comédia musical.

[3](#) Marcha patriótica estadunidense amplamente considerada a obra magna do compositor John Philip Sousa.

[3](#)

## DOZE

Helen McAdams estava sozinha em seu escritório na mansão em Greenhill, no final do longo saguão próximo ao espaço particular de Charlie Wilkins. Ela sabia que seu chefe estava bastante perturbado, como todos no complexo. Dana Linder era como uma filha para Wilkins. Helen se sentia muito mal pelo sofrimento de seu chefe.

O assassinato afetara profundamente todos os membros da Igreja da Vontade. Um clima lúgubre se abatera sobre o complexo na Virgínia. O clima chuvoso de outubro e nuvens negras que pairavam teimosamente sobre o lago Áquia só pioravam o quadro.

A reação ao redor do mundo era de choque e descrença. Nos três dias subsequentes ao incidente em Chicago, teorias conspiratórias e boatos dominaram a internet, os jornais e os programas de entrevista. O assassino, é claro, não tinha sido capturado, e ela – ou ele – não tinha deixado muita coisa para trás que servisse de pista. Não havia impressões digitais nem provas comprometedoras no carrinho de bebê. As roupas e a peruca eram inúteis, pois podiam ter sido compradas em qualquer loja de departamentos do país. A única descoberta significativa era a de que o rifle M40A3 encontrado na cena estava registrado em nome de um soldado lotado em Fort Hood, Texas, embora ele tivesse reportado, e o Exército confirmado, que sua arma tinha sido roubada um mês antes. Esse detalhe foi o estopim da teoria conspiratória mais popular: que a administração atual era responsável de alguma forma. O presidente tinha dado a ordem. A CIA tinha executado. Muitas pessoas acreditavam que o governo estava com tanto medo do Primeiro Partido da América que estava disposto a usar qualquer recurso para vencer a eleição. A Casa Branca negava categoricamente qualquer envolvimento na morte de Dana Linder.

A polícia e o FBI não tinham pistas para seguir. As testemunhas oculares à cena eram bastante contraditórias. A maioria dizia que o atirador era uma mulher que desaparecera em uma nuvem de fumaça. Os mais sensatos sugeriam que o assassino era um homem disfarçado de mulher. Vídeos de segurança tinham filmado o assassino em ação, mas os analistas ainda não tinham certeza do seu sexo. Depois que a bomba de fumaça detonou, ninguém viu mais nada. A multidão que invadiu a ponte tornou impossível que o *software* de reconhecimento facial funcionasse a contento. O assassino de fato desaparecera num passe de mágica.

Helen suspirou pesarosamente enquanto lia as postagens de mais um blogueiro enfurecido em seu computador. O dia tinha sido emocionalmente exaustivo. Pela manhã, Wilkins presidira uma cerimônia fúnebre no santuário de Greenhill. Representantes de todo o país, incluindo o presidente Burdett, tinham comparecido. Um momento pungente, apesar de tenso, aconteceu quando o presidente expressou suas mais profundas condolências ao marido e aos filhos adolescentes de Linder, devastados pela dor. Câmeras de TV não foram autorizadas a entrar. Depois da cerimônia, o pessoal VIP saiu rapidamente do local, a família foi para sua casa em Maryland, e Wilkins se trancara em seu escritório para orar e refletir sobre o terrível acontecimento.

Helen geralmente ficava bastante ocupada no trabalho, mas naquele dia não havia nada para fazer. Ela pensou em sair da mansão e voltar para o apartamento. Durante o sermão, Wilkins dissera a membros da Igreja que eles não precisavam trabalhar e podiam ir para casa se assim quisessem, mas Helen não saiu de sua mesa. Ela queria estar lá se Charlie precisasse dela.

Como se Wilkins tivesse lido seus pensamentos, o interfone tocou. Helen apertou o botão e perguntou:

- Sim, senhor?
- Helen, ah, você ainda está aí.
- Sim, senhor, eu fiquei.
- Você pode vir ao meu escritório? Você está ocupada?
- Não, senhor, já estou indo.

Feliz por não ter ido pra casa, Helen se levantou e saiu de seu escritório. Uma vez que o prédio estava quase vazio, havia poucas luzes acesas. Ela deu alguns passos na direção de uma interseção em "T" no corredor, virou à esquerda e seguiu pelos sete metros de corredor sombrio, cujas paredes eram recobertas com arte religiosa de várias culturas e crenças. Finos feixes de luz bruxuleante brilhavam através da porta entreaberta do espaço executivo de Wilkins.

Quando chegou à porta, Helen bateu.

– Helen? Pode entrar.

Ela abriu a porta completamente. O espaçoso escritório estava iluminado apenas por velas. Wilkins estava sentado em sua grande mesa de carvalho, de frente para a parede de vidro, diante do lago Áquia. Ele observava a tempestade que se abatia sobre a terra; relâmpagos faiscavam sobre a água.

– Ainda são quatro da tarde e está mais escuro que a noite – disse ele, enquanto Helen se aproximava. – Isso quer dizer alguma coisa, Helen.

– Senhor?

Wilkins se voltou para ela.

– Sente-se.

Ele apontou para uma das cadeiras, geralmente usadas por suas assistentes. Helen obedeceu prontamente e se sentou com as mãos cruzadas no colo.

Ele estava quieto. Distraído.

– O senhor está bem?

– Oi? Ah, sim, sim, perdão. Eu chamei você aqui por um motivo, Helen – disse Wilkins. Ele girou a cadeira, mais parecida com um trono, e ficou de costas para a janela, encarando Helen. – Você ouviu as últimas notícias?

– Hoje não, senhor.

– O Exército Novo atacou dois prédios federais, um em Pittsburgh e um na Filadélfia. Um foi completamente destruído, e sete pessoas foram mortas. O outro sofreu danos estruturais consideráveis, e uma pessoa morreu. Muitos outros ficaram feridos. Isso é desprezível.

Cromwell liberou uma nota dizendo que foi em retaliação ao assassinato de Dana Linder pelo governo dos Estados Unidos.

– Mas isso não é verdade, não é, senhor?

– Helen, não precisa me chamar de “senhor”. Por favor, me chame de Charlie.

– Eu não consigo evitar, senhor, eu sempre penso no senhor como “senhor”. – Ela soltou um riso nervoso. – Desculpe. Ok, Charlie. Eu vou tentar.

– Obrigado.

– Então a história sobre a conspiração é verdade?

– Isso não passa de especulação insuflada pela mídia, Helen. Não há provas. O rifle pode ter vindo de qualquer lugar, se foi realmente roubado da base. O que me perturba é que há quem pense que eu tenho alguma ligação com Cromwell. E isso não é verdade.

– Eu acredito no se... em você, Charlie.

– Eu quero que você comece a trabalhar com George em uma campanha de relações públicas para acabar com esse boato.

Helen aquiesceu. George, um dos assistentes, era um redator bastante competente.

– Sem problema.

– Tem também outra tarefa que eu gostaria que você começasse amanhã.

– Qual, senhor?

– Eu quero que você seja o contato entre minha equipe de campanha presidencial e todos aqui em Greenhill.

Num primeiro momento, ela não compreendeu direito o que ele disse.

– Sim, senhor, com prazer. – Então ela piscou, confusa. – Espere. Campanha presidencial?

– Sim, Helen. Eu decidi entrar na arena. Já é tarde, a eleição é no mês que vem, mas alguém do Primeiro Partido da América precisa assumir essa posição. Isso é crucial. E eu suponho que eu sou a pessoa que precisa fazer isso.

Helen levou as mãos à boca.

– Tenho certeza de que Dana iria querer... – ela se deteve. Talvez não fosse apropriado dizer isso.

– O que... você acha que Dana iria querer que eu fizesse isso?

– Sim, senhor.

– Bom, eu também. E acho que é minha obrigação. Ligue para George e peça para ele vir até aqui. Diga-lhe para trazer o guarda-chuva. Eu vou anunciar minha candidatura hoje à noite, em rede nacional. Precisamos de um discurso, e rápido. – Ele esfregou as mãos.

– Sim, senhor. – Ela se levantou e andou rapidamente em direção à porta, então parou e se voltou para ele. – Senhor? Charlie?

– Sim?

– Eu acho que o senhor vai vencer. Acho mesmo.

Wilkins ergueu uma sobrancelha e sorriu para ela. Sua pose padrão para a mídia.

– Eu também, minha cara.

Ao ver-se sozinho novamente, Charlie Wilkins pegou o telefone protegido contra grampos e fez uma ligação.

Um homem respondeu.

– Charlie.

– Ora, ora, você tem andado ocupado – disse Wilkins.

– Eu avisei. Foi por Dana, senhor. O senhor sabe disso.

– Cromwell, eu não posso perdoar a violência. Pessoas morreram hoje.

– Eu sei, e sinto muito pelo dano colateral, mas é assim que as coisas são. Estamos em guerra com o governo dos Estados Unidos, senhor, e eles vão pagar por esse crime terrível. Eu *sei* que Burdett e seus bajuladores estão por trás disso.

– Você não sabe disso.

– Não, mas admita, senhor. Em seu coração o senhor sabe que é verdade. Olhe para dentro de si; para sua Vontade. Isso é o que o senhor sempre me diz, e é o que a Vontade me diz.

– Temo ter que concordar – disse Wilkins. – Eu acredito nisso. Só não sei se é sábio da minha parte dizê-lo. Eu vou anunciar minha candidatura à presidência hoje à noite. Vou entrar no lugar de Dana.

– Eu já esperava que o senhor fizesse isso.

- Não precisa me chamar de “senhor”.
- Eu sei. – Houve uma pausa. – Não consigo acreditar que ela morreu, senhor.
- Foi uma tragédia horrível. Mas talvez eu consiga transformar isso em algo positivo.
- O senhor sabe que estaremos lhe apoiando. Ah, e um aviso. Estamos indo para a Virgínia. Prepare-se para algum barulho.
- Cromwell, estou repetindo que não posso apoiar violência. – Wilkins observou a tempestade sombria outra vez pela janela. – Mas é preciso seguir a Vontade. Faça o que precisa fazer.

# TREZE

O Agente 47 encontrou o ônibus escolar dilapidado em um subúrbio na periferia oeste de Chicago. Se havia dúvidas de que a Cidade dos Ventos tinha seu quinhão de pobreza, com guetos e gangues, bastava ir até essa parte miserável da cidade para constatar que era verdade.

O ônibus de Birdie ficava na rua Lake, no extremo norte de Garfield Park. Como esperado, o local estava tomado por pombos. Os pássaros pareciam sentir uma atração natural por Birdie, que também mantinha gaiolas com vários tipos de aves dentro do ônibus. Quanto ao homem em si, ele descansava em uma espreguiçadeira em frente a sua casa e arsenal móveis. Embora viajasse por todo o país, o negociante do mercado negro costumava fazer de Chicago sua base de operações mais ou menos permanente.

O Agente 47 supunha que Birdie tinha cerca de quarenta anos. Ele era bastante magro e ossudo, tinha olhos desconfiados e precisava fazer a barba – e tomar um banho. Birdie sempre usava uma camisa havaiana desbotada e uma jaqueta de couro marrom, que se abria revelando uma corrente de ouro. Cada centímetro de suas roupas estava coberto de excremento de pombo. Havia até mesmo um pouco no cabelo liso e oleoso, penteado para trás. O Agente 47 não conseguia entender como alguém poderia viver daquela maneira. Ele tinha muito dinheiro; só gostava de perpetuar a impressão de que era pobre, sujo e sem-teto.

O assassino já fizera negócio com Birdie antes, o que não queria dizer que eles eram amigos. Na verdade, havia certa animosidade tácita entre eles. Birdie sempre gostara de provocar o Agente 47 até irritá-lo. Uma vez que Birdie também já trabalhara como assassino para a Agência, 47 achava que ele tinha inveja de sua reputação e

perícia superiores. Não havia dúvida de qual deles era o mestre do ofício. Ainda assim, 47 admitia que Birdie era um assassino formidável, e podia se tornar um inimigo perigoso se fosse tratado de maneira displicente. Esse contato era um mal necessário que 47 precisava suportar para obter o que precisava.

– Ora, se não é o Agente 47 – disse, com voz matreira, enquanto o assassino se aproximava lentamente do ônibus à vista de todos. – Eu soube que você estava na cidade.

– Como é que você ainda trabalha para a Agência, Birdie? Você sai, faz o que quer por aí, mas continua fazendo trabalhos pra ACI. A política da Agência é clara: ex-agentes desgarrados devem ser eliminados. Por que você não está morto?

– Ah, aí é que está, a palavra-chave aqui é “ex”, 47. Eu nunca virei “ex”. A Agência e eu, bom, digamos que nós temos um acordo. Eu nunca saí de verdade. Eu tenho um, digamos, contrato não exclusivo com a ACI.

O assassino vistoriou os arredores. Como era perto do meio-dia, o quarteirão estava relativamente tranquilo. Um grupo de adolescentes jogava basquete em uma quadra no parque. Algumas mães passeavam com crianças pequenas e carrinhos de bebê. Não havia sinal de gangues. No entanto dizia-se que era cometido um crime a cada dez minutos naquela parte da cidade.

– Onde está o seu colega? Fei Zhu.

– O Gordão? – Birdie acenou com a cabeça na direção da cidade. – Está em Chinatown a negócios. – Birdie quase nunca andava sem seu parceiro calhorda e cruel. Fei Zhu fazia a maior parte do trabalho sujo de Birdie por ele. O Agente 47 ficou feliz de não ter que ver o obeso e arrogante bandido.

– Então, a que devo a visita surpresa, 47?

– Eu preciso de equipamento. E entendo que talvez tenha o que eu preciso.

– É? E o que seria? Vejo que você está com sua amada maleta. Você ainda tem aquelas Hardballers invocadas? Do que mais você precisaria?

– Você tem explosivos.

– Explosivos? Ai, ai, ai, o que você vai aprontar, 47? Vai entrar pro Exército Novo ou algo assim? Ouvi dizer que estão recrutando voluntários. Vai explodir alguns prédios do governo?

– Você vai me vender o que preciso ou não, Birdie? Não tenho tempo para os seus joguinhos.

Birdie fungou e limpou o nariz, deixando uma marca gosmenta na manga da jaqueta. Um pombo deve ter pressentido a guloseima, pois bateu as asas, pulou no braço de Birdie e começou a bicar o local sujo.

– Dá pra ser mais específico? – perguntou Birdie, tirando um cigarro do maço que trazia no bolso da camisa.

O Agente 47 acenou com a cabeça na direção do ônibus.

– Você guarda tudo ali, não é?

– Ah, você quer dar uma olhada? Eu geralmente cobro uma taxa só pra isso, sabe.

A paciência do assassino estava se esgotando.

– Birdie...

– *Mas* como é você que está pedindo, 47, eu vou esquecer essa taxa.

O homem magro se levantou, atirando o pombo na calçada. Ele espanou penas das calças e da jaqueta por um instante e então seguiu na direção do ônibus. Abriu a porta do veículo e entrou. O Agente 47 interpretou aquilo como um convite para segui-lo.

O fedor era insuportável. Os pássaros nas gaiolas grasnavam e batiam as asas enquanto os homens seguiam pelo corredor central. Penas voavam, e 47 teve que usar sua mão livre para afastá-las do rosto. Finalmente, chegaram à traseira do ônibus, onde Birdie guardava vários baús cheios de mercadoria.

– Explosivos, explosivos... ah, estão aqui. – Birdie levantou uma caixa e a soltou em cima de outra para chegar ao baú que procurava. Ele se agachou, mexeu na combinação numérica do cadeado e abriu o baú. O Agente 47 se aproximou para espreitar. – Eu estou sem TNT. Mas devo ter algo aqui que vai te servir. – Assim como Cherry Jones, Birdie estocava várias granadas e pequenas bombas, bananas de dinamite e minas navais. Ele estava interessado apenas nos pacotes brancos parecidos com tijolos.

O assassino estendeu o braço e pegou um.

– C4.

– Exato.

– Presumo que você tenha todos os acessórios? Cronômetro, fusíveis?

– Com certeza. Vai tudo junto com a compra. Cada pacote desses tem uma velocidade de detonação bem mais alta que o C4 militar normal. Digamos que você queira explodir esse ônibus. Um quarto de tijolo dá e sobra. Um tijolo inteiro abrirá um buraco em uma parede de concreto. Três ou quatro... bom, se forem instalados corretamente nos pontos estruturais certos... dá pra derrubar um edifício inteiro.

O Agente examinou o tijolo e viu que o material era bom.

– Vou levar três, e preciso de um detonador remoto.

– Celular e relógio de pulso funcionam melhor pra isso. – Birdie voltou pelo corredor e vasculhou algumas caixas de papelão nos assentos. – Pronto. Qual você prefere? – ele pegou dois aparelhos de celular velhos. – Isso é que é legal nos celulares velhos. Sempre dá pra fazer *alguma coisa* com eles.

– Prefiro um relógio de pulso.

Birdie deu de ombros, pegou um relógio e o mostrou a 47.

– Está bom.

– Precisa de facas? Garrotes? Ah, espera, você tem aquele troço, aquele fio que você gosta de usar. Deixa pra lá. Venenos? E lacres de plástico? São muito bons pra prender as mãos da vítima atrás das costas.

– Eles podem ser quebrados, Birdie. Se você souber como.

– Verdade. Mas a maioria das pessoas não sabe.

O Agente 47 pensou sobre o conteúdo de sua maleta e perguntou:

– Que venenos você tem?

Birdie ergueu as sobrancelhas, foi até outro assento e abriu um cofre. Ele tirou um frasco de lá e disse:

– Aqui está. Incolor, inodoro, não detectável na autópsia. Faz parecer que a vítima teve um infarto. Tenho em ambas as fórmulas, de ação rápida e de ação lenta.

O assassino reconheceu o rótulo, acenou com a cabeça e disse que levaria um frasco de cada.

Birdie colocou a mercadoria em um saco de papel marrom da mercearia Trader Joe's. Os dois discutiram os termos, barganharam sem malícia e o Agente 47 pagou em dinheiro. Com o negócio fechado, eles saíram juntos do ônibus. O assassino fez o que pôde para evitar pisar nas fezes de pombo.

– Quer algo pra comer, 47? Sobrou um frango de ontem à noite.

A ideia pareceu repelente ao assassino.

– Acho que não. – 47 começou a se afastar.

– Não vai dizer "obrigado"? – O Agente 47 parou e se voltou, mas não disse nada. – Ah, é, eu esqueci. Você tem a personalidade de um hidrante. Aí, ouvi dizer que o seu contato fugiu. O que aconteceu? Ela ficou de saco cheio dessa sua careca brilhante?

Ele olhou para o criminoso e estreitou os olhos.

– O que você sabe sobre ela?

Birdie voltou à cadeira, enfiou a mão no bolso da jaqueta e jogou alpiste na calçada. Aquilo causou um frenesi entre os pombos, que vieram de todos os lados para comer.

– Nada, 47. Só que ela saiu da Agência em uma nuvem de fumaça. Eu não conheci Diana, mas ouvi dizer que ela era linda. Uma verdadeira beldade.

Ele respirou fundo para controlar os ânimos. Havia algo a respeito de Birdie que o fazia querer esmurrá-lo.

– Se você ouvir qualquer coisa sobre ela, especialmente onde ela pode estar se escondendo, veja se pode me avisar. Está bem?

– Com certeza, 47. Quer dizer que a gente agora é parceiro? Vamos sair pra beber, pegar umas mulheres, compartilhar uns segredos? Entrar para um clube de golfe?

O assassino esperou um segundo antes de responder:

– Não.

O homem magro riu, mas o som saiu mais como uma fungada.

– Você é um pássaro estranho, 47. Vejo você por aí.

O Agente 47 se afastou com a maleta em uma das mãos e o saco de papel na outra.

Ele não olhou para trás.

# QUATORZE

O centro de recrutamento da Igreja da Vontade estava lotado.

Desde o assassinato de Dana Linder, Helen McAdams notou um aumento no número de matrículas. De dez a vinte pessoas de todo o país apareciam em Greenhill diariamente querendo se filiar, perguntando como podiam se voluntariar, e se havia alguma vaga de emprego na Igreja... mas Helen e o resto da equipe tinham que recusar as ofertas, pois todos as moradias de Greenhill já estavam ocupadas. Embora muitos candidatos pudessem viver fora do complexo, ir e vir livremente e ainda assim se juntar à Igreja, os que queriam viver nas dependências da instituição eram colocados em listas de espera ou enviados para filiais da Igreja em outros estados.

Os domingos eram especialmente populares, não só para candidatos como para turistas e curiosos. Quando Wilkins não estava disponível ou estava viajando, as cerimônias matutinas no santuário eram conduzidas por vários pastores assistentes chamados "aderentes". Esses homens e mulheres se revezavam no púlpito, e a maioria era composta de oradores cativantes e eloquentes. Mas ninguém no nível de Charlie. Quando ele estava no complexo, os visitantes corriam aos portões para ouvi-lo falar. Centenas tinham que ser rejeitados. Helen considerava que a presença de Charlie era uma bênção. Ela achava que devia ser assim para os católicos romanos de sorte que visitavam o Vaticano quando o Papa estava na cidade para rezar a missa.

Ainda assim, Helen mal tinha tempo de trabalhar no centro de recrutamento. Desde que Charlie anunciara sua candidatura à presidência, todos os assistentes pessoais estavam fazendo hora extra toda semana. Wilkins contratara um comitê de campanha totalmente independente, e os principais profissionais tinham se mudado para os quartos de hóspede da mansão. As novas

responsabilidades de Helen incluíam transmitir as ordens e pedidos do comitê para a administração de Greenhill. Por isso, os últimos dias tinham sido incessantes. Normalmente os membros da Igreja tiravam o domingo de folga, exceto os que participavam das cerimônias no santuário. No entanto, com os novos desenvolvimentos políticos, esperava-se que Helen e os outros estivessem disponíveis o tempo todo.

Depois da cerimônia daquela manhã, Wilkins dissera a Helen que ela não seria necessária no período da tarde, pois ele tinha negócios a tratar com os convidados. Assim, sem nada melhor pra fazer e sem vontade de ficar sozinha em seu apartamento, Helen decidiu trabalhar no centro de recrutamento. Era sempre bom se ocupar com alguma coisa. Ela achava que, se passasse muito tempo sozinha, pensamentos desagradáveis se insinuariam em seu coração.

Para algumas pessoas, o passado era algo a se prezar. Para Helen, era melhor que o passado ficasse no passado.

– Sonhando acordada de novo?

A voz a assustou. Helen se virou e viu Mitch Carson em frente a sua mesa.

– Ah, oi, Mitch. Não, só estava aqui pensando em pra onde vão todas aquelas pessoas. – Ela apontou para a longa fila de candidatos saindo do complexo.

– Nós vamos achar um lugar pra eles... se não aqui, em alguma filial. Mas eles podem ser úteis como voluntários, se estiverem dispostos a continuar em suas casas.

Mitch Carson era o gerente-geral de Greenhill. O que significava que ele era tecnicamente o chefe de Helen, mas é claro que quaisquer ordens de Wilkins tinham prioridade sobre as de Carson. Ele estava na casa dos sessenta, era solteiro e extremamente eficiente, e a maioria dos membros não simpatizava com ele. Levemente efeminado e com uma atitude altiva e arrogante, ele bajulava Wilkins e era considerando um nada pelos outros. Mas, por acompanhar Wilkins desde a fundação da Igreja nos anos 1970, Carson tinha bastante poder no que tangia às questões administrativas em Greenhill.

– O que me lembra, nós temos uma vaga para zelador, com trabalho de manutenção.

– Ah, é?

– Sim. Philip morreu ontem à noite. Infarto.

– Ah, não... nossa, que tristeza. Eu gostava dele.

Carson deu de ombros.

– Ele era idoso e já tinha o que, duas, três pontes de safena? Nós sabíamos que ele não duraria muito mais.

– Ele era bom no trabalho.

– Mas aí adoeceu e mal podia trabalhar.

Helen achou que Carson estava sendo insensível.

– Vai haver uma cerimônia fúnebre?

– Ainda não consegui falar com Charlie sobre isso. Mas enquanto isso, se você tiver algum candidato que se encaixe no perfil, a vaga de Philip está em aberto, assim como o apartamento dele.

– Certo. E quando o apartamento vai ficar pronto para o novo morador?

– Tem uma equipe trabalhando nisso agora mesmo. Vai ficar pronto ainda esta noite. – Carson olhou para o relógio. – Eu deveria me encontrar com Charlie e o coronel aqui. Eles estão atrasados.

– Charlie está vindo pra cá? – perguntou ela. Charlie raramente aparecia diante dos candidatos.

– O coronel quer verificar todas as medidas de segurança implementadas em Greenhill.

Carson ficou um momento em silêncio. Helen se perguntou o que o estaria perturbando.

– Você conhecia Dana Linder, não é? – perguntou.

– Eu a vi crescer. E seu irmão, Darren, também.

– Você conheceu a mãe deles?

– Sim. Wendy. E também conhecia o pai deles, Eric. Eles eram membros devotos da Igreja. E entraram cedo, quando ainda estávamos começando.

– O que houve com eles?

– Eric foi caçar e houve um acidente, ele levou um tiro. Se bem me lembro, aconteceu um pouco antes do aniversário de doze anos das crianças.

– Minha nossa, que horrível!  
– Charlie nunca gostou de caçar e vivia aconselhando Eric a parar. Nós todos desejamos que Eric tivesse obedecido.

– Como era Wendy?

– Um doce. Bem tranquila. A coitada teve câncer e morreu alguns anos depois do marido. Charlie ficou bem abalado. Eles ficaram bem próximos depois da morte do marido de Wendy.

Um murmúrio de espanto cresceu entre os candidatos, e foi ficando mais forte até eclodir em vivas. Carson animou-se.

– Ali estão eles.

Charlie Wilkins estava do outro lado da porta, apertando mãos e dando autógrafos. O “coronel” Bruce Ashton, seu convidado, postava-se atrás do reverendo. A mão de Ashton tocava cautelosamente a Colt *Pacificadora* 45 niquelada com cabo de marfim em seu cinto; supostamente escolhida por ser o mesmo tipo usado pelo general George S. Patton na Segunda Guerra Mundial.

Ashton viera de além-mar, e aceitara o cargo de diretor de segurança de Wilkins. Todos chamavam Ashton de “coronel”, embora ele não fizesse parte das Forças Armadas. Helen tinha encontrado com o homem em algumas ocasiões em que ele visitou Greenhill, mas sabia muito pouco a seu respeito. Em todo o tempo que ela trabalhara no complexo, ele aparecera apenas duas vezes. Vivia em algum lugar do Oriente Médio. Era um personagem misterioso: estava na casa dos cinquenta, sempre usava roupas militares e se comportava como se estivesse dando ordens a subalternos. A verdade é que já fizera parte das Forças Armadas dos EUA, tinha servido na primeira Guerra do Golfo e no Iraque e, em seguida, se aposentara. Depois, abriu uma companhia de segurança para americanos a negócios no Mediterrâneo. Diziam que ele e Wilkins eram amigos de longa data, e por isso, quando a vaga de diretor de segurança abriu, o reverendo o chamou imediatamente.

Vários turistas e candidatos queriam tirar fotografias com Wilkins, e ele acatava os pedidos com atenção genuína. Demorou quase quinze minutos até que Wilkins e Ashton pudessem finalmente entrar no prédio.

– ... na minha opinião não é muito seguro – dizia Ashton. – De agora em diante você não deve mais se expor desse jeito.

– Bobagem, coronel. Essas pessoas vieram me ver, vieram se voluntariar para ajudar a Igreja e são eles que vão me eleger. É claro que eu vou me encontrar com eles, dar autógrafos e posar pra fotos. É isso o que candidatos à presidência fazem, coronel.

– Só estou dizendo que, quando estivermos fora do complexo, temos que ser mais cuidadosos.

Wilkins olhou para Carson.

– Mitch, precisamos de você na sala de conferência em uma hora.

– Sim, senhor.

– Helen, você conhece o coronel?

Ashton estreitou os olhos ao virá-los na direção dela e estendeu a mão.

– Sim, já nos vimos antes – disse Helen, apertando a mão dele.

– Eu me lembro – disse Ashton. – Como vai?

– Bem.

– Helen é uma de minhas assistentes pessoais aqui na mansão – disse Wilkins. – E também é o contato entre o comitê de campanha e a administração de Greenhill. Se precisar de alguma coisa é só falar com ela ou com Mitch.

Ashton assentiu para ambos.

Ele e Wilkins se afastaram.

– Você está com fome? Podemos comer algo na cafeteria antes da reunião...

Carson olhou para Helen e disse:

– Eu não gosto daquele sujeito. Por que Charlie contrataria um mercenário como chefe de segurança? – E então ele também se afastou, seguindo Wilkins e Ashton.

Helen não prestou atenção à pergunta retórica de Carson. Ele sempre parecia estar aborrecido com alguma coisa. Ela suportava o chefe tanto quanto fosse possível. Helen imaginava que ele se ressentia de ela ter sido designada como contato do comitê de campanha no lugar dele. Wilkins informara Carson de que seu conhecimento e experiência na administração de Greenhill eram

inestimáveis, e que ele não podia se afastar daquela responsabilidade. E Wilkins estava certo.

– Helen? Você pode vir até aqui, por favor? – Ela se levantou de sua mesa e se dirigiu até Gordy, que estava entrevistando os candidatos. – Você pode me ajudar com as entrevistas? Só se você não estiver ocupada com alguma coisa.

– Não, não, eu posso sim. – Ela se dirigiu à próxima pessoa na fila: – Pode me seguir, por favor. – Ela se dirigiu a uma mesa vazia e se sentou, apontando para uma cadeira à frente. Uma mulher lhe entregou a papelada e disse a Helen que tinha vindo da Califórnia para se juntar ao grupo de Wilkins, na Virgínia.

– Existem duas filiais na Califórnia – disse Helen. – Uma perto de São Francisco, outra perto de Los Angeles.

– Eu sei, mas é que eu soube que o reverendo Wilkins passa a maior parte do tempo aqui. Afinal, a mansão dele fica aqui. Ai, foi tão empolgante ver o reverendo ali fora agora há pouco!

Helen teve que frustrar os planos da mulher e lhe dizer que não havia vagas nos apartamentos, mas que, se ela encontrasse algum lugar pra morar em uma das vilas vizinhas, seria bem-vinda como membro da Igreja.

Isso se repetiu pela próxima hora. Um por um, eles entravam e se sentavam à sua mesa, a maioria mulheres de várias idades, mas também havia alguns homens, mais interessados em trabalhar no programa de TV de Wilkins, que consideravam uma função mais atraente.

Eram quase cinco da tarde quando um homem calvo e alto se aproximou da mesa de Helen. Ela imediatamente se sentiu arrebatada por sua presença, pois ele emitia uma forte aura carismática e um senso intangível de inteligência aguda. Usava jeans azuis, uma camisa quadriculada de flanela e uma mochila. Incongruentemente, carregava uma maleta de couro gravada com um estranho arabesco.

– Olá, como posso ajudar?

O homem falou com uma timidez que ela achou cativante.

– Ahm, eu gostaria de me juntar à Igreja da Vontade. Disseram pra eu falar com você. – Ele lhe entregou a papelada.

– Pode se sentar, senhor...

– Stan Johnson.

– Prazer, senhor Johnson. – Ela estendeu a mão e ele a apertou. Sua pele era morna e áspera, e, mais importante, Helen sentiu uma faísca de excitação subir do braço até o peito ao tocar sua pele. Ela piscou por um momento, arrebatada.

– Moça? – perguntou ele, soltando a mão. – Você está bem?

– Ah, sim, desculpe. Hoje eu tenho estado distraída. Muita coisa acontecendo ao mesmo tempo, como você deve imaginar. Meu nome é Helen McAdams. Você vem de onde?

– Iowa.

Ela passou os olhos pelo formulário de inscrição e leu o que ele preencheria no campo "Habilidades": "Faz-tudo, trabalho manual, aptidão com ferramentas, jardinagem, consertos".

– Ah. Acho que você deu sorte. Nós temos uma vaga de zeladoria e manutenção aberta. Estou vendo aqui que é o seu tipo de habilidade. Interessada?

Os olhos azuis escuros do homem calvo a encararam de forma penetrante, quase como se ele pudesse ver e estudar a sua alma.

Então ele sorriu afetuosamente.

– Sim. Interessada sim.

# QUINZE

*Benjamin Travis e Jade disseram que me avisariam se e quando a segunda missão – matar Wilkins – fosse autorizada. Enquanto isso, eu sabia que precisava me aproximar do alvo. Agora que ele estava concorrendo à presidência, deveria haver oportunidades de concluir a missão em um local público. Da mesma forma que fiz com Linder. Mas o cliente queria que parecesse um “trabalho interno”. E para chegar perto o suficiente de Wilkins para matá-lo, eu tinha que me juntar à Igreja da Vontade.*

*Assim, pesquisei o que pude sobre o complexo da Virgínia. O lugar chamado Greenhill. Onde Wilkins tinha uma mansão e onde ele ficava quando não estava viajando. Onde eu poderia me integrar ao grupo da Igreja, tornar-me um deles e executar a tarefa poucas horas depois de receber o sinal verde.*

*Eu telefonei para o complexo e perguntei sobre vagas de emprego e opções de moradia no complexo. Falei para a pessoa que me atendeu que eu queria desesperadamente me juntar à Igreja da Vontade. Ela me respondeu que no momento não havia vagas. Assim, tive que pensar em outra maneira de entrar na comunidade.*

*Dirigi um carro alugado de Chicago até Pittsburgh, e então até a Virgínia. Em vez de sair da rota e seguir até Washington D.C. e Alexandria, peguei estradas secundárias e interestaduais até Leesburg e Manassas, e finalmente cheguei em Greenhill. A quilômetros da civilização. Se o lugar não fosse próximo do lago Áquia seria no meio do nada. Eu estacionei no acostamento, de onde podia ver as idas e vindas de pessoas passando pelo arco de entrada do complexo. Mas já era noite, então achei melhor procurar um hotel em uma cidade próxima e esperar até o dia seguinte – domingo – para agir. Foi então que vi uma picape saindo do local.*

*Um sujeito idoso a estava dirigindo. Do lado da picape, as palavras: MANUTENÇÃO DE GREENHILL.*

*Interessante.*

*Eu o segui até Stafford, que ficava perto dali, uma cidadezinha insignificante. Ele parou na entrada da Taverna Dougherty, na Estrada Jefferson Davis. Desceu do carro e entrou no bar. Eu estimei a idade dele em setenta anos ou mais. Caminhava mancando. Usava macacão.*

*Interessante.*

*Ele parecia ser um zelador de Greenhill que gostava de tomar umas na noite de sábado antes da missa na manhã de domingo.*

*Eu entrei no bar, que estava praticamente vazio. Meu alvo estava sentado em um dos bancos do balcão e falava com o barman. Eu vi que o velho da manutenção tinha pedido uma cerveja, e então disse ao barman que queria o mesmo que aquele sujeito tinha pedido.*

*O zelador olhou pra mim e disse:*

*– Você tem bom gosto pra cerveja.*

*– Eu ia dizer o mesmo de você.*

*– Você não é daqui, né?*

*– Não. Só de passagem. Dirigi o dia todo. Acho que vou procurar um hotel pra passar a noite.*

*– E vai para onde?*

*Conversa fiada. Nada interessante. Disse que seu nome era Phil.*

*Reclamou do "tique-taque", apontando para o peito. Disse que tinha algumas pontes de safena, mas não resistia à cerveja. Ficava tossindo constantemente num lenço. Dava pra ver que o tempo dele estava acabando. Talvez eu pudesse salvá-lo de uma morte lenta e dolorosa.*

*Quando ele terminou sua cerveja, me ofereci para pagar a próxima. Ele aceitou. Também pedi uma pra mim. Quando o barman trouxe a bebida, eu me levantei e sentei ao lado dele. Brindamos batendo as canecas de vidro e dizendo: "Saúde!".*

*As pessoas têm rituais estranhos.*

*Nós as bebemos de um só gole e depois erguemos as canecas na direção do barman, indicando que queríamos mais. Eu já estava com um dos frascos que Birdie tinha me vendido na mão, e o esvaziei*

*rapidamente dentro da caneca do sujeito antes que o barman a enchesse de novo.*

*Depois de mais uma rodada, que o zelador pagou, eu saí. Achei um motel barato, peguei um quarto e dormi pesadamente, sem pesadelos. Os analgésicos funcionaram a contento a noite inteira.*

*No dia seguinte, fui até Greenhill. Era domingo, e o complexo estava lotado de turistas e candidatos a membros da Igreja. Uma placa indicava que o reverendo Charlie Wilkins estava no local e iria pregar. Eu tinha perdido a cerimônia da manhã. Mas tudo bem, eu não queria particularmente ouvir o sermão. Haveria outras oportunidades.*

*Eu me vesti para o papel que representaria. Quando eu assumia uma identidade falsa, as roupas me ajudavam a entrar no personagem. Eu me tornei um roceiro de Iowa, então estava usando roupas de roceiro. Não dava para fazer nada quanto a minha careca, então deixei assim mesmo. Não queria ter que usar uma peruca por quantos dias fossem que eu iria passar lá dentro.*

*Havia dois funcionários fazendo a admissão. Um homem e uma mulher. Escolhi entrar na fila da mulher. Eu sabia quem ela era, pois tinha pesquisado. Helen McAdams. Uma das assistentes pessoais de Wilkins.*

*Perfeito.*

*Acho que ela era atraente, embora isso não importe pra mim. Mas pressenti que havia algo de errado com ela. Alguma coisa em seus olhos e maneirismos me dizia que ela tinha problemas. Era vulnerável. Solitária. Infeliz. Alguém que eu podia manipular.*

*Quando chegou minha vez, me apresentei como Stan Johnson. Um nome tão bom quanto qualquer outro. Dei o meu melhor para parecer tímido e nervoso. Disse que estava desempregado, mas que tinha experiência de trabalho em fazenda. Disse que estava procurando mais espiritualidade para minha vida, e que achava que a Igreja da Vontade podia me ajudar.*

*Eu tinha escrito no formulário de inscrição que era bom com trabalhos manuais e ela imediatamente me ofereceu a vaga de zelador e manutenção; vaga que tinha ficado disponível naquele mesmo dia. Ela disse que eu tinha tido sorte. Eu até teria o meu*

*próprio apartamento, e o dinheiro para pagar o aluguel sairia do meu salário.*

*Imagine só.*

*Acho que ela deve ter simpatizado comigo, pois disse ao colega que ia me mostrar pessoalmente o complexo. Ela ligou para Mitch Carson. Eu sabia que ele era o gerente do complexo, mas fingi não saber. Quando desligou, Helen disse para irmos encontrá-lo na cafeteria. Pelo visto, meu apartamento não ficaria pronto em mais duas horas. Helen permitiu que eu guardasse minha mochila cheia de roupas e minha maleta em um armário.*

*Encontrei Carson na cafeteria. Ele era extremamente formal e me tratou como um ser humano inferior por causa de meu recém-conquistado cargo humilde de zeladoria, mas fui educado e apertei sua mão úmida. Ele pegou minha papelada das mãos de Helen e disse que estava indo para uma reunião "lá na casa". Nós nos despedimos e Helen quis saber se eu estava com fome. Eu disse que não, mas ela explicou que a cafeteria ficava aberta para café, almoço e jantar. Havia uma cantina com máquinas automáticas que vendiam comida 24 horas. Os empregados da Igreja recebiam um tíquete-refeição, e cada vez que usavam o tíquete, uma pequena taxa era deduzida do pagamento. No final, acabei compreendendo que os empregados da Igreja trabalhavam em troca de moradia e comida. Não era um negócio ruim.*

*Helen me mostrou o enorme santuário. Eu gostei da arte. Já tinha passado algum tempo em Roma e me tornara amigo de um padre católico, então sabia para o que eu estava olhando.*

*Parece que havia qualquer coisa de bonito ali.*

*Havia uma rua principal em Greenhill. Lá havia uma loja de conveniências, uma pequena clínica médica, um banco, uma florista, uma loja de roupas, uma mercearia abastecida de verduras frescas, uma padaria e um açougue. Era como uma pequena aldeia. Os funcionários andavam por lá com carrinhos parecidos com os de golfe, como se fosse um hotel fazenda.*

*Então Helen apontou para a parte de Greenhill na qual eu estava mais interessado. A área não autorizada. Onde ficava a mansão.*

– Somente pessoal autorizado pode passar pelo portão – disse Helen ao indicar a cerca alta que protegia o local. Eu sabia que era elétrica. Por que um reverendo de um grupo religioso supostamente pacifista teria uma cerca eletrificada ao redor da propriedade? Helen tinha um cartão de acesso que lhe permitia passar pelo portão, uma vez que seu local de trabalho era dentro da mansão. Um dia, ela disse, talvez ela tivesse permissão para me levar e me mostrar lá dentro. Como zelador e responsável pela manutenção, eu teria acesso ao lado de dentro da cerca durante o horário de trabalho. Havia uma equipe de trabalhadores e eu seria supervisionado. Helen apontou para os enormes jardins do lado direito da casa. Eu disse a ela que aquilo era a minha especialidade, e ela deu a entender que veria o que poderia ser feito a respeito. Do lado esquerdo da casa havia um prédio pequeno. Ela disse que era a guarita. Perto, um grande celeiro.

Helen também apontou para a parte da mansão que ficava de frente para o lago. Ela disse que o escritório de Wilkins tinha uma parede de vidro com vista para o lago, e que quando ele estava no local, sempre fazia questão de orar ali à meia-noite.

Claro, eu sabia que a janela era à prova de balas. E, mais uma vez, por que Wilkins teria janelas à prova de balas? Ele devia ser bem paranoico. Especialmente agora que estava se candidatando à presidência.

Finalmente, entramos em um dos três prédios de apartamentos. Meu apartamento ficava no primeiro andar. Era um estúdio completo com quitinete e banheiro. Eu perguntei a Helen onde ela morava. No prédio ao lado, no segundo andar.

Conveniente.

Já eram quase seis da tarde. O celular de Helen tocou. Ela falou com "Charlie" e disse que logo estaria lá. Wilkins.

Parece que haveria uma cerimônia fúnebre não agendada para um membro da Igreja que tinha morrido, e Wilkins iria celebrar. Ela precisava ir até o santuário. Helen me disse que em um instante o sistema de alto-falantes do complexo faria o anúncio. Ela me encorajou a ir, e disse que talvez falasse comigo lá.

Eu disse que não perderia.

*Helen me deixou sozinho em meu apartamento. Eu desempacotei as coisas e vasculhei o local para me certificar de que não havia escutas. Não que eu achasse que haveria, mas cuidado nunca é demais. Depois de tomar um comprimido de oxicodona, eu refleti sobre o que se passava em Greenhill.*

*Helen McAdams era uma boa pessoa. Pena que parecia achar necessário cobrir as cicatrizes do lado de dentro dos braços com blusas de manga longa. Sim, eu detectei uma personalidade suscetível nela, e ela serviria aos meus propósitos.*

*Quanto mais perto eu chegasse dela, mais perto chegaria de Charlie Wilkins.*

## DEZESSEIS

Mais de trezentas pessoas se reuniram no santuário depois que o anúncio de que Wilkins iria falar novamente aquele dia foi transmitido por todo o complexo. O Agente 47 seguiu obedientemente a multidão e sentou-se em um banco nos fundos. Ele viu Helen McAdams sentada no primeiro banco. Mitch Carson andava pela entrada do santuário e cumprimentava os membros que conhecia pessoalmente.

Quando Wilkins se levantou para se dirigir à congregação, o Agente 47 imediatamente percebeu seu charme e carisma. Na televisão, o reverendo era extremamente interessante; em pessoa, era magnético. A voz era macia e tinha um timbre rico. O tufo de cabelo prateado refletia as luzes do teto do jeito certo, criando uma ilusão subliminar de divindade. O assassino imaginou que o reverendo devia ter passado algum tempo com seus projetistas de iluminação para conseguir aquele efeito.

– Meus amigos e colegas seguidores da Vontade – começou ele. – Esta noite estamos celebrando uma cerimônia improvisada para Philip McHenry, que voltou ao seu criador ontem à noite, após uma longa doença. Muitos de vocês provavelmente o conheciam como o zelador e responsável pela manutenção, uma pessoa reservada, que sempre tinha um brilho nos olhos.

Ele falou por mais dois ou três minutos, fazendo um discurso fúnebre para alguém com quem jamais trocara uma palavra além de um ocasional “Oi, como vai?”.

O Agente 47 ignorou os detalhes sobre o zelador falecido. Não era nada em que ele estivesse particularmente interessado. Ele passou o tempo observando o lugar, estudando os membros. Eram de todas as idades, incluindo várias famílias com crianças. Havia mais mulheres que homens. Pessoas amigáveis, inofensivas, exceto pelo

homem postado na saída, que parecia mais um guarda que um membro da Igreja. Vários bancos depois de Helen, havia um homem sentado usando uniforme militar. Era um coronel do Exército americano.

Talvez.

O assassino foi despertado de seu devaneio quando ouviu o reverendo dizer o seu nome.

– ... e o senhor Stan Johnson se juntou à Igreja da Vontade hoje, e irá assumir o lugar de Philip. Senhor Johnson? Onde está o senhor Johnson?

Ele ergueu a mão, hesitante.

– Ah, ali está o senhor Johnson. Por favor, levante-se! Não seja tímido. Somos todos amigos aqui.

O homem calvo se ergueu desajeitadamente e acenou, hesitante. Ele percebeu que Helen sorria para ele.

– Bem-vindo, Stan. Tenho certeza de que todos se apresentarão a você nos próximos dias. Espero que consiga se lembrar de todos os nomes!

Risos. Aplausos.

47 se sentou rapidamente.

Wilkins tomou um gole de água do copo que estava no pódio.

– Agora, amigos, vocês sabem que estou concorrendo à presidência.

Ovações. Vivas e gritos.

– Vou fazer um grande comício em Washington a alguns dias da eleição. Procuvo voluntários da Igreja para viajar nos ônibus daqui até o local do comício. Eu sei que alguns de vocês queriam um modo de protestar contra a administração atual e demonstrar seu apoio a mim, então eis a sua chance.

A congregação irrompeu em aplausos mais ruidosos.

Wilkins os acalmou com as mãos.

– Mas infelizmente não há lugar para todos. Então faremos sorteios. Quem quiser ir, preencherá um formulário pra isso. Mitch Carson vai instalar uma urna na cafeteria. Vamos sortear os nomes até preencher todos os assentos, ok?

Todos acharam que assim era justo.

Então ele mudou de assunto e voltou a falar de Philip; houve uma bênção e então as palavras finais. Wilkins falou sobre a importância do espírito de comunidade e sua habilidade de coexistir como uma única e grande família.

– Todos nós temos a Vontade – disse ele. – É por isso que estamos aqui.

Aquilo fez sentido para todos, menos para o Agente 47.

A cerimônia terminou com uma oração. Depois disso, a congregação se levantou e começou a sair; 47 saiu junto. Respeitando o motivo da cerimônia, todos falavam baixo. Já do lado de fora, vários homens se aproximaram do assassino e apertaram sua mão.

– Bem-vindo a Greenhill, senhor Johnson.

– Que bom que se juntou a nós, senhor Johnson.

Embora o Agente 47 estivesse preparado para um certo grau de exposição durante sua estadia no complexo, ele não esperava aquilo. Ainda assim, ele interpretou o papel do roceiro tímido e esquivou-se agilmente das tentativas de iniciar conversa. Ele não estava preocupado. Quanto mais conhecido ele fosse em Greenhill, mais as pessoas confiariam nele.

– Stan!

Ele se voltou e viu Helen se aproximando.

– E então, o que você achou? O Charlie é ótimo, não é?

O Agente aquiesceu.

– Mais carismático até do que na TV.

– Sinto muito que ele tenha chamado atenção pra você. Ele costuma fazer isso com o pessoal novo. – Ela riu um pouco. – Você parecia desconfortável.

– Eu sou um pouco tímido. Você deve ter notado.

– Está tudo bem. Eu também sou bem quietinha. Na escola eu era a menina que ninguém chamava pra dançar. – Ela forçou outro sorriso. Houve um momento de silêncio constrangido. – Você vai colocar o nome na urna pra ir a Washington?

O assassino mexeu os pés.

– Ah, não sei.

Ela apertou o braço dele e se inclinou em sua direção, como se para cochichar um segredo.

– Bom, eu *tenho* que ir. Meu assento é garantido de qualquer forma.

– Pode deixar, não conto pra ninguém.

– Não tem problema. Todo mundo vai saber mesmo.

– Bom, então talvez eu ponha o nome na urna. – Ele não tinha a menor intenção de fazê-lo.

– Ótimo! – Ela olhou para o relógio. – Ei, sabe que só agora eu percebi que estou com uma fome... e você? Quer vir comigo? – Quando ele hesitou, ela completou: – Quer dizer, se você quiser. Eu não quis...

Sorrindo, ele ergueu a mão para interrompê-la.

– Sim, é uma boa.

– Ah! Ok, então, ãh... vamos pra cafeteria! Já é hora do jantar.

Ele teve a impressão de que ela ficara surpresa de ele ter aceitado.

A comida era surpreendentemente boa. O Agente 47 esperava que fosse o tipo de merenda servida em escolas públicas, mas era bem melhor.

– Nós temos dois *chefs* aqui – Helen explicou enquanto se sentavam sozinhos em uma ponta do salão do refeitório, que tinha o tamanho de um ginásio de esportes. – Eles fazem questão de usar ingredientes frescos e preparar comida saudável para os membros. Alguns de nós somos vegetarianos. Os carnívoros aqui comem carne de gado e frango da melhor qualidade, alimentados sem hormônios ou conservantes.

– Estou impressionado – disse o assassino. Ele escolhera macarrão, molho de tomate e almôndegas, salada Caesar e um refrigerante. Helen pediu salmão com raiz-forte e *croutons*, e vegetais no vapor.

– Então, me conte por que você está aqui, Stan. Por que a Igreja da Vontade?

O Agente 47 tinha preparado bem sua história falsa, e a contou com tranquilidade, usando as características do personagem que ele tinha ensaiado.

– Bom, não é uma história muito boa. Meu pai tinha uma fazenda em Iowa. Eu cresci lá, então entendo dessas coisas de roça desde pequeno. Não tenho irmãos nem irmãs. Acho que meus pais queriam mais filhos, mas por alguma razão minha mãe não pôde mais conceber. Bom, daí eu fui pra uma escola agrotécnica depois do colégio. Meus pais morreram num incêndio nessa época. Eu voltei pra cuidar da fazenda da família. Por um tempo as coisas foram indo, mas há dois anos tive que pedir falência.

– Pobrezinho. Sinto muito sobre seus pais.

– É.

– O que aconteceu com a fazenda?

– Você sabe... economia ruim. Os invernos foram muito duros, muita plantação foi destruída. O governo não ajudou os fazendeiros. Como quase todo mundo no país, comecei a ficar de saco cheio. Fui a alguns protestos em Des Moines e um em Chicago. E então comecei a assistir ao *E Sua Vontade?*, e foi o que bastou. Eu percebi que estava me sentindo meio só no mundo. Eu sabia que precisava de uma sacudida no departamento espiritual.

– Eu entendo perfeitamente. O *E Sua Vontade?* é muito bom, não é?

– Eu gosto muito.

Eles continuaram a comer em silêncio por alguns momentos, e então ela perguntou:

– Stan, e uma família só sua? Nada de esposa e filhos?

Ele sacudiu a cabeça.

– Não.

– Namorada?

Ele deu outro gole no refrigerante e olhou diretamente para Helen.

– Infelizmente não. Eu nunca fui muito bom com essas coisas.

Helen sorriu.

– Sabe de uma coisa?

– O quê?

– Nem eu. – ela deu um risinho nervoso e continuou a comer.

Depois de outra pausa, o Agente 47 percebeu que ela estava estudando seu rosto.

– O que foi?

– Nada. – ela suspirou. – Bom, tem alguma coisa nos seus olhos que me parece muito familiar. Eles são muito intensos.

Ele deu de ombros e riu sem jeito.

– São os que vieram de fábrica.

Então o assassino olhou para o prato para evitar mais contato visual desnecessário. Ele notara que Helen tinha a mesma sombra de solidão nos olhos que ele, e 47 não queria que a conversa se voltasse para esse assunto. Fingir timidez disfarçaria seu desconforto.

Naquele instante, o coronel Ashton marchou cafeteria adentro com uma bandeja nas mãos, seguido de três outros homens e de Mitch Carson.

O assassino sussurrou:

– Quem é?

– Ah, é o coronel. A gente o *chama* de coronel. O nome é Bruce Ashton. Não é coronel de verdade. Não está nem no exército, na verdade, mas age como se estivesse. Acho que ele *era* coronel do exército mas se aposentou. Não conheço a história dele toda.

– Ele é membro da Igreja?

– É. E acaba de ser designado como diretor de segurança de Charlie para as viagens em campanha. Esse é o trabalho dele. Tem um negócio de segurança no Oriente Médio.

– Entendo.

– Eu não lido muito com ele.

O Agente aquiesceu.

– Me fale mais sobre você, Helen. Por que  *você* está aqui?

Foi a vez dela de mostrar reserva.

– Eu não sei. Eu estava me sentindo perdida, acho, que nem você. Não tenho pais, nem irmãos ou irmãs. Então acho que também estou sozinha no mundo. Eu também tive...

Ela hesitou e desviou o olhar.

– O quê?

– Deixa pra lá. – Inconscientemente, ela puxou as mangas da blusa, procurando esconder as marcas vermelhas.

Ele fez o melhor para parecer simpático.

– Tudo bem, Helen. Você pode me falar.

– Ah, foram só, ãh, alguns problemas médicos que eu tive, só isso. Ele esperou que ela continuasse. Ela não o fez, e o assassino disse:

– Bom, espero que você esteja melhor agora.

– Estou sim.

Ela sorriu, mas 47 não acreditou. Helen McAdams era definitivamente uma alma vulnerável.

Depois de mais algum tempo de silêncio constrangedor, ela perguntou:

– Com licença? Vou ao toalete.

– Claro.

Ela se levantou e se afastou. O Agente 47 terminou de comer e estudou o pessoal da cafeteria. Quantos ali também eram almas perdidas? Será que todos tinham passados infelizes? Estariam todos procurando aquele momento mágico em que repentinamente suas vidas fariam sentido? Será que achavam que encontrariam sentido *ali*?

O coronel Ashton e seu séquito tinham terminado de comer e se levantaram. O Agente 47 os observou enquanto deixavam o salão. O assassino pegou a bandeja e a levou até a esteira rolante sob a placa que dizia: COLOQUE BANDEJAS E PRATOS AQUI. Depois ele seguiu Ashton e ficou do lado de fora, vendo o mercenário subir em um jipe com os outros. Eles foram em direção à área restrita.

*Segredos*, pensou 47.

Greenhill tinha muitos segredos.

# DEZESSETE

*Era minha primeira noite no apartamento em Greenhill. O meio da noite, para ser mais exato. Geralmente eu não tinha problemas para dormir, mas naquela noite eu não conseguia. Não sabia por quê.*

*Tudo saíra de acordo com o planejado. Eu estabelecera um disfarce crível. Fizera amizade com alguém de dentro. Agora tinha que esperar até que a Agência me dissesse para ir adiante e matar Charlie Wilkins.*

*Quanto tempo eu teria de esperar? A eleição era em menos de um mês.*

*Uma janela do meu apartamento dava de frente para a rua principal do complexo. Eu afastei as cortinas e olhei para fora. Estava tudo escuro. As lâmpadas dos postes de iluminação lançavam uma luz baça na "rua". Não havia nenhuma alma por perto. Todos iam dormir à noite? Seria esse lugar tão disciplinado. Eu nunca conheci uma área ocupada por pessoas que seguiam horários de rotina. É fato que algumas pessoas são da noite, outras são do dia. Certamente haveria alguém no complexo que estava acordado como eu. E me perguntei se essa pessoa seria Helen. Minha amiga.*

*Era irônico que eu tivesse um "jantar romântico" marcado com ela. Eu. Um jantar romântico.*

*Era estranho, esse sentimento de ter uma amiga. Mesmo que fosse tudo uma farsa, havia algo genuíno na atração entre nós. Claro que a pessoa que eu apresentei para ela não era meu eu real.*

*Eu não tinha certeza de quem era o meu eu real. Eu nunca tivera.*

*Acho que sempre pensei em mim mesmo como uma espécie de máquina. Uma "coisa" que faz o que eu faço sem qualquer sentimento. Mas eu era de carne e osso. Eu tinha terminações nervosas em minha pele. Eu tinha órgãos internos e um cérebro e*

*um coração. Eu podia ter sido criado em laboratório, mas eu era humano – eu supunha.*

*Então por que eu não tinha os sentimentos que os outros humanos tinham? Eu não sabia.*

*Mas às vezes eu sentia como se os sentimentos estivessem fazendo força para emergir. Como se algum tipo de barreira os impedisse de aparecer na superfície.*

*Como no atentado contra Dana Linder. Ela não era uma pessoa ruim, pelo que eu pude ver. Eu não deveria ter sentido algum remorso ou culpa pelo atentado? Pessoas “normais” sentiriam. Às vezes eu me perguntava se haveria alguma maneira de me permitir sentir essas coisas. Haveria algum botão a apertar? Um gatilho?*

*Hoje eu senti algo quando falei com Helen. Eu nunca tinha falado com uma mulher como amiga antes. Diana era o mais próximo que eu jamais chegara de ter uma amiga. E não acabou muito bem.*

*Por quanto tempo eu conseguiria manter a farsa com Helen? Onde isso tudo iria dar?*

*Eu não sabia, mas eu faria o que tivesse de fazer.*

*Eu estava no parque Millennium em Chicago.*

*O carrinho de bebê. Vestido de mulher. Rifle em mãos. Dana Linder no palco. Eu estava prestes a erguer o rifle, colocando-a em minha alça de mira; prestes a apertar o gatilho.*

*Mas não havia ninguém mais no parque. Era apenas ela e eu. Silêncio total. Nem mesmo vento ou pássaros.*

*Levei o olho à mira telescópica. E o alvo não era Dana Linder. Era a sombra. Sem rosto. A Morte.*

*E de repente eu já não estava em Chicago. Já não apontava o rifle para a Morte no palco do pavilhão.*

*Estava de volta àquela montanha no Himalaia. O gelo e a neve sob meus pés estavam esfacelando.*

*A Morte me observava, ansiosa.*

*Acordei suando. Outro pesadelo. Fazia tempo que não tinha um. Estranho que acontecesse agora. Eu me perguntei o que significava.*

*O relógio marcava quase cinco da manhã. Eu devo ter finalmente caído no sono.*

*Afastei os resquícios do sonho da mente e me levantei. Fui até o banheiro, peguei o frasco de comprimidos e tomei dois.*

*E meus pensamentos voltaram para aquele dia fatídico no Nepal...*

# DEZOITO

A borda do penhasco tremeu violentamente enquanto rocha e gelo choviam ao seu redor. O Agente 47 não podia avançar por causa das rajadas da QBZ-95 do inimigo chinês. Voltar significaria cair com a avalanche iminente e ser enterrado vivo sob toneladas de gelo e neve.

O assassino mirou mais uma vez a Silverballer no guarda-costas dependurado, se expondo à linha de tiro do agressor. Mas a turbulência era forte demais. Todo o flanco da montanha parecia prestes a desabar feito um castelo de cartas. O gelo sob seus pés cedeu e arremessou 47 para o lado, no mesmo instante em que ele sentiu uma estocada de fogo penetrar seu flanco esquerdo. Ao cair pesadamente na superfície irregular, ele teve a presença de espírito de perceber que o chão instável salvara sua vida. A bala do chinês de fato perfurara a parte carnuda na linha da cintura, mas se 47 estivesse em pé naquela hora, a bala teria atravessado seu abdômen.

As ondas de choque avançaram pelo flanco do penhasco até os homens de Nam Vo. O sujeito que dava cobertura ao homem dependurado perdeu o equilíbrio e escorregou. Ele passou pela borda do penhasco, mas conseguiu agarrar a corda que suspendia seu parceiro. O Agente 47 os ouviu gritando entre si em seu idioma. A corda não suportaria os dois. A borda de pedra estalou e os dois homens quicaram presos à corda. Um deles gritou de terror, pois não havia nada lá embaixo a não ser puro ar.

O Agente 47 rastejou adiante, deixando sangue na neve atrás de si. Os tremores ficaram mais intensos: o explosivo estava funcionando. Se ao menos ele conseguisse se afastar a tempo...

A corda que segurava os dois chineses finalmente cedeu. Eles emitiram um grito de morte.

O Agente 47 os viu despencar até se tornar pequenos pontos contra o flanco enevado e cinza da montanha.

Ele continuou se movendo. A borda do penhasco que se projetava para diante estava a apenas alguns metros à sua direita. Sem perder o sucesso da missão de vista, o assassino ousou olhar para baixo para ver o que Nam Vo e seu grupo estavam fazendo.

Eles ainda estavam no mesmo lugar, sem entender a causa de toda a comoção acima de suas cabeças e ignorantes da tragédia iminente.

Então o céu e a terra se abriram e o penhasco de gelo entrou em colapso, carregando o Agente 47 através de luzes ofuscantes até a escuridão profunda e completa.

Peritos em geologia e jornais noticiaram a catástrofe como uma grande "avalanche de placa" medindo 4 600 metros de extensão e 18 mil metros de volume – uma das maiores já registradas no Himalaia. A culpa foi lançada em alguma causa natural. Nam Vo e sua equipe expedicionária foram varridos, e seus corpos jamais foram encontrados.

Embora não soubesse na época, o Agente 47 teve muita, muita sorte.

Ele fora arrastado junto com a massa principal de neve e gelo por cerca de 250 metros, e então seu corpo bateu em um aclave de rocha sobre o qual a neve recém-caída e macia se depositara. O impacto fez o assassino quicar na direção da face da montanha, em vez de se afastar dela. Inconsciente, o Agente 47 rolou feito uma tora para dentro de uma fenda de rocha que se projetava no aclave. Ele teria despencado no fundo da fissura se as paredes não fossem tão estreitas. Em vez disso, seu corpo ficou preso a vários metros da abertura no alto. Ele foi isolado e protegido do cataclismo letal que ainda duraria trinta minutos.

Quando seus olhos se abriram, a primeira coisa que ele notou foi o frio. Então, quase imediatamente, sentiu a dor excruciante nas costas. Ele não sabia se estavam quebradas ou não. Ele estava entalado no recesso, com o torso preso nas paredes cônicas de gelo.

Preso. Feito rolha em garrafa.

A única coisa que o reconfortava é que o sol brilhava acima dele através da fenda. Ele poderia escalar para fora se se esforçasse. A agonia nas costas era o maior obstáculo em seu caminho.

O Agente 47 não conseguia ver suas pernas, uma vez que as paredes rochosas apertavam forte seu peito e cintura, mas ele podia movê-las. Ele não estava paralisado, o que significava que suas costas, miraculosamente, não tinham se quebrado. Mas doía feito o diabo. Certamente ele rompera um disco ou dois. A abertura na montanha salvara sua vida, mas esmagara brutalmente seu torso como se fosse feito de argila.

Também era difícil respirar. A pressão da pedra contra seu peito impedia que ele inspirasse profundamente. Perceber aquilo foi o bastante para que 47 tentasse escapar. Ele conhecera dor em sua vida, mas aquela seria uma experiência severa. Por sorte, seus braços ficaram acima da linha dos ombros, permitindo que ele os usasse para se içar. O mero gesto de se pressionar para baixo com suas mãos e braços produziu intensas fisgadas de dor em seus músculos.

*Vai um pouco de cada vez.*

*Empurra pra baixo, mexe pra cima. Empurra pra baixo, mexe pra cima.*

O Agente 47 sentiu-se como um verme tentando passar por um tubo forrado de pontas afiadas.

Suas roupas se rasgaram quando a pedra penetrou na pele de sua barriga e peito. O ferimento de bala não era nada comparado ao que suas costas passavam.

O assassino quase desmaiou pela dor e pelo esforço, mas se obrigou a persistir. Se ele não saísse daquele buraco *naquele momento*, jamais sairia. Ele morreria ali, como uma mosca presa em uma teia de pedra e gelo.

*Empurra pra baixo, mexe pra cima.*

Ele não soube quanto tempo demorou, mas quando os ossos do quadril se soltaram da passagem estreita e irregular, ele estava livre. Já não doía tanto apoiar seu peso nas pernas. Cinco minutos depois, ele estava no topo, olhando para baixo, para o abismo que poderia ter sido seu túmulo.

Havia neve por toda parte – era tanta brancura brilhante que era difícil discernir onde acabava a beirada do penhasco.

Ele verificou o que ainda trazia consigo.

Sua amada maleta sumira. A Silverballer que ele levava na mão também. A mochila com seus suprimentos: arremessada longe e enterrada em algum ponto quilômetros abaixo dali. Ele não tinha equipamento de escalada. Tudo o que ele achou foi um bolo de dinheiro em um bolso e um passaporte falso.

Com exceção das roupas rasgadas e botas, ele estava desprotegido contra os elementos. Ele rasgou uma tira da jaqueta, ergueu a camisa e amarrou a tira na cintura para, com sorte, parar o sangramento do tiro.

Enfim, talvez ele fosse mesmo morrer em Kangchenjunga.

Não parecia haver uma trilha fácil para baixo, mas a face ascendente da montanha parecia ser escalável usando apenas mãos e pés. O Agente 47 pensou ter visto uma borda plana cerca de quinze metros mais para cima. Talvez lá houvesse outra rota mais fácil que ele poderia tomar sem equipamento de escalada. Ele sabia que era improvável, já que chegar a qualquer altitude em Kangchenjunga requeria mais equipamento e perícia do que o que ele possuía. Mas ele precisava tentar.

O vento gélido ficava mais forte enquanto ele escalava a face rochosa. Suas luvas o ajudaram a se segurar, e ao menos as botas eram fortes e robustas. Cada centímetro de subida lhe custava muito em dor. Ele sentia como se tivesse sido torturado em um aparelho medieval; como se suas vértebras tivessem sido arrancadas ou esmagadas e tivessem sido postas permanentemente em uma posição desconfortável.

Quando chegou à borda plana, 47 desabou e ficou deitado de bruços. Ele raramente praguejava, mas, daquela vez, permitiu que alguns expletivos partissem de seus lábios.

Foi então que ele pensou com raiva em Diana.

O que tinha acontecido? Para onde ela tinha ido? Por que o tinha deixado sozinho? A missão fora um sucesso – ele tinha certeza de que Nam Vo estava morto –, mas quem mais poderia ter morrido na avalanche? O explosivo obviamente causara um deslizamento

bastante destrutivo, mas, sem o ponto exato, que Diana deveria ter fornecido, a coisa se resolveu de forma extremamente caótica.

Ele provavelmente desmaiou de cansaço e dor, pois a próxima coisa que viu foi o sol já bem mais baixo no horizonte. Ele notou que a temperatura estava vários graus mais fria e o vento soprava dolorosamente. Ele perdera a tenda junto com a mochila. Será que ele poderia sobreviver a uma noite na montanha? Talvez fosse melhor para ele ter ficado preso no buraco, afinal!

O Agente 47 rolou de lado e fez uma careta. Não havia posição confortável em que ficar. Não importava o que fizesse, os nervos em suas costas gritavam de dor.

Então ele ouviu vozes.

Estaria alucinando?

O assassino esticou a mão para pegar um sinalizador que trazia no bolso da jaqueta – mas tinha sumido. Se pelo menos ele pudesse chamar alguma atenção. Será que alguém o veria?

As vozes ficaram mais altas.

*Alguém estava perto!*

Ele tentou chamar, mas sua voz falhou. Ele não conseguia fazer as cordas vocais funcionarem.

Então duas sombras apareceram na borda. Pessoas.

O assassino não soube discernir o quão longe elas estavam. Delirava de dor. Mas conseguiu erguer um braço e sacudi-lo de um lado para o outro. Na luz baça, o sol poente lançava um reflexo do seu relógio de pulso, que agia como um farol.

Os dois viajantes o viram e se aproximaram correndo.

Quando acordou, o agente 47 viu uma luz bruxuleante dançando em um teto de pedra. Estalactites de gelo pendiam feito adagas, mas sem risco de caírem sobre ele.

Ele estava em alguma caverna.

O assassino virou a cabeça.

Uma fogueira. Um homem e uma mulher, encolhidos, sentados perto do calor. Não eram caucasianos. Nepaleses, provavelmente. Talvez tibetanos.

A mulher olhou para ele e murmurou alguma coisa. Ambos se levantaram e se aproximaram dele. Falavam uma língua que 47 não compreendia.

Ele tentou se erguer, mas a dor atravessou as suas costas e ele quase gritou. A mulher disse algumas palavras reconfortantes e o empurrou gentilmente para baixo. Ele estava deitado sobre um cobertor de peles. Ela disse outra coisa, afastou-se rastejando, e então retornou com uma tigela de líquido quente.

Sopa de manteiga de iaque com grãos de cevada.

Embora tivesse um gosto horrível, o Agente 47 a consumiu vorazmente, como se fosse sua última refeição sobre a Terra.

Os nômades nepaleses costuraram o ferimento à bala e cuidaram do assassino por duas semanas em sua caverna de gelo particular no flanco do Kangchenjunga. Pelo que o agente 47 pôde compreender, o casal tinha abandonado a civilização há bastante tempo. Talvez estivessem se escondendo dos chineses no Tibete. O marido fazia viagens mensais até uma das aldeias abaixo para estocar comida e suprimentos. O lar deles era bem montado e confortável – para uma caverna. O Agente 47 achou que o casal podia ter se tornado um tanto estranho por causa do isolamento, mas pelo menos sabiam como cuidar dele.

Finalmente, 47 estava bem o suficiente para partir. O nepalês o acompanhou na descida do Kangchenjunga. Usando o equipamento de escalada do casal, a jornada de sete horas demorou duas vezes mais devido à dor que 47 ainda sentia. Mas no final o Agente 47 se viu outra vez em terreno sólido e plano. Ele pagou o homem com o dinheiro que tinha no bolso. A princípio, o eremita recusou, mas o assassino insistiu. Eles se despediram com um aperto de mão.

A dor ainda era severa. Só o caminhar já o incomodava bastante.

Ele deu entrada em um hospital em Kathmandu e descobriu que estava sofrendo de hérnia de disco. O nervo ciático estava sob constante pressão, e doía. O médico lhe disse que analgésicos e anti-inflamatórios eram a melhor abordagem e que 47 deveria ficar de cama por cerca de seis semanas. O assassino obedeceu ao conselho, hospedou-se em um hotel de quinta e se medicou com comprimidos de oxicodona e naproxeno sódico.

Depois de duas semanas, ele mancou feito um aleijado até uma *lan house* e tentou contatar Diana. Todas as linhas de comunicação com ela tinham sido rompidas. Ele verificou o servidor seguro por onde recebia mensagens da Agência. Havia várias mensagens, pedindo que ele contatasse a ACI quando as recebesse. Com certeza achavam que ele estava morto. E não havia menção a Diana.

Levou quatorze semanas até que o Agente 47 se livrasse completamente da dor. Ele agradeceu ao médico e partiu do Nepal com um suprimento de analgésicos para três meses. O assassino descobrira que gostava dos efeitos, que não tinham nada a ver com a diminuição do desconforto. Ele começara a ter sonhos estranhos, pesadelos, e a oxicodona parecia controlá-los. Por algum motivo, as pílulas não o dopavam; ao contrário, o deixavam confiante e com a mente limpa. Somente quando ele diminuía a dosagem ou parava totalmente com a automedicação é que voltava a experimentar uma reação nervosa e ansiosa. Era melhor continuar a tomar os comprimidos.

O Agente 47 foi até o México e se refugiou em Guadalajara. Ele conhecia um traficante de armas por lá que lhe vendeu novas AMT Hardballers, completas com cabos de pérola, iguais às suas Silverballers perdidas. Levou um mês para recriar a maleta de couro com a insígnia de flor-de-lis.

Por todo aquele tempo, o assassino tentou periodicamente encontrar Diana. Ainda não havia qualquer sinal do seu antigo contato. Ele ignorava todas as mensagens da Agência. Não sentia vontade de voltar a eles. Já tivera o bastante da ACI. Seis meses depois da avalanche, a Agência parou de mandar mensagens.

Embora machucado e longe do alto padrão que gostava de manter, o Agente 47 estava livre para fazer o que quisesse.

# DEZENOVE

Benjamin Travis tamborilou com a ponta dos dedos na mesa de seu escritório e escutou novamente a mensagem do cliente.

– *Fiquem na espera.*

Era isso. Nenhuma instrução adicional, nenhuma explicação ou indicação de que o segundo atentado – o de Charlie Wilkins – seria autorizado.

Travis chegara à conclusão de que não tinha sido o governo dos EUA o mandante do atentado a Dana Linder. Se fosse, por que instruiriam o assassino a deixar a arma na cena do crime incriminando o Exército americano? O número de série tinha sido rastreado, levando a um soldado no Texas que relatara o roubo de seu rifle. A televisão e os jornais estavam cheios de acusações de que o presidente Burdett e a CIA estavam por trás do assassinato. O próprio Wilkins não demorou a fazer acusações. O mais entusiasmado proponente da teoria de que o governo estava envolvido na tragédia era o homem conhecido como Cromwell. “É hora de uma nova revolução na América”, o mercenário anunciou em cadeia nacional. Desde o assassinato de Linder, o Exército Novo aumentara a frequência de ataques a vários alvos levando sua mensagem ao público: *Rebelem-se.*

Seguro a bordo do *Jean Danjou II*, de volta às águas do mediterrâneo perto da Costa do Sol, Travis não se preocupava muito com o destino de seu país natal. Ele voltara as costas aos Estados Unidos há muito tempo. Ele assistia aos desenvolvimentos políticos na América com distanciamento divertido, até que Jade o lembrou de que, se os EUA entrassem em colapso, a economia mundial também entraria. E se isso acontecesse, haveria menos clientes para a Agência. Travis não achava que esse era o caso – talvez houvesse até *mais* clientes –, mas um colapso financeiro global seria ruim para

todos. Ainda assim, ele achava que Cromwell e o NME seriam bem-sucedidos. O país se tornara um barril de pólvora. Recentemente, a Guarda Nacional e o Exército tinham sido chamados para conter os ataques das milícias. Um tiroteio irrompera em Manassas, na Virgínia, o local de uma das batalhas da Guerra Civil. Sete civis foram mortos. Mais da metade da população protestou por todo o país, e doze mil pessoas marcharam em Washington. Mais um ou dois eventos incendiários alegadamente perpetrados pelo governo seriam o suficiente para levar a crise a um ponto crítico. O assassinato de Charlie Wilkins, caso orquestrado pela CIA, certamente empurraria o país para a guerra civil.

Então se a administração atual não era o cliente, quem era?

Travis ordenara a Jade que utilizasse todos os recursos da Agência para descobrir a identidade da voz na mensagem. Quando ele se comunicava, era sempre por telefone. Um modificador sonoro disfarçava sua voz. O número de onde ele ligava era impossível de rastrear. Para piorar, o próprio processo de codificação da Agência para aceitar e-mails e chamadas telefônicas era extremamente complicado e sólido. Os satélites refletiam o sinal entre os diversos países antes que algum cliente pudesse ser ouvido na ACI. E era assim também para tráfego na outra direção.

Pela análise que ele, Jade e a equipe tinham realizado até o momento, Travis suspeitava que o cliente podia ser o próprio Cromwell. Quem mais queria ver uma rebelião, e o que poderia causar uma rebelião mais rapidamente que os assassinatos de Dana Linder e Charlie Wilkins?

Travis considerou o status da operação. O Agente 47 estava abrigado em Greenhill, supostamente infiltrando-se na comunidade para se aproximar do alvo. O cliente prometera que a ordem para o segundo atentado viria dentro de duas semanas. Travis não achava que o cliente mudaria de ideia; até o momento, ele agira de boa fé. O dinheiro pela morte de Linder entrara sem problemas, e a Agência recebera um adiantamento não reembolsável pela morte de Wilkins. Travis não tinha dúvidas de que a segunda fase da missão aconteceria.

Mas ele não sabia o que fazer quanto ao Agente 47. O assassino tinha uma reputação impecável, mas era imprevisível. Sendo ele um clone, um guerreiro construído a partir de várias linhagens sanguíneas e sequências de DNA, 47 sem dúvida era uma espécie de máquina orgânica, e máquinas podiam quebrar ou dar defeito. Travis jamais encontrara o Agente 47 antes do episódio a bordo do iate, uma semana antes, mas sabia tudo a respeito dele. Estudara com afinco a história do assassino – que não fazia ideia de que tinha sido usado.

Era crucial que 47 jamais descobrisse. Assim, encontrar Diana era prioridade. Jade tinha uma pista que levava ao meio oeste dos EUA. Talvez essa pista desse frutos. Os funcionários da Agência talvez conseguissem localizar a traidora. E quando isso acontecesse, Travis enviaria o Agente 47 para assassiná-la.

Atrair o assassino de volta para o grupo não fora fácil. Depois de um ano procurando por ele, Roget, funcionário da Agência, reportara ter empregado os serviços do agente “autônomo” 47 na Jamaica. E Travis colocou o plano em ação. Eles pagaram uma soma substancial para que Roget lhes entregasse o assassino desgarrado por meio de um avião controlado remotamente. Não tinha sido culpa de Travis que 47 tivesse destruído o controle, impedindo a Agência de pousar a aeronave com segurança. Ao menos o sufoco pelo qual o assassino passara no Caribe tinha sido um bom teste para ver se ele ainda era bom.

O desempenho do assassino impressionara Travis e a alta gerência o suficiente para que decidissem que 47 poderia ser readmitido. A farsa a bordo do iate – permitir que 47 andasse livremente por áreas restritas com a explicação de que se tratava de uma abordagem nova, de “honestidade e confiança” – foi o toque extra. Jade não se convencera de que 47 caíra nessa história, mas alguma coisa aparentemente funcionara. O assassino concordara em voltar. O trabalho atual – missão de Linder e o provável assassinato de Wilkins – seria outra avaliação da lealdade de 47 e do seu nível de habilidade atual. Travis não tinha dúvidas que, se fosse bem-sucedido em uma missão tão difícil quanto essa, 47 conseguiria ir

atrás do seu antigo contato. O assassino era o único que podia matar Diana.

Se ao menos ela não tivesse conseguido fugir do hotel em Paris antes de a equipe de Travis entrar em seu quarto atirando... Ela estaria numa sepultura. Em vez disso, a mulher fugira com muito material comprometedor de Travis. Ela ameaçara expor o projeto ao mundo, e ele acreditava que ela poderia – e iria – fazê-lo. Então por que ainda não o tinha feito? Já tinha se passado um ano. O que ela estava esperando?

Travis imaginava que ela ainda precisava de alguma prova física. Tudo o que ela tinha no momento estava em sua cabeça. Seria preciso mais do que isso para convencer o mundo de que Travis e a Agência tramavam algo maligno. Diana seria uma mulher morta assim que fosse encontrada.

Agora Travis precisava convencer o Agente 47 de que seu antigo contato o tinha traído naquele dia fatídico no Himalaia. Ele precisava plantar as sementes da dúvida e da desconfiança na mente já desconfiada do assassino.

E estava funcionando.

# VINTE

Os dias corriam; já era a metade de outubro.

O Agente 47 trabalhava como zelador e chefe de manutenção, embora a maior parte das tarefas não tivesse nada a ver com a descrição. Seu supervisor era um jovem chamado Stuart Chambers. O assassino imediatamente antipatizou com ele. Chambers levava sua função muito a sério. Nos primeiros dias, "Stan" recebera as tarefas mais desprezíveis e repelentes, como escovar os vasos sanitários masculinos e femininos em todos os banheiros de Greenhill. Depois, Chambers ordenara a 47 que limpasse a caixa de gordura da cozinha da cafeteria. Um trabalho revoltante e imundo, que deixou o assassino extremamente aborrecido. Depois de uma semana, 47 ainda não recebera nenhuma tarefa dentro da área restrita.

O único ponto positivo de estar em Greenhill, ele decidira, era as noites que passava com Helen. Uma vez que seu disfarce requeria que ele flertasse e usasse uma personalidade mais "humana", ele se esforçava para falar mais e ser mais extrovertido. A timidez fingida funcionara bem, pois encorajava Helen a "trazê-lo para fora", aproximando-os em uma espécie de amizade que, para a surpresa de 47, ele achava agradável. Ele sentia-se estranhamente confortável com o relacionamento platônico que surgira entre eles no curto período em que tinham se conhecido. Mas ele pressentira que ela desejava transformar a amizade em algo mais. Às vezes ela chamava de "encontros" os períodos em que estavam juntos, e certa noite ele notou que Helen queria que ele lhe desse um beijo de boa noite depois de levá-la até seu prédio. Mas 47 não podia fazê-lo. Algo o impedia de atravessar aquele limite.

Uma noite, após o jantar, eles passeavam pelo complexo ao longo da estrada de duas pistas que levava a Coal Landing. O sol se punha

rapidamente e o clima de outono tornara-se frio. Helen se agasalhava em um suéter e jaqueta leve. O Agente 47 usava apenas a camisa de trabalho com macacão e um casaco leve. Em certo momento, ela tremeu e reclamou do frio. Ele percebeu a deixa e a trouxe para perto de si em um abraço. Era tudo parte do papel, embora aquilo fosse completamente estranho para ele.

– Hm, bem melhor – disse ela.

O assassino sentiu-se estranho, mas usou isso para melhorar o papel do tímido Stan.

– Eu disse a Mitch Carson que você queria trabalhar nos jardins da mansão. Ele disse que falaria com Stuart sobre isso.

O Agente se permitiu um sorriso cínico.

– Eu acho que Stuart Chambers não gosta muito de mim.

– Por que você acha isso?

– Você notou que ele me passa os piores trabalhos? Ainda não fiz nada de manutenção aqui. Ele não é muito legal comigo. Por que ele é tão... tão...?

– Babaca?

Ele olhou para ela e sorriu.

– É, acho que era isso que eu estava tentando dizer.

– Não sei, mas concordo. Se bem que ele é até gentil comigo. Há cerca de um ano ele me chamou pra sair. Nós saímos algumas vezes, mas ele queria... ãh, queria mais do que eu podia dar na época. Eu também achei ele meio insensível, desrespeitoso. E terminei com ele.

Ela olhou para 47 e apertou o braço dele.

– Talvez ele esteja com ciúmes.

– De mim?

– De você, *comigo*.

– Ah.

Isso significava que o resto do complexo já os via como um *casa*? Ele não sabia se isso era bom ou ruim.

– As pessoas andam falando, sabe... – disse ela, provocando.

– Sobre nós?

– Sim. Ah, a gente tem ficado juntos toda noite desde que você chegou. Deve haver umas duzentas pessoas morando em Greenhill,

mas continua sendo um lugar pequeno. Sabe, fofoca de cidade pequena. Sempre que alguém fica com alguém, todo mundo sabe.

– Eu não sabia – ele achou isso tudo perturbador. – Porque alguém se importaria?

– Você sabe como são as pessoas.

Ele jamais pensara naquilo. Toda a história de relacionamento era nova para 47, e ele disse isso para Helen.

Ela apertou o seu braço outra vez, ficou na ponta dos pés e beijou sua bochecha. O Agente corou.

– É nova pra mim também, Stan.

*Aquilo tudo era muito bizarro.*

*Helen estava agindo como se eu fosse seu namorado.*

*Eu sabia que precisava me aproximar dela ao chegar aqui. O plano era me integrar em uma vida social humana "normal", e eu já fiz isso. Fiquei surpreso com o meu sucesso, embora não achasse isso particularmente confortável. Era tudo muito estranho para mim. E me fazia sentir ainda mais como uma aberração porque, não importava o quanto eu tentasse, eu jamais seria "normal".*

*Toda manhã Helen usava seu cartão para passar pelo portão em direção à área restrita. Ela ficava na mansão o dia inteiro, trabalhando para Charlie Wilkins. Helen era minha passagem para dentro da mansão, de forma que eu precisava manter a ilusão de que éramos um casal. O que era estranho nisso tudo – e que eu não sabia como lidar – é que eu estava gostando genuinamente da companhia dela. Eu nunca tinha tido uma amiga assim. Diana Burnwood tinha sido o mais perto disso que eu havia chegado, e ela era meu contato na Agência. Eu raramente a via em pessoa. Podia contar quantas vezes em uma só mão. Com Helen era bem diferente. Ela era apenas uma pessoa normal, decente, mas havia algo em seu passado do qual ela se envergonhava, algo que a machucava. Eu queria saber o que era.*

*Wilkins tinha deixado o complexo e viajava com o comitê de campanha. Ele tinha bastante trabalho a fazer antes da eleição, que aconteceria em três semanas. Até agora a Agência não tinha se manifestado sobre o atentado. Eu não esperava que a ordem viesse*

*cedo demais. Helen me contara coisas interessantes sobre Wilkins. Eu já fizera meu trabalho e pesquisara a vida dele com cuidado. Sabia como ele criara a Igreja nos anos 1970 e começara a subir na vida. Ele se tornou um milionário ao abrir a cadeia de restaurantes fast-food, o que lhe deu os meios para expandir a Igreja. Helen me disse que ele era bem próximo da mãe de Dana Shipley Linder, e que o pai dela tinha morrido em um acidente de caça.*

*Interessante.*

*Acidentes de caça fatais são bem raros, na verdade.*

*Enquanto isso, eu resolvi continuar meu tal "trabalho" em Greenhill, e continuar vendo Helen. Eu ousei em voz alta. Eu gostava dela. E era uma sensação curiosa e desconhecida. Pela primeira vez na vida eu sentia o que os outros chamavam de emoção.*

O Agente bateu na porta do apartamento carregando um buquê de flores comprado na floricultura do Sam, na rua principal de Greenhill. A porta se abriu rapidamente, e Helen apareceu usando um vestido decotado e provocante. Ele usava seu terno preto e gravata vermelha.

– Stan, entre. Ah, flores! São pra mim?

– Claro. – Ele as entregou e entrou. Ela fechou a porta e cheirou o buquê misto.

– Que lindas! Vou pegar um vaso pra elas. Entre, pode ficar à vontade. O jantar está quase pronto.

Embora ele já tivesse estado no apartamento dela algumas vezes, essa era a primeira vez em que teriam um encontro com jantar propriamente dito. A casa de Helen era um quarto e sala; era decididamente feminino e decorado com bom gosto. Uma mesa coberta por uma toalha branca ficava no meio da sala. Duas grandes velas acesas forneciam uma luz bruxuleante. E Helen tinha colocado várias velas pela sala.

Agente 47 perguntou-se se era isso que chamavam de jantar "romântico". Tendo se preparado para o que podia ser uma situação imprevisível, ele escolhera não tomar nenhuma oxicodona aquele dia. Por enquanto, sentia-se bem.

Ela voltou à sala trazendo as flores em um vaso de vidro.

– Vou colocar na mesinha de café porque o vaso é muito grande pra nossa mesa. Você gostou? Peguei a toalha emprestada da cafeteria.

– É muito bonita.

Ela sorriu.

– Stan, você é mesmo um homem de poucas palavras. – Ela apontou para uma garrafa de champanhe em um balde de gelo. – Pode abrir pra mim? Tenho que ver como está a galinha.

Ele pegou a garrafa, examinou o rótulo e não reconheceu o nome. Ele imaginou que deveria ser uma das marcas baratas vendidas na loja de conveniência em Greenhill. Não importava. Ele não planejava beber muito. O Agente arrancou o lacre de alumínio, forçou a rolha e apontou a garrafa para o teto. Houve um *pop!* e o líquido espumante se derramou no carpete. Helen voltou a tempo de ver.

– Desculpe – disse ele.

Ela riu de novo.

– Não seja bobo. É isso o que acontece com champanhe. – Ela pegou as duas taças da mesa e estendeu para ele. – Sirva, senhor.

Ele o fez e devolveu a garrafa ao balde.

– Nós estamos celebrando alguma coisa?

– Nada. Mas a gente precisa estar celebrando pra tomar champanhe?

Ele pegou a taça. Ela levantou a sua e disse:

– À vitória de Charlie, à Igreja da Vontade e à nossa amizade.

Ele bateu a taça na dela e tomou um gole. Helen quase esvaziou a dela. Não era a melhor champanhe que ele já tomara, nem a pior.

O jantar era frango assado com molho de mostarda, e 47 achou delicioso. Helen também preparara batatas e brócolis assado com alho. Ela trouxe uma garrafa de vinho e encheu outra taça. Ele a viu beber demais durante o jantar, e ela ficou alegriinha e falante. Estava obviamente nervosa, como se esperasse que algo acontecesse entre eles aquela noite.

O Agente reconheceu que, se ele fosse um pouco mais parecido com os outros homens, algo aconteceria. Por sorte, ele não era.

Quando terminaram o jantar, o assassino a ajudou com os pratos. Ela lavava, ele enxugava. Então as mãos de 47 começaram a tremer.

A maldita ansiedade retornara. Quando ela lhe passou um prato molhado, ele escorregou de seus dedos trêmulos e se espatifou no chão.

– Desculpe, Helen. Eu estou muito desastrado.

– Está tudo bem, tudo bem. Vou pegar uma vassoura e a pá.

Ele se agachou e catou os cacos. Ela trouxe um saco de papel para ele.

– Tome cuidado, não vá se cortar.

Ele a ajudou com a pá, e logo a bagunça tinha sido limpa. Então ele pediu para usar o banheiro. Sozinho, ele pegou o frasco de comprimido do bolso e o abriu, mas o frasco escorregou de suas mãos trêmulas e caiu, espalhando os comprimidos no chão.

– Está tudo bem aí dentro? – ele a ouviu perguntar.

– Tudo.

Ele pegou os comprimidos, engoliu dois e colocou o resto no frasco. Ao voltar para a sala, Helen se levantou e disse:

– Agora é a minha vez. Com licença.

– Claro.

Enquanto ela estava no banheiro, ele ficou examinando o ambiente. Havia uma coleção de livros em uma prateleira, a maior parte histórias românticas e alguns livros de autoajuda. O que chamava mais a sua atenção era a ausência de fotografias. Não havia fotos de família. Nenhuma foto de formatura.

Seria um sinal de solidão?

Helen reapareceu com uma expressão preocupada no rosto.

– Está tudo bem? – perguntou 47.

– Stan? O que é isso? – Ela estendeu a mão. Três comprimidos de oxicodona.

– Estavam no chão atrás da porta. São suas, não são?

Ele não as vira durante a limpeza. Agora que tinha sido pego, era melhor ser honesto.

– Sim, são. Eu tomo pra dor.

– Dor? Sério?

Ele deu de ombros.

– Não. Não é isso.

– Stan. Eu conheço esses comprimidos. É oxicodona, não é?

Ele aquiesceu.

Helen pegou sua mão e o levou até o sofá. Quando sentaram, ela perguntou:

– Stan, por que você está tomando isso?

– Eu tive um acidente há um ano. Estava tomando pra controlar a dor, mas... bom, continuei tomando depois.

– Stan, você está viciado. Você sabe, não sabe?

Ele balançou a cabeça.

– Eu posso parar quando quiser. Eu só não quero ainda.

– Ou seja: você *está* viciado. Stan, me escute. *Eu* já fui viciada em oxicodona também. Por muito tempo. Eu não contei isso pra ninguém de Greenhill, nem mesmo para Charlie. Mas... eu não sei, eu confio em você. Acho que somos... almas gêmeas, Stan. Você carrega uma tristeza que eu sinto também. Você... você sabe do que estou falando?

Ele hesitou, mas então fez que sim com a cabeça.

Ela voltou as costas para ele e não olhou em sua direção enquanto falava. Ele podia ver que aquilo era bem difícil para ela.

– Stan, eu estava muito perdida há alguns anos. Eu usava drogas, várias. Eu usei de tudo. Estava viciada em heroína. Depois foi a oxicodona, e fiquei viciada também. Eu... eu fiz coisas horríveis pra sustentar o vício. Não tenho orgulho delas. Stan, eu ainda luto com isso. Todo dia, não tem um momento em que eu não sinta vontade de usar alguma coisa. Foi por isso que me juntei à Igreja da Vontade. Eu precisava dessa força para combater meu vício. Stan, se você soubesse as coisas que eu fiz...

O Agente 47 pensou: *Se você soubesse as coisas que eu fiz!*

Ela se voltou para ele e disse:

– Eu posso te ajudar, Stan. Você precisa parar. Você sabe disso. Você pode não querer admitir, mas no fundo você tem Vontade pra isso. É o que Charlie nos ensina. Você tem a Vontade pra parar e jogar esses comprimidos fora. Talvez você precise de ajuda médica, mas tem gente que consegue simplesmente parar de tomar. Você vai ficar mal por algumas semanas, mas vai conseguir. Eu ajudo você, Stan. Você vai me deixar te ajudar?

– Helen...

– Se eu consigo, então eu sei que você também consegue. Eu não sou muito forte, Stan. Eu sou bem fraca. Acho que é melhor você saber disso a meu respeito se a gente continuar sendo... amigos. – Então ela olhou para ele. – Ou alguma coisa a mais. – Ela se inclinou para perto, olhando nos olhos dele, e abriu um pouco a boca.

Ela queria que Stan Johnson a beijasse.

– Helen, eu...

Ela se aproximou e colocou a mão no rosto dele.

Mas o Agente 47 não conseguia fazer isso.

– Helen, eu... eu não fui feito pra esse tipo de relacionamento.

Ela piscou, mas não tirou a mão.

– Você é...

– Não, eu não sou gay. Mas eu nunca tive um relacionamento que saísse do jeito certo. Acho que eu fiquei cínico. É difícil pra mim confiar nas pessoas.

– Você pode confiar em mim, Stan.

– Eu sei que posso. Eu admiro muito você. Eu acho que nós podemos ser muito próximos, mas eu queria que fôssemos apenas... amigos.

Ele viu a decepção nos olhos dela. Ela tirou a mão do rosto dele e deu um bom gole de champanhe.

– Claro. Pode ser.

– Helen. Você não me conhece de verdade...

Ela ergueu a mão.

– Para. Está tudo bem. Eu sei que você tem os seus próprios segredos. Quem sabe um dia você não me conta. Quanto a nós, eu não estou forçando nada, Stan. Eu gosto de você. Gosto mais do que qualquer pessoa que conheci aqui em Greenhill. Se você quer ser só meu amigo, eu aceito. Eu também fui muito maltratada. Sim, posso ver que você foi maltratado. Suas feridas são profundas e permanentes. Eu sei.

Ele pegou uma das mãos dela e gentilmente levantou as mangas da blusa, revelando as marcas rubras.

– Assim como as minhas – acrescentou ela.

– O que aconteceu – perguntou ele, gentilmente.

– Eu achei que estava no fundo do poço. No fundo mais fundo. Vendi o corpo por drogas. Roubei. Fiquei sem teto por um tempo. Então tentei acabar com tudo. – ela fungou. – Obviamente não funcionou.

Ele passou os dedos suavemente pela pele desfigurada.

– Depois disso, resolvi mudar de vida. Foi um aviso. Eu entrei para a Igreja da Vontade e as coisas começaram a melhorar. Eu tinha algo em que acreditar. Tinha um propósito na vida, em vez de enfiar agulhas nas veias ou tomar pílulas. Stan, você também pode conseguir. Eu vou ajudar você, se você deixar.

Um longo silêncio se passou, depois do qual 47 respondeu.

– Eu vou pensar.

Uma hora depois, ela dormiu no sofá. Eles continuaram conversando, mas ela bebera quase toda a champanhe e o vinho sozinha. Ela se aninhou perto dele, pôs a cabeça em seu ombro e apagou.

Ele, no entanto, permaneceu bem acordado. Os comprimidos estavam fazendo efeito e seus pensamentos estavam claros e focados. Ele não conseguia lembrar de nenhum outro momento em sua vida em que uma mulher tivesse adormecido ao seu lado daquela forma. Era de fato uma experiência totalmente nova e de certa forma desconfortável para ele. Ou talvez fosse o contrário.

Será que o sentimento desconfortável era na verdade um sentimento *de conforto*, tão novo e estranho para ele que lhe parecia alienígena?

Uma coisa era certa: ele admirava Helen. Não por qualquer atração sexual que ele pudesse ter por ela, mas pelo que ela fora capaz de conseguir.

*Ela* tinha lutado contra a Morte e vencera.

# VINTE E UM

Jade fez uma careta enquanto tirava o fone de ouvido e verificava a hora. Ela murmurou um palavrão e saiu da estação de trabalho rapidamente. Ela se dirigiu até o centro de comando da Agência e lá encontrou Travis, que estava olhando por sobre o ombro do analista do Oriente Médio.

– ... e o contato está no local em Tel Aviv?

– Sim, senhor. Estamos prontos.

– Excelente. Bom trabalho.

Jade se aproximou.

– Senhor.

– O que é?

Ela fez um movimento de cabeça sutil, indicando que ele deveria segui-la.

– O cliente 432 vai ligar em dois minutos. Acabei de receber o aviso.

– Eles gostam de nos surpreender, não é? Tudo bem, vamos para o meu escritório.

Travis foi à frente, saindo da central, seguindo por um corredor e entrando na cabine que servia de escritório e aposento, separados por uma anteparo. Ele se sentou à sua mesa e virou o monitor para que ambos pudessem ver. Jade se sentou em uma das cadeiras em frente à mesa, com o bloco de notas e o notebook prontos. Travis digitou algo, e a tela de comunicações apareceu. Ele entregou um fone de ouvido para Jade e eles ficaram esperando.

A chamada aconteceu justamente na hora marcada.

O monitor mostrava a voz do cliente como ondas sonoras visuais, que estavam sendo gravadas e analisadas para tentar decifrar não só a identidade do cliente, mas também sua localização e meios de transmissão.

Travis falou:

– Aqui é a Agência, Gerente Três.

– Boa tarde. – A voz estava distorcida eletronicamente, como sempre.

– O senhor está pronto para prosseguir com a fase dois da operação?

– Ainda não. As peças ainda não estão todas em posição. Mas eu garanto que irá acontecer. É uma questão de sincronia.

Travis olhou para Jade e fez uma careta.

– Bom, senhor, nosso agente está em posição e esperando a ordem. O senhor sabe que cada dia que passa está sendo cobrado, não é?

– É claro. Eu já enviei um segundo adiantamento – uma garantia, vamos dizer assim – para a conta de banco que me foi informada.

Travis fez um sinal de cabeça para Jade. Ela começou a trabalhar em seu notebook.

– Então o que podemos fazer pelo senhor hoje?

– Eu preciso da identidade e da descrição do seu assassino.

Jade franziu a testa e ela e Travis se entreolharam.

– E por que você precisa saber disso? – perguntou Travis.

– Tenho meus motivos.

Jade olhou para o notebook e sussurrou:

– Entrou um pagamento de dois milhões hoje de manhã.

Travis fez um sinal com a cabeça e disse:

– Sinto muito, mas não posso dar essa informação. Tenho certeza de que o senhor entende. Eu não posso dar detalhes que comprometam a segurança do nosso agente. Mas garanto que a missão será cumprida com profissionalismo e sigilo.

– Ele é um dos seus melhores?

Travis hesitou.

– Quem disse que o agente é homem?

– Ora, vamos. Estou perdendo a paciência. Eu já paguei bastante dinheiro à Agência. Eu tenho amigos poderosos em lugares importantes. E sei mais sobre a Agência de Contratos Internacional do que você pode imaginar. Por exemplo, eu sei que neste momento você está a bordo de um iate no Mediterrâneo.

Travis piscou. Como isso era possível? Ele olhou para Jade novamente, desta vez preocupado.

– Não sei se entendo por que o senhor precisa saber quem é o agente. Isso não comprometeria a segurança e o anonimato? Pode comprometer toda a operação.

– Eu sou o maldito cliente. Eu estou orquestrando o maldito atentado. Eu posso controlar o maldito fluxo de informação. Você acha que sou burro?

– Não, senhor.

– Então me diga o que eu quero saber. Eu odiaria expor a Agência às autoridades legais.

Travis suspirou. Ele teria que relatar isso à alta administração. Havia um vazamento de informação em algum lugar da empresa. E era óbvio que aquele cliente mostrava-se capaz de se tornar um inimigo formidável. Mas um contrato era um contrato.

– Muito bem. O assassino designado para sua operação é o lendário Agente 47. Se você de fato anda pelos círculos que mencionou, então já deve ter ouvido falar dele.

Houve uma pausa.

– Sim. Eu já ouvi falar do Agente 47. Eu pensei que ele tinha morrido.

– O senhor está enganado. O Agente 47 está bem vivo. O nome talvez já lhe dê o necessário para obter uma descrição da aparência dele de outras fontes.

– Sim. Eu posso fazer isso. E ele está no complexo da Igreja da Vontade na Virgínia agora? O atentado deve parecer um...

– Sim, nós sabemos, um trabalho interno. Eu já disse, ele está no local e pronto pra agir.

– Obrigado.

– Isso é tudo, senhor?

– Por enquanto. Eu mantereí contato.

O link de comunicação foi interrompido abruptamente. Travis bateu com punho na mesa.

– Porra! Quem é esse filho da puta? Como caralho ele consegue saber onde nós estamos?

Jade deu de ombros.

– Honestamente, eu não sei, senhor, mas vou colocar alguém no caso imediatamente.

Ele apontou para ela.

– Pode mandar parar tudo. Precisamos descobrir quem ele é e agir agora. Não quero saber se ele paga bem. Ele é uma ameaça. – Ele olhou para a assistente e estreitou os olhos. – Tem que ser o psicopata do Cromwell. Ele apaga Dana Linder, mata o Wilkins, e de repente os EUA inteiros começam a atacar o governo. Ele tem uma milícia de abrangência nacional e sabe lá mais que nível de tecnologia e infraestrutura dando apoio. Ele consegue liderar pequenos exércitos por todos os EUA, e o governo incompetente não consegue encontrá-lo. Eu vou ligar pra administração. E quero que você envie uma mensagem para o Agente 47. Diga a ele que suspeitamos que Cromwell seja o cliente, e que pode ser que tenha alguma coisa errada com a operação.

Jade se levantou.

– Agora mesmo.

– Pelo amor de Deus, os nossos analistas não podem fazer nada para descobrir a voz? Os melhores engenheiros do planeta trabalham aqui e não conseguem rastrear uma chamada? Diga-lhes que cabeças vão rolar se não mostrarem resultados!

– Sim, senhor.

Ela saiu rapidamente da cabine enquanto Travis se sentava, furioso.

Estaria o Agente 47 em perigo? Talvez fosse realmente arriscado colocar uma pessoa tão *singular* disfarçada dentro de uma comunidade religiosa fechada como Greenhill. O Agente 47 era um homem complexo, e a verdade nua e crua era que ele não era “normal”. Para um trabalho tão longo e secreto, era essencial parecer comum.

No entanto, o assassino estava indo bem até o momento. Ele já estava em Greenhill há duas semanas e fizera progressos se infiltrando no círculo privado de Wilkins. Por um momento, Travis considerou chamar de volta o assassino e abortar a missão. Afinal, ele queria 47 vivo, disposto e capaz de realizar a próxima tarefa que a Agência tinha em mente pra ele.

Especialmente porque uma parte muito importante do seu projeto particular tinha sumido do laboratório em Chicago. A parte *mais* importante.

*Isso* sim, estava tirando Travis do sério.

E a responsável tinha que ser Diana Burnwood. Ela era a única que sabia o que era o pacote e como obtê-lo.

Travis precisava disso de volta. Se o último relatório de Jade estava certo, então era provável que Diana tivesse escondido o pacote em algum lugar do meio oeste.

Durante os meses de tensão desde a deserção de Diana, Travis acobertara o que acontecera. A alta administração não sabia de nada. Travis conseguira convencê-los de que um empecilho científico estava atrasando o projeto. Ele esperava encontrar Diana logo e recuperar o item antes que alguém descobrisse a verdade.

Se ele falhasse, sua vida não valeria nada.

## VINTE E DOIS

O Agente 47 usou o número de discagem segura no celular para verificar se havia mensagens da Agência. A mensagem de Jade era interessante. Se Cromwell fosse, de fato, o cliente, então não fazia sentido ele estar vinculado à Igreja da Vontade. Mas ainda não havia provas concretas disso.

Ele tomou um comprimido de oxicodona e se encontrou com Helen no refeitório para tomarem o café da manhã, como sempre, antes de irem para o trabalho. Ela vestia sempre a mesma saia e blusa simples para trabalhar, mas conseguia exibir frescor e beleza diariamente. Ele, ao contrário, vestia uma calça jeans suja e sebenta, e uma camisa de flanela. Sem dúvida formavam um casal estranho.

– Eu conversei com o Mitch sobre a sua situação – disse ela, enquanto devoravam um café da manhã típico americano: ovos, bacon, batatas e panquecas. – Eu acho que ele conversou com o Stuart, então acho que as coisas logo vão mudar pra você.

– Sério? Não precisava ter feito isso.

– Eu sei. Mas eu vi que você não estava sendo tratado de maneira justa. O Stuart pode ser uma pessoa... difícil.

Ele deu de ombros e tomou um gole de café quente.

– Obrigado.

– Viu – disse ela –, eu vou viajar esta noite com o Charlie.

Ele ergueu os olhos.

– Ele vai voltar esta tarde e parece que a gente vai pegar o jato dele um pouco depois. É para a campanha. Ele me pediu pra ir junto.

– Para onde vocês estão indo?

– Eu não sei, ele não disse! Mas ele me disse pra levar roupas de verão e que vou precisar do meu passaporte.

O assassino achou isso estranho. Por que Charlie Wilkins sairia do país se ele estava trabalhando na campanha? Naquele momento, 47 decidiu que, qualquer que fosse o destino de Wilkins e de sua equipe, ele os seguiria. Mas isso seria problemático. O aeroporto de Greenhill era particular. Os únicos aviões com acesso ao aeroporto eram o Learjet 85 de Wilkins, uma aeronave executiva, para voos intercontinentais, e convidados VIP em seus próprios aviões.

– Você sabe quando vai voltar?

– Acho que em uns dois dias. Duas ou três noites.

– Quando você vai?

– Eu tenho que estar pronta depois do trabalho. Eu não sei se vou ver você no jantar.

Stan Johnson pôs a mão no ombro dela e disse:

– Tudo bem. Eu te vejo quando você voltar.

Ela abaixou os olhos e encarou o prato.

– Eu vou sentir saudades.

– Eu também.

Quando eles acabaram a refeição, 47 acompanhou Helen até o caminho que levava ao topo da colina, disse um adeus desajeitado e se apresentou no galpão de ferramentas.

Chambers disse a 47 que ele trabalharia nos jardins da mansão aquele dia. Aparentemente, o que Helen dissera a Carson surtira efeito.

– O inverno está chegando, então você vai precisar limpar as flores mortas e caídas – resumiu Chambers. – Você vai passar umas duas horas na área restrita. Os outros dois funcionários vão cortar a grama e varrer as folhas. Você não pode chegar perto da casa, entendeu? Tem câmeras de segurança escondidas e eu posso garantir que elas vão te pegar se você tentar alguma coisa.

O homem passou as instruções e advertências como se 47 fosse um débil mental. O assassino ficou calado. Por dentro, no entanto, estava furioso, e teria adorado estrangular o supervisor. Em vez disso, simplesmente assentiu em submissão e juntou os materiais de que precisaria ao longo do dia.

O galpão de ferramentas ficava atrás e ao sul dos prédios residenciais, próximo a um depósito onde equipamentos grandes,

como cortadores de grama, eram armazenados. Ele ficou feliz de ver que o lugar era bem equipado. Além da diversidade esperada de martelos, chaves de fenda e de boca, havia uma serra de mesa, uma serra tico-tico, um cortador de metal e um torno mecânico. Havia um bom estoque de lenha no celeiro. Mas quando ele começou no emprego, aquilo estava uma bagunça. Uma de suas primeiras tarefas em Greenhill tinha sido reorganizar o espaço e criar áreas reservadas, delineadas na parede, para cada ferramenta. Ele arrumou meticulosamente um sistema de recipientes aprimorado e categorizado para guardar pregos, parafusos, interruptores e outros materiais. Jogou fora entulhos desnecessários e equipamentos defeituosos. Quando tomou a iniciativa de consertar algumas máquinas quebradas, até mesmo Chambers ficou impressionado. Assim, todos os dias desde que começara no emprego, 47 passava algum tempo no galpão, aprimorando o que passou a ser chamado de "Cantinho do Stan".

Agora finalmente, após duas semanas, ele tinha permissão para entrar na área além da cerca elétrica. Com as ferramentas de jardinagem em mãos, ele marchou na direção sul, subindo a colina, ao lado dos dois colegas, que pilotavam os cortadores de grama, até chegarem a um portão. Chambers passou o cartão, um clique seco foi emitido e ele segurou a porta para que os homens passassem. O Agente 47 notou que dois seguranças postados em frente à guarita os observavam. Eles estavam armados e também carregavam cassetetes nos cinturões.

Os jardins se estendiam do lado oeste à parte de trás da mansão, onde se localizava o escritório de Wilkins, com a parede de vidro de frente para o lago. A primeira coisa que 47 fez foi o reconhecimento da área. Na parede exterior da mansão, havia uma entrada para funcionários e um caminho pavimentado que levava à frente da casa. Havia poucas janelas. Não se podia ver as câmeras de segurança. Talvez a advertência fosse falsa, apenas para assustar os trabalhadores. Ele estava interessado especialmente na extremidade sul do jardim, de onde ele podia ver e estudar a parte de trás da mansão. Havia muitas sebes bem cuidadas no perímetro do jardim que poderiam servir de esconderijo, caso ele precisasse.

O assassino continuou seu trabalho, cortando folhagens mortas e limpando folhas que haviam caído das árvores. A tarefa foi relaxante para 47. Ela também o lembrou do tempo que passara na Itália, jardinando para um padre, o qual virou um amigo por um curto período de tempo. Em certo momento, o assassino encontrou uma toca de coelho, a qual ele deveria ter tampado, mas 47 preferiu deixá-la como estava. Ele se lembrou do coelho de estimação que tivera nos primórdios de sua infância e do qual cuidara no asilo. O único momento em que 47 chorou na infância foi quando o animal morreu.

– Johnson!

Ele olhou para cima. Chambers estava na extremidade norte dos jardins com os dois seguranças que ele vira antes.

– Sim?

– Venha aqui! Agora!

Os sentidos de 47 formigaram. Algo estava errado.

– Claro, me deixa pegar as ferramentas.

– Deixe-as aí! Venha logo aqui!

O assassino saiu do jardim e seguiu até a mansão onde Chambers e os dois homens estavam.

– O coronel quer ver você.

O Agente 47 se fez de desentendido.

– Quem é esse coronel?

– Você nunca viu o coronel? O cara que é militar. Que usa roupa do exército.

– Por que ele quer me ver?

– Ele quer falar com você. Estes homens vão acompanhar você.

O assassino olhou para os dois guardas musculosos. Um deles sacudiu a cabeça, apontando para a guarita.

– Algum problema? – perguntou 47.

– Vamos lá, amigo – disse um deles.

– Nada com que se preocupar, cara – completou o outro.

Conforme andavam, 47 olhou de volta para Chambers. Ele tinha um sorriso malicioso no rosto.

Não havia por que achar que ele estava encrencado, mas o instinto de 47 lhe disse para empunhar uma arma. Infelizmente, ele

não carregava nenhuma. Se fosse necessário, improvisaria.

A guarita era uma construção pequena e discreta de apenas um andar. Quando o trio entrou, 47 se deparou com outro homem uniformizado, sentando atrás de uma mesa. Uma porta com as inscrições "Somente Funcionários Autorizados" e uma câmera de segurança eram as únicas coisas na parede atrás dele. Algumas cadeiras se espalhavam pela área de espera.

Um dos guardas apontou para uma cadeira e disse:

– Sente-se. O coronel já vai recebê-lo. – Ele passou o cartão no leitor ao lado da porta e seguiu por ela, deixando o outro guarda próximo à mesa, vigiando 47. O assassino deu de ombros e se sentou.

– Você tem alguma revista? – ele perguntou ao guarda atrás da mesa. O homem balançou a cabeça, mas não disse nada.

O lugar estava terrivelmente silencioso. Ouvia-se o tique-taque de um relógio vindo de algum lugar desconhecido.

O Agente 47 avaliou o que poderia usar como arma. Em suas mãos, até mesmo uma revista podia ser um instrumento mortal. Aliás, seus punhos também podiam.

Passaram-se cinco minutos quando o primeiro guarda voltou. Ele segurou a porta e disse:

– Johnson. Por aqui. – 47 se levantou e obedeceu. O segundo guarda os seguiu, caminhando atrás do assassino. Atrás da porta havia um pequeno corredor com duas portas em um dos lados e uma única na outra extremidade. Os guardas marcharam com 47 até o final e bateram na porta.

– Entre – vociferou uma voz.

O guarda a sua frente abriu a porta e deixou o assassino entrar. O cômodo mais parecia uma sala de interrogatório policial. Havia paredes de cimento cru e uma única mesa próxima à parede. O coronel Ashton estava sentado atrás dela, em frente a uma pasta de arquivo e um bloco de notas. Os dois guardas se postaram atrás de 47 após fecharem a porta. Não havia outra cadeira.

Ashton fitou o assassino, estreitando os olhos.

– Stan Johnson?

– Sim, senhor.

– Desculpe-me por tirá-lo do seu serviço. É meu trabalho bater um papo com todos os novos funcionários, principalmente com os que trabalham na área restrita. É a sua primeira vez na área restrita?

Ele assentiu.

– Sim.

– Você é de onde exatamente, Johnson?

– Iowa. Nos arredores de Davenport.

– Eu estou ciente de que você tem, ou teve, uma fazenda por lá, certo?

– Sim, senhor.

– Peço a gentileza de me dizer onde ela fica.

Ele o disse e Ashton tomou nota. Havia, de fato, uma fazenda abandonada naquele endereço e qualquer um que estivesse curioso o bastante para investigar o histórico da propriedade descobriria o nome de Stan Johnson. Tal era a eficiência da Agência.

– Posso ver seus documentos? – pediu Ashton.

O assassino apalpou os bolsos. – Desculpe. Não estão aqui. Estão no meu quarto. Normalmente eu não trago minha carteira para o trabalho.

– Você precisa andar com sua identidade sempre que estiver em Greenhill, Johnson. Entendeu?

– Sim, senhor.

– Especialmente porque você não é quem você diz que é.

Uma descarga de adrenalina correu pelas veias de 47.

– Senhor?

Ashton se levantou devagar e completou:

– Eu disse, especialmente porque você não é quem você diz que é, *Agente 47*.

Antes que o assassino pudesse reagir, um dos guardas o atingiu na nuca com o cassetete.

No momento em que 47 chegou ao chão, já havia perdido a consciência.

# VINTE E TRÊS

*A primeira coisa de que me lembro é que estava escuro. Era noite.*

*A segunda coisa era o tremor, a vibração. Eu estava em um veículo em movimento, deitado em uma superfície de metal com as mãos amarradas atrás das costas.*

*Olhei através das pálpebras entreabertas. Minha cabeça doía terrivelmente. Mas tive o cuidado de não me mexer. Se eu estivesse sendo observado, queria que meus raptos pensassem que eu ainda estava inconsciente.*

*Era uma van. Eu estava na parte de trás de uma van.*

*Minha nuca parecia ter sido cortada ao meio. Será que eu tive uma concussão? Mesmo tendo uma vantagem genética em relação a meus raptos, eu não era infalível. Eu estava enjoado, mas lutei contra a ânsia de vômito.*

*Minhas mãos estavam amarradas – com o quê? Não era corda. Não eram algemas. Algo fino e de plástico, mas forte. Algemas de plástico. Bem resistentes. Era comum que assassinos as utilizassem para conter suas vítimas. Elas eram baratas e fáceis de encontrar em qualquer loja de ferragens. Até mesmo Birdie as carregava.*

*Havia dois homens na van. Um motorista e um passageiro. Os dois guardas do escritório de Ashton. Para onde estariam me levando? Eu devo ter ficado inconsciente por horas, já que já era noite. Por quanto tempo eles estavam dirigindo? Quão longe de Greenhill estávamos?*

*Uma descarga de ansiedade quase me fez grunhir em voz alta. Mas eu me segurei.*

*Os comprimidos. Foram eles que causaram isso. Eu nunca teria caído em uma armadilha tão óbvia antes... antes do ano passado.*

*Helen estava certa. Eu tinha que parar. Eles afetavam meu cérebro, afinal. E me deixaram mais lento. Mais burro. Eu tinha que*

*largá-los. Jogá-los fora. Entrar em abstinência total.*

*Mas eu teria tempo para me preocupar com isso depois. Primeiro tinha que lidar com a situação premente.*

*A van fez uma curva, e eu pude sentir uma mudança na direção. O motorista saíra de uma rodovia. Eu só conseguia ver um pouco dos arredores através de uma janela traseira. Céu negro. Postes de luz aparecendo a esmo. Não estávamos em uma cidade, no entanto.*

*Eu pensei em Helen. Ela estava a caminho de algum lugar em um avião com Wilkins. O que estava acontecendo em Greenhill? O cliente seria mesmo Cromwell, como a Agência suspeitava? Quem teria me dedurado? Wilkins sabia?*

*A van desacelerou. Passamos por uma única placa. Eu o reconheci logo: o cabelo branco. Com a palavra Charlie's abaixo. A mensagem dizia: Mais um Charlie's em breve neste local!*

*O passageiro disse algo ao motorista que não pude entender. O motorista perguntou:*

*– Ele ainda tá apagado? – Fechei os olhos. Ouvi o passageiro responder: – Parece que sim. Tem certeza que não quebrou o crânio dele?*

*– E isso importa? – disse o motorista. – Morto é morto, não importa como.*

*O veículo encostou e parou. Os dois homens saíram da van, circundaram-na até as portas de passageiro e as abriram. Permaneci imóvel.*

*– Ei, Mac! Liga a máquina! – gritou um deles.*

*A pouco menos de dez metros de distância, ouvi o som dos motores de um veículo sendo acionados. Alguma coisa industrial grande, talvez algum trator.*

*– A Bela Adormecida ainda tá apagada.*

*– Vamos lá, pega ele pelas pernas.*

*Eu senti as mãos deles agarrarem meus tornozelos e puxarem. Com as mãos amarradas atrás das costas, eu não podia fazer muita coisa, a não ser deixar que me puxassem. Eu precisava avaliar a situação antes de tentar qualquer coisa.*

*Eles não se incomodaram em me segurar pelos ombros ao me carregar. A parte superior do meu corpo caiu no chão, que estava*

*coberto de cascalho. Então, eles começaram a me arrastar pelas pernas, de barriga para cima. Não foi agradável. Sentia as pedras e detritos em meus antebraços e em minhas mãos. Eu consegui espiar por um olho semiaberto.*

*Estávamos em um canteiro de obras em um posto de serviços de uma rodovia interestadual. A fundação do restaurante já havia sido assentada, mas nada fora construído sobre ela. Havia apenas um grande fosso no chão, com cerca de 3 metros de profundidade, cheio de tubulações e de outras coisas. O som de trator que eu ouvira era um caminhão betoneira. O grande tambor girava. A calha estava direcionada para o fosso, pronta para enchê-lo de cimento. Um terceiro sujeito estava sentado no banco do motorista. Dois holofotes haviam sido posicionados para que eles pudessem ver o que estavam fazendo. Estou certo de que, da estrada, nada parecia suspeito. Pareciam apenas peões trabalhando à noite na construção.*

*Eles largaram minhas pernas ao chegar na beira da fundação. Então, um dos sujeitos chutou meus ombros com força e eu rolei para dentro do fosso. Aterrissei como uma tonelada de tijolos em um chão de concreto. Precisei de muito esforço para não emitir nenhum som, embora tenha doído – e doeu muito.*

*– Frank, eu acho que ele tá morto. – Ouvi o motorista dizer.*

*Frank chamou o cara do caminhão.*

*– Ok, Mac, manda ver!*

*A betoneira emitiu um som gorgolejante ao ser ativada. O cimento começou a escorrer do tambor, descendo pela calha, até cair dentro da fundação.*

*Eles iam me enterrar no cimento debaixo de um Charlie's.*

*Então o que eu faria? Se levantasse agora – e eu era capaz de fazê-lo –, ainda levaria algum tempo até me livrar das algemas e subir ao nível do solo. Até lá, os guardas poderiam simplesmente atirar em mim. Eles ainda carregavam pistolas nos cinturões. E ainda tinha o terceiro sujeito, o Mac. Eu não sabia se ele também estava armado.*

*A melhor linha de ação era contar com o elemento surpresa. Eu só podia esperar que meu plano improvisado funcionasse.*

*O concreto estava sendo despejado rapidamente. Eu já o sentia subir em volta do meu corpo. Em segundos, eu estaria coberto. Eu esperei... esperei... até o momento exato... quando o cimento estava prestes a cobrir meu rosto... e respirei bem fundo.*

*Um minuto depois, eu estava completamente coberto. O concreto líquido era pesado. Eles continuariam a encher a fundação até que o cimento estivesse nivelado ao solo. Quanto tempo demoraria? Será que eu conseguiria prender minha respiração por tanto tempo?*

*Concentre-se...*

*Eu deixei minha mente retroceder em décadas...*

*Eu tinha oito anos de idade. Estava no asilo. Treinando. Aprendendo a ser um assassino.*

*O Dr. Ort-Meyer supervisionava meus exercícios físicos. Ele me levava a extremos que nenhuma criança comum suportaria. Por vezes, ele me levava a um penhasco bem alto e me fazia escalá-lo. Outras circunstâncias envolviam rastejar por uma selva artificial que inclusive tinha insetos e serpentes. Na ocasião de que me lembrei, era inverno e eu fui obrigado a descer por um buraco no gelo que cobria um lago no terreno do asilo. Minha tarefa era mergulhar por uma abertura, nadar sob o gelo até a outra extremidade, pegar um bastão que tinha sido colocado ali antes da superfície congelar e, então, nadar de volta e sair pelo buraco. Prendendo minha respiração por todo esse tempo. Um atleta olímpico teria levado quatro minutos ou mais para completar esse exercício. Apenas uma pequena fração da raça humana era capaz de prender a respiração por tanto tempo.*

*Eu tinha apenas oito anos e não era um atleta olímpico.*

*Eu trajava apenas um calção de banho. A temperatura externa era, provavelmente, de cerca de dez graus abaixo de zero. Minha pele estava ficando azulada e eu ainda nem tinha entrado na água.*

*Ort-Meyer segurava um cronômetro.*

*– Respire fundo – ordenou. Eu fiz o que ele disse. – Um... dois... VAI!*

*Eu mergulhei na água gelada. Parecia que dezenas de agulhas perfuravam minha pele. Eu queria gritar devido ao choque causado*

*pelo frio. Mas não gritei. Mantive a boca fechada. Segurei o ar precioso que guardava nos pulmões. E comecei a nadar. Sob o gelo. Ao abrir os olhos, pude ver a crosta esbranquiçada sobre minha cabeça. Qual era o comprimento do lago? Talvez 35 metros? Não era tão ruim. Nem mesmo a metade do tamanho de um campo de futebol americano.*

*Mas eu nunca tinha feito aquilo antes. Eu estava assustado. Meus pulmões já doíam, talvez mais devido a punição que meu coração estava suportando ao sujeitar meu corpo a temperaturas tão perigosas que pela falta de ar.*

*Ainda assim, continuei nadando. Nadei como se minha vida dependesse disso – e, de fato, dependia. Se eu falhasse, era improvável que Ort-Meyer fizesse qualquer tentativa de me salvar. Ele simplesmente registraria isso como mais um experimento fracassado. Voltaria às suas pesquisas e tentaria outra receita de clonagem.*

*Antes que eu pudesse me dar conta, cheguei ao outro lado. O bastão estava preso em um suporte acoplado a uma pedra, logo abaixo da superfície de gelo. Eu o peguei e me impulsionei na lateral do lago, seguindo de volta para o buraco e para a segurança.*

*Eu me perdi na lembrança do evento. Isso me ajudou a prender a respiração enquanto o cimento continuava a ser despejado em cima de mim. Concreto, gelo – qual era a diferença?*

*Houve um momento, antes de eu alcançar o buraco, em que entrei em pânico. Eu lembro claramente. Não queria reviver essa parte do exercício particularmente porque foi muito desagradável. Pensei que havia desviado do curso e não pude ver o buraco do outro lado. Lá estava eu, de volta ao meu corpo de menino de oito anos, procurando freneticamente pela rota correta. Eu queria pular essa parte do filme na minha cabeça, cortá-la na edição, e pular para a parte em que eu finalmente encontrei o buraco, emergi, tragando o precioso ar. Mas minhas reminiscências não censurariam aquela cena. Eu me encontrava preso sob o gelo, aterrorizado com a ideia de que estava prestes a me afogar. De repente, eu senti aquela angústia familiar que me atormentava desde o Nepal.*

*Enquanto a minha versão mais jovem lutava naquele inferno escuro e glacial, eu batia no gelo sobre mim, na esperança de poder quebrá-lo.*

*Era impossível.*

*Foi então que eu a vi. Nadando na minha direção.*

*Não foi assim que aconteceu! Ela não estava lá naquele momento! Minha memória estava mentindo para mim!*

*A sombra. A figura sem rosto. A Morte. Nadando na minha direção. Quase me alcançando. Prestes a me levar.*

*Eu tentei nadar para longe, mas minhas mãos estavam amarradas atrás das costas e eu não estava mais na água. E eu estava submerso em cimento líquido e espesso, e era mais difícil se mover naquela substância do que em areia movediça.*

*Fui cingido pelos braços negros. Eles eram fortes e firmes. Eu lutei contra ela, mas não podia me mexer. Mas eu quis desesperadamente ver seu rosto, então me virei para olhar.*

*Não havia nada ali. Apenas um vazio onde olhos, nariz e boca deveriam estar.*

*A Morte me vencera.*

*Não!*

*Eu estava ciente de que não estava mais deitado de lado sobre o chão da fundação. Estava acorado. Não me lembro de ter me posicionado dessa forma, mas eu tinha conseguido. Eu me impulsionei para cima. Os braços da Morte me soltaram. Eu estava livre! Mas era como nadar no melão. A superfície estava perto, e ainda tão longe. Com os pulsos amarrados, era um sonho quase sem esperanças.*

*Mas eu bati os pés como uma máquina e subi lentamente, centímetro por centímetro.*

*Senti que me aproximava do topo.*

*Mais força! Eu tinha que nadar com mais força!*

*E, então... finalmente... minha cabeça emergiu e eu respirei o oxigênio, adorável e valioso. Uma descarga de energia correu pelas minhas veias enquanto eu enchia meus pulmões com o calor da...*

*Vida.*

*Saí da piscina de concreto líquido e me postei na beirada. Eu estava coberto de cimento. Devia estar parecendo um monstro. Era uma coisa cinzenta ambulante.*

*Primeiro eu tinha que me livrar das algemas. Conforme havia dito a Birdie em Chicago, elas são quebráveis se você souber como. Elas tinham um ponto fraco, não importa se suas mãos foram amarradas na frente ou atrás. Nesse caso, como eu estava com as mãos para trás, eu só tinha que curvar a cintura para frente até que meu cóccix ficasse um pouco saliente. Então, eu me certifiquei de que o fecho em forma de cubo na junção das algemas estava centralizado entre meus pulsos, na parte interna dos braços. Eu tive que esfregar as mãos atadas na parte de trás do cinto algumas vezes para fazer o fecho deslizar até a posição correta. Depois, mesmo sendo difícil e desajeitado, levantei os braços por trás das costas o máximo que pude – e bati com força contra o cóccix. O fecho quadrado se quebraria se a quantidade certa de força fosse aplicada no lugar exato.*

*Tive êxito. Minhas mãos estavam livres.*

*Então, limpei o concreto imundo dos olhos para que pudesse enxergar, mas o resto estava grudado.*

*A van e a betoneira ainda estavam lá. Os homens não estavam à vista, mas eu podia ouvi-los rir do outro lado do caminho. Provavelmente fumando ou bebendo enquanto comemoravam. Eu me arrastei até uma área onde havia pilhas de lenha e tijolos cobertos por lonas. Encontrei um pedaço de pau do tamanho de um taco de beisebol.*

*Isso serve.*

*Eu não conseguia me mexer muito rápido por causa de todo o cimento em mim. Que já estava começando a assentar e secar. Ainda assim, me arrastei até o caminho e fiquei ouvindo.*

*– Passa a garrafa.*

*– Quem era mesmo esse cara que a gente enterrou?*

*– Sei lá. O Ashton falou para a gente fazer esse serviço e para não contar para ninguém, principalmente para o reverendo Wilkins.*

*– Que horas o coronel foi embora?*

*– Acho que sete. Vai ficar fora por uns dois dias.*

– Então a gente não precisa voltar até amanhã cedo, certo?

– Vamos embora. Eu conheço um puteiro muito bom em Alexandria.

*Eles estavam mesmo indo embora. Permanentemente.*

*Eu apareci na frente deles. Devo ter sido uma visão assombrosa. Um dos homens gritou e outro berrou o palavrão que começa com M. Eu ergui o pedaço de pau e acertei com força o sujeito chamado Frank, que teve o bom senso e o reflexo de sacar a arma.*

*O som de seu crânio partindo foi alto, muito alto.*

*O sujeito chamado Mac tentou fugir. Eu estiquei a perna e o fiz tropeçar. Nesse momento, eu já estava atingindo o terceiro homem com o pedaço de pau. Ele tentou se abaixar, mas não foi rápido o suficiente. O bastão de madeira resvalou na cabeça dele, mas não fez muito estrago. Mac começou a engatinhar, tentando fugir, mas eu pisei com a bota nas costas dele, prendendo-o ali. Ao mesmo tempo, o rosto do sujeito que havia abaixado estava nivelado com meu cotovelo, então eu acertei seu nariz. Ele ganiu e caiu para trás, contra a betoneira, o que me deu tempo suficiente para ajustar o taco de madeira e atingi-lo como se sua cabeça fosse uma bola de beisebol.*

*Finalmente, dirigi toda a minha atenção para Mac, o motorista do caminhão. Ele não parecia ser um guarda; e não tinha nenhuma arma. Era só mais um trabalhador designado para a tarefa errada, no lugar errado e na hora errada.*

*Mas isso não era desculpa.*

*Ergui o bastão como se estivesse cortando lenha. Baixei-o com força. Não demorou até que ele parasse de se contorcer.*

*Com a tarefa concluída, examinei o canteiro de obras em busca de algo que precisava e encontrei o que queria próximo a uma pilha de lenha. Andei pesadamente até a mangueira, liguei a água e comecei a lavar o concreto que cobria meu corpo e minhas roupas. Demorou quase dez minutos; no final, eu estava ensopado, mas completamente limpo.*

*Durante todo o tempo, carros zuniam pela via expressa. Não havia muito o que se pudesse ver. Os corpos estavam atrás do caminhão e eu, provavelmente, parecia um peão qualquer. Deduzi que deveria*

*estar próximo de Alexandria, já que o cara de tomate a havia mencionado.*

*Voltei até os três homens mortos. Um deles era o motorista da van, mas eu não consegui lembrar qual, então revistei os bolsos até encontrar as chaves, e também peguei o dinheiro da carteira de um deles. Depois, um de cada vez, eu os peguei nos braços e os carreguei até a piscina de concreto, que secava rapidamente. Joguei-os lá dentro. Tchibum, tchibum, tchibum. Eles afundaram.*

*A lateral da van tinha as inscrições SEGURANÇA DE GREENHILL. Eu teria que levá-la até onde eu queria ir e depois abandoná-la o mais rápido possível. Eu ainda estava intrigado com o rumo dos acontecimentos. Como o coronel Ashton sabia quem eu era? Pelo que o guarda falou, parecia que Wilkins não estava envolvido e não sabia. Será que eu podia ter certeza disso? Será que a Helen estava ciente disso?*

*Mas eu estava certo de uma coisa. Bem, de duas.*

*Primeiro, eu tinha que descobrir para onde Wilkins, Helen, Ashton e seu grupo haviam viajado. Eu tinha contas a acertar com o coronel.*

*E, segundo, eu nunca mais tomaria oxicodona.*

*Eu precisava estar na melhor forma possível.*

## VINTE E QUATRO

Quando chegou à estrada, o Agente 47 descobriu que estava na Pensilvânia, próximo a Harrisburg. Ele queria voltar ao complexo o mais rápido possível, mas era uma longa viagem e ele não queria acelerar e correr o risco de ser parado pela polícia. Ninguém sentiria falta dos dois guardas até o dia seguinte. Ele não estava preocupado. Só não se sentia bem. Sua cabeça ainda doía e ele tremia. A abstinência dos analgésicos já estava batendo com força total. O Agente 47 parou em um posto à beira da estrada para comprar um frasco de comprimidos para dor de cabeça, o qual não ajudou muito para aliviar a dor infernal e latejante de sua nuca. Ao lutar contra os sintomas de abstinência, estava mais preocupado com seus reflexos, sua capacidade de julgamento e sua eficiência. Ele sabia que algumas pessoas enlouqueciam ao se livrarem de certas drogas poderosas e viciantes. Com vantagem genética, sua experiência seria tão ruim? Ou seria ainda pior?

Ele dirigiu até Frederick, em Maryland, pegou a Interestadual 270 e se dirigiu para Washington D.C., na região metropolitana. Seria a rota mais rápida, especialmente tão tarde da noite. Depois de algum tempo, ele caiu na Interestadual 95 e seguiu para o sul, em direção a Greenhill. Às duas da manhã, ele chegou a Stafford, a mesma cidadezinha onde 47 envenenara o velho da manutenção. Ele achou melhor esperar até o amanhecer antes de tentar entrar no complexo. Um visitante no meio da noite chamaria muita atenção. Não havia guardas na entrada – Greenhill estava aberta ao público e era, de certo modo, um destino para turistas –, mas visitar seu apartamento era outra história. Pelo que ele ouvira no canteiro de obras do restaurante, parecia que apenas Ashton e os dois guardas sabiam a seu respeito. Mas era sempre bom ser cauteloso.

Independentemente disso, 47 queria sua maleta e suas roupas, e estava disposto a correr o risco de ser pego para recuperá-las.

O assassino alugou um quarto em um motel à beira da estrada, pendurou suas roupas, ainda molhadas, e tomou um banho longo e quente. Ele pensou que, se havia um paraíso, era aquilo. Depois de se secar, ele se arrastou até a cama. Ele sabia que dormir após sofrer uma concussão – a qual ele temia ter tido – era perigoso. Não obstante, ele estava morto de cansaço e não se importou. Apagou as luzes e adormeceu em minutos.

Os sonhos e pesadelos foram vívidos e perturbadores. Em diversos momentos, o Agente 47 pensou que estava sendo perseguido por várias entidades. A Morte, como de costume, o coronel Ashton e, estranhamente, Diana Burnwood. Ele reviveu o incidente no Nepal e, desta vez, Helen estava ao seu lado, o que era um tanto bizarro. Quando o guarda-costas chinês começou a atirar contra ele, Helen foi atingida. Em vez de perfurações de bala derramando sangue, rosas vermelhas brotavam de seu corpo como em uma imagem em câmera lenta. Antes que pudesse alcançá-la, 47 se viu correndo pelo complexo da Igreja da Vontade. Ele esbarrava continuamente com Charlie Wilkins, o qual ria e erguia a sobancelha para ele. O homem estendia a mão com a palma para cima, como se oferecesse consolo ao pobre pecador. Ele se sentiu inexplicavelmente repelido por Wilkins, e então se virou e correu na direção oposta – até esbarrar com o reverendo novamente. Essa sequência se repetiu por diversas vezes, como se 47 estivesse em um labirinto sem saída. Enfim ele descobriu um caminho livre por entre os prédios. Mas, ao chegar ao final, a figura sem rosto da Morte o aguardava.

O Agente 47 acordou suando. Os tremores estavam piores do que nunca. Ele se sentiu enjoado e desorientado.

Já eram 7h15 da manhã e ele tinha um serviço a fazer. Era exatamente a hora em que esperava acordar. Ao menos seu relógio biológico ainda estava funcionando.

As roupas estavam mais ou menos secas, então ele as vestiu, fez o *check-out* no hotel e voltou para a van. Estava intocada. Ele achou irônico que Stafford fosse tão próxima de Quantico, o quartel-general do FBI. Se alguém da organização soubesse que o lendário

Agente 47 da Agência de Contratos Internacional estava a poucas milhas da sede, haveria uma corrida para ver quem apanharia o assassino primeiro.

Ele deixou Stafford e dirigiu a van audaciosamente pela pista dupla de asfalto que levava a Greenhill. Ao se aproximar do local, ele notou um desvio que levava a uma estrada de terra, com largura suficiente para a passagem de um só veículo. Surpreendentemente, era uma entrada dos fundos para o aeroporto particular de Greenhill. Wilkins e sua equipe costumavam usar uma estrada pavimentada que conectava o complexo à área, que era composta por um hangar, uma pequena torre de comando e uma pista de decolagem. Aparentemente, a estrada de terra era uma entrada não muito utilizada que serpenteava na direção oeste, passando por uma densa floresta até desembocar na estrada principal. Ele estacionou a van ali, escondida no meio das árvores, e andou de volta. Não estava longe do complexo.

Era uma manhã normal e agitada em Greenhill, com membros da Igreja atarefados ao iniciarem o dia. O Agente 47 andou calmamente pela rua principal, cumprimentou algumas pessoas conhecidas e se dirigiu para o seu prédio. Durante todo o tempo, ele estava alerta aos seguranças. O primeiro com quem cruzou estava patrulhando a entrada das três unidades habitacionais.

Aquele momento era tão propício quanto qualquer outro para ele sondar a situação.

O assassino caminhou despreocupadamente em direção ao seu prédio, cumprimentou o guarda e entrou. O homem não fez nada. Ele parou por um instante no corredor de entrada do prédio e observou o guarda. Este não pegou seu radiocomunicador para avisar que o vira. Tampouco sacou a arma. Ele apenas continuou a andar devagar pelos três prédios.

Ótimo.

O Agente 47 foi até seu apartamento no primeiro andar, destrancou-o com a chave que, surpreendentemente, permanecera em seu bolso depois de tudo o que se passara na piscina de concreto, e entrou.

O local tinha sido completamente revirado.

Suas roupas estavam espalhadas, todas as gavetas da cômoda estavam abertas e o armário estava vazio.

Era de se esperar.

Ele vestiu roupas de trabalho limpas, juntou as outras, dobrou-as com o maior apuro possível e guardou-as na mochila. O terno preto estava amarrotado, mas ele poderia mandar passá-lo a ferro. Depois de juntar seus pertences, 47 deixou o apartamento e saiu do prédio. O guarda estava próximo à terceira unidade habitacional, então o assassino agiu normalmente e se dirigiu para o galpão – o Cantinho do Stan. Usou a chave que lhe fora dada para entrar e trancou-se do lado de dentro.

Nada aparentava ter sido mexido. Todas as ferramentas estavam em seu devido lugar.

O Agente 47 pegou uma chave phillips, inclinou-se ao lado do torno mecânico e desparafusou um painel lateral na base. A maleta estava entre os fios, próxima ao motor, exatamente onde o assassino a deixara.

Ele recolocou o painel e espreitou pela janela suja. O caminho estava livre. Ele se dirigiu até a porta, esticou a mão para abri-la e congelou.

Ele ouviu vozes lá fora. Elas se aproximavam.

– Stuart, que bom que eu cruzei com você. Você pode me fazer um favor?

O Agente 47 reconheceu aquela voz. Era Mitch Carson.

– Claro, o que é? – Stuart Chambers. O novo inimigo mortal de 47.

– Charlie ligou dizendo que teve uma mudança no plano de voo dele. Será que você pode levar esse envelope até o aeroporto e entregar para o Louis? Ele deve estar lá na torre. Eu tenho que estar em uma reunião daqui a cinco minutos. Você não está muito ocupado, não é?

– Não, eu posso entregar.

– Obrigado. Ah, diga pra ele vir aqui falar comigo. Eu preciso discutir algumas coisas sobre a próxima viagem da campanha.

Ele não pôde acreditar na sorte que teve. Mataria dois coelhos com uma só cajadada, por assim dizer.

Ele esperou alguns momentos, olhou pela janela novamente e viu Carson andando em direção ao morro. Quanto a Chambers, este subiu em um dos carrinhos de golfe que os funcionários usavam para circular por Greenhill. O homem partiu em direção à estrada pavimentada que levava ao aeroporto.

O Agente saiu do galpão, o trancou e pegou outro carrinho. A chave estava na ignição. Mas o assassino não seguiu Chambers. Ele pegou o caminho mais longo, pela rua principal, saindo pelo portão da frente para chegar à estrada principal. Ninguém notou sua presença.

Ele alcançou o desvio de terra batida em minutos. Passou pela van e prosseguiu até sair da floresta e alcançar o asfalto ao redor da torre de comando. O hangar, que costumava abrigar o avião de Wilkins, estava a cinquenta metros de distância. A pista corria perpendicular às construções, nos sentidos norte e sul.

O carrinho de Chambers estava estacionado próximo a uma picape, o único outro veículo em frente à torre. Ele estacionou atrás da torre, desceu do carrinho e caminhou silenciosamente até ela. Ouviu vozes e espreitou pelo canto da construção.

Um homem que 47 reconhecia, mas não sabia quem era, estava parado, fumando um cigarro e conversando com Chambers. Louis. Provavelmente, o controlador de tráfego aéreo e administrador da torre e do hangar.

– ... te ver, também. O Mitch perguntou se você pode ir lá na casa quando tiver tempo – disse Chambers.

– Claro, eu posso ir agora. Pode entrar. Deixe a atualização do plano de voo lá dentro e eu dou uma olhada quando voltar. – Louis jogou o cigarro no chão, pisou nele e olhou o relógio. – Até mais.

Louis caminhou apressadamente até seu carro e seguiu em direção ao complexo. Chambers entrou na torre de comando carregando o envelope.

O Agente 47 abriu a maleta e pegou uma pistola. Depois, circundou a torre até a porta da frente e aguçou os ouvidos.

Ouviu passos subindo uma escada.

O assassino entrou sem fazer barulho e esperou até que Chambers estivesse no topo dos três lances de escada. E então seguiu sua

presa calma e silenciosamente.

Ele espiou o interior da sala de controle. Havia uma única estação de controle de voo voltada para a janela, com vista para a pista de decolagem. Chambers estava ali, de costas para ele, mexendo em alguns papéis.

Quando Chambers se virou, havia uma Silverballer apontada para o seu rosto.

– Que porra é essa?! – exclamou Chambers.

– Quietos – disse 47.

– O que é que você tá fazendo, Johnson?

– Eu disse quietos. E mãos para cima.

Chambers seguiu as ordens. Seus olhos estavam arregalados de tanto medo.

– Onde está o Wilkins?

Chambers não conseguiu falar.

– *Onde está o Wilkins?*

O supervisor balançou a cabeça.

– Eu... eu não sei. Eles foram de avião pra algum lugar ontem.

O Agente acenou com a cabeça para o envelope na estação de controle.

– Abra e leia pra mim.

Chambers obedeceu.

– ãh, é um, ãh, plano de voo. Parece que eles iam voltar amanhã, mas só vão voltar no dia seguinte.

– De onde?

– Hm, ãh, Larnaca? Eu não sei onde é isso.

O Agente 47 sabia. Larnaca era o aeroporto principal do sul do Chipre. No Mediterrâneo. Bem longe dos Estados Unidos.

Aquela era uma parada muito estranha para a campanha de um candidato a presidente.

– Por que o Wilkins iria para o Chipre?

Chambers deu de ombros, ainda com os braços erguidos.

– *Eu não sei!* Esse tipo de coisa está acima do meu cargo. Johnson, o que você está...

– Cale a boca e responda às perguntas. O que você sabe sobre o que aconteceu ontem? Quando aqueles guardas foram me pegar.

Chambers engoliu em seco.

– Nada! Não sei de nada. Eles só vieram até mim e falaram que o coronel queria conversar com você.

– Mentira.

– Não! Não é!

– Você achou engraçado na hora. Você ficou feliz quando viu que eu fui chamado na guarita.

– Olha, Stan, eu não faço ideia do que ele queria falar com você. Eu achei que você estivesse encrocado.

– E você ficou feliz com isso. Você não gosta de mim, não é, Stuart?

Chambers piscou e engoliu em seco de novo.

– Não é isso. É que...

– Não importa. Eu sei por quê. – Ele sabia que não conseguiria arrancar mais nada importante de Chambers. – Venha comigo.

– Você... você... você vai atirar em mim?

– Não. Mas venha comigo. Continue com as mãos pra cima. – Chambers caminhou até 47. O assassino saiu do caminho, ainda com a arma apontada para o homem. – Saia. – Ele seguiu Chambers, mantendo a Silverballer encostada atrás dele. – Para escada. Anda.

– Você não vai atirar em mim?

– Eu disse que não.

Eles seguiram os seis metros até o topo da escada.

– Pare – ordenou 47. Ele guardou a Silverballer no bolso do sobretudo. Depois, esticou os braços e, por trás de Chambers, colocou as duas mãos na cabeça dele.

Uma torção brusca para a direita... e *crac!*

Seguido de um empurrão.

O homem com o pescoço quebrado rolou escada baixo, atingiu a plataforma, quicou, e parou deitado de bruços.

O assassino tinha dito a verdade. Ele não atirou no sujeito.

O Agente 47 desceu os três lances de escada calmamente e saiu da torre. Pegou a maleta no carrinho e andou de volta até a van.

Enquanto ele dirigia para longe dali, pensou que provavelmente não dariam pela falta da van por mais algumas horas.

## VINTE E CINCO

Depois de tirar alguns itens que guardava em um compartimento secreto, o Agente 47 trancou a maleta e as armas em um guarda-volumes público no Aeroporto de Baltimore, Washington, e embarcou em um voo para Paris.

A viagem para o Chipre foi infernal.

Mesmo na primeira classe, ele não estava confortável. Os sintomas da abstinência haviam duplicado. A aeromoça olhou para ele e perguntou se estava bem. Foi um pequeno milagre terem-no deixado embarcar.

– Eu estou me recuperando de uma gripe – explicou. – Não se preocupe, não é contagioso.

Ainda assim, sua pele estava pálida e ele suava profusamente. O passageiro a seu lado pediu para mudar de lugar. Em determinado momento, o assassino pensou que fosse vomitar e passou dez minutos no banheiro. Tentou dormir durante a viagem, e o fez intermitentemente. Sonhos e pesadelos o afligiram com imagens de sua infância no asilo. Muito da raiva que sentira então se manifestava em aparições fantasmagóricas de inimigos do seu passado, todos os quais voltavam para matá-lo. Diana Burnwood apareceu, desta vez como apresentadora de um programa de jogos. Ela perguntou a 47 se ele queria a porta número um, dois ou três. Não havia nenhuma porta à vista, mas o assassino respondeu:

– Três. – Uma escotilha se materializou ao lado dela. Repentinamente, Diana era uma aeromoça, ele estava dentro de um avião e ela puxou a alavanca de emergência. A escotilha se desacoplou da aeronave e voou para longe. Ele contemplou o Caribe lá embaixo. O vento e a chuva pareciam arrancar-lhe a pele.

– Esta é a sua parada, senhor – disse Diana.

– Eu não vou descer aqui.

– Vai, sim. – Com essas palavras, ela o empurrou para fora do avião.

O assassino despencou em direção ao mar, mas desacelerou abruptamente, como se tivesse aberto um paraquedas. Ele olhou para cima e, obviamente, uma lona estava acoplada a uma mochila em suas costas. Como em todos os seus sonhos, ele aceitou o curso dos acontecimentos e prosseguiu sem questionar. Pelo menos ele não iria morrer na água.

Mas então o mar sumiu. Uma paisagem de fogo tomou seu lugar. Ele sentiu o calor intenso, mesmo em altitude elevada. Era como se ele estivesse descendo em direção a um sol escaldante. Ele sabia que não deveria olhar diretamente para ele – os raios queimariam suas retinas – mas, mesmo assim, ele não conseguiu desviar os olhos. Algo se movia na superfície do sol; as chamas e o magma formavam uma figura.

Um rosto.

Não, um rosto *vazio*. Sem olhos, nariz ou boca.

A Morte.

Ele estava caindo nas presas da Morte.

– Senhor, acorde! Senhor!

Uma cutucada gentil o assustou e ele se viu de volta ao voo para Paris. A aeromoça estava de pé ao seu lado.

– Que foi?

– O senhor estava... eu acho que o senhor estava tendo um pesadelo. Estava gritando. Desculpe acordá-lo, mas... bem, parecia que o senhor estava *precisando* ser acordado.

Ele meneou a cabeça.

– Desculpe. Obrigado. Você está certa. Mil perdões.

Ela lhe deu um copo d'água.

– Estamos nos preparando para a aterrissagem. Aqui, beba um pouco.

– Obrigado.

O Agente 47 se sentia tão fraco que mal conseguiu sair do avião. Ele teria que esperar três horas pelo próximo voo, para Chipre, e chegaria a Larnaca mais ou menos um dia depois de Wilkins e sua equipe. Ele usou o tempo em Orly para se revigorar. Lavou o suor do

corpo e trocou a camisa no banheiro masculino. Depois de comer alguma coisa, ligou para o número seguro da Agência com o seu celular. Seguindo as verificações codificadas usuais, ele foi direcionado para ninguém menos que Jade.

– Onde você está, 47? – perguntou.

– Em Paris. Prestes a embarcar para o Chipre.

– Chipre? Para quê?

– É lá que Wilkins está. Você estava certa, Jade. Tem algo nesse trabalho que não cheira bem. – Ele contou o que acontecera em Greenhill.

– Sua verdadeira identidade foi revelada?

– Não tenho certeza. Acho que não. Acho que só Ashton e mais dois guardas sabem quem eu sou. Dos guardas eu já cuidei. Ashton está no Chipre com Wilkins. Eu não sei o que ele contou para o reverendo, se é que contou alguma coisa, mas eu pretendo descobrir. Escuta, você pode descobrir onde o Wilkins está e por que ele está a meio mundo de distância quando deveria estar fazendo campanha em cidades americanas?

Ela pediu que ele ligasse novamente quando chegasse à ilha.

– Ah, outra coisa. Você pode conseguir o relatório da polícia sobre a morte acidental de Eric Shipley? Foi em Maryland, nos anos 1970. Shipley era pai da Dana Linder.

– Para que você quer isso?

– Eu tenho minhas razões. – Sua última pergunta a ela foi: – Você sabe de alguma coisa sobre Diana?

– Estamos seguindo uma pista nos Estados Unidos. Parece promissora.

– Bom saber.

Ele desligou, tomou três comprimidos para a dor de cabeça terrível que insistia em não abandoná-lo e esperou para embarcar no voo para o Chipre.

O Chipre era um país dividido desde 1974. Os dois terços meridionais da ilha eram ocupados por cipriotas gregos. Esta parte do país, a República do Chipre, era reconhecida pelas Nações Unidas e pelo resto do mundo como um Estado soberano. O outro terço,

setentrional, era conhecido como a República Turca do Chipre do Norte e, de acordo com quase todo o mundo, exceto os turcos, existia ilegalmente. A Turquia invadira a ilha há cerca de quatro décadas e iniciara um conflito sangrento que terminou em um período de paz frágil e tenso. A capital da parte grega, Nicósia, foi dividida em uma terra de ninguém que ainda guardava reminiscências da disputa de 1974: carros virados, lojas queimadas e vazias e escombros. Do outro lado da barreira ficava a metade turca da capital, Lefkosia.

Wilkins e sua equipe estavam no Hilton Chipre, o único hotel cinco estrelas de Nicósia. O Agente 47 ficou feliz ao descobrir que eles estavam na parte grega da ilha. Ele teria que lidar com menos burocracia e o local atraía mais turistas.

Ele fez *check-in* no hotel vestindo poncho, jeans, uma camisa de flanela, óculos escuros e uma bandana cobrindo a careca. Ele podia ser um viajante cigano de qualquer parte do mundo, mas com certeza um viajante rico. Entre os equipamentos que ele pegara na mala estava um kit de maquiagem. Ele trouxera delineador, lápis, base pesada e até mesmo cabelo e barba postiços. Todas essas coisas eram úteis para se criar um disfarce e impossíveis de serem detectadas no aeroporto. Os disfarces que ele desenvolveu eram parecidos com os dos atores em apresentações de teatro. Eles bastavam para aparições curtas, mas não passariam em um exame minucioso. Portanto, ele tinha que ser cauteloso para não ser visto, exceto por curtos períodos de tempo.

O Agente 47 teve o cuidado de examinar o saguão antes de entrar, pois Ashton – ou Helen – poderia estar lá. Mas ele estava confiante de que ninguém o reconheceria com aquele disfarce.

Antes de sair, entrou em contato com a Agência. Jade contou-lhe que vários VIPs da Europa e do Oriente Médio também estavam hospedados no hotel. Entre eles membros da OPEP, executivos do setor bancário e investidores independentes. Não estava claro se eles estavam vinculados à visita de Wilkins. Ela também disse que os melhores analistas da Agência estavam se empenhando para rastrear as ligações do cliente e localizar de onde elas vinham. Era uma tarefa difícil e que demandava tempo, porque ambos usavam

criptação avançada. Finalmente, Jade forneceu uma cópia do relatório policial sobre o acidente de caça envolvendo Eric Shipley. Aparentemente, ele estava caçando com amigos em um bosque em Maryland, em 1976. A espingarda de Shipley disparou enquanto ele a limpava. Seu rosto estava bem à frente da mira. Vários caçadores testemunharam o evento e depuseram no inquérito. O caso foi encerrado. O veredicto foi "morte por acidente".

*Interessante.*

– Quem eram as testemunhas?

– De acordo com o registro do tribunal, eram três homens: dois adeptos da Igreja da Vontade e um amigo de Charlie Wilkins. Malcolm James Woodworth, Thomas Strome e Bruce Ashton.

*Ashton. Muito interessante.*

– Existe alguma foto de Wilkins antes de 1976? – perguntou o assassino.

Ele a ouviu suspirar com certa irritação.

– Quer que eu procure?

– Por favor. – Ele desligou, ignorando o pedido dela para que ele explicasse o motivo.

Ele passou a tarde no saguão do hotel, bebendo café e lendo jornal, enquanto mantinha os olhos e ouvidos atentos. Finalmente, Wilkins entrou com sua comitiva. Helen estava com eles, parecendo atormentada e atarefada, com um bloco de notas em mãos, como se estivesse anotando cada palavra proferida pelo reverendo. O coronel Ashton caminhava ao lado de Wilkins e parecia tão ameaçador que qualquer pessoa pensaria duas vezes antes de abordar o famoso líder da Igreja da Vontade. Dois outros seguranças andavam atrás do trio. O Agente 47 não os reconheceu. Algumas pessoas no hotel identificaram Wilkins e quiseram cumprimentá-lo. O reverendo agradeceu graciosamente e distribuiu apertos de mão e autógrafos enquanto exibia suas marcas registradas – o sorriso e a sobrancelha erguida. Ashton permaneceu por perto e conteve todos o que tentaram se aproximar.

Durante esse ritual, 47 se levantou e cruzou a portaria, passando intencionalmente perto de Helen. Ela chegou a olhar para ele, mas

logo voltou sua atenção para o bloco de notas e continuou escrevendo. Não deu a mínima para ele.

Ótimo.

Ele se demorou enquanto Wilkins terminava de lidar com os fãs. O reverendo se voltou para Helen e disse:

– Querida, eu não vou precisar de você na reunião de amanhã. Pode tirar o dia de folga. Vá para a piscina. Vá fazer compras. Eu sei que a antiga cidade em Nicósia tem muitas lojas ótimas.

Ela pareceu surpresa.

– Sério? O senhor não quer que eu vá?

– Não, não precisa. Mas vou precisar que você esteja disponível amanhã à noite.

– Obrigada, senhor... digo, Charlie.

Um dos seguranças disse:

– Senhor, o carro chegou.

– Ótimo – disse Wilkins. – Eu não posso deixar o embaixador esperando.

Toda a comitiva deixou o hotel e entrou em uma limusine. O assassino os observou saírem pela porta da frente, considerou a ideia de segui-los, mas decidiu ir até o bar. Eles voltariam. O que interessava a ele era o que estavam fazendo no hotel.

O bar Paddock só abria às cinco, então 47 foi até o saguão. Muitos hóspedes estavam tomando o chá da tarde. O assassino achou essa uma boa ideia; uma bebida quente ajudaria a acalmar os sintomas terríveis da abstinência. Sentou-se em uma cadeira confortável com vista para toda a comprida área, pediu a bebida e manteve os olhos na multidão. Sua atenção se prendeu a três homens sentados a uma mesa próxima. Eles falavam russo e estavam vestidos com um pouco mais de elegância que o resto da clientela. O Agente 47 teve quase certeza de que eram criminosos. Ele não era exatamente fluente na língua deles, mas sabia o bastante para compreender a ideia central da conversa. Um dos homens reclamava que eles não deviam ter de ir a uma reunião tão longa no dia seguinte. Outro deles perguntou se eles sabiam onde ela seria. O terceiro respondeu que, obviamente, seria no centro empresarial do hotel, provavelmente em

uma sala de conferência que o reverendo havia reservado. O primeiro comentou:

– Acho bom a comida ser boa.

O segundo russo brincou:

– É provável que seja o frango do Charlie! – O comentário gerou risadas.

Interessante.

O Agente 47 decidiu que precisava descobrir mais informações sobre o encontro. Ele terminou o chá e passou o resto do dia explorando o hotel até que tivesse o mapa completo do lugar gravado na memória. Onde ficava o centro comercial. Onde os funcionários se reuniam durante os intervalos. A lavanderia. A academia, a piscina, a sauna. Onde ficavam as escadas e os elevadores. Onde estavam posicionadas as câmeras de segurança. Ele sabia onde era seguro se esconder e quais pontos deveria evitar.

Ele estava preparado.

Se ele conseguisse se livrar dos tremores, da dor de cabeça e da ansiedade, tudo estaria perfeito.

## VINTE E SEIS

Pouco antes da hora do jantar, o Agente 47 seguiu para a área restrita de funcionários no andar térreo do hotel. Como ele espreitava em um canto, observou carregadores de mala, garçons e camareiras passarem os cartões no leitor para entrar. Ele deduziu que atrás daquela porta haveria uma sala de descanso, escritórios de funcionários e, o mais importante, computadores com informações sobre o hotel. Ele considerou a possibilidade de acessar o sistema por fora, através de uma entrada para empregados próxima à plataforma de carga. Era uma ideia mais arriscada à luz do dia. Mas, em certo momento, um carregador de malas saiu do escritório. Ele trajava o uniforme do hotel – uma túnica marrom e amarela, calças marrom-escuro, um chapéu e uma etiqueta de identificação – e tinha aproximadamente a mesma altura e o mesmo peso do assassino.

O Agente 47 o seguiu até o saguão movimentado, onde o homem imediatamente começou a trabalhar, cumprimentando os hóspedes que chegavam e carregando um carrinho com suas malas. Mais uma vez, o assassino pegou um jornal e se sentou em uma cadeira próxima à recepção para que pudesse ficar de olho no rapaz. Depois de um tempo, chegou um casal, aparentando estar atormentado e apressado. Ele os viu fazer o *check-in* e ouviu o carregador dizer que levaria as malas para cima em breve; mas os hóspedes responderam que estavam atrasados para um jantar e só haviam passado no hotel para registrar a chegada e deixar a bagagem. O carregador disse educadamente:

– Sem problema; seus pertences estarão no quarto quando voltarem.

O casal lhe deu uma gorjeta adiantada e saiu. O assassino se demorou um pouco mais enquanto o funcionário pegava o cartão

magnético e, finalmente, carregava o carrinho de bagagem na direção dos elevadores. Uma das portas se abriu, revelando um elevador vazio. O homem empurrou o carrinho para dentro e apertou o botão correspondente ao andar desejado. Quando as portas começaram a se fechar, 47 lançou o braço entre elas.

– Segure a porta, por favor!

O carregador apertou o botão ABRIR PORTAS e 47 entrou.

– Obrigado.

– De nada, senhor. Qual andar?

Ele acenou com a cabeça para o conjunto de botões, dos quais apenas um estava aceso. – Parece que você está indo para o mesmo andar que eu.

Eles subiram em silêncio. O assassino teve o cuidado de dar as costas ao carregador, a fim de diminuir as chances de ser identificado posteriormente por ele. Quando o elevador parou, o empregado falou:

– O senhor primeiro. – Ele saiu e segurou as portas com o braço. – Obrigado – disse o carregador, enquanto levava o carrinho.

O assassino deixou que o homem esvaziasse o elevador e começasse a empurrar o carrinho pelo corredor antes de ir atrás dele. O Agente 47 o seguiu até que ele chegasse a seu destino. Olhou à sua volta para garantir que ninguém estivesse olhando, correu atrás do homem, passou o braço em volta de seu pescoço e o pressionou. O estrangulamento foi eficaz e deixou o carregador inconsciente, sem emitir qualquer barulho.

O funcionário desabou nos braços de 47 como um boneco de pano. Sem cerimônia, o assassino o largou no carrinho, procurou seu cartão, abriu o quarto e empurrou o carrinho para dentro. Nesse momento, o carregador começou a se mexer. Ele o jogou na cama e começou a tirar o uniforme do empregado. Quando este recobrou os sentidos, o assassino simplesmente o estrangulou novamente.

Em cinco minutos, 47 estava vestido com o uniforme do carregador de malas. Então tirou a roupa de cama e a usou para amarrar e amordaçar o funcionário. Ele o deixou na cama, pegou suas próprias roupas e saiu. Fez uma rápida parada no andar onde

estava hospedado para deixar suas roupas no quarto e voltou para o primeiro andar.

O assassino usou o cartão do carregador de malas para entrar na área restrita de funcionários. O lugar estava repleto de trabalhadores do hotel, então 47 manteve a cabeça baixa e andou com postura decidida, sem olhar ninguém nos olhos. Com sorte os outros pensariam que ele era só mais um novo empregado.

Ele encontrou um escritório vazio, entrou e fechou a porta. Ela não tinha trinco, então ele teve que se arriscar. O Agente 47 sentou atrás de uma escrivaninha e ligou o computador. Depois de algum tempo, a tela inicial do Hilton apareceu e ele obteve acesso aos registros do hotel.

O Agente 47 agiu com rapidez. A primeira coisa que ele olhou foi a conta de Wilkins. Ele encontrou o número da suíte do reverendo e depois estudou todo o arquivo. Wilkins havia reservado uma sala de conferência no centro comercial durante todo o dia seguinte. Tinha pedido comida para catorze pessoas. Wilkins planejava sair do hotel na manhã seguinte. As observações adicionais indicavam que Wilkins era um cliente VIP e tinha direito a comodidades a que outros hóspedes não tinham. Por exemplo, uma firma de segurança privada de Nicósia estava fornecendo proteção extra a ele, embora Bruce Ashton estivesse listado como o diretor de segurança da celebridade.

Depois, o assassino examinou a conta de Helen McAdams. Ele viu que o quarto dela ficava no mesmo andar que o de Wilkins. Não havia nenhuma observação adicional, além de que ela estava na comitiva de Wilkins. Então 47 puxou o arquivo de Bruce Ashton. Conforme o esperado, seu quarto ficava no mesmo andar. O assassino sorriu ao ver que o coronel tinha reservado uma massagem no spa às nove horas daquela noite. Fora-lhe designada uma massagista chamada Katharina. O Agente 47 rapidamente digitou o número do celular dela em seu telefone.

Ele conferiu a hora – estivera no computador por dez minutos. Ele não queria arriscar ficar muito mais tempo, mas achou que deveria verificar rapidamente os nomes de todos os hóspedes daquela noite. Havia centenas de hóspedes, obviamente, então ele se concentrou nos nomes que soassem russos. Ele encontrou alguns e memorizou

os nomes e os números dos quartos. Eles também estavam listados como VIPs e estavam em quartos próximos um dos outros. Depois, o assassino desligou o computador e deixou o escritório.

Ele saiu da área de funcionários sem incidentes, tomou o elevador até seu andar e foi para sua suíte. Lá, pegou o celular e ativou o aplicativo encriptado da Agência para fazer uma busca pelos nomes russos no banco de dados. Um deles, Boris Komarovsky, era suspeito de ser o tesoureiro da máfia de São Petersburgo. Outro, Vladimir Podovkin, aparentemente controlava as finanças de uma organização criminosa em Moscou.

O Agente 47 ficou surpreso. Sua missão cheirava pior a cada dia. Quais eram as intenções de Wilkins? Por que ele se encontraria com criminosos russos no Chipre? Quem mais iria ao encontro? Jade dissera que o hotel estava hospedando pessoas importantes e poderosas, como acionistas da OPEP e executivos do setor bancário. Estariam também envolvidos com Wilkins? O que estava acontecendo?

O assassino se lembrou do carregador de malas que deixara amarrado e amordaçado. Em algum momento, o casal voltaria ao hotel, entraria no quarto e o descobriria. A polícia seria chamada. As chances de ser descoberto seriam duplicadas, principalmente com todos os eminentes hóspedes. Não obstante, ele se confortou com o fato de que aquele era um hotel enorme. Ele confiava no fato de que, contanto que fosse diligente e agisse com extrema cautela, conseguiria atingir seus objetivos sem ser apanhado.

Às 20h30, 47 ainda estava vestido como carregador de malas, e se dirigiu ao local onde ficavam a academia e o spa do hotel. Havia três salas privativas, separadas para massagens. Como duas estavam em uso, ele entrou na que estava vazia para examiná-la. Havia uma mesa, é claro, coberta por um lençol. Um balcão exibia diferentes tipos de óleos e loções. Os hóspedes podiam pendurar as roupas em um pequeno armário. Ele estudou o aposento por um instante e então voltou para a academia. Ela não era particularmente grande, mas continha uma sauna separada, equipamentos de ginástica, musculação e até mesmo uma pequena pista ao redor do perímetro

para caminhadas e corridas. Como o Chipre era um destino majoritariamente turístico, onde as pessoas tendiam a passar mais tempo ao ar livre, a piscina e uma pista maior ficavam do lado de fora. Não obstante, diversos hóspedes estavam utilizando as áreas internas das instalações. O Agente 47 sabia, por experiência, que a maioria das pessoas ignorava a maior parte dos acontecimentos ao seu redor, principalmente quando estavam envolvidas em atividades como exercício físico ou concentradas em estímulos externos, tais como iPods ou televisões de tela plana presas às paredes. A população em geral também tendia a ignorar subalternos, tais como garçons, faxineiros, camareiras... e carregadores de mala.

Próximo ao spa havia uma sala de toalhas. Toalhas brancas, dobradas, limpas e bordadas com o logotipo do Hilton estavam empilhadas em prateleiras, e havia um grande cesto no chão para as toalhas usadas. O Agente começou a “trabalhar” com as toalhas, separando, dobrando, desdobrando, ou seja, não fazendo nada além de parecer ocupado. Conforme o esperado, ninguém na academia prestou atenção nele.

A massagista entrou na academia às 20h50. Katharina era uma morena atraente, aparentava uns quarenta anos e vestia um uniforme semelhante ao de uma enfermeira. Ela entrou na sala de massagem vazia, acendeu a luz e se aproximou de 47 no depósito de toalhas.

– Olá – disse ela ao pegar algumas.

Ele respondeu com um grunhido.

Ela saiu e voltou à sua estação.

Cinco minutos depois, o coronel Ashton apareceu na academia. Ele vestia roupão e pantufas. Olhou ao redor, viu as salas de massagem e caminhou até a porta aberta. O Agente 47 viu a massagista apertar a mão dele e gesticular para que se deitasse na mesa. Então ela fechou a porta.

O assassino esperou cinco minutos e discou o número de Katharina em seu celular.

– Pois não?

– É Katharina?

– Sim?

– Aqui é o recepcionista. Você está sendo aguardada no quarto 433. Está atrasada para o compromisso. – Ele deu, deliberadamente, o número do quarto de um dos russos.

– O quê? Eu tenho um compromisso. Eu estou nele agora.

– Deve haver algum engano. Este é um compromisso VIP. A massagem está agendada na suíte dele. Ele perguntou especificamente por você. Por favor, encontre-o agora. Eu vou mandar outra massagista imediatamente até a academia para cuidar do seu cliente.

Ela suspirou.

– Ok. Quarto 433, certo?

– Certo. Por favor, não demore. Ele já ligou duas vezes.

– Tudo bem.

Ele desligou e observou. Após alguns instantes, Katharina saiu da sala de massagem e fechou a porta atrás de si. Quando ela deixou a academia, o assassino pôs seu plano em prática. Ele pegou algumas toalhas, andou resolutamente até a sala, abriu a porta e a fechou ao entrar.

Ashton estava nu, deitado sobre a mesa, de bruços. Ele começou a se erguer e virar a cabeça para que pudesse aprovar a beldade substituindo Katharina, mas antes que pudesse se dar conta do que estava acontecendo 47 enfiou as toalhas no rosto do homem. Então, o assassino pulou sobre a mesa e montou nas costas de Ashton, ao mesmo tempo em que puxava as duas extremidades da toalha em volta da cabeça do coronel. Seu grito foi suficientemente abafado.

Mas o assassino não contava com os reflexos aguçados e com a força tremenda de Ashton. Era um homem em excelente forma física; 47 estava sofrendo de abstinência de oxicodona e passara o último ano sem se dedicar aos exercícios. Ashton conseguiu se desvencilhar do assassino, jogando-o no chão. O homem nu tirou as toalhas do rosto, arremessou-as contra a parede e desceu da mesa.

O chapéu de 47 havia caído. Ele estava deitado de costas, ligeiramente aturdido. Mais uma vez, os sintomas de mal-estar o envolveram, causando uma inércia momentânea.

– Você!

A surpresa de Ashton ao ver o homem que pensava estar morto funcionou como uma vantagem para 47. O coronel também vacilou porque não se deu conta do quão vulnerável estava, ali de pé sobre o assassino. O hiato forneceu a 47 os segundos preciosos de que precisava para se recuperar do choque e ver as coisas com clareza. O plano de ataque era óbvio.

O assassino o chutou ferozmente, batendo com o sapato na virilha de Ashton. O coronel gritou, e desta vez um pouco alto demais para a tranquilidade de 47. Ele se pôs de pé em um pulo, enquanto sua presa caía de joelhos. O rosto de Ashton enrubesceu de dor e, instintivamente, suas mãos cobriram as partes íntimas, deixando-o completamente indefeso. O Agente 47 cerrou o punho e acertou um gancho de direita no queixo do coronel, derrubando-o contra a mesa de massagem.

O assassino pegou novamente as toalhas e continuou a fazer o que havia começado. Ele enrolou duas delas ao redor da cabeça de Ashton e puxou as duas pontas com toda a força, e ela foi tanta que o pescoço da vítima estalou, arrebatando a medula espinhal. O corpo do coronel amoleceu.

O assassino respirou profundamente e abriu o pequeno armário. Estava vazio. Ashton era pesado, mas o assassino conseguiu carregá-lo e largar o corpo dentro do gabinete. Ele teve de enfiar os braços e as pernas do homem dentro do compartimento para fechar a porta. Então, 47 aprumou o uniforme, ajeitou o chapéu e saiu da sala de massagem. Novamente, nenhum dos hóspedes que utilizam os equipamentos de ginástica prestou atenção a ele. Tampouco ouviram o grito de dor angustiada de Ashton.

Satisfeito, o assassino cruzou o aposento e deixou a academia – foi então que esbarrou com Helen.

Eles ficaram face a face.

## VINTE E SETE

*Eu raramente me deixo surpreender pelo inesperado, mas dessa vez foi diferente.*

*Lá estava ela, parada a meio metro de distância, olhando bem para o meu rosto. Houve um instante, um daqueles momentos constrangedores, em que eu não soube como reagir. Provavelmente um resquício dos sintomas de abstinência. Eu não estava reagindo tão rápido quanto deveria.*

*De qualquer forma, eu murmurei, "Com licença", e passei por ela. Como se fosse um desses incidentes desajeitados em que você dobra uma esquina e tromba com alguém.*

*Então eu ouvi sua voz às minhas costas, me chamando.*

*– Stan?*

*Eu segui caminho. Sequer demonstrei ter ouvido. Só continuei andando em direção aos elevadores. Estava usando o uniforme e o boné de mensageiro. Talvez ela pensasse que eu simplesmente parecia o Stan Johnson que ela conhecia, para depois se dar conta de que eu não podia ser ele. Mensageiro de hotel no Chipre? Impossível. A imaginação dela tinha lhe pregado uma peça.*

*Ao chegar na esquina e me virar na direção do saguão dos elevadores, eu olhei para trás. Ela tinha sumido. Pelo visto eu tinha razão. Ela deve ter pensado que era um engano e continuou. Imaginei se ela estaria procurando por Ashton. Ela não estava vestida para malhar.*

*Entrei no elevador, subi até o meu andar e fui para o meu quarto. Não havia nada mais a fazer até o dia seguinte. Com Helen vagando pelo prédio, eu sabia que teria de ser ainda mais cauteloso. Eu não queria encontrá-la de novo. Ela poderia tentar falar comigo, o mensageiro, a sério, e então eu estaria encrencado.*

*Seria tão mais conveniente se eu recebesse autorização para matar Wilkins agora. Eu poderia fazer isso aqui e acabar logo com essa história. Eu não entendia o que estava atrasando a autorização. Não entendia nada dessa missão estranha. O reverendo tinha fisgado meu interesse com seus negócios no Chipre envolvendo tipos criminosos e gente da grana. Eu não entendo muito de política americana, mas imagino que seria considerado um tanto quanto suspeito para um candidato presidencial, especialmente de um partido isolacionista como o Primeiro Partido, aceitar dinheiro de campanha desse tipo de gente, isso se fosse de fato o que estava acontecendo.*

*Quanto tempo passaria até que sentissem falta de Ashton? Será que o encontrariam no armário ainda esta noite? Amanhã? O que Wilkins faria?*

*Eu também me perguntei quão seguro seria voltar para Greenhill. Havia dois seguranças desaparecidos, e o supervisor de manutenção quebrara o pescoço ao cair das escadas. Se Ashton não divulgou minha identidade para ninguém, então provavelmente não haverá problema. O principal era saber se Wilkins sabia ou não. Eu tinha que presumir que ele sabia e jogar de acordo. Por outro lado, eu precisava me arriscar e voltar como Stan Johnson. Ainda era minha melhor aposta para me aproximar do reverendo e apagá-lo.*

*Também havia um negócio não acabado com Helen. Eu precisava me arriscar a voltar a Greenhill, por ela. Ela valia o risco, e embora isso fosse contra meu costume, eu precisava protegê-la.*

*Quando topei com ela, senti como se alguém tivesse me atingido no peito com um martelo. Eu jamais sentira isso antes. Eu era esperto o suficiente para saber que não era uma reação física, e sim emocional.*

*Emoções. Então eu tinha algumas, afinal. Quem imaginaria?*

*No chuveiro, estendi a mão diante de mim. Os tremores tinham diminuído consideravelmente. De fato, há meses eu não via a minha mão tão estável. Talvez eu estivesse me limpando dos analgésicos mais rápido que o esperado. Então eu notei que a dor de cabeça também tinha desaparecido. Eu não tinha percebido até agora. Isso era bom.*

*Eu me deitei e caí em um sono profundo e necessário.*

*Os sonhos, no entanto, ainda eram bastante vívidos.*

*Eu estava de volta ao meu corpo de menino de oito anos. Pequeno 47. Só pelo meu nome eu já deveria ter adivinhado há muito tempo que havia alguma coisa errada comigo. Quem batizaria o filho de "47"? Quando fiquei bem mais velho, soube que esse era meu nome por causa dos últimos dois dígitos em meu código de barras. Meu código de barras.*

*Assim, habitei o meu eu de oito anos outra vez. E lembrei do momento em questão como se tivesse ocorrido ontem. Eu me sentei no jardim do asilo perto do grande chafariz. Eu tinha terminado o treinamento do dia e me sentia inquieto. Eu não entendia ainda por que o bom doutor estava me forçando a fazer tanta coisa. Eu não gostava dele. Não gostava da equipe. Não gostava de ninguém.*

*Então eu a via na grama. Uma cobra pequenina. Deslizando por ali, cuidando da própria vida.*

*Mas eu a odiei. Por que aquela criatura medíocre podia ser livre e eu não? Eu estava preso no asilo e não podia sair. A cobra podia ir e vir como bem entendesse.*

*Com uma velocidade que me surpreendeu, eu pulei na direção do réptil e o peguei com as mãos nuas. Ela era cinzenta e tinha menos de trinta centímetros de comprimento. A criatura escorregou por entre e em volta dos meus dedos. Eu não tinha tocado uma cobra até então. Era mais lisa do que eu esperava, e ainda assim escamosa e áspera. Uma combinação estranha. Eu estudei a criaturinha e a olhei direto nos olhos. Uma língua bifurcada saiu e entrou rapidamente de sua boca. Quase como se ela estivesse perguntando: "Quem é você? Por que está me segurando? Você é meu amigo?"*

*Não. Eu não era seu amigo. Muito menos depois de você me morder.*

*A raiva em mim cresceu. Frustração. Confusão. Frieza.*

*Sem pensar muito a respeito, eu apertei e esmaguei a cobra em minhas mãos. Suas entranhas e fluidos nojentos escorreram sobre a minha pele.*

*Eu não senti nojo.*

*Atirei os restos da cobra tão longe quanto pude. Então me sentei na borda do chafariz e estudei minhas mãos. O que eu tinha acabado de fazer? Eu matara uma criatura viva. Ela me mordera e eu me defendera, mas seria esse um bom motivo?*

*Ali mesmo eu soube. Tudo ficou claro pra mim. Eu entendi por que me sentia excluído. Um espécime de laboratório. Inumano.*

*Eu era um assassino nato. Tinha sido projetado para fazer o que eu fizera.*

*Inicialmente eu fiquei muito deprimido. Triste. Mas um minuto depois a fúria voltou. Muita fúria. E fiquei furioso por semanas. O Dr. Ort-Meyer me perguntou várias vezes o que havia de errado. Eu disse que o odiava. Várias vezes. Ele sorriu e me deu tapinhas nas costas, como se eu estivesse me comportando exatamente como ele esperava. "Muito bom, muito bom!", ele dizia.*

*Então, no sonho que eu estava tendo, eu tentei escapar do asilo muito antes de tê-lo feito. Mas para todo lado que eu me virava havia barras de ferro bloqueando meu caminho. Eu corri por um saguão, fugindo da violência que eu infligira nas minhas fantasias. Beco sem saída. Eu me volvei e tentei outra rota. Mais obstáculos.*

*Eu não podia fugir do que eu era: um assassino.*

*E então... lá estava ela. Esperando por mim no fim de um corredor.*

*Sem Rosto. A Morte. Ela fez um gesto para que eu me aproximasse. Eu recusei. Senti que ela tentava se comunicar comigo. Ela estava me oferecendo uma saída para as minhas dificuldades.*

*– O quê? Como? – eu gritei pra ela com minha voz de oito anos.*

*A Morte estendeu a mão. Ela empunhava uma de minhas Silverballers. Carregada. Pronta para ser usada. A beleza dela me atraiu. O acabamento liso do metal, o cabo de pérola, a arte pura do seu desenho. Eu me aproximei da Morte. Estendi o braço. Peguei a arma. Ela era pesada em minhas mãozinhas. Mas a sensação era... maravilhosa.*

*Eu olhei para a Morte, outra vez tentando penetrar o nada que recobria seu rosto. Quem era ela, na verdade? Eu tinha certeza de que era alguém que eu conhecia. Alguém familiar.*

Você sabe o que fazer. *Ela não o disse em voz alta, mas eu a ouvi em minha mente.*

*A saída.*

*Sim, eu sabia o que fazer, sim. Levantei a Silverballer e apontei para minha têmpora direita. Tudo o que eu precisava fazer era apertar o gatilho e tudo estaria acabado. Eu seria apenas mais um dos experimentos fracassados de Ort-Meyer. Que o 48, o 49 ou o 50 se tornassem seu orgulho e sua alegria. Não eu.*

*Basta apertar o gatilho. Acabar com tudo.*

*Agora.*

*Acordei outra vez banhado de suor.*

*Então os sintomas da abstinência não tinham sumido completamente.*

*Eu estendi a mão. Nenhum tremor. Examinei mentalmente meu corpo. Sem dor de cabeça. Sem cansaço.*

*Apenas os sonhos. Eles eram tudo o que restara.*

*Eu tinha que vencê-los. Já não podia mais suportá-los. E só havia uma maneira de fazê-lo.*

*Eu precisava descobrir quem era a Morte. Essa era a chave para a minha recuperação completa.*

*Eu saí da cama e fui até o banheiro. E me encarei no espelho. Meus olhos... bom, pareciam estar como sempre. Minha pele já não estava tão pálida. Esse era um progresso.*

*– Eu vou vencer você – disse, alto, embora soubesse que ninguém podia me ouvir.*

*Ninguém, exceto a Morte.*

## VINTE E OITO

Era o dia da reunião de Wilkins.

O Agente 47 preparou um novo disfarce. Não era mais seguro ser um carregador, de forma que ele conseguiu um uniforme de garçom usado – camisa branca, calças pretas, avental – e um chapéu branco para cobrir sua calva.

Outro problema era a polícia de Nicósia, que estava por toda parte. O carregador que 47 amarrara e deixara em um dos quartos fora descoberto na noite anterior. A vítima prestara depoimento, dizendo ter sido atacada por um convidado do hotel que roubou seu uniforme. A polícia estava procurando por um homem alto vestido como um “gaúcho”.

A descrição do mensageiro era bastante inexata, chegando a sugerir que o criminoso tinha “cabelos longos e cacheados” debaixo da bandana.

Até o momento, o corpo do coronel Ashton ainda não tinha sido descoberto. Quando Katharina, a massagista, chegou ao quarto 433 para o tal compromisso VIP, Boris Komarovsky a informou que tinha havido um engano. Mas ao ver o quão atraente ela era, permitiu que ela entrasse e fizesse a massagem assim mesmo. Ele lhe deu uma gorjeta generosa pelo “final feliz”, garantindo assim o silêncio de Katharina pelo incidente. Ela não voltou ao spa naquela noite.

Quanto a Helen McAdams, Wilkins lhe dissera que ela poderia tirar o dia de folga e descansar na piscina se quisesse, mas a dedicada funcionária e membro da Igreja da Vontade não tinha qualquer intenção de fazê-lo. Ela queria ficar perto do seu mentor, disponível para o caso de ele acabar precisando dela. Apesar de sua timidez natural, Helen conseguiu assumir alguma autoridade sobre os vários guarda-costas e seguranças designados para proteger o reverendo.

Ela notou que possuía uma habilidade recém-descoberta de delegar instruções e dar ordens com confiança e firmeza, o que era uma novidade. De fato, até Wilkins comentara que Helen tinha mudado nas últimas semanas. Ele notara que ela parecia ter florescido, abandonado a personalidade introvertida do costume.

A verdade é que ela estava mais feliz do que jamais estivera, e tudo graças a Stan Johnson. Embora o relacionamento deles ainda fosse precoce, Helen estava convencida de ter encontrado sua alma gêmea na pessoa reservada e intensa do fazendeiro de Iowa. Ele era definitivamente estranho, mas até aí ela também era. Eles se encaixavam bem. Helen se sentia confortável perto dele. Desde o momento em que revelaram um para o outro seus problemas com drogas, ela se sentia ainda mais próxima dele. Ela queria muito ajudá-lo a se livrar do vício. Esse desejo lhe deu um novo propósito, algo que a ajudava em sua própria batalha contra os demônios do passado.

Ela se preocupava um pouco por Stan não demonstrar interesse algum por sexo. Helen acreditava firmemente que isso mudaria, especialmente quando ele se recuperasse da dependência de analgésicos. Eles já compartilhavam tanto, por que não poderiam ficar mais íntimos? Helen achava que o compreendia. Stan passara por muitas dificuldades e pelo jeito sofrera mais de uma vez com um coração partido. A Igreja da Vontade a ensinara que essas coisas podiam ser curadas. Charlie sempre dizia para “encontrar a Vontade dentro de si” e todas as coisas se tornariam claras. As muitas diretrizes da Igreja davam aos fiéis as ferramentas necessárias para procurar e encontrar a Vontade. Até recentemente, Helen praticara diligentemente os ensinamentos, por meses e meses, sem sucesso. Ela não fizera progresso algum até que Stan entrou em sua vida. Por algum motivo, sua chegada a Greenhill abriu as portas do seu ser. Era como se ela tivesse encontrado o caminho até uma fonte abundante de novas emoções e ideias. Ela descobrira sua Vontade.

Helen mal podia esperar para sair do Chipre e voltar para Greenhill. Ela sentia muito a falta de Stan. Ela sentiu vontade de telefonar para ele, mas resistiu. Ela nem sabia ao certo qual seria o fuso horário entre a Virgínia e a ilha. Na noite anterior ela chegou a

pensar que o tinha visto no hotel. O carregador que ela encontrara do lado de fora da academia se parecia *muito* com ele. Ele poderia ser o irmão gêmeo de Stan. Era impressionante. É claro, não era ele. Como poderia ser? Helen achou que se tratava de um truque da sua imaginação. Ela estivera pensando o dia todo em Stan, e sua mente naturalmente a enganou. Mais tarde ela chegou a achar engraçado.

Estaria ela apaixonada? Era possível. Ela não queria usar a palavra ainda. Stan obviamente não estava pronto para isso. Ela não ousaria dizer a ele – provavelmente só o assustaria. Helen esperaria até ele estar confortável o suficiente para ficar íntimo dela. Sexo frequentemente derrubava barreiras, embora ela soubesse que às vezes também as construía.

Ela decidiu lidar com isso um dia de cada vez. Stan era uma boa alma. Ela sabia disso. Ele tinha alguns segredos, é claro, e havia coisas em seu passado que eram sombrias e misteriosas – até perigosas. Mas ela o atrairia para fora de sua casca. Ela acreditava piamente que Stan Johnson era uma boa pessoa. E que ele era capaz de amar.

O Agente 47, usando o disfarce de funcionário, acessou a imensa cozinha no andar térreo, passando pelas portas duplas do salão, onde o café da manhã era a atração principal. Ele simplesmente caminhou pelo restaurante como se soubesse o que estava fazendo, entrou na cozinha e começou a carregar um carrinho com pratos, guardanapos, talheres e outros itens que acompanhariam algum pedido.

– O que você está fazendo? – perguntou um homem usando chapéu de chefe de cozinha.

– Eles pediram isso no centro de negócios – respondeu o assassino. – Está tendo alguma coisa VIP lá.

O chefe de cozinha obviamente não reconheceu o alto garçom, mas funcionários entravam e saíam de um grande hotel; era impossível se lembrar de todos eles.

– Está bem – disse ele, e 47 saiu empurrando o carrinho para fora da cozinha.

Agora devidamente disfarçado, não só com roupas e maquiagem, mas também com o carrinho, o assassino podia andar livremente

pelo prédio sem ser notado. Ele era só mais um funcionário da cozinha empurrando um carrinho de pratos de um lado para outro. Havia tanta coisa acontecendo no maior e mais luxuoso hotel de Nicósia que ele não atrairia a atenção de ninguém. Como precaução extra, no entanto, ele colocou três facas e três garfos no bolso. Nunca se sabe quando uma arma pode ser necessária.

Ele notou a presença da polícia no saguão e em alguns corredores. Teriam finalmente encontrado o corpo de Ashton? Se sim, isso atrapalharia os planos que Wilkins traçara para aquele dia? Só havia uma maneira de saber, e era verificar o centro de negócios para ver o que estava acontecendo.

O centro ficava localizado no andar térreo, e consistia de várias salas de reunião, uma sala de conferência, que servia para reuniões de diretoria, e algumas praças de alimentação usadas para eventos corporativos. Wilkins reservara a sala de reuniões Ahera e a sala de conferência. Quando 47 entrou com o carrinho no corredor contíguo ao Ahera, ele viu que o reverendo e seus convidados tinham acabado de comer. O assassino fingiu arranjar os pratos no carrinho enquanto observava os homens saírem do Ahera e seguirem pelo corredor até a sala de conferências. Vários homens usando uniformes estavam postados nas entradas. As insígnias em seus ombros indicavam que eram empregados da CHIPRE A-I COMPANHIA DE SEGURANÇA. O Agente 47 também reconheceu dois guarda-costas de Greenhill supervisionando a operação.

Finalmente, o próprio Wilkins saiu do Ahera. Ele estava conversando demoradamente com um saudita vestindo um *bisht*, a tradicional capa indicando prestígio, e um *ghutra an iqal* na cabeça. O Agente 47 imaginou que deveria ser um príncipe ou outro membro da realeza. O assassino não estava perto o suficiente para ouvir a conversa. Ele continuou a mexer nos pratos e talheres até que todos os hóspedes VIP tivessem entrado na sala de conferências. A porta se fechou e os guardas de Greenhill ficaram a postos.

*Interessante.*

Ele empurrou o carrinho para dentro do salão Ahera e congelou.

Helen.

Ele não esperava vê-la. Ela deveria estar de folga.

Ela vestia um *tailleur* executivo e estava em pé com uma prancheta nas mãos enquanto falava com um membro da equipe de Greenhill que 47 reconheceu como George qualquer coisa, um dos assistentes pessoais de Wilkins. Os funcionários do hotel se ocupavam em retirar os itens usados no café; 47 presumiu que Helen e o outro assistente estiveram presentes no café da manhã mas tinham sido deixados para trás quando a reunião na sala de conferências começara. O assassino empurrou o carrinho na direção dos dois e se agachou, de costas para eles, para “arrumar” os pratos novamente enquanto se concentrava na conversa.

– ... Não sei por que estamos aqui, George – disse Helen. – Você ouviu o que ele disse? “Vá ficar na piscina um pouco”. Ele não me quer por perto hoje. Por quê?

George deu de ombros.

– Sei tanto quanto você. Ao menos você esteve ocupada ontem. Eu não fiz nada vezes nada desde que chegamos.

– Mas por que o Charlie quer se encontrar com esses sujeitos da OPEP e esses bancos estrangeiros? Eu pensei que devíamos estar trabalhando na campanha.

– Querida, é isso mesmo o que estamos fazendo. Você não entende? Os bolsos desse pessoal são bem fundos. Eles vieram dar um monte de dinheiro para Charlie.

Ela sacudiu a cabeça.

– Acho que não entendo de política. Por que *eles* estão dando dinheiro para Charlie?

– Vamos esperar que ele consiga o que quer – respondeu George.

– Charlie está num humor terrível.

– Nem me diga. Acho que ele nunca me respondeu como nessa manhã. Onde será que o coronel está metido? Como é que ele foi desaparecer assim?

O Agente 47 sorriu consigo mesmo. Sem que ninguém soubesse, o bom coronel ainda estava enfiado no armário no spa.

– Vamos, eu vou com você até a piscina – disse George. Não tenho mais nada pra fazer mesmo...

Os dois saíram da sala de conferências. O Agente 47 começou a empurrar o carrinho para fora do salão Ahera quando um dos

funcionários do hotel se dirigiu até ele. Era uma mulher pesada, de uns quarenta anos, com olhos castanhos e ferozes e um cenho permanentemente franzido.

– O que você está fazendo? Vai ajudar ou não? – perguntou ela.

O assassino sacudiu a cabeça.

– Estou na sala errada. Era para entregar isso em outro lugar.

– Onde? Você sabe que eu sou a encarregada disso. – Ela o olhou de cima abaixo. – Cadê seu crachá? Eu conheço você?

– Meu nome é John Duncan.

– Você é novo aqui, senhor Duncan?

– Sim, senhora. Ontem foi o meu primeiro dia.

A mulher pôs as mãos na cintura.

– Não, não foi. Ninguém começou a trabalhar ontem, eu saberia. É melhor você vir comigo.

*E agora?*

O Agente 47 teve que aceitar o fato de que tinha sido descoberto. Ela o conduziria pelo corredor, onde o pessoal da segurança estava. A mulher seguiu em direção à porta e olhou de volta para ele.

– E então? Você vem, senhor Duncan? Se é que esse é o seu nome verdadeiro...

Ele não tinha escolha. O assassino pegou um prato de porcelana e o manteve atrás das costas enquanto a seguia. Ela o conduziu através de um corredor e chamou os dois homens fortes postados em frente à entrada da sala de conferências. Três dos capangas cipriotas estavam por perto.

– Cavalheiros, acho que vocês precisam conversar com esse homem – anunciou a mulher. Mas quando ela se voltou para indicar “John Duncan”, o garçom espatifou o prato em sua cabeça. Ele sabia que isso não a mataria, mas foi o suficiente, ela apagou. Seu corpo desabou em uma pilha de braços e pernas.

– Puta merda! – um dos guardas disse, e sacou uma arma do coldre. Ele era o mais rápido dos cinco. Quando os outros quatro assimilaram o que tinha acontecido, 47 já tinha sacado as facas do bolso. Como um artista de circo arremessando lâminas em um companheiro amarrado a uma roda girando, o assassino atirou as facas no primeiro, segundo e terceiro alvos.

*Sip! Sip! Sip!*

Cada faca penetrou no alvo macio entre o pomo de adão e o topo do esterno de cada homem. O guarda que sacara a pistola a deixou cair e desabou contra a parede. Os outros dois giraram em uma dança macabra e levemente engraçada e então caíram também.

Três fora, faltam dois.

Era melhor mudar de tática. Mantinha os oponentes na dúvida.

O Agente 47 puxou três garfos do bolso, segurou dois na mão direita e um na esquerda e avançou na direção dos dois homens restantes. Eles eram empregados inexperientes da CHIPRE A-1 COMPANHIA DE SEGURANÇA, e nenhum deles pensou em sacar a arma ou sequer erguer os punhos em defesa.

O assassino enterrou os dois garfos sob o queixo do primeiro, e o garfo restante bem no pomo de adão do segundo. Sabendo que o último homem provavelmente gritaria de dor, 47 imediatamente dobrou o braço e deu uma cotovelada no estômago do alvo, fazendo com que ele ficasse sem fôlego. O guarda se inclinou para frente, dando a 47 a oportunidade de unir os punhos e golpear o sujeito na nuca. Ele morreu antes de chegar ao chão.

O homem com os garfos sob o queixo tentou arrancá-los, mas 47 os tinha enfiado tão fundo que a tarefa era quase impossível. Ele caiu de joelhos e olhou para 47 em choque e horror. O assassino segurou a cabeça do homem firmemente com a mão esquerda e pegou o cabo dos garfos com a direita.

Outro empurrão, foi tudo o que foi preciso.

Só então o maior assassino do mundo olhou para trás para confirmar que ninguém tinha testemunhado a ação, que fora caótica, mas silenciosa. Ele teria gostado de ver o rosto de Charlie Wilkins quando a reunião terminasse e seu grupo de financiadores criminosos saísse da sala e encontrasse aquela carnificina.

O agente 47 se moveu rapidamente pelo saguão, arrancando o avental que agora estava manchado de sangue. Ele limpou as mãos, jogou a roupa na lata de lixo perto dos elevadores e calmamente entrou em um elevador. Havia três hóspedes lá dentro, e nenhum prestou atenção nele.

Em seu quarto, ele se vestiu com o terno preto e a gravata vermelha e reuniu seus pertences. O assassino refletiu sobre o que estava realmente acontecendo no Chipre. Charlie Wilkins estava pedindo dinheiro de campanha para contribuintes estrangeiros, obviamente homens de moralidade dúbia. Ele sabia que aqueles homens tinham interesses no futuro do governo dos EUA. Todos ali tinham interesses quanto aos desenvolvimentos econômicos e políticos. Eles queriam que a revolução fosse bem-sucedida.

O Agente 47 não se importava. O destino da América não lhe dizia respeito.

Quando tomou o elevador até o saguão, e depois de fazer o *check-out* e pegar um táxi até o aeroporto de Larnaca, ele percebeu que não tinha experimentado nenhum efeito colateral dos analgésicos desde que acordara pela manhã.

Talvez ele fosse sobre-humano, afinal.

## VINTE E NOVE

A comitiva de Charlie Wilkins voou para casa no dia seguinte, apesar da investigação aberta em Nicósia sobre o assassinato de cinco seguranças e o ataque a uma funcionária do hotel do lado de fora da sala de conferências. A polícia interrogou Wilkins e os outros participantes por horas. Ninguém viu nada, ninguém ouviu nada. Não havia câmeras de vigilância no corredor e os agentes da lei ficaram perplexos. Mas, devido ao status de Wilkins, eles não tinham dúvidas de que ele estava envolvido de alguma forma, mesmo que indiretamente.

Vários dos sócios VIPs de Wilkins deixaram o hotel assim que o banho de sangue foi descoberto. Vários deles tinham problemas com a lei, e a última coisa que queriam era se envolver em uma investigação de múltiplos assassinatos. Boris Komarovsky, contudo, foi detido pelas autoridades por causa do desaparecimento de Bruce Ashton; Katharina, a massagista, quebrou seu silêncio depois que os americanos partiram e confessou às autoridades que seu horário com Ashton fora desmarcado por um misterioso recepcionista. Quando seu histórico criminoso veio à tona, Komarovsky foi preso acusado de extorsão internacional. O que também não pegou bem para Wilkins.

Antes de deixar o Chipre, o reverendo convocou uma coletiva de imprensa no aeroporto de Larnaca, negando qualquer envolvimento com os crimes e culpando seus "inimigos políticos" em Washington, dizendo que eles temiam sua crescente popularidade.

– Eles estão tremendo de medo e apelando para medidas drásticas – declarou ele. – Primeiro mataram Dana Linder, e agora tentam denegrir meu bom nome me envolvendo nesse crime hediondo.

A tática funcionou. O reverendo era tão amado nos Estados Unidos que seus partidários não duvidavam de sua inocência perante

qualquer crime. Quanto a Boris Komarovsky, Wilkins negou qualquer conhecimento sobre o envolvimento deste com a máfia russa. O reverendo negociava com o banco de Boris, e não com ele pessoalmente.

Somente depois que os americanos chegaram à Virgínia que o corpo do coronel foi descoberto no armário do spa que, curiosamente, ninguém havia trancado. A Interpol ficou furiosa. A imprensa ficou extasiada e os incidentes tiveram repercussão internacional. Os políticos do Chipre condenaram o fato de Wilkins e seu séquito terem sido autorizados a deixar a república antes que as questões fossem esclarecidas. O caso se transformou em uma confusão. Os oponentes do reverendo abordaram o escândalo até ele se esgotar. Wilkins foi acusado de improbidade administrativa e associação criminosa.

A princípio Helen ficou desiludida. Ela sequer tinha entendido por que eles tinham ido para o Chipre, e o desaparecimento do coronel e os assassinatos subsequentes a tinham perturbado profundamente. Ela agradeceu a Deus por ter seguido as ordens de Charlie e ido para a piscina do hotel naquela manhã. Ela não tinha visto o massacre do lado de fora da sala de conferências, mas as descrições nos jornais bastaram para deixá-la horrorizada.

Wilkins discursou para sua equipe a bordo do Learjet. Ele lhes garantiu que estavam avançando e que os eventos no Chipre não os desviariam de seu caminho até a Casa Branca e reafirmou sua confiança na polícia cipriota e na Interpol. Na verdade ele contratou seu próprio investigador particular no Chipre, um homem chamado Karopoulos. Ele encontraria Ashton, desvendaria os assassinatos e inocentaria Wilkins de qualquer envolvimento no caso.

Helen não teve alternativa a não ser acreditar. Charlie Wilkins ainda era seu mentor e reverendo. Ele *era* a Igreja da Vontade, aquela que a ajudara quando ela mais precisou. Quando aterrissaram em Greenhill, Helen já tinha recuperado completamente a fé no homem.

O mais perturbador em tudo isso era que não conseguiam encontrar Stan Johnson em lugar algum; ele não era visto há dias.

Quando Helen chegou ao trabalho na manhã seguinte ao seu retorno, encontrou o reverendo com um ar abatido e estressado. Aparentemente ele não tinha dormido. A morte de seu amigo coronel – sem mencionar os assassinatos no corredor – o deixara profundamente perturbado. Toda a equipe tinha sido orientada para o controle de danos desde que haviam retornado, no dia anterior. A própria Helen dormira apenas três horas. O fuso horário a afetara adversamente, ela estava preocupada com Charlie e aflita por causa de Stan.

Onde ele estava? Por que não tinha deixado nenhum recado? Ela ligara para o celular dele na noite anterior, mas caíra na caixa postal.

– *Aqui é o Stan. Deixe seu recado.*

Helen disse que estava de volta e que queria vê-lo. Pediu que ele ligasse de volta assim que pudesse. E quase terminou com um “te amo”, mas se segurou a tempo. Não precisava abusar da sorte.

Não estava com a menor energia para encarar a pilha de papéis que Charlie deixara sobre sua mesa, mas se animou quando seu telefone tocou e ela reconheceu o número no identificador de chamadas. Respondeu quase sem fôlego:

– Stan?

– Oi, Helen. Tudo bem?

– Stan, cadê você?

– Tive que voltar a Iowa para cuidar de umas questões legais da fazenda. Achei que conseguiria resolver tudo antes de você voltar, mas acabou levando um dia a mais do que eu esperava. Queria ter chegado antes de você, mas me atrasei. Desculpa.

Ela soltou um suspiro aliviado.

– Ah, tudo bem. Eu... eu só... É bom ouvir sua voz. Quando você volta?

– Devo chegar aí esta tarde. Não se preocupe.

– Que bom. Mal posso esperar para te encontrar. Imagino que você já saiba sobre o que aconteceu em Chipre...

– Está em todos os jornais. Mas você está bem mesmo?

– Estou bem, só muito cansada. Tem sido bem estressante. O pobre do Charlie está um trapo.

– Posso imaginar.

- Conversamos mais esta noite. Jantar lá em casa?
- Parece um bom plano.

Depois que Stan desligou, Helen pensou que ele tinha soado um pouco diferente. Podia ser impressão dela, mas Stan lhe pareceu distante. Talvez ela estivesse sendo paranoica e imaginando coisas.

George enfiou sua cabeça através da porta de seu escritório dizendo:

- Aconteceu alguma coisa.
- O quê?
- Temos visitas. Alguns ônibus escolares com um bando de homens acabaram de passar pelo portão e estão estacionando no celeiro.
- Hã? Quem são?
- Não sei.

Helen se levantou e o seguiu até o lado de fora da mansão. Seguro de si, Mitch Carson controlava o tráfego, apontando o caminho para os motoristas dos ônibus amarelos. O celeiro ficava a uma certa distância, ainda que dentro da área restrita, perto da guarita. Quando os homens desceram dos veículos, ela percebeu que as idades variavam entre 20 e 40 anos; e estavam vestindo camisetas e jeans ou calças camufladas. Helen achou que pareciam soldados à paisana. Na verdade, eles se movimentavam e agiam como militares.

Ela viu Carson cumprimentar um homem totalmente paramentado com uniforme militar. Usando óculos escuros e um amplo chapéu de caubói, era impossível ver seu rosto. Mas ele mancava e parecia ter uma garra mecânica no lugar da mão direita. Uma prótese.

Carson guiou o homem por uma entrada lateral da mansão. Estavam provavelmente indo ver Charlie.

Greenhill ficava cada dia mais misteriosa...

Vestindo um macacão e uma blusa de flanela, o agente 47 bateu na porta às 19h em ponto. Ele ouviu passos apressados, e então a porta se escancarou. Helen imediatamente se lançou sobre ele, abraçando sua figura firme e musculosa.

- Stan, que bom te ver!

O assassino não esperava as entusiásticas boas-vindas e não soube como reagir. Ele colocou seus braços levemente ao redor dela. Ela olhou para cima e levou seus lábios aos dele. Ele se surpreendeu mais uma vez, mas conseguiu manter a compostura.

– Estou feliz em te ver também.

Helen o soltou e o puxou pela mão para dentro do apartamento.

– Entre. O jantar está quase pronto. Fiz caçarola de frango, espero que você goste. Nem acredito que o Charlie nos liberou mais cedo. Achei que viraríamos a noite trabalhando. Mas acredito que até mesmo *e/le* decidiu que precisava dormir um pouco!

O assassino não teve problemas para entrar em Greenhill novamente. Depois de aterrissar no aeroporto de Baltimore, em Washington, naquela manhã, após uma escala em Londres, ele pegou uma das Silverballers e o C4 de sua maleta, mas deixou o resto das coisas no armário. Então alugou um carro. Parou no estacionamento do complexo e caminhou pela rua principal como se nunca tivesse saído de lá. Seu apartamento ainda estava uma bagunça e ele passou uma hora o arrumando. Estava quase certo de que Ashton e seus dois capangas eram os únicos que conheciam sua identidade. Se Charlie também sabia ou não, só o tempo diria. Ele estava disposto a correr o risco de se expor. Investira demais na tarefa para abandoná-la agora.

Helen serviu a refeição e passou a meia hora seguinte recontando a experiência no Chipre. Apesar de reclamar do cansaço, estava vivaz e animada. Fazia anos que ela não saía dos Estados Unidos, então, por diversos motivos, aquela tinha sido uma grande aventura. Os assassinatos obviamente a assustaram, e as notícias subsequentes sobre o coronel eram chocantes, mas ela não parecia estar nem um pouco esgotada.

O Agente 47 tinha esquecido de como gostava de ouvir a voz de Helen.

– Sabe, pensei ter visto  *você* no hotel – disse ela, rindo e balançando a cabeça. – Havia um carregador de malas que eu juro que podia ser seu irmão gêmeo. Devo ter sentido muito a sua falta. Via seu rosto em todos os lugares, eu acho.

Ele riu com ela e respondeu:

– Bem, não podia ser eu. Eu estava resolvendo uns imbróglios com gente de quem não gosto nem um pouco. Foi de matar.

– Em que lugar de Iowa?

Ele deu um gole no vinho e acenou com a cabeça.

– Davenport. Advogados. Agentes da Receita. Você sabe, gente ruim.

– Stan. – Ela pegou seu copo de vinho e brindou com o dele. – Senti sua falta.

Depois de uma pausa constrangedora, 47 anunciou:

– Tenho novidades.

– Conte.

– Parei com os comprimidos. Parei de vez.

– Mesmo? Ah, Stan! Isso é maravilhoso! – Então ela percebeu que a aparência dele estava melhor do que nunca. – Como... como se sente?

– Nada mal. Os primeiros dias foram bem ruins. – Ele encolheu os ombros. – Agora estou bem.

– Mas como pode? Meu Deus, Stan, precisei de *semanas* de reabilitação. Você não pode ter se livrado disso em três dias. É impossível. – Ela balançou a cabeça. – Acho que você ainda não passou por tudo. Não é assim tão fácil.

– Acho que meu metabolismo é diferente. Não sei.

– Stan, eu fiquei internada em uma clínica por dois meses. Achei que estava bem e assim que saí voltei a usar. Foi quando tentei... Você sabe. – Ele não disse nada e Helen continuou: – Fui para outra clínica e eles me colocaram em abstinência. Foi um pesadelo, Stan. Se existe um inferno, é aquilo. Fui ao inferno e voltei. Eu *ainda* tenho problemas. Em alguns momentos, tenho vontade de usar de novo. Nunca estarei completamente curada. Não entendo como você pode estar bem.

Ele não respondeu.

– Você não está mentindo pra mim, está? Dizendo isso só para me agradar?

– Não, não estou mentindo sobre isso.

Pelo menos isso era verdade.

Helen adormeceu no sofá enquanto eles assistiam a um filme na televisão. O vinho e o cansaço a derrubaram. Antes, porém, mais uma vez ela insinuara que gostaria de ficar mais íntima dele, mas 47 não conseguiu. Ele gostava demais dela para magoá-la assim. Porque era isso o que aconteceria. Em algum momento Helen acabaria terrivelmente magoada; na verdade, era inevitável. Então o assassino mantinha uma certa distância para o próprio bem dela. Ainda era uma sensação nova e estranha para ele, se *importar* com alguém.

O Agente 47 pensou sobre os analgésicos e em como fora fácil parar de tomá-los. O mérito era da engenharia genética. O que durava semanas ou meses para a maioria dos viciados, para ele levava apenas dois ou três dias. Não tinha mais tremores, dores de cabeça ou pesadelos. Quer dizer, não era totalmente verdade. Ele ainda tinha sonhos vívidos com a Morte. O assassino ainda não fazia ideia de quem era a pessoa sem rosto, mas descobriria em breve. Ele tinha certeza.

Estranhamente, 47 não estava cansado. A diferença de fuso horário nunca o incomodara, e ele conseguia passar longos períodos sem dormir. Ainda assim, aqueles tinham sido dias intensos. Ele devia repousar enquanto podia. Mas ter Helen em seus braços era uma experiência de outro mundo. Sentir seu calor, observar sua respiração, sentir seu perfume, *aquilo* era o retrato da normalidade.

E o agente concluiu que não podia relaxar e aproveitar. Nem em um milhão de anos.

Passava um pouco das dez quando o letreiro luminoso do celular acendeu.

Uma mensagem da Agência.

Helen ainda dormia, sua cabeça agora estava no colo dele e ela se encolhera em posição fetal. Parecia tão tranquila. Sem problemas. Quase infantil. Sem perturbá-la, ele pegou o telefone, acessou a caixa postal e escutou o recado codificado.

Quando a mensagem terminou, 47 digitou uma série de números para indicar que a mensagem tinha sido recebida e entendida.

Havia duas partes. A primeira o redirecionou a um site seguro, onde ele pôde acessar algumas fotos. Jade tinha encontrado três fotografias de Charlie Wilkins tiradas antes ou durante 1976. As duas primeiras eram de jornais de cidades pequenas no Arkansas e em Maryland, de 1973 e 1974, respectivamente. A mais antiga era uma foto de uma tenda, nos primórdios da Igreja da Vontade, onde Wilkins pregava de forma inflamada e teatral e atraía os cidadãos locais suscetíveis a performances exaltadas. Ao lado do jovem Wilkins estavam um igualmente novo Mitch Carson e um casal. Eles não foram identificados.

A imagem de 1974 era de uma tenda maior e mais nova da Igreja da Vontade. Uma equipe mais numerosa posava na frente. Wilkins estava no meio, Carson, à sua direita, a mulher e o homem da primeira foto, à esquerda. Desta vez estavam identificados como Wendy e Eric Shipley. Ela estava próxima a Wilkins.

A terceira foto, de um jornal de 1976, de Towson, Maryland, mostrava Wilkins saindo do tribunal depois do inquérito de Eric Shipley. Wendy Shipley estava a seu lado. O braço dele estava em volta dela enquanto tentavam evitar os repórteres.

O agente 47 estudou a linguagem corporal de Wendy nas três imagens e chegou a uma conclusão.

A segunda parte da mensagem de Jade era mais significativa.

O cliente tinha dado sinal verde para o assassinato de Charlie Wilkins.

E deveria acontecer naquela noite.

# TRINTA

*Enquanto Helen dormia, eu formulei um plano. Esperava que ela estivesse tão cansada que apagasse profundamente pelas próximas horas. Assim, poderia fazer o que precisava e voltar ao apartamento antes que ela acordasse. Eu poderia simplesmente deixar o complexo, mas minha ausência no dia seguinte chamaria a atenção. O alvo era tão notório que eu precisava manter o disfarce por mais alguns dias, se possível. Que álibi melhor do que estar dormindo com a própria "namorada"?*

*Com cuidado, tirei sua cabeça do meu colo e me levantei do sofá. Então passei um braço por debaixo de suas pernas, apoiei suas costas com o outro e a carreguei até a cama, no quarto. Ela despertou brevemente e eu disse:*

*– Você vai ficar mais confortável aqui.*

*Cobri-a com uma manta e me deitei a seu lado.*

*Minha presença pareceu confortá-la, pois Helen rapidamente adormeceu de novo. Esperei dez minutos até que ela estivesse respirando devagar e profundamente, antes de levantar e sair.*

*Achei a bolsa dela na sala, vasculhei e encontrei sua chave eletrônica.*

*No caminho para meu apartamento, pensei no que estava fazendo. Não havia dúvidas de que eu a estava usando. Meu plano inicial tinha funcionado. Havia me aproximado de alguém de dentro da Igreja da Vontade e tinha ganhado acesso à sua privacidade. Conquistara sua confiança e a enganara.*

*Como me sentia com aquilo? Sinceramente, agora que me livrara dos analgésicos, não me importava.*

*Voltara a ser meu antigo eu.*

*Podia ser um canalha, um charlatão, um mentiroso... mas também era um assassino. Era isso o que me definia.*

*Ainda assim, uma pequena parte de mim, uma fração do meu coração, um grão da minha alma, pertencia a Helen. Ela entrara em mim e tocara um nervo escondido que eu nunca soube que existia. E eu era grato por isso.*

*Isso provava que eu era mais que uma máquina, mais que um monstro genético.*

*E, naquele momento, prometi que não permitiria que nada de mal acontecesse a Helen McAdams.*

*Já no meu apartamento, eu me armei com a Silverballer que peguei no armário do aeroporto. Também peguei o C4, os detonadores e o cronômetro que consegui com Birdie. Sempre soube que esses itens seriam úteis. Fiquei feliz por ter deixado a maleta no armário. Tinha o pressentimento de que não voltaria mais ao apartamento. Quando saí de casa já eram 23h.*

*Charlie Wilkins sentava-se à mesa de seu escritório todos os dias à meia-noite para "rezar". Não sei qual era a utilidade de tal ato. Mas não me cabe julgar as crenças dos outros, sejam elas boas ou não. O que importava para mim era que esse hábito me dava a oportunidade perfeita para concluir minha missão.*

*A noite estava escura e o ar, bastante frio. A lua desaparecera atrás das nuvens pesadas. Os postes do complexo iluminavam as ruas, mas entre os prédios estava bastante escuro. Aquela seria minha rota.*

*Usando as técnicas furtivas que aprendi quando era criança no asilo de Ort-Meyer, me movi de prédio em prédio, como um gato preto. Silencioso e veloz. A maioria dos moradores estava recolhida em suas casas. Ouvi algumas vozes e risadas ao longe, perto da rua principal, vindas provavelmente do salão de recreação, onde os membros podiam jogar bilhar, pingue-pongue e outros jogos até meia-noite. Não havia bares em Greenhill.*

*O caminho até a cerca elétrica e o portão era demarcado e bem iluminado.*

*Era um azar, mas não havia muito o que fazer além de caminhar com determinação, como se eu soubesse o que estava fazendo. Afinal, eu era o responsável pela manutenção, com certeza poderia inventar uma desculpa se algum guarda me parasse.*

*Aliás, uma sentinela patrulhava a área do lado de fora da cerca. Avistei-o enquanto ele passava pelo portão e se dirigia para o barracão, vagorosamente. Ele parecia entediado e com frio. Provavelmente pensava que era improvável que ocorresse algum problema em Greenhill. Mas eu não queria que ele me visse, então me movi pelas sombras até o galpão e me agachei em um canto. O homem passou por mim e eu aguardei. Ele não prestava atenção à sua volta. Estava mais interessado no lago e no céu negro que em qualquer outra coisa. Quando estávamos a pouco menos de dois metros de distância, me lancei sobre ele.*

*Atacando como um leopardo, me aproximei por trás dele, passei o fio de carbono pelo seu pescoço e o estrangulei.*

*Rápido, silencioso e fácil. Ele desmaiou, mas sobreviveria.*

*Eu o segurei por debaixo dos braços e o arrastei até o galpão. Eu o destranquei rapidamente e joguei o guarda lá dentro. Depois de colocá-lo atrás do torno, saí e cheguei a porta atrás de mim.*

*Meu relógio marcava 23h15. Eu não tinha muito tempo.*

*Atravessei incólume o caminho até o portão. Sem perder tempo, passei o cartão de Helen e entrei. Mas, enquanto avançava em direção à mansão, barulhos vindos do celeiro chamaram a minha atenção. As luzes estavam acesas e a porta entreaberta. Alguém dirigia um ônibus escolar amarelo nos fundos e parou em frente à entrada do celeiro. Um homem saiu e escancarou as portas. O motorista então levou o ônibus para dentro.*

*Não sabia o que estava acontecendo, mas aquilo me deixou curioso o suficiente para investigar. Além disso, eu não queria continuar com meu plano se homens estivessem rondando a mansão.*

*Então me mantive nas sombras e me movi de esconderijo em esconderijo até alcançar a lateral do celeiro. Ouvi homens conversando lá dentro. Com as costas voltadas para a parede do lado de fora, me aproximei do canto e arrisquei um olhar pela fresta.*

*Havia três ônibus escolares. Contei seis homens se movendo em volta deles. De um lado estavam várias araras de roupa, feitas de canos de aço, com dúzias de uniformes pendurados. Uniformes da Guarda Nacional dos EUA.*

*Interessante.*

*Seriam os sujeitos da Guarda Nacional? Por algum motivo, eu achava que não.*

*Achei melhor manter o plano, então me afastei silenciosamente do celeiro e voltei a seguir para a mansão. Agora eu estava no lado leste. Não havia muito para olhar, a não ser uma porta que deveria ser uma entrada de serviço ou coisa parecida, exatamente como a do lado oeste do prédio, que dava para os jardins. Poucas janelas. Procurei por câmeras de segurança, mas não achei nenhuma.*

*Deslizando para os fundos, ouvi a água batendo na margem. O lago estava muito próximo e não seria difícil escorregar e cair nele. Não havia nada no chão para impedir que isso acontecesse. Desconfio que eles não imaginaram que alguém poderia, ou deveria, ir até os fundos da mansão, onde ficava o escritório de Wilkins.*

*Lá estava. A parede envidraçada. À prova de bala. O escritório estava vazio. Conseguia ver seu interior fracamente iluminado por uma única lâmpada. Não havia nenhuma iluminação exterior: aquilo interferiria na vista de Wilkins. Perguntava-me onde ele estaria no momento. No quarto? Quando voltaria ao escritório para se preparar para a meditação? Tanto fazia; percebi que precisava trabalhar rápido.*

*Fixei os tijolos de C4 na parede abaixo da parede, rente ao vidro. Um no canto leste, um no meio e outro no canto oeste. O C4 tinha um adesivo que o prendia em qualquer coisa, quando a fina camada de filme plástico era removida. Cravei os detonadores na substância pastosa e corri o fio pelo chão, conectando os tijolos. Então liguei o fio ao cronômetro, que programei para 0h02.*

*Pronto. Agora precisava voltar para Helen e...*

*Meu celular tocou. Ele estava no modo silencioso, mas o senti vibrando. Tirei-o do bolso e chequei o identificador de chamadas.*

*Helen. Ela devia ter acordado e imaginado onde eu poderia estar. Isso era inconveniente. Não atendi.*

*Olhando de novo para meu trabalho, certifiquei-me de que tudo se encontrava no lugar. Tinha certeza de que os tijolos estavam a uma altura fora da vista de Wilkins. Então me dirigi ao canto sudeste da mansão, preparado para fugir entre a escuridão e voltar para o*

*apartamento de Helen. Não seria difícil inventar uma desculpa para ela. Não conseguia dormir. Fui dar uma caminhada. Tive que voltar para o meu apartamento por algum motivo. Qualquer coisa. Não seria um grande problema.*

*Mas, quando virei a esquina, um dos guardas da mansão apareceu em frente ao prédio, fazendo sua ronda.*

*Entre mim e meu caminho para a segurança.*

# TRINTA E UM

Sem saber que direção o guarda tomaria, o agente 47 deu meia-volta e retornou para os fundos da mansão. Preferiu ir pelo lado oeste da parede até a outra ponta da casa. Imaginou que os jardins seriam um caminho mais seguro. Ao espiar o escritório, ele notou que Wilkins ainda não chegara para sua oração da meia-noite. Ele não perderia o compromisso daquela noite, perderia?

Alguém tinha regado os jardins, ou talvez tivesse chovido enquanto o assassino estava no Chipre. O chão estava úmido e lamacento. Ele não conseguiu evitar pisar na lama. Isso não era nada bom. Mesmo assim, ele alcançou os arbustos e se escondeu. O guarda estava no canto nordeste da mansão. Ele patrulharia na direção leste, indo para os fundos da casa? Ou passaria pela frente dela, indo pelo lado oeste? O Agente 47 decidiu que era melhor esperar até ter certeza. Checou o relógio, 23h38. Instalar os explosivos tinha levado mais tempo do que o esperado.

Ele se encolheu quando o guarda apareceu no canto nordeste da mansão. O homem começou a descer a calçada entre a casa e os jardins, em direção à entrada de serviço. Até onde ele iria? Perceberia as pegadas do assassino na lama? Conferiria os fundos do prédio? Veria o C4?

O agente 47 prendeu a respiração e permaneceu imóvel e em silêncio.

O guarda se aproximou da entrada de serviço.

*Entre!*, mentalizou o assassino.

O homem continuou em direção aos fundos. Já estava quase no fim.

Talvez o guarda estivesse sonhando acordado e desconcentrado, como o primeiro homem que 47 encontrara aquela noite.

A sentinela chegou ao final do caminho, bem na borda da área lamacenta. Parou. Sacou uma lanterna do cinto, acendeu e apontou para o chão.

Ele viu as pegadas.

Curioso, o guarda continuou, atravessou a lama na direção sul. Iluminou a margem do lago. Então mirou na parede de vidro.

Pronto. Ele veria os explosivos.

O agente 47 tirou o fio de carbono do bolso e saiu de trás dos arbustos. Movendo-se rápida e furtivamente, ele alcançou o guarda, passou o fio em volta do seu pescoço e apertou com força. O sentinela largou a lanterna e tentou gritar, mas o garrote transformou o protesto em um engasgo salivante. O homem lutou com afinco, dando cotoveladas e chutes no assassino, mas a pressão de 47 era forte demais.

O guarda sucumbiu nos braços do pistoleiro em menos de um minuto.

Sem tempo a perder, 47 arrastou-o de volta para o jardim e largou seu corpo atrás das moitas. O relógio marcava 23h46.

Ele seguiu na direção norte, por uma fila de arbustos, até a frente da mansão, chegando ao final do jardim. Ele só precisava atravessar o portão rapidamente e voltar para o apartamento de Helen antes que...

Ele congelou.

Helen estava no portão falando com um guarda. Ela estava arrumada, com a bolsa a tiracolo, e gesticulando, como se tivesse perdido alguma coisa. O vigia passou a chave eletrônica e o portão se abriu. Helen entrou e seguiu na direção da mansão.

*Não!*

Ele não queria que ela chegasse nem perto do escritório. O C4 dispararia em pouco mais de dez minutos!

Como sempre, Helen não se dirigiu para a entrada principal. Ela seguiu na direção do lado oeste, pelo caminho que levava à entrada de serviço. O pistoleiro assistiu horrorizado enquanto ela batia na porta, já que estava sem seu cartão de entrada. Helen esperou um momento, então bateu de novo, com mais força. A porta finalmente se abriu, e ninguém menos que Wilkins a recebeu. O Agente 47

a ouviu explicar que, não sabia como, mas havia perdido a chave eletrônica e que não conseguia dormir, então resolveu trabalhar um pouco. O reverendo deu um passo para o lado, dando passagem, ela entrou e a porta se fechou.

Mas não completamente; Wilkins obviamente não a empurrou com a devida força. Ela só estava encostada, e não trancada.

Ele tinha que tirá-la dali. A decisão o surpreendeu, pois, antes, ele teria simplesmente ido embora, sem prestar atenção aos danos colaterais provocados pela explosão. Dessa vez, porém, a destruição incluiria Helen. Ele se *importava* com ela. Mesmo a usando e mentindo, o agente havia se conectado com Helen de uma maneira que o maior assassino do mundo nunca tinha experimentado. Ele saiu do esconderijo e avançou até a porta. Com cuidado e bem devagar, empurrou a porta e espreitou.

Um pequeno saguão acabava em uma intersecção em forma de "T" se estendendo para o sul e para o norte. Ele seguiu em frente, colado à parede, e espreitou a passagem. Ao norte havia um caminho pequeno e vazio que virava à direita. Ao sul ele viu Wilkins e Helen virando à esquerda e sumindo em outro corredor. Ele os seguiu.

Quando chegou na esquina, eles já tinham desaparecido. As portas dos escritórios ao longo do corredor estavam fechadas. Qual deles seria o de Helen? No meio do caminho, outro corredor seguia na direção sul, levando ao escritório de Wilkins.

O assassino se dirigiu para lá, percebendo perifericamente os quadros religiosos e as esculturas que decoravam as paredes. A última porta estava aberta. Ele posicionou a Silverballer na lateral do corpo e rastejou até a soleira da porta. Bastou uma rápida olhada para ver que o reverendo não se encontrava ali. O lugar estava lotado de plantas e arte sacra. O cômodo luxuoso estava na penumbra, exatamente como antes. A janela avistava a escuridão. O assassino imaginou que Wilkins provavelmente diminuía as luzes quando orava para ter uma boa visão da água.

Ele olhou para o relógio – 23h50.

– Vou lá para baixo e não quero ser incomodado – anunciou uma voz suave e familiar. Vinha do corredor que seguia de leste a oeste,

onde as portas dos escritórios estavam fechadas.

Wilkins.

Se o reverendo iria “pra baixo”, então ele não rezaria aquela noite? Os explosivos seriam em vão?

*Esqueça o C4.*

O assassino decidiu matar o homem assim que o visse. Um disparo duplo. Uma bala no peito e outra na cabeça. Usaria o plano B. Improvisado. E ele era bom nisso.

Com a arma em punho, 47 voltou pelo corredor decorado e alcançou a divisão em “T”. Viu Wilkins virar na direção leste. O pistoleiro o seguiu, chegou ao final e virou para o norte. Nem sinal do homem, mas havia uma escadaria alguns metros adiante, à esquerda. O som dos passos de Wilkins descendo em direção ao porão ecoou pelas paredes. O matador deslizou até o degrau mais baixo, esperou um segundo, e desceu até o final. O único caminho possível era pelo corredor de concreto paralelo ao que seguia de leste a oeste no andar de cima. Ele seguiu por ali até chegar a outro túnel ao sul, que levava a uma porta idêntica a do escritório de Wilkins. Do lado de fora havia um aviso: “PARTICULAR – SOMENTE PESSOAS AUTORIZADAS”. A porta estava entreaberta, e era possível ver o brilho da luz de uma vela saindo de lá de dentro.

O Agente 47 se esgueirou mais adiante. Podia ouvir a música vindo do cômodo. Clássica. Schubert. “Ave Maria”. Uma peça com que o assassino se relacionava de várias maneiras, e com grande significado para o pistoleiro.

Seria coincidência?

Era tarde demais para recuar.

O assassino empurrou a porta de leve e ela abriu completamente.

O quarto inteiro, que espelhava o escritório de Wilkins exatamente acima deste, era iluminado por dúzias de velas. Exceto por uma parte onde parecia haver centenas de obras de arte armazenadas. Pilhas de telas pintadas jaziam encostadas na parede. O lugar era repleto de estátuas da Virgem Maria, de Jesus e do Buda... O reverendo estava ajoelhado em um altar bizarro, de costas para 47. O assassino nunca vira nada parecido. Um afresco decorava toda a parede do lado norte; uma cópia maior e quase perfeita de um

detalhe da Capela Sistina, de Michelangelo, em que Deus alcançava o dedo de Adão. Entre o célebre reverendo e a pintura havia diversos ícones religiosos, uma cruz, uma estrela de Davi, um Buda, uma tapeçaria verde em que se lia "Alá", em árabe, e outros que 47 não reconheceu. Wilkins rezava *ali* em vez de no escritório?

O Agente entrou.

Dois homens, um de cada lado da porta, saíram das sombras e apontaram suas armas automáticas para ele. Um terceiro homem, vestido com camuflagem militar apareceu por detrás de uma coluna de concreto, do lado oeste do quarto. Ele segurava uma pistola na mão esquerda; no lugar da direita havia uma prótese.

– Largue a arma – ordenou ele.

O Agente 47 não tinha escolha, e fez o que era ordenado.

– Chute-a para cá e levante as mãos.

O assassino obedeceu.

Então Wilkins se levantou e voltou-se para o assassino.

Ele se aproximou e olhou o prisioneiro de cima a baixo.

– O lendário agente 47 – disse ele. – Imaginei que você morderia a isca.

## TRINTA E DOIS

O agente estreitou o olhar para o reverendo.

*Aquilo era uma armadilha?*

Ele olhou de novo para o homem com a prótese.

Cromwell.

Era dele o insólito rosto pálido que aparecia nas transmissões feitas pelo Exército Novo quando eles assumiam responsabilidade por algum ataque. Os traços do homem tinham sido obviamente alterados por cirurgia plástica. Estava claro que Cromwell já testemunhara grandes combates, uma vez que perdera um braço e mancava. Instintivamente, o assassino soube que não deveria subestimá-lo: ele comandava uma violenta força paramilitar que levara o caos a todos os EUA e conseguira estabelecer uma mística no imaginário popular americano. Cromwell não era apenas um sagaz estrategista militar, mas também um líder inteligentíssimo.

E um terrorista.

O Agente 47 vasculhou rapidamente seu entorno, procurando um meio de sair daquela enrascada, mas o lugar era grande demais. Além de agredir fisicamente seus raptos, o que acabaria fazendo com que levasse um tiro, não havia mais nada que pudesse tentar. Em vez disso, ele abaixou um pouco os braços, o suficiente para ver o relógio.

Eram 23h53. Faltavam nove minutos.

Wilkins se voltou para Cromwell e disse:

– Finalmente pegamos o homem que matou sua irmã, Cromwell.

As narinas do militar se dilataram e ele cravou os olhos em 47.

O matador finalmente compreendeu. O quadro estava embaixo de seu nariz o tempo todo, mas faltava a peça final do quebra-cabeça. Cromwell era Darren Shipley. Irmão de Dana Linder. O fuzileiro

desaparecido durante uma missão e declarado morto, na verdade se escondera e mudara de identidade.

– Você matou a minha irmã? – perguntou ele a 47.

O assassino não respondeu.

– Claro que matou – disse Wilkins. – Ele trabalha para a CIA e para o presidente Burdett. Como lhe contei, ele participa de uma conspiração do governo para aniquilar o Exército Novo, a Igreja da Vontade e a mim. A missão dele em Greenhill é me *assassinar*, Cromwell. Ele conseguiu se infiltrar na Igreja enganando uma de minhas funcionárias. Também estou convencido de que, de alguma forma, ele é o responsável pela morte de meu amigo, o coronel. – Nesse momento ele se voltou para 47. – Mas Ashton provavelmente o mereceu, pois desobedeceu minhas ordens quando, junto com os capangas dele, o capturou no outro dia. Dei ordens expressas para que mantivessem você vivo até que eu voltasse do Chipre, mas sendo um homem de *iniciativa*, ele se empolgou demais.

*Isso explica a história do quase ser enterrado vivo no cimento*, pensou 47.

– O inspetor Karopoulos, no Chipre, confirmou que um carregador com a descrição dele foi visto na academia do hotel na noite em que o coronel foi morto. Cromwell, esse homem é um pistoleiro profissional. – O reverendo olhou mais uma vez para 47. – Você vai negar?

O assassino manteve o silêncio.

– Chamaremos a polícia depois que minha equipe de segurança lhe matar a tiros. Contaremos que você tentou me assassinar e meus homens reagiram em minha defesa. A imprensa internacional saberá que o atual governo contratou você para matar Diana Linder e depois o mandou para *me* exterminar. Que estratégia de reeleição atroz e digna de pena! Burdett estará arruinado depois disso. Agente 47, senhor Johnson, ou qualquer que seja seu verdadeiro nome, você está olhando para o futuro presidente dos Estados Unidos. Mas, antes de você morrer, nós iremos...

Uma voz feminina ao longe o interrompeu.

– Charlie?

Helen. Provavelmente chamando-o da escada do lado de fora.

O reverendo ficou tenso.

– Que m... – Ele baixou sua voz em um sussurro raivoso. – O que ela está fazendo aqui? Não podemos deixar que ela o veja. – Ele passou por 47, Cromwell e os dois homens armados e gritou através da porta: – Helen? Já estou indo. Espere por mim aí em cima! – Então voltou-se para Cromwell. – Ele é todo seu. Pode machucá-lo o quanto quiser, só não deixe nenhuma marca. Gostaria de assistir, mas preciso ver o que aquela idiota quer, e está quase na hora da minha oração, porra. Prolongue o sofrimento dele até eu voltar. Então atire. Mas certifique-se de fazer parecer que você estava me protegendo.

– Sem problemas, senhor – respondeu Cromwell, sorrindo.

Wilkins deslizou através da porta e a bateu atrás de si.

O Agente 47 poderia ter gritado para alertá-la. *Corra, Helen! Saia do prédio agora! O reverendo é um louco!*

Mas o trabalho vinha em primeiro lugar. Se tivesse que sacrificá-la, e a si mesmo, na explosão iminente, assim seria. Já não era possível impedir que Helen se ferisse. Ele falhara, mas completaria a missão. E isso era o que importava.

O assassino lançou um olhar para o relógio – 23h56.

Ele observava os dois guardas armados alternadamente. Eles estavam um pouco além de seu alcance. Se 47 pulasse sobre um na tentativa de desarmá-lo, com certeza seria alvejado pelo outro. Mas, se arrumasse um jeito de pegar a pistola de Cromwell, ou sua arma de prata, teria uma chance de derrubar os dois homens numa fração de segundo, do modo como tinha praticado e se aperfeiçoado ao longo dos anos de treinamento no asilo. Precisava distraí-los. Se safar na conversa não era sua tática preferida, mas valia a pena tentar.

– Tudo o que ele disse é mentira – disse 47 para Cromwell.

O homem riu.

– Esperava que dissesse isso.

– E o que aconteceu com você, Shipley?

Cromwell ficou tenso.

– Você é Darren Shipley, não é?

– Essa pessoa não existe mais. Morreu no Iraque. Sozinho. Traído por seu governo. Meu nome agora é Cromwell.

– Mas parece que você ainda se importa com a sua irmã. Ainda resta alguma ligação com sua antiga vida em seu coração.

– O que você sabe sobre isso? – O terrorista sinalizou com a arma.  
– Dê um passo para frente. – 47 se aproximou. – Agora ajoelhe-se.

O assassino ficou feliz em obedecer. Sua arma de prata estava no chão, a menos de dois metros de distância. Agora ele estava muito mais próximo dela.

– Rosto no chão. Braços esticados para frente.

O assassino se deitou.

– Garanto que se tentar se mexer, meus homens te deixarão com mais furos que uma peneira, se bem que você pode preferir isso ao que vai acontecer agora.

Cromwell puxou um carrinho de trás da coluna. Havia uma caixa na plataforma que lembrava a bateria de um carro. Fios a conectavam a um objeto em forma de bastão. A princípio 47 achou que fosse uma lanterna, mas então viu duas garras metálicas na ponta revestida de bronze.

O combatente pegou o bastão e acionou o interruptor na caixa. A máquina zuniu. Isso confirmou as suspeitas de 47 de que a bateria possuía um reostato para aumentar ou diminuir a voltagem.

– Isso se chama picana, agente 47 – disse Cromwell. – É um instrumento de tortura ilegal da América Latina, desenvolvido especificamente para a tortura humana. Ela parte do mesmo princípio do aguilhão de gado, mas a picana descarrega choques de alta voltagem em uma corrente baixa. A voltagem é ampla o suficiente para causar uma dor considerável, mas a corrente baixa torna menos provável que você morra ou fique com hematomas. Vou fazer uma demonstração agora. Quando Charlie voltar é que a diversão vai começar de verdade. Vamos despi-lo, pendurá-lo de cabeça para baixo e usar a picana em todas as partes sensíveis do seu corpo e, acredite em mim, quando se trata de eletrochoques, elas são mais numerosas do que você imagina. E as autoridades nunca descobrirão quando fizerem sua autópsia.

Dito isso, Cromwell arrastou o bastão para frente e o enganchou nas costas da mão estendida de 47. A dor foi aguda e intensa, fazendo com que o assassino contraísse a mão involuntariamente.

O terrorista riu.

–Viu? A situação está clara para você? Imagine como será quando estiver amarrado e não puder evitar a agonia.

O homem acertou a omoplata dele, fazendo com que 47 rolasse de lado. Outra estocada lhe atingiu o rim. A próxima foi direto nas costelas. Apesar da dor, o assassino fez de tudo para rolar na direção da arma.

– Sentiu isso? Foi assim comigo – disse Cromwell. – No Iraque. Foi uma tortura. Sim, eu era um fuzileiro. Eu acreditava nos Estados Unidos, então me alistei. Acreditava na causa. Charlie me ensinou isso. Achei a Vontade dentro de mim, e foi isso o que eu resolvi fazer. Eu *queria* servir o meu país. – Cromwell riu ironicamente. – Rapaz, como eu estava errado. Não demorou muito para eu começar a desafiar a autoridade enquanto meu esquadrão ficava cada vez mais insatisfeito.

O Agente 47 não pôde deixar de notar o rosto de Cromwell. Com os olhos esgazeados, ele parecia desaparecer nas lembranças dolorosas, esquecendo-se de com quem estava falando. De repente, Cromwell atingiu a lombar do pistoleiro com a picana, descarregando alguns segundos de sofrimento. Então resumiu seu devaneio.

– Minha irmã estava na política, e achei que meu alistamento a ajudaria. Boa publicidade. Foi o que Charlie me disse, e eu faria qualquer coisa por Dana e por ele. O reverendo Wilkins nos ensinou tudo quando éramos crianças. Tínhamos perdido nossos pais e Charlie, bem, ele se tornou um pai para nós.

A alma de Cromwell tinha sido devorada pela escuridão. O homem andava para trás e para frente, gesticulando com a picana, como se fosse a espada de um general. O assassino avistou a pistola, agora a um metro e meio de distância. Seu relógio marcava 23h59.

*Três minutos!*

Ele fingiu um gemido e se contorceu, rolando mais para perto da arma. Cromwell continuou seu discurso sem notar.

– Vou gostar de te matar. Meu oficial superior se parecia muito com você. Presunçoso e arrogante, só se preocupava com a glória. Fomos ordenados a destruir um prédio que eu sabia que era uma simples pré-escola. Não havia nada além de mulheres e crianças lá dentro. Mas o *tenente* estava convencido de que eles escondiam armas e agentes da Al-Qaeda. Ele mandou queimar tudo.

Cromwell se aproximou de 47, se agachou ao lado dele e sussurrou:

– Então eu fiz o que me mandaram. Estávamos armados com lançadores de foguetes Mk 153 SMAW. Tínhamos explosivos termobáricos SMAW-NEs de última geração. Estávamos carregados e prontos para atacar o prédio. O tenente tinha o dedo nervoso e recebemos ordens para disparar. Mas então eu vi uma mulher com uma criança no colo, em pé perto da janela. Pedi aos homens que aguardassem. Decidi desafiar o comando e investigar. Queria ter *certeza*, sabe? Então corri até o prédio, seguindo todo o protocolo de entrada em um ambiente possivelmente hostil, e eu estava certo. Ali só havia mulheres e crianças assustadas.

Cromwell parou, levantou e respirou profundamente. O relógio de 47 marcava meia-noite. Estaria Wilkins em seu escritório para o ritual de oração? Que tipo de estrago o C4 faria naquela sala, que estava imediatamente abaixo do foco da explosão?

– Mas o tenente não aguentou esperar. Ele deu ordem de disparo. Meus homens sabiam que eu estava lá dentro, mas obedeceram. Lançaram séries de poderosos explosivos incendiários. O prédio se consumiu em chamas. Perdi um braço, minha perna ficou seriamente ferida, e meu rosto mutilado. Mas consegui me arrastar até os fundos e fugir. As mulheres e crianças não tiveram tanta sorte. Eu não desejava voltar para os meus pretensos companheiros fuzileiros. A mídia disse que tive uma morte heroica. Mas nenhum dos fuzileiros admitiu que foi fogo amigo. Porra, foi deliberado!

Era 0h01. Era agora ou nunca.

– Eu me escondi no Iraque e deixei que o mundo pensasse que estava morto. Os únicos que sabiam a verdade eram Dana e Charlie. Àquela altura eu já odiava nosso governo. Odiava nossas políticas e nossa arrogância. Então decidi agir. Eu tinha algum dinheiro

guardado, mas foi Charlie quem me ajudou. Ele me deu os meios para começar uma nova vida. Passei por cirurgia plástica, voltei para os EUA e me tornei quem sou hoje. Usei as mídias sociais e me aproveitei da atual insatisfação existente em todo o país para convocar homens a se juntarem a mim. Vieram às dúzias. Ex-militares, mercenários e civis que só queriam fazer a diferença. Assim nasceu o Exército Novo. E graças ao apoio de Charlie, nós crescemos e começamos o nosso ataque. Nós começamos a Nova Revolução!

O Agente 47 conseguiu falar. Sua voz falhou enquanto ele forçava os lábios para formar as palavras:

– Darren... Você sabia que... Wilkins... mandou matar seu pai... para poder ficar com a sua mãe?

Cromwell piscou e virou a cabeça devagar para seu prisioneiro.

– Que merda você disse? – Outro cutucão com a picana.

Ele gritou de agonia, então reuniu forças para prosseguir em um gemido quando seu torturador afastou o instrumento:

– Você sabe disso, não sabe? Wilkins eliminou seu pai e acobertou o fato...

De novo, a picana. E de novo, e de novo.

– Mentira!

O fato era que 47 apostara em um palpite, na história em que as fotos que Jade enviara contavam. Na foto de 1973, Wendy Shipley segurava a mão de Wilkins e olhava para ele com carinho. A imagem de 1974 mostrava uma intimidade ainda maior. O assassino podia não ter muita experiência com relacionamentos, mas entendia de linguagem corporal. Ele apostaria uma fortuna que Wilkins e a senhora Shipley tinham tido um caso. Estava na expressão dela. Eric Shipley era o traído, o marido enganado.

– Não! Não! Eu te mato! – Cromwell passou os próximos dez segundos cutucando diversas partes do corpo de 47 com a picana, disparando ondas de dor através dos sentidos do assassino.

Aparentemente ele havia atingido um ponto fraco. Talvez isso fosse mesmo verdade.

Então o relógio marcou 0h02.

# TRINTA E TRÊS

Quando Helen acordou de repente, às 23h25, ficou surpresa ao se ver na cama, completamente vestida. Então lembrou que Stan a carregara até ali. Ela tinha exagerado um pouco no vinho e estava exausta; a combinação a derrubara.

– Stan?

Como ele não respondeu, ela se sentou com esforço. Será que estava na sala? Helen ouviu a TV e pensou que ele devia ter adormecido no sofá. Ainda um pouco tonta, conseguiu se levantar e sair do quarto. A TV estava ligada, mas nem sinal dele.

– Stan?

Também não estava na cozinha.

Primeiro ela achou que deveria ficar aborrecida por ele ter ido embora, mas era ela quem tinha caído no sono em cima dele. Por outro lado, Stan não tinha mostrado nenhum interesse em beijá-la ou tocá-la e nem em ir para a cama com ela. Ele *era* um sujeito estranho, e agora que a tinha deixado sozinha, Helen não sabia muito bem o que pensar.

Depois de ir ao banheiro jogar água no rosto, ela encontrou seu celular na mesinha de centro e discou o número dele.

– *Aqui é o Stan. Deixe sua mensagem.*

– Stan, cadê você? Acordei e você tinha ido embora. – Ela olhou para o relógio. – São 23h35, me ligue de volta. Estou acordada. Desculpa por ter desmaiado em cima de você. Mas não queria que você tivesse ido embora. Enfim... ãh... me liga.

Helen sentou no sofá e desligou a TV com o controle remoto.

O que ia fazer com Stan? Era claro que ela gostava muito dele, e a princípio achou que fosse recíproco. Mas, ainda assim, Stan era frio na intimidade, como se não soubesse agir como um amante. Após o retorno dela do Chipre ele agira de forma diferente. O afeto dele

desapareceu. Sua postura naquela noite fora desapegada e distante. Será que havia outra pessoa na vida dele? Não, Helen, achou que não era possível. Quantas dicas ela teria que dar? Não era isso o que todos os homens queriam, sexo? Ela chegara a cogitar se Stan não gostava de mulheres, mas também descartou essa possibilidade. Já tinha ouvido falar de pessoas assexuadas. Talvez esse fosse o caso dele. O que quer que fosse, havia alguma coisa em seu passado que ele não conseguia superar para poder ficar com ela por inteiro.

Quem *era* Stan Johnson?

Helen pensou em botar o pijama e voltar para a cama, mas a névoa do sono já se dissipara. Agora ela estava bem acordada. O que realmente queria era...

*Ah, não.*

A ideia de injetar heroína lhe veio à mente de repente. Apesar de ter vontade ocasionalmente, já fazia alguns anos que não se sentia assim. Agora, porém, a ânsia de se dopar veio mais forte do que nunca. Seria a ansiedade por causa de Stan a causadora daquilo? Os últimos dias tinham sido bem estressantes. Quando se encontrava sob pressão, tanto no trabalho quanto na vida pessoal, ela desejava as drogas que tanto lutara para esquecer.

*Pense na Vontade. A Vontade dentro da sua alma!*

Por mais que tentasse bloqueá-lo, o desejo era mais poderoso do que tudo o que havia experimentado desde que ficara sóbria. Se tivesse alguma com ela, certamente a usaria. Se tivesse alguma fonte para consegui-la, com certeza recorreria a ela.

*Encontre a Vontade! Lute contra o mal!*

Precisava se manter ocupada. Ocupar a mente. Distrair-se com algo. Qualquer coisa.

Ainda havia todo aquele trabalho burocrático para fazer na mansão. Charlie provavelmente estaria lá, se preparando para a oração noturna no escritório. Ele partiria para uma viagem de campanha na manhã seguinte. Por que não subir a colina e trabalhar um pouco?

Helen voltou ao banheiro e se maquiou um pouco. Então encheu um copo com água da pia e bebeu. Havia tranquilizantes no armário

do banheiro, mas ela não os tomou. Os efeitos colaterais eram muito desagradáveis.

*Mas que diabos. Stan não a amava, ela seria uma solteirona pelo resto da vida e era uma viciada...*

Abriu o frasco de Xanax e tomou um.

De volta à sala, conferiu o celular. Stan não respondera a sua mensagem. Ela jogou o aparelho na bolsa, pegou o casaco e saiu de casa.

O outono tinha chegado com força total. Folhas marrons, vermelhas, amarelas e douradas cobriam o chão. Uma brisa fria soprava enquanto Helen subia até a cerca de Greenhill. Não era uma de suas épocas favoritas. Coisas morriam no outono. Também era o prenúncio das festas de fim de ano que ela tanto temia. Detestava o consumismo e a pretensa felicidade que todos sentiam. Ela tinha sido uma excluída sua vida inteira, marginalizada, alguém que nunca recebera um beijo embaixo de um azevinho ou trocado presentes com a família. Nenhum homem lhe dera um presente embrulhado com um laço vermelho. Nunca era convidada para festas de Natal. Quando estava na faculdade, e já viciada em drogas, sua colega de quarto disse que ela “não era legal” e por isso era excluída dos eventos.

Mas houvera um homem. Um garoto, na verdade. Ele lhe apresentara à heroína. *Eles* se tornaram íntimos. *Eles* ficaram apaixonados. Por um tempo.

Então ele teve uma overdose e ela afundou na depressão. Depois que largou a faculdade, as drogas a transformaram em uma misantropa que ninguém queria conhecer. Ou amar.

Por que estava divagando sobre isso? Estaria tão chateada assim com Stan?

Ela chegou ao portão e procurou a chave eletrônica na bolsa. Não estava ali. Franzindo o cenho, abriu mais a bolsa e a vasculhou. Podia jurar que tinha colocado ali. Era onde sempre a guardava. Teria caído da bolsa? Estaria em seu apartamento?

Irritada, ela não queria ter que voltar para casa, mas não havia outra solução. Então notou que um dos guardas noturnos patrulhava

em frente à cerca do lado oeste.

– Com licença! – chamou ela acenando. O guarda a reconheceu e se apressou para ver o que ela queria. – Desculpa, não consigo encontrar meu cartão. Devo ter perdido, ou está no meu apartamento, mas não quero voltar para procurar. Está muito frio. Posso entrar? Preciso fazer uns trabalhos para o Charlie.

– Claro, senhorita McAdams – disse o guarda. Ela podia não ter muitos amigos em Greenhill, mas quase todos a conheciam. Ele usou o próprio cartão para destrancar o portão e Helen o abriu. Ela agradeceu e seguiu pelo caminho até a mansão. Como sempre, seguiu pela direita na bifurcação para o lado oeste da casa. Quando chegou à entrada de serviço, teve vontade de bater em si mesma.

*Ela estava sem a chave! Dã!*

Então Helen bateu na porta. Com certeza Charlie, ou alguém, estava lá dentro e a ouviria. Bateu novamente, com mais força. E de novo. Finalmente ouviu a voz de Charlie.

– Um momento! – Então, quando já estava mais perto da porta: – Quem é?

– É Helen, Charlie. Estou sem minha chave.

A porta se abriu e o reverendo a segurou para ela passar.

– O que está fazendo aqui a essa hora da noite?

– Não conseguia dormir, então decidi colocar o trabalho em dia. Desculpe incomodar.

– Sem problemas. – Ele soltou a porta atrás deles enquanto a acompanhava para dentro. Normalmente Helen se assegurava de que a porta estava bem trancada, mas Wilkins passara o braço em volta dela, escoltando-a pelo vestíbulo até o corredor.

– Está quase na hora da sua oração – disse Helen.

– Sim, está. Helen, você não precisa ficar aqui. Por que não volta para casa e tenta dormir um pouco? Você sabe que a Vontade te leva ao sono quando você se concentra adequadamente.

– Charlie, isso nunca funciona comigo. Desculpe.

Ele assentiu, como se compreendesse.

– Não precisa se desculpar. É como a meditação. Algumas pessoas pegam, outras não. Você vai aprender.

Eles chegaram ao escritório e ela disse:

– Se precisar de mim é só chamar.

– Vou lá para baixo e não quero ser incomodado – disse o reverendo. – Mas volto a tempo da oração. – Ele a deixou ali e seguiu em frente. Helen abriu o escritório, entrou, fechou a porta atrás de si, acendeu as luzes e ligou o computador.

Wilkins estava em ritmo de campanha. Havia muito a ser feito. Ela tinha que definir itinerários, agendar reuniões e fazer cópias dos discursos que ele escrevera. Ainda precisava coordenar toda a logística das viagens com o comitê de campanha. Helen não sabia o quanto conseguiria resolver àquela hora da noite, com todos os escritórios fechados, mas iria tentar.

O relógio na parede marcava 23h51.

Onde estava Stan?

Mais uma vez ela pegou o celular e ligou para ele.

– *Aqui é o Stan. Deixe sua mensagem.*

Helen decidiu não deixar recado. Em vez disso, desligou e se concentrou na tela do computador. Abriu um arquivo, encarou o texto no monitor e suspirou. Não estava com o menor ânimo para trabalhar. Qual era o problema dela? Ansiosa demais para dormir, apática demais para trabalhar.

Era tudo culpa de Stan.

O telefone da mesa tocou. A luz piscando indicava que era a linha direta de Charlie, e não a do escritório. Somente pessoas importantes tinham aquele número, pessoas a quem ele atenderia em qualquer situação. Ela pegou o fone.

– Escritório de Charlie Wilkins – anunciou.

– Quem fala?

– Helen McAdams, assistente pessoal do reverendo Wilkins.

O homem falou com um forte sotaque:

– Aqui é o inspetor Karopoulos, do Chipre. Achei que ele atenderia, desculpe. Preciso falar com o reverendo imediatamente. É importante.

Charlie não queria ser incomodado, mas Helen achou que aquilo era sério o suficiente para interrompê-lo. Ela pediu que o inspetor aguardasse enquanto chamava Wilkins. Então se levantou, saiu do escritório e correu até a escada.

– Charlie? – chamou.

Sem resposta.

Ela desceu o primeiro patamar de escadas e viu o andar de baixo. Sem dúvida o reverendo estava no quarto proibido, onde ninguém, além de uns poucos privilegiados, era autorizado a entrar. O armazém de todos os seus supostos tesouros.

Mais alto:

– Charlie?

Depois de um momento, ela ouviu a voz dele através da porta fechada:

– Helen? Já estou indo. Espere por mim aí em cima!

Ela obedeceu, subiu de volta para o topo da escadaria e ficou lá. Depois de um tempo ele apareceu. Havia um brilho estranho e selvagem em seu olhar, e Wilkins não parecia feliz.

– O que foi? – retrucou ele.

– O inspetor Karopoulos, no Chipre, está na linha direta e quer falar com você. Ele disse que é importante.

Wilkins fez uma careta e acenou com a cabeça.

– Obrigada, Helen. Atenderei no seu escritório, que é mais perto. Se não se incomodar.

– Claro que não.

Ela o seguiu enquanto ele cruzava o corredor até a porta aberta.

– Charlie? Você por um acaso viu o Stan?

Wilkins se virou.

– Quem?

– Stan Johnson. Sabe, meu amigo? O novo responsável pela manutenção?

– Ah, claro. Stan. Não, não o vi. Estou um pouco ocupado, Helen.

Ele entrou na sala e fechou a porta, deixando-a no corredor. Ela podia ouvir a voz dele lá dentro, mas não compreendeu o que dizia. Olhou para o relógio – 23h59. Hora de Charlie rezar em seu escritório. Ele deixaria de rezar? Ela deduziu que aquilo não era tão rígido para o reverendo. Afinal, ele poderia começar cinco ou dez minutos atrasado. Qual era o problema?

A conversa no seu escritório continuava e ela esperava pacientemente. Sentia-se estranha esperando ali. Talvez devesse ir

até a cozinha pegar uma xícara de café ou qualquer outra coisa. Talvez um lanche. Um chocolate da máquina automática.

Era 0h01.

Helen começou a se afastar quando a porta se abriu e Charlie saiu. Seu rosto estava vermelho, como se fizesse um grande esforço para não explodir de raiva.

– Está tudo bem, senhor? – perguntou Helen.

– Ah, sim, Helen – respondeu ele, entre dentes. – Tudo ótimo.

Então o relógio marcou 0h02.

# TRINTA E QUATRO

*O prédio inteiro balançou, como se tivesse sido atingido por um terremoto. O teto desabou em grandes fragmentos de concreto. A explosão assustou Cromwell, que soltou a picana e gritou feito uma criança. Na sua cabeça, era como se estivesse de volta ao Iraque, naquele centro pré-escolar, enquanto tudo ao redor ia pelos ares.*

*Apesar de enfraquecido pela tortura, aproveitei a oportunidade para apanhar minha Silverballer, que teria desaparecido, soterrada sob toneladas de cascalho, caso eu não a tivesse alcançado e rolado em direção ao pilar. Contava com o fato de que a coluna serviria de apoio e não desabaria – e estava certo. No entanto, pedaços de tijolo me atingiram e despencaram ao redor de Cromwell. Eu esperava que ele morresse, mas ele só continuou gritando e se dirigindo para a porta. Apontei a Silverballer em sua direção, mas um pedaço gigantesco de concreto caiu entre nós no exato momento em que apertei o gatilho. Voltei meu olhar para a entrada e vi que os dois guardas tinham morrido esmagados por um imenso bloco de concreto. A única saída era escalar os fragmentos até a porta, que, surpreendentemente, continuava em seu lugar.*

*De repente, chamas irromperam ao meu redor. A explosão atingira algum material inflamável no escritório de Wilkins ou no subsolo e a sala foi transformada em um inferno. Mais uma vez ouvi Cromwell berrar de pavor. O fogo deve ter se tornado seu calcanhar de Aquiles após a experiência no Iraque. Não conseguia enxergá-lo; a sala estava repleta de fumaça e pó. Estava difícil de respirar. Eu sabia que precisava dar o fora ou morreria em questão de segundos. Afastei-me do pilar e me dirigi, às escuras, até a porta. Uma grande quantidade de destroços obstruía meu caminho, eu os escalei até o topo. De lá, pude identificar uma sombra humana escalando uma montanha de detritos em frente à entrada: Cromwell. Apontei a*

*arma e disparei. Tinha certeza de que tinha errado, pois ele desapareceu do outro lado. Ele estava livre. Tropecei em cima dos destroços e desabei sobre um fragmento em chamas. Meu terno pegou fogo. Com o estímulo da adrenalina, sequer senti dor; apenas rolei para longe das labaredas, indo de encontro a um monte de pó e fragmentos do teto que apagou as chamas da minha roupa. Imediatamente, levantei-me e comecei a escalar as ruínas em frente à porta. Assim que alcancei o outro lado, encontrei-me no corredor que dava na porta da sala destruída. Verifiquei o meu estado. Minha roupa estava chamuscada e precisava ser substituída, mas não havia sofrido nenhuma queimadura grave. Continuava empunhando a Silverballer. Eu tinha sobrevivido e, como se dizia nos EUA, estava pronto para detonar.*

*O caminho até as escadas tinha visibilidade limitada por conta da fumaça e do pó. Eu continuava com dificuldade para respirar – talvez estivesse melhor no andar térreo. A escadaria estava intacta. A única opção era subir.*

*Quando cheguei ao topo, um dos guardas de Greenhill passou correndo por mim. Rapidamente apontei minha arma em sua direção, mas ele continuou correndo na direção sul. Provavelmente estava à procura de Wilkins, e me ignorou por completo. Presumi que ele estivesse na direção certa e o segui. Corri para um canto e olhei na direção oeste. A cerca de dois metros de distância, o mesmo guarda mirava em mim com uma Browning 9mm! Ele deve ter me ouvido, no fim das contas.*

*Atirei-me no chão assim que ele disparou. A bala cortou o ar empoeirado acima da minha cabeça. Em questão de milésimos de segundo, com os cotovelos apoiados no chão e segurando a Silverballer com ambas as mãos, apontei-a para ele. Meus dois disparos atingiram o peito e a cabeça. Sorte em dobro.*

*Em pé novamente, fui até a intersecção em "T" para ver se Wilkins se encontrava no que restara de seu escritório. O ar estava pior perto do local da explosão. O corredor estava ainda mais impregnado de fumaça e pó. Todas as obras de arte caríssimas que decoravam o corredor estavam destruídas. Pelo que pude perceber, não sobrara muito da parede ao sul da mansão, e o escritório de*

*Wilkins estava completamente devastado. Nenhum ser humano poderia ter sobrevivido.*

*Voltei até a intersecção em "T" e me deparei com... Helen e Wilkins. Juntos.*

*Eles pareciam apavorados. Em estado de choque. Pareciam desorientados e tossiam bastante, mas estavam ilesos.*

*Eu deveria ter sacado minha Silverballer e atirado ali mesmo. Mas Helen estava ao seu lado e me encarava como se eu fosse um monstro. Devo admitir que aquilo me afetou. Hesitei.*

*Wilkins apontou para mim e gritou:*

*– Lá está ele, Helen! Aquele de quem falei, o responsável por isso tudo! O Agente 47! Ele é um assassino a mando do governo!*

*Estendi minha mão esquerda.*

*– Venha comigo, Helen, vou tirá-la daqui.*

*Os olhos dela estavam rasos d'água.*

*– É verdade? – perguntou.*

*– Vamos, Helen, não temos tempo. Você tem que dar o fora daqui.*

*Ela balançou a cabeça.*

*– O inspetor no Chipre acabou de confirmar quem você é. O mensageiro que você deixou amarrado no quarto identificou você em uma foto. Stan... é verdade?*

*Eu avistei dois guardas, no fundo do corredor atrás dela, correndo em nossa direção com armas em punho. Com minha mão esquerda, instintivamente a segurei pelo pulso – que ela outrora cortara – e a puxei contra meu corpo. Mantive-a ao meu lado e saquei a Silverballer. Dois tiros. Os guardas caíram.*

*Acho que isso respondeu a sua pergunta.*

*Ela berrou como se tivesse levado uma punhalada no coração.*

*Na verdade, acho que foi isso mesmo que eu fiz.*

*Pouco importa. Wilkins já tinha descido para a sala ao leste. Helen se desvencilhou da minha mão e correu para o oeste. Ambas as direções conduziam a saídas nos respectivos lados da casa. Certo de que Helen conseguiria se virar, optei por seguir Wilkins.*

*A atmosfera estava tão diferente do lado de fora que era como se colocasse uma máscara e respirasse ar puro diretamente de um tubo de oxigênio. De qualquer forma, não me precipitei pela porta sem*

*antes verificar o que me esperava lá fora. Obviamente, mais dois guardas vinham na minha direção. Flexionei um dos joelhos, empunhei a arma com ambas as mãos e dei dois tiros. Os guardas tombaram.*

*Corri até o gramado.*

*Wilkins já tinha conseguido chegar até o portão. Helen atravessava o lado leste da mansão até a entrada, e alcançaria o portão em alguns segundos. No entanto, fui obrigado a abortar a missão. Não havia como segui-los até o complexo da igreja. Parecia que toda a população de Greenhill estava do outro lado da cerca. Algumas dezenas de homens armados estavam saindo do celeiro. Mas eu sabia quem eles de fato eram.*

*O Exército Novo. E Cromwell estava lá, ordenando que me matassem.*

*Assim, corri em direção ao lago. Eu já tinha sobrevivido a baixas temperaturas antes. Poderia repetir o feito.*

# TRINTA E CINCO

Assim que pulou na água gelada, o Agente 47 rapidamente guardou a Silverballer na cintura e nadou. Nadou sabendo que sua vida dependia disso. Os homens estavam à sua procura na superfície, mas estava muito escuro para que avistassem o fugitivo. Ele presumiu que eles não tinham como iluminar o lago, do contrário, o teriam localizado.

Ele levou quase meia hora para alcançar uma ilhota na porção leste do lago. Ela estava deserta. Nada além de árvores e pedras. Naquele momento, policiais e bombeiros se aglomeravam em Greenhill. O Agente 47 conseguia enxergar as luzes e ouvir as sirenes, sinal de que estava perto demais da multidão para que se sentisse aliviado. Não demoraria muito para enviarem embarcações no seu encalço. As vias nos arredores da margem seriam monitoradas. Ele era um homem procurado: tentara matar um candidato à presidência.

Necessitando muito de descanso, mas recusando-se a parar, o assassino andou até a parte leste da ilha. A margem oposta parecia estar a cerca de novecentos metros de distância. Podia nadar até lá, sem problemas – e foi o que fez. Ele odiava ter que voltar à água gelada – e o que ele faria quando emergisse?

Não foi tão difícil quanto da primeira vez. Em cinco minutos, chegou até a margem e emergiu. Nada além de mata densa por todos os lados. Ele sabia que a estrada 658 encontrava-se a alguns quilômetros a leste, indo pela floresta. Se seguisse em linha reta, conseguiria encontrá-la. Pensaria no próximo passo quando chegasse lá.

A floresta era densa e escura, com terreno irregular. Por vezes, ele pensou ter ouvido ruídos de animais. Havia ursos e outros predadores na floresta, e ele definitivamente não queria encontrá-

los. A Silverballer estava molhada e provavelmente ficaria inutilizável até que tivesse tempo para abri-la, secá-la e limpá-la. Já havia encarado coisas piores do que ursos em sua carreira, mas não era algo que quisesse ter em seu currículo.

O Agente 47 tinha um bom senso de direção. Outros teriam se perdido facilmente. Sempre que havia árvores obstruindo seu caminho, ele as contornava com o cuidado de manter-se na mesma linha que vinha seguindo. Passado algum tempo, sentiu um frio intenso. Suas roupas ainda não haviam secado. Naquele instante, daria tudo por uma xícara de café quente.

Ele prosseguiu. Não era fácil, mas precisava evitar uma hipotermia.

Era quase manhã quando ele finalmente chegou à estrada. Seu relógio marcava 5h22. Era como se três dias tivessem se passado desde que estivera sentado de frente para Helen à mesa de jantar. Era difícil de acreditar que havia sido na noite passada.

A 658, também conhecida como Brent Point, era uma solitária estrada de pista dupla que percorria a floresta de norte a sul, subindo e descendo barrancos, e que não levava a lugar algum. O Agente optou por seguir rumo ao norte. Pelo menos a caminhada não fora sofrida. Estava faminto e com sede, mas estava inteiro.

O sol nasceu e a temperatura subiu ligeiramente. Suas roupas enfim secaram, mas endureceram de tal forma que pareciam lâminas de gelo sobre sua pele. Depois de uma hora de caminhada, a estrada se dividiu. A 658 continuava ao norte, enquanto a estrada Quarry desviava para o sudoeste, rumo a Greenhill. Melhor não seguir por esse caminho. Ele continuou pela 658.

Havia algumas casas ao longo da estrada. Casas bonitas, caras, ele cogitou escolher uma delas para bater à porta e obrigar seus moradores a lhe darem comida e um carro. Mas isso seria típico de alguém em desespero, um criminoso. Ele não era um criminoso.

*Até parece.*

A estrada Brent Point terminava na estrada Decatur, e lá uma viatura da polícia do estado da Virgínia rondava uma intersecção em "T". Um Dodge Charger prateado. O motorista reparou em 47 do outro lado da rua, na 658, e reduziu ainda mais a velocidade.

Isso não preocupou o matador. Ele encarou como uma *oportunidade*.

O veículo parou. As luzes vermelhas e azuis acenderam e rodopiaram. O guarda saiu do carro, sacou sua arma e inclinou-se sobre o capô.

– Parado! Deixe as mãos onde eu possa vê-las!

O Agente 47 obedeceu.

– Agora, atravesse a rua. Devagar. Mantenha as mãos para cima!

O assassino atravessou a estrada e parou do outro lado do carro.

– Mãos ao alto. Agora!

O Agente 47 conferiu os arredores da intersecção. Nenhum pedestre, nenhum veículo. Nenhuma testemunha. Colocou as mãos sobre o capô, conforme o ordenado.

O guarda passou pela frente do veículo com a arma ainda apontada para o matador.

– Onde está sua identidade, senhor? Em qual dos bolsos ela fica?

– No da frente, à direita – respondeu 47. Ele conseguia perceber o nervosismo do sujeito. Ótimo.

– Vou revistá-lo. Depois, vou pegar a identidade no seu bolso. Não se mexa. O reforço está a caminho.

O assassino sabia que ele estava mentindo. Ele observara o guarda da estrada. Em momento algum o homem havia tocado no rádio. Não houve tempo para que chamasse reforço.

O patrulheiro posicionou-se atrás de 47 e viu-se em um dilema. Para revistar o suspeito, ele precisaria das duas mãos. Se guardasse a arma, ficaria vulnerável.

– Não se mexa – repetiu.

O Agente 47 não entendeu como o guarda poderia acreditar que ele realmente acataria a ordem. Ele teria facilmente desarmado o policial, mas resolveu simplificar as coisas. O oficial de fato guardou a arma e começou a apalpar o assassino sob seus braços. O Agente 47 rapidamente afastou suas mãos do carro e agarrou o pulso do sujeito ao mesmo tempo em que chutou a rótula do seu joelho direito.

O policial urrou de dor.

O assassino se virou e deu um murro na mandíbula do policial, silenciando sua vítima temporariamente incapacitada. Dirigiu-se então para o carro, do lado do motorista, e destrancou o portamalas. Correu até o homem inconsciente, pegou-o, deitou-o lá dentro e fechou a porta.

Havia uma longa viagem pela frente. Ele não queria interrupções.

Ele se sentou no banco do motorista, desativou a sirene e seguiu em direção ao norte pela Decatur. Choveram boletins da central de polícia no rádio da viatura. De tempos em tempos, o operador informava:

– Procurem por um homem branco, entre 1,80 e 1,90m, careca e em boa forma física. Armado e perigoso. Possui conexões com os ataques terroristas ao complexo da Igreja da Vontade de Greenhill.

Ao longo do caminho, vários carros passaram por ele vindos da direção contrária. Ele procurou e encontrou o chapéu do oficial no banco de passageiro. Pegou-o e colocou-o na cabeça. Foi um golpe de sorte, pois depois de um minuto uma viatura da polícia estadual cruzou por ele na estrada. O motorista acenou para ele, que retribuiu o gesto.

Ele virou à esquerda na 611, finalmente pegou a rodovia Jefferson Davis 1 e em seguida chegou na interestadual rumo a Washington.

O Agente 47 estava deitado na cama do seu quarto no River Hotel, situado na Rua 25 a noroeste de Washington. A refeição oferecida incluía filé ao ponto, batatas e legumes no vapor; não tão saborosa quanto ele gostaria, mas matou a fome.

As últimas 24 horas tinham sido desgastantes. Ele dirigira até o Aeroporto de Baltimore, em Washington, para pegar a maleta no armário e roupas limpas no local combinado com a Agência. Abandonou a viatura policial da Virgínia em um estacionamento interno e alugou um outro carro. Quando chegou ao hotel, já havia se passado um dia desde seu encontro com Helen, no jantar.

Ele tentou imaginar o que ela estaria fazendo. Tinha certeza de que o odiava.

Ele estava feliz por ela ter sobrevivido, mas isso não importava. O trabalho vinha em primeiro lugar.

Ligou a televisão para assistir ao noticiário.

Seu trabalho estava em todos os canais. O atentado à mansão de Greenhill repercutiu internacionalmente. Charlie Wilkins escapou ileso. Nove mortes foram registradas; ao que parecia, todas envolvendo o pessoal da segurança. O FBI foi chamado para investigar. Wilkins concedeu uma entrevista coletiva naquela tarde e acusou o governo do presidente Burdett de enviar um assassino a Greenhill para matar o único candidato à presidência "que conduziria a nação a glórias grandiosas". Ele responsabilizou a CIA pela tentativa frustrada. Um retrato-falado razoavelmente fiel de 47 circulava pelo mundo inteiro. Protestos de cidadãos comuns aconteciam por todo o país. Os clamores conclamando à guerra civil se faziam ouvir mais alto do que os apelos do presidente Burdett por calma e suas alegações de inocência.

Era uma situação delicada.

Não houve nos noticiários qualquer menção aos homens armados saídos do estábulo. Ele presumiu que tivessem deixado o local antes de a polícia e o FBI chegarem. Cromwell provavelmente estava escondido, ou viajando com seus homens. No entanto, o Exército Novo respondeu com um ataque algumas horas antes de o matador chegar ao hotel. Em uma manobra ousada, que levou à morte de onze agentes federais, o grupo atacou as instalações da CIA em Langley, na Virgínia. O Exército Novo teve três baixas, então se refugiou na floresta e desapareceu antes da chegada dos reforços do governo.

O Agente 47 compreendeu onde Wilkins queria chegar. Tudo fazia sentido agora.

O reverendo estava claramente mancomunado com Cromwell, que outrora atendera pelo nome de Darren Shipley. Wilkins conhecia Darren e Dana Shipley desde pequenos, e constituíra uma relação sólida com eles. Visto que as crianças tinham sido criadas na atmosfera comunal desde os primórdios da Igreja da Vontade, elas eram bastante suscetíveis à sua influência. Se era verdade que a mãe deles se envolvera com aquele homem, então tratava-se de um

vínculo realmente forte. O Agente 47 não se surpreenderia se Wilkins fosse o pai verdadeiro dos gêmeos. Qualquer que fosse o caso, Wilkins definitivamente tinha usado os dois a seu favor.

Conforme a própria Dana admitiu, ela havia sido pressionada pelo reverendo a concorrer ao cargo, para alavancar o Primeiro Partido da América e apresentar mais uma figura pública para doutrinar o público junto com o reverendo.

O Exército Novo também era um instrumento de Wilkins. Ainda que alegasse não ter nada a ver com isso, ele era seu comandante supremo. Darren Shipley – Cromwell – apenas seguia ordens, movido por um desejo insano de se vingar dos Estados Unidos.

Wilkins pretendia mudar os Estados Unidos para adequá-los às suas ideias. Ser uma celebridade adorada, uma personalidade da televisão, dono de uma rede de *fast-food* e líder da Igreja da Vontade não era o bastante. Ele tinha que se tornar presidente e saturar o Congresso com o Primeiro Partido da América, e faltavam apenas seis dias para as eleições. Se ele conseguisse, os Estados Unidos poderiam ser palco de uma verdadeira revolução. As leis que não agradassem ao partido seriam alteradas ou derrubadas, e uma nova legislação seria promulgada. Era um cenário bastante familiar, um que havia acontecido sucessivas vezes ao longo da história. Embora a população norte-americana não percebesse, ela estava prestes a eleger um candidato fascista. Bastava mais um incidente bombástico para garantir o triunfo de Wilkins.

O Agente 47 sabia quando esse incidente ocorreria. Em dois dias, Wilkins participaria de um grande comício no Shopping Nacional, em Washington D. C.; ele queria que voluntários da Igreja fossem até lá em ônibus escolares para protestar contra a atual administração. Helen também estaria presente.

O grande problema era: o que seria o tal incidente?

O assassino verificou suas mensagens e constatou que a Agência havia tentado entrar em contato inúmeras vezes. Pensou em retornar a ligação e se livrar logo daquela história. A coisa ficaria feia.

Demorou mais do que de costume para conseguir falar com Jade, já que os códigos haviam mudado e as definições de segurança

tenham sido reforçadas. Apenas os agentes do nível de 47 sabiam como burlá-lo – só era um pouco mais complicado.

– É bom saber que você está vivo – disse ela. – Onde você está?

– Em Washington.

– Benjamin quer falar com você. Espere.

Passados alguns segundos, Travis estava na linha.

– Que raios aconteceu, 47? O que foi que você fez?

– Explodi parte da mansão da vítima. Infelizmente, ela não estava no lugar certo na hora certa.

– Você tem noção de que a missão foi um desastre? O cliente interrompeu contato. Não pagou a parcela seguinte, e duvido que pague. E provavelmente seremos forçados a devolver o restante do pagamento para evitar que ele exponha a ACI. E a culpa é sua, porra! Caralho, a gente podia ter descoberto a identidade dele se você não tivesse estragado tudo!

O Agente 47 não gostou do tom, mas conseguiu se controlar.

– Como assim?

– Nossos especialistas em criptografia enfim conseguiram rastrear a última ligação que ele fez para a Agência. Veio de Greenhill. O cliente estava lá o tempo todo.

Foi então que tudo fez sentido para ele. As peças do quebra-cabeça se encaixaram.

– Travis, eu sei quem é o cliente.

– Sabe? Quem?

– O próprio reverendo Charlie Wilkins.

– De que diabos você está falando?

– Ele é o único em Greenhill com a influência e os meios para fazer contato com a Agência. Primeiro, ordenou o ataque a Dana Linder para dar continuidade a seus planos e encaminhar-se à presidência. Depois, autorizou o ataque contra si mesmo.

– Contra si mesmo? Você ficou maluco?

– Ouça. A ideia era me flagrar no ato, antes de levar o ataque a cabo. É por isso que tínhamos que esperar o sinal verde. Ele queria me matar antes que eu o matasse. Dessa forma, responsabilizaria a atual administração e a CIA pela tentativa frustrada de assassinato, assim como pelo assassinato de Dana Linder. Atrairia mais simpatia e

apoio do povo americano, aumentando suas chances de se tornar presidente. Ordenar o ataque contra si ainda o livraria de suspeitas quanto ao assassinato de Linder, caso chegassem até nós. Aquele coronel de araque, Bruce Ashton, tentou me matar primeiro, contrariando as ordens de Wilkins. Como não deu certo, Wilkins deu a autorização para que eu o matasse, e Cromwell e seu Exército Novo deveriam ter me impedido. Fracassaram. Agora ele está fugindo, apavorado, e planejando alguma catástrofe a quatro dias das eleições. Num comício em Washington.

Travis permaneceu calado do outro lado da linha.

– E então, Travis?

– Isso é loucura, 47.

– Charlie Wilkins é louco. E pretendo cumprir minha missão. Vou terminar o serviço que comecei.

# TRINTA E SEIS

*Um dia se passou.*

*Descansei. Treinei. Retornei ao mundo dos vivos. Ou talvez seja o mundo dos mortos, tendo em vista o que faço para "viver".*

*Limpei e lubrifiquei a Silverballer, que dera um mergulho no lago Áquia. Levei as duas armas até um campo de tiro em Washington para garantir que estivessem prontas para a ação.*

*Todos os resquícios do vício em oxicodona tinham sumido. Sem mais pesadelos. Não via mais a Morte nem sentir seu bafo gélido no meu pescoço. Ainda não havia descoberto de quem se tratava. Mas estava na ponta da língua. Era como se eu conhecesse sua identidade, de algum canto obscuro da minha mente – o que me perturbava. Contudo, não me sentia tão bem desde o incidente no Nepal, pouco mais de um ano atrás.*

*Travis me informou que eles estavam fechando o cerco sobre Diana. A Agência talvez a tivesse encontrado. Ao que parece, seria minha próxima tarefa. Mas tinha que terminar esta antes. Travis me falou para seguir em frente e eliminar Wilkins, pois ele sabia demais sobre a Agência. Eu não ligava. Era uma questão de princípios. Para mim, era pessoal. Charlie Wilkins tentou me enganar e depois me matar. Não costumo ser o tipo que vai à caça de uma vítima por vingança ou por guardar algum rancor. Não sou assim. Desta vez, porém, era diferente. Não conseguia explicar os motivos, e não acredito que nenhum psicanalista no mundo seria capaz. Talvez tivesse alguma relação com Helen. No decorrer da missão, estive próximo de me tornar alguém "normal". Ao menos muito mais do que jamais estivera – o que quer que isso significasse. Pela primeira vez na vida me vi fazendo parte da esfera pessoal de um ser humano – nada mais, nada menos que uma mulher – e me integrando à sua existência. E o mesmo acontecera com ela em*

*relação a mim. Queria poder cumprir minha promessa de que daria o meu melhor para que nada de ruim lhe acontecesse.*

*Enquanto estivesse às voltas com Charlie Wilkins, ela estaria em perigo.*

*Eu também acreditava que o tal reverendo era uma ameaça não apenas para os Estados Unidos, mas também para o resto do mundo. Uma vez no comando dos Estados Unidos, um efeito dominó atingiria o planeta. As alianças se transformariam. A economia internacional se fragmentaria e entraria em colapso. Guerras seriam travadas.*

*Era inadmissível.*

*Isso havia se repetido muitas vezes ao longo da história. A humanidade nunca aprendia com seus erros, mas eu aprendi.*

*Wilkins tinha que ser detido.*

*O shopping Nacional era um lugar impressionante, mesmo para um desinteressado por política como eu. Todas aquelas esculturas magníficas, as estátuas, as placas, as construções erguidas em homenagem aos mortos. Com frequência me perguntava por que não são prestadas homenagens aos vivos. Afinal, viver não era mais importante?*

*Isso vindo de um homem cujas mãos estavam sempre manchadas de sangue.*

*Milhares de pessoas compareceram ao comício de Wilkins durante a tarde. O shopping estava lotado. Havia policiais por toda parte. A Guarda Nacional formava cordões de isolamento nas ruas. As autoridades tentavam manter os partidários separados dos manifestantes, mas não estavam fazendo um trabalho muito bom. Mesmo antes de eu chegar houve uma série de prisões; as pessoas discutiam e um quebra-quebra começara. Senti a tensão já quando o táxi em que eu estava se aproximou do local. O motorista não pôde chegar mais perto, então tive que sair e caminhar a partir da região do Instituto Smithsonian. O trânsito tinha sido interrompido em alguns quarteirões ao redor do shopping. A multidão se espalhava pelas avenidas, em todas as direções. Nunca tinha visto algo parecido. O lugar era um barril de pólvora prestes a detonar.*

*Nem me preocupei em me disfarçar. Usei meu terno preto. Camisa branca. Gravata vermelha. Armado com as duas Silverballers e carregando a maleta.*

*O Agente 47, o assassino, estava de volta.*

*Passei direto pelos policiais alinhados. Ninguém prestou atenção em mim. Todos estavam concentrados na multidão, procurando tumultuadores. Para eles, imagino que eu deveria ser apenas mais um executivo.*

*O evento estava programado para acontecer em um palco móvel construído a sudoeste da Washington Memorial, a rodovia que circundava o monumento. Havia uma vasta calçada em frente ao palco, voltado para o norte, para que o bando de admiradores de Wilkins tivesse – pouco – espaço o suficiente para vê-lo e ouvi-lo discursar. Uma imensa faixa estendida no topo do proscênio anunciava: WILKINS-BAINES! O reverendo tinha escolhido um senador do Primeiro Partido da América chamado Marshall Baines para ser seu vice. O palco parecia bastante frágil. Era feito de madeira, lona e algumas cortinas. Uma limusine estava estacionada atrás dele. Eu sabia que o reverendo estava lá dentro, esperando pelo seu grande momento.*

*Os opositores estavam ao lado do shopping, a leste do monumento. Uma barreira policial atravessava o shopping de norte a sul. Não havia dúvidas de que o número de partidários, aos milhares, superava o de opositores. Era quase cômico que também houvesse vendedores de comidas e bebidas espalhados pelos arredores do local. Queira Deus que os fanáticos não passem fome ou sede.*

*Muitas pessoas seguravam cartazes e faixas com os dizeres como: PRIMEIRO PARTIDO DA AMÉRICA! WILKINS PARA PRESIDENTE! FORA, BURDETT! A CIA É TERRORISTA! DERRUBEM BURDETT! REVOLUÇÃO, JÁ! A REBELIÃO ESTÁ AQUI! WILKINS/BAINES! E, o meu favorito: WILKINS É UM SOBREVIVENTE! É o que veremos. Parte considerável de sua campanha baseava-se no fato de que ele sobrevivera a mais de uma tentativa de assassinato; portanto, teria algum tipo de atributo divino.*

*Avistei os três ônibus escolares amarelos estacionados na parte norte do shopping. Meus instintos me diziam que, o que quer que Wilkins estivesse planejando, envolvia aqueles membros da Igreja que vieram de Greenhill até Washington. Eu me perguntava se veria Helen. Pensava em como eu reagiria; se ela me enxergaria e qual seria a sua reação.*

*Eu abri caminho em meio à multidão à base de empurrões. Por conta do frio – afinal, era o primeiro dia de novembro –, todos vestiam casacos. A certa altura, passei por um sujeito usando um manto negro com capuz. Ele se virou, ficando de frente para mim – e eu poderia jurar que se tratava da Morte. Sem Rosto. Minha velha assombração. Isso me assustou, e pude sentir um fluxo de adrenalina. Mas, depois de pestanejar, percebi que era apenas um sujeito com a cara pintada de branco para “representar” o estereótipo da Morte. Segurava uma foice falsa, na qual estava fixado um cartaz. Nele estava escrito: A AMÉRICA ESTÁ MORTA! VIDA LONGA À AMÉRICA! O que quer que aquilo significasse.*

*Fui até a área em que os ônibus estavam estacionados, bem no gramado. Em meio a uma multidão, inspecionei o ambiente. Identifiquei vários membros de Greenhill, todos segurando cartazes de protesto e entoando canções da Igreja. Helen estava entre eles. Não tinha como evitá-la. Ela usava uma blusa brilhante. Senti uma pontada no peito ao vê-la.*

*Estava linda. Mas também parecia nervosa e assustada.*

*Fiz o possível para que não me visse.*

*Ao norte dos ônibus escolares, na Avenida Constituição, havia vários caminhões da Guarda Nacional estacionados no meio-fio. Quatro deles. Não sabia dizer se havia alguém lá dentro.*

*Os gritos de ódio dos grupos opositores eram perturbadores. Estavam agrupados nas proximidades, apesar de alguns policiais os manterem atrás de uma linha de barricadas. Eles provocavam os membros da Igreja, quase como se procurassem briga. Obviamente, equipes de todas as grandes emissoras de TV apontavam suas câmeras para eles e para todos os lados.*

*Até aquele momento, porém, eu não tinha percebido nenhum indicativo do plano de Wilkins. Não saber o que ele fazia era uma*

*desvantagem, claro, mas eu geralmente era capaz de detectar sinais de que alguma coisa estava errada. Tudo parecia conforme o que fora anunciado. Ele tinha trazido um pequeno grupo com seus seguidores mais fervorosos para chamarem atenção para sua campanha, mas não havia nada de sinistro naquilo. Não pensei que estivesse enganado quanto ao sujeito, mas não deixava de ser desanimador.*

*A música começou, ecoando por todo o shopping a partir de enormes alto-falantes instalados ao lado do palco. Foi então que estranhei que Wilkins tivesse mantido o pessoal da Igreja tão afastado, em segundo plano, na multidão. Havia provavelmente uns trezentos metros de distância ou mais em relação ao palco. Por quê?*

*Uma banda adolescente entoava canções patrióticas americanas no palco, a mesma que havia se apresentado no comício de Dana Linder. Déjà vu.*

*Após uma abertura de dez minutos, o candidato à vice-presidência, Baines, subiu ao palco e se dirigiu ao público. Ele foi ovacionado com entusiasmo.*

*– Não vou me prolongar aqui em cima – disse.*

*Ele fazia o tipo excêntrico, o que se esperaria de um rato de biblioteca. Um Clark Kent sem a personalidade do Super-Homem. Um fracote de uns 45 quilos. Um nada.*

*– Sei que vocês estão ansiosos pelo início do evento principal. Quando eu era jovem e frequentava shows de rock, sempre detestei as bandas de abertura antes da apresentação daquela para a qual tinha comprado ingresso. Então, sem mais delongas, deixem que eu apresente o próximo presidente dos Estados Unidos. O primeiro e único: Charlie Wilkins!*

*O shopping inteiro irrompeu em uma estrondosa saudação. Foi ensurdecedor. Eu podia jurar que o chão tinha tremido. Os espectadores do outro lado estavam completamente extasiados. Era impossível ignorar o entusiasmo. Eu não dava a mínima para as eleições, mas a emoção era contagiante. Estiquei o pescoço para ter uma visão melhor do palco.*

*Meu alvo deu as caras. De onde eu estava, era como se ele fosse um minúsculo ponto, mas ainda assim uma figura marcante. Seu*

*carisma podia ser percebido até mesmo da extremidade norte do shopping. Era perturbador. Não era de se estranhar que fosse encarado como um novo messias.*

*Passaram-se uns dez minutos até que a multidão ficasse quieta. Wilkins pedia para que as pessoas se acalmassem, mas sua voz foi abafada pela cacofonia. Finalmente ele pôde falar. Sua voz era suave e musical; pairava pelo shopping e impregnava o lugar com uma tranquilidade impressionante. Era como se o próprio ato de falar tivesse um efeito mágico sobre os espectadores. Comigo não funcionava, mas dava para entender por que ele era amado pelas ovelhinhas que habitavam os Estados Unidos.*

*– Meus cumprimentos, queridos americanos!*

*Saudações.*

*– Bem-vindos ao início de uma nova era!*

*Urros.*

*–A Revolta é agora!*

*Delírio.*

*Foi então que aconteceu. Quase como se tivesse sido combinado, e eu suspeitava que tinha.*

*Quando Wilkins começou a falar, dezenas de homens com uniformes da Guarda Nacional saíram da traseira dos caminhões estacionados atrás dos ônibus escolares. Eles imediatamente se organizaram em fileiras e ficaram a postos.*

*Havia algo de familiar neles.*

*Meu coração começou a pulsar forte. Eu reconheci alguns rostos. Os homens de Greenhill. Os mesmos que saíram do estábulo. Estavam usando os uniformes que eu vira de relance. Não eram de fato membros da Guarda Nacional.*

*Eles eram do Exército Novo.*

*Então, seu líder apareceu. Mancando. Gritou alguns comandos que não pude entender, mas estava claro para mim quem ele era.*

*Cromwell.*

*Antes que eu pudesse me mexer, antes que pudesse fazer qualquer coisa, o Exército Nacional atacou os civis. Eles sacaram as armas e começaram a disparar contra os seguidores de Charlie Wilkins, desarmados e inocentes – mas manipulados. Quando as*

*As pessoas perceberam o que estava acontecendo, várias berraram e correram. A "Guarda" começou a abatê-los, um a um. Alguns dos soldados militantes apanharam porretes e, ao estilo Gestapo, espancaram os seguidores que tinham tropeçado ou se encolhido antes de levarem tiros.*

*Foi horrível.*

*Depois de um tempo, a multidão se deu conta do que estava acontecendo. Mesmo a polícia real e a Guarda Nacional demoraram a reagir.*

*Então tudo virou um caos. Tiros por toda a parte. Pânico. Uma debandada.*

*Em questão de um minuto, o shopping Nacional virou uma armadilha mortal para milhares de seres humanos, e eu estava no meio.*

*Mal conseguia-se ouvir Wilkins no palco, pedindo calma a todos. Definitivamente era tarde demais para isso. O local estava tomado por uma histeria coletiva.*

*Tudo fazia sentido agora. As manchetes escreveriam: GUARDA NACIONAL DISPARA CONTRA MEMBROS DA IGREJA DA VONTADE DURANTE COMÍCIO! O sujeito estava sacrificando seus próprios seguidores em troca da simpatia e do apoio para as eleições.*

*Inacreditável.*

*Saquei as duas Silverballers, uma em cada mão, e atirei nos soldados do Exército Novo. Mas havia tantos civis misturados que era difícil acertar os alvos com precisão.*

*Foi então que eu a vi, no chão. Helen. Ela tinha caído e estava rastejando para tentar se salvar. Prestes a ser pisoteada. Morta. Bem na minha frente.*

*Guardei uma das armas e corri até ela, empurrando e socando quem quer que me estivesse no caminho. Antes de chegar até ela, tive que eliminar um sujeito do Exército Novo que barrou minha passagem. O homem caiu sobre ela; eu o peguei pelo colarinho, desajeitado, e o afastei. Agachei-me ao lado dela e segurei sua mão.*

*– Helen.*

*Ela olhou para mim. Confusa, olhar aterrorizado. Não me reconheceu, provavelmente não esperava me ver por lá. Eu era um*

*rosto deslocado.*

*– Helen, sou eu. Vou levá-la para um lugar seguro. Consegue ficar em pé?*

*Sua expressão mudou. Toda sua ira veio à tona.*

*–VOCÊ! – gritou.*

*Sua fúria me espantou.*

*–Tudo isso é culpa sua! – soltou.*

## TRINTA E SETE

Helen sacudiu as mãos, afastando-as de 47, e se ergueu:

– Afaste-se de mim!

Ele agarrou sua cintura, tentando evitar que corresse.

– Fique comigo! Não é seguro...

Por sobre o ombro da mulher, o assassino apontou a Silverballer e disparou contra três homens do Exército Novo que avançavam em sua direção. Dois caíram, mas um continuava vivo; mesmo ferido, o militante se agachou e fez mira com um rifle de assalto capaz de destroçá-los. O Agente 47 empurrou Helen, girou o corpo e abriu um rombo na cabeça do homem. A esta altura, uma multidão já os cercava, correndo para desviar das balas. Ele se virou para segurar a mão de Helen, mas ela havia se misturado à multidão.

– Helen!

Helen passou por um grupo de membros da Igreja que avançava na direção dele com expressão de terror e pânico. Soldados do Exército Novo dispararam atrás deles, cobrindo o gramado de corpos. Enfurecido, 47 sacou a segunda Silverballer e passou a atirar com as duas mãos. Mesmo obrigado a saltar de um lado para outro para não ser atingido, o assassino conseguiu ferir ou matar seis homens num intervalo de três segundos. Ele olhou para trás, mas Helen não estava lá.

Sirenes guinchavam pelos corredores do shopping. A polícia de Washington entrou em ação, sem ter certeza do que estava acontecendo. Se a Guarda Nacional estava atirando em civis, seus alvos deviam ter feito algo horrível. *Eles* também começaram a mirar nos membros da Igreja, ignorantes de que os inimigos eram, na verdade, os falsos homens da Guarda. Enquanto isso, a *verdadeira* Guarda Nacional ocupava o centro comercial a fim de controlar o turbilhão de pessoas afugentadas pelo confronto. Em meio ao caos,

toda e qualquer ação poderia ser interpretada equivocadamente. O resultado era uma quantidade muito maior de participantes do comício, além de voluntários de Greenhill, sendo atacados, feridos ou mortos.

O gás lacrimogêneo veio em seguida. Granadas cruzavam o ar, aterrissando junto aos grupos de civis aglomerados.

Era um desastre, absolutamente fora de controle.

Enquanto seus olhos procuravam freneticamente por Helen, o Agente 47 se defendia dos inimigos e respondia às agressões com ferocidade. Era muito difícil distinguir quais entre os homens da Guarda eram, na verdade, do Exército Novo. Mesclada a eles, a polícia de Washington atirava cegamente contra alvos incertos. Vendo 47 empunhar duas armas, um dos policiais mirou e abriu fogo, acertando de raspão sua coxa direita. Ao cair, o assassino rolou de bruços, apoiou os cotovelos e disparou instintivamente com as duas pistolas, abatendo o atirador. Não era boa ideia desperdiçar balas, mas numa situação tão extrema, era quase impossível responder com comedimento. A nuvem de gás prejudicava ainda mais a visibilidade.

Ainda no chão, o assassino examinou a perna durante alguns segundos. O ferimento era superficial, mas alguns pontos provavelmente seriam necessários. Estremecendo de dor, 47 levantou-se para voltar à chacina. Então, pelo canto do olho, viu um borrão azul se mover na fumaça.

A blusa de Helen. Dez metros.

– Helen!

Ela se virou em sua direção. O assassino esticou a mão, mas Helen hesitava.

– Está tudo bem, Helen!

Aterrorizada, sem saber o que fazer, ela correu na direção do Agente 47.

Mas tiros ecoaram pelo ar carregado e balas cravejaram o chão entre o casal. O corpo de Helen estremeceu e ela vacilou. Seus olhos se arregalaram em choque.

– Não!

Ela tombou para frente e caiu com o rosto na grama.

O Agente 47 atirou com as duas Silverballers contra os dois homens do Exército Novo que efetuaram os disparos. Os trajes à prova de bala cobriam seus torsos, mas não seus rostos – 47 abateu os alvos com precisão.

Helen rolou e se virou para cima. Ele se ajoelhou ao seu lado, soltou as armas e segurou suas mãos. A blusa azul estava tomada pela umidade vermelha, e seus olhos, perdidos, fitavam o céu. A respiração estava pesada, difícil. O assassino percebeu que um tiro trespassara seu pulmão; ela não sobreviveria.

– Helen – sussurrou ele.

Helen gorgolejava; o sangue inundava sua garganta e saltava pela boca. Ele tentou virá-la de lado, mas era inútil. Talvez ainda lhe restasse mais um minuto de agonia, mas depois seria o fim. O assassino preferiu poupá-la do tormento. Ele esticou uma das mãos, empunhou uma das Silverballers e encostou o cano no peito da mulher, exatamente sobre seu coração.

– Eu sinto muito, Helen.

Pelo menos uma vez, o Agente 47 puxou o gatilho movido por compaixão.

Ele não soube por quanto tempo permanecera ao lado dela. Alguns segundos, talvez, ou dez minutos. O turbilhão continuava à sua volta, mas por preciosos instantes, ele se isolou de tudo. Sua mão estendeu-se, coberta de sangue, e fechou as pálpebras de Helen pela última vez.

O assassino pegou a outra arma e se levantou.

Agora *sim* ele estava enfurecido.

Pouco importava se eram mesmo da Guarda Nacional ou homens do Exército Novo disfarçados; 47 disparava contra quem estivesse usando aquele uniforme. Ele carregou suas armas com a munição extra no bolso de seu terno, e nos cinco minutos seguintes, ele descarregou seis pentes. A operação de ejetar um cartucho vazio e inserir um novo não tomava mais que 1,6s, uma habilidade desenvolvida quando ele tinha apenas 12 anos.

O Agente 47 sabia que a melhor estratégia era continuar avançando; contudo, no calor da batalha, ele percebeu que recuava rumo ao norte, na direção dos ônibus escolares – o lugar onde

encontrara Cromwell. Assim que o viu, o homem apontou um M16, o equipamento padrão dos Fuzileiros Navais, na direção de 47. O assassino saltou para evitar o fogo, que se espalhou e atingiu vários inocentes refugiados no estacionamento. Cromwell sequer se aproximara de acertar o assassino, que fez um rolamento e apontou as armas para trás por cima de sua cabeça, para responder ao ataque com fogo rápido, mas o homem já havia saltado para dentro de um ônibus e fechado a porta. O veículo começou a se movimentar no mesmo instante em que 47 se levantou. Cromwell, dirigindo como um louco, rumava para o sul, atropelando quem quer que surgisse em seu caminho.

Não lhe restavam opções: o Agente 47 saltou dentro de um dos ônibus estacionados. Satisfeito por encontrar as chaves na ignição, o assassino usou o trinco manual para fechar a porta, deu ignição e acelerou.

Os dois veículos estavam cravejados de balas, mas os pneus de ambos estavam intactos. Cromwell tinha uma boa vantagem, mas 47 passava a marcha rapidamente, e pisava no acelerador com toda a força, sentindo o pé se chocar contra o assoalho. Os dois motoristas eram obrigados a guinar e desviar das massas de pedestres, mas Cromwell mal se importava – enquanto atravessava o centro comercial, seu ônibus acertava obstáculos que berravam horrivelmente.

Por fim, 47 alcançou Cromwell, mantendo-se à esquerda do outro ônibus. O militante virou a cabeça para fixar o perseguidor com uma careta terrível, determinado a chegar primeiro ao palco. O Agente 47 agarrou o trinco manual e abriu a porta; com a mão esquerda no volante e a Silverballer na direita, mirou com cuidado e puxou o gatilho. A bala atravessou a porta aberta e estilhaçou a janela do motorista do outro ônibus. O crânio de Cromwell explodiu com o impacto do projétil.

O ônibus do militante virou violentamente, sem controle, e fez uma curva na direção da área oeste do shopping. Os policiais despejaram uma tempestade de chumbo, sem saber que o motorista já estava morto. O ônibus guinou pela última vez, inclinando-se cerca de trinta graus, e se chocou contra uma barraca de comida.

Depois de tombar de lado e deslizar por quase dez metros, o veículo parou com um guinchado estridente.

O Agente 47 ignorou o espetáculo, concentrando-se em alcançar Wilkins. Ele seguiu rumo ao palco a toda velocidade. À sua frente, a multidão se abria como o Mar Vermelho, alertada pela buzina incessante.

Charlie Wilkins estava congelado no palco, assistindo com asco à própria criação.

*Meu Deus, eu não queria que fosse assim!*

O plano era Cromwell e seus homens atirarem em alguns dos membros da Igreja, desaparecerem na multidão, misturando-se à verdadeira Guarda Nacional, e evadirem em segurança. Mas Cromwell perdeu o controle. O homem que outrora fora um herói americano – que tentara salvar vidas no Iraque – havia se transformado em um monstro ansioso para massacrar seus compatriotas. Ele ordenara ao Exército Novo que disparasse contra todos à vista. Assim como Darren Shipley perdera qualquer contato com a própria humanidade, Wilkins também desabara em uma espiral de devassidão.

E terminara... *assim*.

– Charlie! Abaixese!

Wilkins pensou ter ouvido uma voz chamar seu nome, mas não tinha certeza. Ele continuava observando a carnificina na qual o centro comercial à sua frente tinha se tornado. Então surgiram os dois ônibus escolares. Um deles bateu; quem o guiava? O outro vinha a toda velocidade em sua direção, em rota de colisão com o palco.

– *Reverendo!*

Wilkins olhou para baixo. Mitch Carson estava no chão, diante do palco, com as mãos estendidas:

– Pule logo! Pule! Nós podemos pegar a limusine!

Pela primeira vez em toda sua vida, o líder da Igreja estava sem palavras. Imóvel. Wilkins perscrutava sua alma em busca da Vontade, mas ela não estava lá. Tudo o que aprendera, tudo o que ensinara, não passava de um vazio.

A Vontade falhara com ele.

Por fim, Carson agarrou os tornozelos de Wilkins e os torceu. O choque das costas contra o chão trouxe o reverendo de volta a si. Carson continuou a puxá-lo pelas pernas até que o reverendo chegasse ao proscênio.

– Ande logo, Charlie!

Wilkins, confuso e em choque, sacudia a cabeça e sussurrava:

– Diga-me para onde ir.

Carson ajudou o reverendo a descer e guiou-o pelo braço até a lateral do palco. Os dois correram para a limusine, que os aguardava com as portas abertas. Abaixado, Wilkins enfiou-se no banco traseiro, e Carson saltou no assento do motorista. Depois de bater as portas, eles rapidamente evadiram. Carson virou o carro e dirigiu para o sul, para os limites do shopping, rumo à Avenida Independence.

O Agente 47 perdeu o reverendo de vista, mas sabia que uma limusine o aguardava atrás do palco. Não havia tempo para contornar a estrutura de ferro. O ônibus aguentaria. Tinha que aguentar.

Quinze metros para o impacto.

O assassino olhou pelo retrovisor direito. Carros de polícia piscavam as luzes, colados em sua traseira.

Dez metros.

Ele olhou pelo retrovisor esquerdo.

O rosto vazio o observava. A Morte.

Ele desviou o olhar e se concentrou à frente.

Cinco metros.

Um metro.

O ônibus atravessou o palco, destruindo-o como papel. As laterais colapsaram e a faixa que dizia WILKINS-BAINES! caiu lentamente, dobrando-se sobre os escombros. Os carros de polícia foram obrigados a desviar rapidamente para a direita ou para a esquerda para evitar os destroços.

Na rua, a perseguição prosseguia – a limusine à frente e o ônibus de 47 logo atrás.

## TRINTA E OITO

A limusine disparou na direção sul, invadiu a calçada e rasgou para a Avenida Independence, avançando pela mão exclusiva para quem seguia para oeste. Por sorte, o tráfego tinha sido interrompido para o comício, mas carros de polícia e outros veículos de emergência enfileiravam-se num canto da pista. Em vez de seguir pela avenida, no entanto, Carson fez uma manobra por entre um caminhão dos bombeiros e uma ambulância, cruzou a rua e partiu para o sul, atravessando o gramado outra vez.

– O que diabos você está fazendo? – berrou Wilkins do banco de trás.

– Eu conheço uma saída! – gritou o motorista.

O veículo cortou por entre as árvores e caiu pesadamente na pista, no sentido oeste da Avenida Maine SW.

– Você vai nos matar!

– Cala essa boca, Charlie!

De volta sobre a grama, o carro continuava em direção ao sul. Uma larga faixa de vegetação os separava da mão que seguia para o leste na Avenida Independence, que *não* estava fechada.

Logo atrás, o Agente 47 agarrava-se ao volante do ônibus, enquanto o veículo sacudia e quicava seu peso pela Avenida Independence, depois sobre o gramado e, por fim, à Avenida Maine. Mesmo com o alarido das sirenes da polícia na sua cola, ele estava determinado a continuar no encalço da presa.

Por um instante, o assassino imaginou que terminaria seus dias sob uma chuva de balas da força policial. Mesmo que alcançasse Wilkins e desse fim ao homem, como fugiria da polícia? Havia centenas de homens atrás dele. Se este seria o dia de sua morte, que assim fosse. Ele abandonaria a carcaça mortal sabendo que sua

missão estava cumprida, o contrato executado e o mundo, livre de um criminoso da pior estirpe. O que mais ele poderia querer?

O amor de uma mulher?

Não. Isso era impossível. Ele quase o tivera, mas o rejeitara. O flerte com uma relação normal fora um aprendizado, um que guardaria por toda a vida, mas aquilo não era para ele. Não servia para um homem que vivia um passo à frente da Morte, observado por um vigia sem rosto cuja identidade 47 ainda estava por desvendar.

O ônibus se aproximou da Avenida Independence e diminuiu a vantagem da limusine, que agora não passava de quinze metros. O assassino notou o tráfego pesado e deduziu que jamais passariam sem causar um imenso estrago. E percebeu que o motorista planejava misturar-se ao tráfego, para seguir para o leste com o fluxo. Era uma manobra difícil, mas possível.

Para um ônibus, seria muito mais complicado – era um veículo muito grande e desajeitado. O Agente 47 teria que diminuir drasticamente a velocidade para conseguir; e aí a polícia o pegaria, e Wilkins desapareceria.

*Dane-se.*

O assassino pisou fundo no acelerador e manteve o curso.

– *Você enlouqueceu?* Nós vamos acabar morrendo! – berrou Wilkins mais uma vez.

– Cala a boca, Charlie! Estou falando sério! Que merda! – gritou Carson.

O empregado de Greenhill sabia que seria uma manobra arriscada. O tráfego na Avenida Independence era denso e veloz; não havia praticamente nenhum espaço entre os carros e caminhões. A esperança de Carson era que os outros motoristas vissem a limusine avançando pelo gramado, o imenso ônibus escolar amarelo em seu encalço e as dezenas de carros de polícia com as sirenes se esgoelando. Isso os faria parar!

O carro se aproximou da pista a mais de cem por hora.

– *Segure-se, Charlie!* – ordenou Carson. O reverendo se segurou como pôde.

Então eles arremeteram.

A limusine saltou o meio-fio, caiu na avenida com Carson girando o volante para mudar de direção – e foi atingida em cheio por um caminhão.

Em seguida, um utilitário acertou o caminhão.

Três carros de passeio colidiram, tentando evitar a catástrofe.

O engavetamento tomava mais e mais espaço na pista; buzinas dispararam, pneus cantaram e uma intensa cacofonia de vidros partidos e metal retorcido suplantou as sirenes da polícia.

A limusine capotou e girou uma, duas, três vezes, antes de deslizar por trinta metros – de cabeça para baixo – e parar.

Mesmo preso pelo cinto de segurança, Charlie Wilkins batera com a cabeça no vidro da janela. A primeira conclusão a que chegou era de que estava morto, pois o mundo girava, invertido. Passaram-se alguns instantes até que percebesse que a limusine estava de cabeça para baixo. Depois ele avaliou as próprias condições. Havia muito sangue, mas os braços e pernas respondiam.

Ele estava vivo.

– Mitch? – chamou.

Carson não tivera a mesma sorte. O motorista estava estirado no banco num ângulo absolutamente anormal. Seu rosto estava coberto de sangue.

Então Wilkins se lembrou do que estava acontecendo. Ele ouviu as sirenes, virou-se na direção do shopping Nacional e viu o ônibus amarelo prestes a bater contra o meio-fio e invadir a pista a toda velocidade.

O assassino da Agência estava quase conseguindo pegá-lo.

Wilkins lutou para se libertar do cinto de segurança, chutou a porta e se arrastou para fora dos escombros. Assim que se levantou, a terra girou e ele quase caiu. Mas a visão do ônibus avançando sobre os outros veículos rumo à limusine era uma motivação para seguir.

O reverendo correu na direção sul, rumo à Enseada das Marés.

O Agente 47 viu a terrível pilha de metal retorcido, mas não diminuiu a velocidade. O ônibus se chocou contra os escombros a toda velocidade, mal desviando dos carros destruídos, piorando ainda mais o cenário.

*Concentre-se no alvo.*

O assassino girou o volante com violência para o leste, quase tombando o ônibus. Dois pneus chegaram a sair do chão, mas caíram pesadamente de volta no asfalto. A limusine estava capotada na pista a trinta metros de distância. Ele viu um homem sair e se arrastar.

Wilkins. Ainda vivo.

Mas não por muito tempo.

O homem viu o ônibus que o perseguia e, pelo gramado, correu em direção ao sul. Seu destino era um grupo de árvores que se interpunha entre a avenida e a água. O Agente 47 não podia permitir que chegasse tão longe, pois a vegetação o impediria de passar com o ônibus e continuar com a caçada. O assassino teria que alcançá-lo antes; sorte a sua que o ônibus era mais veloz do que o homem.

Ele fez uma curva e parou diante de Wilkins, obstruindo sua rota. O assassino continuou a perseguição, encurralando o reverendo nas docas.

Wilkins estava sem fôlego e tomado de dor.

Cabia ao Ser Supremo impedir aquele ataque! Charlie Wilkins não estava destinado a terminar seus dias assim!

*Encontre a Vontade! Você consegue!*

Mas a Vontade o abandonara.

*Pare o ônibus! Onde está a Vontade? Vamos lá!*

Quando nada aconteceu, o reverendo amaldiçoou os céus e, com um estalo, voltou à realidade. Ele tinha que sair dali. Seguindo pela praia, a sudeste, havia uma empresa que alugava pedalinhos. O estacionamento separava Wilkins das docas. Os carros que ocupavam as vagas impediriam o avanço do ônibus. Parecia promissor, e o reverendo correu pelo estacionamento. Mas logo ele estava encurralado de novo, desta vez na encosta. E agora? Ele

podia correr pela praia até a casa de barcos. Sim, era isso. Ele estaria seguro lá. Talvez encontrasse um policial, alguém que o protegeria do louco em seu encalço.

O Ser Supremo interviria, com toda a certeza.

Não é?

Era como se o Agente 47 estivesse usando um cabresto. Nada em sua visão periférica importava. Charlie Wilkins estava em sua mira. De pé na praia, o reverendo parecia um animal acossado pelas lanternas dos caçadores.

*Termine o trabalho.*

O assassino não tirou o pé do acelerador. O ônibus tornara-se uma locomotiva, avançando pelo gramado rumo ao estacionamento. O gigante amarelo colidiu com vários veículos estacionados, catapultando-os como insetos. Agora não havia mais nada entre o assassino e seu alvo.

Wilkins caiu sobre os seus joelhos e uniu as mãos.

Ele estava rezando.

*E aí, como é que está funcionando para você?*, pensou 47.

Para o assassino, os dois últimos segundos tornaram-se uma eternidade. Toda a ação frenética e ininterrupta pareceu entrar em câmera lenta. Todos os sons se calaram, substituídos por um vácuo. O Agente 47 só ouvia o próprio coração, batendo com tanta força em seu peito que ecoava no cérebro.

Seus olhos cruzaram com os de Wilkins. Por um breve instante, os dois adversários compreenderam um ao outro. E 47 viu que a confiança que o reverendo costumava exibir o abandonara. Em seu lugar havia medo, desespero, derrota. Wilkins perdera sua fé, esmagada pela mão da Morte.

O homem abriu a boca para gritar, mas era tarde demais.

*Acabou.*

O ônibus atravessou a proteção, desenhou um arco a dois metros do chão e caiu violentamente. A dianteira esmagou Wilkins com tanta força que seu corpo foi arrastado para dentro da água; em seguida, o veículo submergiu e desapareceu na escuridão esverdeada e castanha.

Equipes de emergência trabalharam arduamente por cerca de uma hora para encontrar o reverendo Wilkins. Mergulhadores recuperaram o corpo dilacerado e o trouxeram para a areia, onde foi encaminhado para o necrotério para uma autópsia oficial.

Os hospitais da área ficaram abarrotados de participantes do comício. Ainda era cedo para contar os mortos.

Alguns dos homens do Exército Novo presos já estavam prestando depoimento. A verdade sobre o que realmente acontecera apareceria.

O ônibus escolar foi retirado da água e meticulosamente analisado pelo FBI. Não havia nem sinal do motorista. Mergulhadores continuaram a perscrutar o fundo da bacia e encontraram grandes volumes de lixo, garrafas quebradas, alguns pneus velhos e vários objetos inusitados, mas nenhum corpo. Um dos itens mais curiosos que as equipes recuperaram – e que os investigadores jamais relacionaram com os eventos de 1º de novembro – era uma valise vazia com uma estranha insígnia: uma flor-de-lis.

Algumas testemunhas reportaram que tudo acontecera tão rápido que era impossível ver quem dirigia o ônibus. Vários curiosos afirmaram que não havia *ninguém* ao volante, que a figura no assento do motorista era uma sombra “sem rosto”. Para todos os efeitos, quem quer que tivesse matado Charlie Wilkins, havia evaporado.

Outro mistério adicionado à lista dos muitos associados àquele fatídico dia na capital Washington.

## TRINTA E NOVE

O *Jean Danjou II* oscilava serenamente ancorado na costa da Sardenha. Passara a última semana navegando de ilha em ilha, mantendo a farsa de que tinha como dono um milionário cuja maior preocupação era navegar pelo Mediterrâneo sem qualquer razão.

Porém, nas entranhas do barco, o trabalho continuava a todo vapor no centro de comando da Agência. Pelo menos seis operações estavam em curso pelo mundo. Os contatos monitoravam cada passo do progresso dos assassinos. Administradores desenvolviam os contratos com os clientes e supervisionavam os contatos. Chovia dinheiro nos cofres da ACI. Funcionários eram pagos, despesas acertadas e a vida – e a morte – prosseguia. Benjamin Travis estudava na própria cabine e escritório os últimos relatórios vindos da América.

*Que bagunça...*

Ele não conseguia dormir, lutava contra uma gripe e uma dor de cabeça de explodir o crânio. Além disso, as instâncias administrativas superiores o pressionavam para saber novidades de seu projeto secreto e exigiam satisfações quanto ao que parecia ser uma catástrofe monumental em Washington.

O melhor assassino da Agência estava desaparecido. Ninguém sabia se o Agente 47 estava vivo ou morto. Travis o conhecia o suficiente para saber que decidira se esconder. Novamente. Os agentes da lei não tinham encontrado corpo algum na Enseada das Marés, em Washington D.C. Isso só podia significar que 47 de fato escapara e se escondera em algum lugar, ganhando tempo.

O fato é que o melhor assassino da ACI vencera contra todas as probabilidades. Ninguém mais teria conseguido executar a espetacular missão contra Charlie Wilkins. Claro, havia uma quantidade considerável de dano colateral. Era uma infelicidade,

mas, dentro das circunstâncias, era inevitável. Ossos do ofício. Apesar disso, o assassino provara que ainda era o melhor de sua categoria.

Se pudessem, agora, ao menos encontrá-lo, trazê-lo de volta, interrogá-lo e então seguir para a próxima etapa.

Travis estava mais preocupado com a situação de Diana Burnwood. Até que a traidora fosse localizada, seu projeto estaria em risco. A gerência executiva respirava na sua nuca. Para onde estava indo todo aquele dinheiro? Onde estavam os resultados? Por que tantos segredos?

Ele não queria revelar a verdade. Não podia contar o que Burnwood fizera. Até agora, pouquíssimas pessoas sabiam a verdade – e já era demais. Mais cedo ou mais tarde, eles descobririam, e cabeças iriam rolar. A de Travis, no caso. Até lá, continuaria trabalhando no controle da crise, contando lorotas, segurando relatórios e esperando, frustrado, enquanto Jade fazia sua parte. As pistas quanto ao paradeiro de Burnwood no meio oeste dos Estados Unidos pareceram promissoras no início, mas logo esse rastro esfriou. Travis repreendera severamente sua assistente, que o ignorou estoicamente, encarando como mais uma das explosões do chefe. Jade era durona de verdade. Travis sabia que um dia ela conquistaria sua posição, se ele não ficasse esperto.

O gerente esfregou os olhos vermelhos e caminhou até a cafeteira. Encheu uma xícara e virou todo o café preto e sem açúcar. Consumira tanta cafeína nos últimos dias que passara a ter tremedeiras.

Travis considerou fugir. Empacotar suas coisas, descer na próxima ilha e tentar desaparecer. Não encontrar Burnwood era o mesmo que jogar merda no ventilador. Ninguém era simplesmente demitido da Agência. Não havia carta demissional, nem pacote de rescisão. O fracasso tinha consequências muito mais sérias. Ele não atualizaria o currículo e sairia de porta em porta pedindo uma vaga. Não funcionava assim com a ACI.

Trabalhar para a Agência envolvia grandes riscos. Por isso o salário era tão alto.

Alguém bateu na porta.

– Sim?

Quando a porta se abriu, a assistente de Travis apareceu, maravilhosa em seu terninho sexy, óculos e salto alto. Travis com frequência se imaginava beijando Jade em um arroubo de paixão desenfreada, mas sabia que aquilo nunca aconteceria.

*Vai sonhando, Travis*, pensou consigo mesmo.

– O que foi? – ele perguntou ao vê-la esboçando um leve sorriso.

– O quê?

– Está preparado pra me agradecer de joelhos?

Ele quase explodiu novamente com ela, mas respirou fundo e respondeu serenamente.

– Eu realmente não tenho tempo para isso. O que você quer?

– Ah, para *isso aqui* você vai achar tempo. Nós a encontramos.

Travis pestanejou.

– O quê?

– Burnwood. Nós a pegamos. Está em Illinois, como eu imaginava. Sabemos exatamente onde ela está. E ela tem o pacote.

Travis quis beijá-la, mas se segurou.

– Que notícia excelente!

– Achei ficaria feliz de ouvir.

– Fico. Agora você sabe qual é sua próxima prioridade.

– Achar o Agente 47.

– Exatamente.

Ela assentiu, deixou a cabine e fechou a porta.

Benjamin Travis suspirou de alívio, foi até a cama se deitou.

Finalmente conseguiu dormir.

# QUARENTA

*O sol não dava trégua na "sofisticada capital metropolitana de Guadalajara", como bem gostavam de descrever os guias de viagem.*

*Sentado à sombra do bar ao ar livre do Hotel Universo, eu sorvia a água gelada e apreciava o vento morno. Eu estava satisfeito em não fazer nada, e pratiquei essa prazerosa atividade durante um mês.*

*Sentia-me bem. A ferida na perna direita estava cicatrizando a contento. E estava limpo da oxicodona, e nunca mais voltaria a tomar novamente. Era ótimo dormir até tarde da manhã e me deliciar com refeições caríssimas. Tirando os exercícios diários que praticava desde a infância, recusava-me a fazer qualquer coisa construtiva.*

*Eu sabia que a Agência estava me procurando. Eu retornaria no tempo certo. Por sorte, não sabiam desse refúgio em Guadalajara. Eu precisava disso depois do que ocorrera em Washington. Precisava de uma nova maleta, e meu traficante de armas era o único a quem eu confiava a incumbência de recriá-la com precisão – afinal, ele a fabricara um ano atrás. Há quem diga que foi no mínimo um milagre eu ter escapado dos Estados Unidos com as Silverballers e meu fio de carbono. Era mais complicado com a maleta, então tive de abandoná-la na Enseada das Marés.*

*Eu sobrevivera por três motivos: meu preparo físico, que sempre mantive, exceto pelo período, há alguns meses, em que me viquei em drogas; o que Ort-Meyer chamava de "tenacidade"; e... bem, sorte. Pouco antes do ônibus escolar atingir a água, eu preenchi o peito de ar. Quando o veículo afundou, nadei até a porta, com as Silverballers presas na calça na minha cintura. Larguei a maleta no fundo da baía e nadei até a área dos pedalinhas – eu sabia onde ficava pois já tinha calculado as rotas de fuga possíveis.*

*Fiquei sem respirar por quase cinco minutos. Então emergi no cais diante dos barquinhos. Foi fácil roubar um, pois todos ali estavam atentos à ação que ocorria ao longe. Ninguém notou que eu fugia pedalando e, por fim, desembarquei próximo do Memorial do Titanic no extremo sul do enorme lago. Descansei e me sequei entre as árvores. Caminhei pela rua P. até encontrar um táxi, que me levou até um motel nos arredores, onde eu tinha deixado mudas de roupa, passaporte e dinheiro. Dali, foi fácil deixar o país com uma das minhas identidades falsas.*

*Não olhei para trás.*

*Estava muito quente, então decidi entrar e jogar um pouco de água gelada no rosto. Ao me encarar no espelho, ainda refletia sobre o ocorrido.*

*As consequências da queda de Wilkins eram significativas. Os membros do Exército Novo revelaram o que sabiam em depoimento. O corpo de Cromwell foi identificado como sendo o de Darren Shipley pela análise da arcada dentária. A verdade sobre o envolvimento do reverendo com o Exército Novo fora revelada depois que o FBI invadiu Greenhill e revistou cuidadosamente tudo que restara no escritório da mansão.*

*A eleição ocorreu como o programado. No dia 4 de novembro, Mark Burdett foi reeleito presidente. Jurou trabalhar para curar as cicatrizes da nação, indo de encontro às necessidades da população. Todos os representantes do Primeiro Partido da América, com exceção de três deputados, perderam a reeleição. Os Estados Unidos tornaram a ser um país bipartidário e logo tudo voltaria ao normal.*

*Não que eu me importasse com isso.*

*Cento e noventa e três pessoas morreram durante o "Protesto Nacional no Shopping", como fora batizado pela mídia. Setecentos e cinquenta e oito ficaram feridos ou mutilados. Depois que a poeira assentou, a culpa recaiu sobre Charlie Wilkins. Ele merecia.*

*Greenhill foi fechado e o restante dos moradores teve de se mudar. As filiais da Igreja da Vontade aos poucos entraram em derrocada. As lanchonetes Charlie's no país eram evitadas como se fossem praga. A rede televisiva estava a caminho da falência e*

*fecharia em algumas semanas. Nenhuma celebridade americana sofrera um declínio tão abrupto como o Reverendo Charlie Wilkins.*

*Eu riria se achasse engraçado. Mas, para dizer a verdade, prestava pouca atenção às notícias dos Estados Unidos. Mas às vezes pensava em Helen McAdams.*

*Sim, eu sentia falta dela.*

*Por um momento, no passado, eu achei que pudesse ser normal. Era um exercício interessante. Ainda que fosse importante para a missão, eu nunca tinha estado tão perto de outro ser humano antes, tanto intelectual quanto emocionalmente.*

*Ela me deu algo até então inédito: a percepção de que eu tinha, sim, sentimentos.*

*Acho que a decepcionei de muitas formas. Traí a sua confiança; e não consegui protegê-la. Não sei se um dia passaremos por um julgamento, mas imagino que isso estará na minha ficha. Que seja.*

*Eu sou quem eu sou. Sou o que sou. E nada mudará isso.*

*Eu sei porque finalmente compreendi quem era a face sem rosto. A figura das sombras nos meus pesadelos. A Morte. Enfim consegui distingui-la através da névoa, numa noite de sono. Eu a reconheci imediatamente. Provavelmente era minha única amiga.*

*Ela, na verdade, era eu.*

*Eu era a Morte.*

*Estava condenado a sê-la por toda a eternidade. Sempre estive condenado e sempre estarei.*

*Para sempre.*

# EPÍLOGO

Ela alugara uma mansão em Illinois por uma bagatela. Com o mercado imobiliário do jeito que estava, era impossível vender uma casa, mas era fácil alugar ou comprar. O refúgio dela era ainda mais perfeito por ser a beira de um penhasco com vista para o Lago Michigan.

Diana Burnwood cuidara de tudo meticulosamente: não deixara vestígios de sua rota e escolhera a nova identidade com cautela. Para todos os efeitos, os registros no condado provavam que a casa ainda estava desocupada. Era afastada o suficiente para não constar no radar. Ninguém sabia onde estava. Era só ela – e o pacote que roubara da Agência.

Sentada numa cadeira de balanço no alpendre de madeira, enrolada num cobertor quente, ela assistia à neve cair e pensava que era só uma questão de tempo.

Seus dias estavam contados.

A Agência a encontraria.

E se o Agente 47 ainda estivesse vivo, iriam mandá-lo para a missão.

Era inevitável. A questão era: quando?

O melhor que podia fazer enquanto isso era viver, e só. Cuidar do pacote e deixar os dias e noites passarem até que chegasse o fatídico dia da...

Absolvição.

# Índice

[CAPA](#)

[Ficha Técnica](#)

[Prólogo](#)

[UM](#)

[DOZE MESES DEPOIS](#)

[DOIS](#)

[TRÊS](#)

[QUATRO](#)

[CINCO](#)

[SEIS](#)

[SETE](#)

[OITO](#)

[NOVE](#)

[DEZ](#)

[ONZE](#)

[DOZE](#)

[TREZE](#)

[QUATORZE](#)

[QUINZE](#)

[DEZESSEIS](#)

[DEZESSETE](#)

[DEZOITO](#)

[DEZENOVE](#)

[VINTE](#)

[VINTE E UM](#)

[VINTE E DOIS](#)

[VINTE E TRÊS](#)

[VINTE E QUATRO](#)

[VINTE E CINCO](#)

[VINTE E SEIS](#)

[VINTE E SETE](#)

VINTE E OITO

VINTE E NOVE

TRINTA

TRINTA E UM

TRINTA E DOIS

TRINTA E TRÊS

TRINTA E QUATRO

TRINTA E CINCO

TRINTA E SEIS

TRINTA E SETE

TRINTA E OITO

TRINTA E NOVE

QUARENTA

EPIÍLOGO